UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGEM:
A COMUNIDADE TIROLO-TRENTINA DA CIDADE DE PIRACICABA-SP

MARIA LUÍSA DE ALMEIDA LEME

ORIENTADORA: ÁUREA MARIA GUIMARÃES

CO-ORIENTADORA: NEUSA MARIA MENDES DE GUSMÃO

CAMPINAS
AGOSTO/2001

RESUMO:

O presente estudo é uma análise das estratégias utilizadas na comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba - SP, durante o século XX, e suas implicações no ambiente escolar na década de 90 deste século. Buscamos enfocar, desde a fundação da comunidade em Piracicaba até a década de 70 do século XX, os aspectos sócio-político-econômicos, assim também como o religioso, os quais reproduziam e redefiniam o núcleo familiar no enclave, construindo estratégias através de representações sociais, simbólicas e mentais, formando assim o *ethos* do grupo, que se constituía pelo seu *habitus.* Entretanto, no final da década de 80, um grupo de jovens tiroleses (não mais como crianças que trabalhavam na terra, na lavoura, mas como adultos escolarizados) fundou o *Circolo trentino di Piracicaba*, em 1987. As professoras (locais) da comunidade, juntamente com os membros do *Circolo* (subsidiado pela *Assoziacione Trentine nel Mondo*), invertem os valores: o que era estigma, marcado pela diferença lingüístico e cultural em relação aos de fora da comunidade passa a ser *status,* orgulho para os membros da comunidade. Buscamos, neste aspecto, relacionar o significado das palavras *diferença e a identidade* para o grupo, assim também como refletimos sobre o trabalho das professoras locais como uma espécie de educação *intercultural,* que por sua vez a escola tornou-se um palco de conflito porque as professoras externas (a de fora da comunidade) não conseguiam entender o significado e a importância do trabalho da *diversidade cultural*, da *interculturalidade* trabalhada pelas professoras locais. A problemática que perpassa a nossa análise está em torno da relação comunidade e escola. Tentamos mostrar, através de práticas concretas das professoras, que a escola e a comunidade muitas vezes caminham na contramão. A escola precisa considerar a cultura local e não pode ver a criança como uma *tabula rasa*, desconsiderando e desvalorizando a variedade lingüística e seu aspecto cultural.

ABSTRACT:

The present study is an analysis of the strategies used in the community tirolo-trentina of the city of Piracicaba - SP, during the century XX, and their implications in the school atmosphere in the decade of 90 of this century. We looked for to focus, from the community's foundation in Piracicaba to the decade of 70 of the century XX, the social-political-economical aspects, likewise as the religious person, which reproduced and redefiniam the family nucleus in the enclave, building strategies through representations social, symbolic and mental, forming like this the *ethos* of the group, that it was constituted by his *habitus*. However, in the end of the decade of 80, a group of Tyrolese youths (no more as children that worked in the earth, in the farming, but as educated adults) they founded *Circolo trentino di Piracicaba*, in 1987. The teachers of the community, together with the members of Circolo (subsidized by *Assoziacione Trentine nel Mondo*), they invert the values: what was stigma, marked by the linguistic and cultural difference in relation to the of out of the community becomes status, pride for the community's members. We looked goes, in this aspect, to tells the meaning of the words differences and the identity goes the group, likewise the we thought about the local teachers' work the the type of intercultural education, that goes his team the school became the conflict stage because the external teachers (the one of out of the community) they did not get to understand the meaning and the importance of the work of the cultural diversity, of the intercultural worked by the local teachers. A problem that it pass by our analysis is around the relationship community and school. We tried to show, through the teachers' concrete practices, that the school and the community many times walk in the wrong way. The school needs to consider the local culture and it can not see the child as one *tabula rasa*, disrespecting and depreciating the linguistic variety and his cultural aspect.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 01

CAPÍTULO 1 - O ENCLAVE TIROLO-TRENTINO - SP : HISTÓRIA E FORMAÇÃO..... 17

1.1. Emigração e história: viagem no tempo..... 20
1.1.1. Aspectos geográficos, econômicos e políticos (Tirol e Trento - século XIX) 20
1.1.2. O aliciamento de europeus por agentes brasileiros 27
1.1.3. A emigração austríaca e da Itália setentrional.....33
1.1.4. A despedida do local de origem e a certeza de nunca mais voltar.....37
1.1.5. A imigração aos Estados do sul do Brasil e em São Paulo.....41
1.1.6. Os tiroleses em terras brasileiras: o trabalho na fazenda em Campinas - 1877.....43
1.2. O espaço geográfico e a relação com a origem dos imigrantes.....44
1.2.1. A região de Piracicaba como *locus tirolês* 44
1.2.2. A fazenda de Santa Olímpia (1892).....46
1.2.3. A fazenda de Santana (1893).....51
1.2.4. Estratégias para a formação do enclave tirolo-trentino.....54
1.2.5. O espaço e a arquitetura como *habitus*... 58

CAPÍTULO 2 - O ENCLAVE TIROLO-TRENTINO DE PIRACICABA - SP: A VIDA EM COMUNIDADE 61

2.1. A vida em comunidade.....62
2.1.1. A influência dos freis capuchinhos.....62
2.1.2. A dominação das mulheres catequistas.....74
2.1.3. Os núcleos familiares e os casamentos consangüíneos: *"aqui tudo é parente"*.....79
2.1.4. Herdeiros e heranças: patrimônio cultural em jogo.....87
2.1.5. Mulher: esposa, mãe, submissa e força de trabalho.....89
2.1.6. Homem: esposo, pai, patriarca e patrão.....96
2.2. O entretenimento e a política.....104

2.2.1. Das distâncias as lutas.....104
2.2.2. O passatempo: das penúrias do trabalho da roça ao divertimento.....107
2.2.3. Um capital cultural em jogo: a arte cênica e a música 111
2.2.4. A política e os descendentes tiroleses.....113

CAPÍTULO 3 - DO *HABITUS* À EDUCAÇÃO 119
3.1. Das imagens mentais à formação de um *ethos* pelo *habitus*.....120
3.1.1. O receptáculo da memória.....120
3.1.2. Memória das coisas e memória das palavras.....123
3.1.3. O espaço e a construção de um paraíso tirolês.....125
3.1.4. Da religiosidade à educação familiar: uma educação político-religiosa.....133
3.1.5. A imagem do demônio: a educação na memória da *"paura"*.....138
3.1.6. Memória das coisas: um elo com a origem dos imigrantes.....150
3.1.7. Memórias das palavras: o dialeto e o sotaque trentino.....154
3.2. Da memória religiosa à político-cultural: a década de 90 do século XX 158
3.2.1. Espaço: o lugar da memória.....158
3.2.2. Objetos do passado: realidade do presente.....163
3.2.3. Imagens agentes: monumentos, museu, teatro, produção de filme.....167

CAPÍTULO 4 - TEMPOS DE MUDANÇAS: COMUNIDADE, FAMÍLIA E ESCOLA 175

4.1. Religião, trabalho e educação escolar: momentos de mudanças.....176
4.1.1. O Concílio Vaticano II e as mudanças cotidiana na religiosidade.....176
4.1.2. Mudanças no *habitus*: Trabalho rural, casamento consangüíneos e divertimento..178
4.1.3. Transformações no ambiente escolar, na linguagem e à busca de profissões 184
4.2. *O Circulo Trentino di Piracicaba* e a valorização cultural..... 202
4.2.1. A criação das associações de bairros e do *Circolo trentino di Piracicaba*.....202
4.2.2. A valorização cultural e a invenção das tradições.....205

CAPÍTULO 5 - O SIGNIFICADO DOS VALORES CULTURAIS E DA IDENTIDADE PARA O ALUNO: UMA PONTE PARA O AMBIENTE ESCOLAR 217

5.1. Os valores culturais 218
5.1.1. A diferença: identidade e identificação.....218
5.1.2. A globalização e os movimentos culturais.....225
5.2. Do local ao universal.....229
5.2.1. A globalização e a diversidade cultural.....229
5.2.2. A influência do *habitus* cultural e lingüístico na *escola dos tiroleses* de Piracicaba232

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....253
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....257
REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS.....267
ANEXOS.....271

MEUS AGRADECIMENTOS

Às pessoas que tive prazer de rever e outras que conheci na comunidade tirolo-trentina durante a minha pesquisa de campo. Aos meus informantes que demonstraram grande hospitalidade me recebendo em suas casas, se dispondo horas de seu tempo relatando a vida cotidiana familiar e os fatos sociais, econômicos, educacionais, políticos e históricos da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba. Gostaria de ressaltar aqui, o meu agradecimento ao Sr. Hermenegildo Vitti, ao Sr. Jair Vitti, Srª. Severina Vitti (membros de Santana), a Srª. Cecília Correr Stenico, Sr. Geraldo Stenico, Profª. Rose Stenico (membros de Santa Olímpia) que gentilmente doaram as fotografias da comunidade.

À Profª. Dr. ª Áurea Maria Guimarães que orientou essa tese com muito carinho e cuidado, sempre manifestando segurança e sabedoria nas leituras dos meus escritos, estimulando-me em todos os instantes na busca de apreender os fatos cotidianos e educacionais da comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba.

A Profª. Dr. ª Neusa Maria Mendes de Gusmão co-orientadora dessa tese, que me indicou leituras indispensáveis durante a elaboração do projeto de pesquisa da presente tese, pelas dicas e ajuda e oportunidade que tive de ser sua orientanda.

A todos os professores do programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação que me introduziram, através de seus cursos nas diversas áreas da Educação, e que me desafiaram a produzir textos e apresentar seminários apontando os meios de como fazer pesquisa.

Aos amigos e pesquisadores do Centro de Memória da UNICAMP, coordenada pela Profª. Dr. ª Olga R. de Moraes Von Simson, que durante os anos de 1997 a 1999 tive a oportunidade de discutir e aprender através dos diversos debates, seminários e palestrantes convidados.

Aos amigos e pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais - "OLHO". Aproveito o momento para ressaltar o meu agradecimento ao Prof. Dr. Milton José de Almeida, coordenador do grupo, pela oportunidade de discutir muitas dúvidas relacionadas a uma *memória artificial* presente na comunidade pesquisada.

A CAPES pelo indispensável apoio financeiro, sem o qual seria impossível me dedicar em tempo integral nesta pesquisa.

E finalmente, agradeço o apoio, a credibilidade e o estímulo de minha família em geral, principalmente dos meus pais, Florivaldo e Lourdes, que sempre incentivaram a minha vida acadêmica.

INTRODUÇÃO

> "Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc. essa dinâmica ilimitada da memória é a constituição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos. Mas também um segundo movimento, que, se está inscrito na narração, para a atividade da leitura e da interpretação. Aqui Benjamin cita Herótodo, 'pai da história' de inúmeras histórias (...)".
>
> Jeanne Gagnebin[1]

O espaço da pesquisa empírica

Este é um estudo realizado sobre um grupo de descendentes tiroleses, situados no município de Piracicaba[2], a vinte e quatro quilômetros do centro da cidade. A *comunidade*[3] tirolesa compreende dois bairros, o de Santana e o de Santa Olímpia, mais a fazenda Negri (vizinha desta última) num total de mil e quinhentos habitantes, sendo que a maioria dos moradores é descendente tirolesa, pois seus avós e bisavós eram oriundos do antigo Tirol austríaco, que emigraram para o Brasil no final do século XIX.

A autodenominação como c*omunidade tirolesa de Piracicaba*, perdurou entre os moradores até o final da década de 80 do século XX. O termo *tirolês* os caracterizou por serem um grupo étnico, descendentes de imigrantes (camponeses) oriundos do Tirol, uma região que fazia parte do Império Austro-húngaro. Porém, após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, esse espaço geográfico passou a ser parte da Itália com o nome de Trento, através do tratado de *Saint German*.

---

[1] Gagnebin, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

[2] Piracicaba está localizada no interior do Estado de São Paulo, cerca de cento e sessenta quilômetros de distância da cidade de São Paulo.

[3] O termo *comunidade* foi utilizado neste estudo porque o próprio grupo de descendentes tiroleses se autodenomina e se reconhece como *comunidade* no sentido cristão: estar sempre unido, ser solidário uns aos outros, são concepções adquiridas pela forte religiosidade que o grupo vivenciou ao longo dos anos. Portanto, limitar-nos-emos a palavra comunidade somente neste aspecto, e não utilizaremos conceitos concebidos na antropologia ou sociologia em relação a tal termo, por julgarmos irrelevante neste estudo.

No entanto, o termo *trentino* não existia no vocabulário dos membros da comunidade tirolesa de Piracicaba. Em 1977, quando os membros de Santana resolveram comemorar o centenário de imigração (1877-1977), eles fazem uma grande festa e convidam o cônsul austríaco para homenageá-lo, como se estivessem rememorando e homenageando o lugarejo de onde seus avós emigraram, o antigo sul do Tirol austríaco. Muitos na comunidade, segundo os nossos informantes, só foram saber que o Tirol (local de origem de seus antepassados) recebia o nome de Província Autônoma de Trento, e que este lugar (Trento) não fazia mais parte da Áustria e sim da Itália, só quando fundaram o *Circolo Trentino di Piracicaba*, em 1987. Esse relato revela que a anexação do Tirol à Itália em 1919, tornou-se um fato na vida dos imigrantes somente no ano de 1987, pois com a fundação do *Circolo Trentino di Piracicaba,* subsidiada pela Itália, começam a receber visitas italianas, e a compreender a nova realidade: Tirol era agora Trento. Assim, também, os membros de Santana e Santa Olímpia começam a viajar para Trento, através do intercâmbio cultural oferecido pela *Associazione Trentini nel Mondo* e a construir uma nova percepção de si mesmos, em particular os jovens.

Este fato fez com que alguns membros se vissem na obrigação e no dever de se identificarem como trentinos (italianos), porém outros não se conformavam com tal mudança, sobretudo os mais velhos, e se identificavam como descendentes tiroleses (austríacos). Por causa da dificuldade de identificação de uma região ou outra, não sabíamos como identificar o grupo (num todo): tiroleses ou trentinos?

Neste trabalho, resolvemos nomeá-los como *comunidade tirolo-trentina*[4]. Assim, o termo *tirolo* contemplaria os mais velhos, e também as outras pessoas, que por um motivo ou outro, se julgam mais como tirolês do que trentino. Além disso, estaríamos rememorando a região de origem daqueles corajosos emigrantes, que deixaram sua pátria em busca de trabalho e sobrevivência, pois, eles acreditavam que encontrariam o verdadeiro *Paraíso,* o *Novo Mundo*. No entanto, quase que acabaram na condição de escravos dos grande proprietários brasileiros. A

[4] Para se referir ao grupo com adjetivo pátrio composto, deveríamos utilizar a forma *austro-italiano,* pois a morfologia exigida, nesse caso, é formada pelos nomes de países. Entretanto, utilizamos o nome da Província do antigo Tirol e da atual Província Autônoma de Trento, porque o grupo estudado prefere o termo *tirolês* a *austríaco*. Porém, para a sua formação, como adjetivo pátrio, exige-se certos critérios da gramática normativa: a utilização da forma mais antiga da palavra, assim como ocorrem com outros adjetivos dessa natureza, como por exemplo, América, américo- , Tibete, tibeto-, entre outras. Sendo que o elemento de menor extensão deve permanecer como primeiro elemento do adjetivo pátrio, assim formamos o termo *tirolo-trentino*.

palavra *trentina* identifica os demais membros da comunidade, sobretudo aqueles da quarta geração que lutaram para serem reconhecidos pela *Assoziacione Trentini Nel Mondo* que concedeu à comunidade o direito de possuir um *Circolo* subsidiado pela Província Autônoma de Trento, Itália. Esta associação internacional lhes oferece intercâmbio cultural para a Itália, a fim de que não percam o vínculo com o *país de origem*, já que atualmente, a região de origem daqueles imigrantes (tiroleses) pertencem a Itália. A negação de um termo ou outro implicaria numa omissão de fatos, de história e *habitus*[5] que se revela em cada um deles.

Entre esses dois bairros está localizada a única escola do local com o nome de Escola Estadual "Dr. Samuel de Castro Neves", a qual recebe alunos daquela localidade, sendo estudantes do ensino fundamental. Esses alunos quando atingem o ensino médio precisam se dirigir as outras escolas da cidade de Piracicaba. Foi no ambiente escolar que ocorreu o meu primeiro contato com a comunidade, pois fui professora de Língua Portuguesa e Inglesa, aos alunos da quinta série a oitava, por três anos consecutivos, de 1986 a 1988. Durante o período que lecionei[6] na *escola dos tiroleses*[7] foi um período de contato diário com as crianças, com seus pais e avós. Naquela época podia perceber claramente os "erros" cometidos pelos alunos em suas escritas, assim também como em suas falas. *Erros*[8] de sintaxe, de ortografia que se revelam nos

---

[5] O *habitus* são "os sistemas de disposições duráveis, *estruturas estruturadas* predispostas a funcionar como *estruturas estruturantes*, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem ser o produto da obediência a regras objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expressos das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente". (Bourdieu, 1983, p. 60-61 *in*: Ortiz, 1983).

[6] Após ter lecionado por três anos consecutivo, em fevereiro de 1989, houve um remanejamento de todos os professores (não efetivos) da rede estadual de ensino para escolherem suas aulas na delegacia de ensino de sua região. Foi nessa ocasião que perdi todas as aulas daquela escola. Mesmo sem o contato diário com aqueles alunos, eu não podia deixar de pensar naquela linguagem peculiar, e também no próprio ensino, cultura, etc. que envolviam aqueles habitantes daquele lugarejo. Por essa razão, resolvi voltar a estudar. Ingressei no curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP. Meu objetivo naquela época, era fazer uma descrição dos traços fonológicos da linguagem que permeava aquele povo, apontando os traços mais relevantes do dialeto trentino que interferiam na fala de diversas gerações quando falavam a Língua Portuguesa.

[7] O termo Escola dos tiroleses é uma denominação utilizada, desde a sua fundação (em 1923), por professores, diretores, alunos, enfim, pela maioria das pessoas da região de Piracicaba, pelo fato dessa escola ter em sua maioria, alunos descendentes tiroleses. É interessante ressaltar, que essa escola nasce como uma instituição estadual, e jamais foi um estabelecimento criado pelos imigrantes tiroleses ou seus descendentes, como ocorreu, no início do século XX, com diversas escolas criadas por japoneses (na cidade de São Paulo, por exemplo), alemães, italianos (no sul do Brasil), entre outras instituições escolares de autonomia de imigrantes.

[8] Do ponto de vista da norma culta, uma das finalidades da escola é a imposição do padrão lingüístico (culto) e desconsiderar a disparidade lingüística de qualquer classe social ou grupo étnico, que não se encontre nos parâmetros do padrão culto do português do Brasil, da norma culta de prestígio. Na escola, toda linguagem, vista fora do enquadramento da norma culta acaba sendo considerado "erro". Devo ressaltar que esse conceito é visto pela maioria

escritos, além de grande interferência de palavras no dialeto trentino em frases da língua portuguesa. Como, por exemplo: "Eu non venho amanhã porque vou do dentista[9]", "...e o caro bateu no murro[10]". Todos esses *erros* da fala, logicamente, eram revelados, também, na escrita, pois, os alunos transportavam para a escrita o modo que falavam com seus pais ou seus avós. É preciso dizer que todos esse erros cometidos por aquelas crianças do ensino fundamental, nada mais são do que as interferências de traços fonéticos, morfológicos, sintáticos, enfim, características do dialeto trentino falado pelos descendentes desse lugarejo que se expressa na língua portuguesa.

O âmbito do problema

Pretendemos, neste trabalho, apreender as estratégias e as representações sociais e simbólicas utilizadas pelos membros da comunidade tirolo-trentina, durante um século, desde a sua fundação até o momento presente. São as estratégias criadas através dos tempos e uma educação imposta pelo núcleo familiar que farão deste local um enclave tirolês, assegurando a comunidade tirolesa durante todo o século XX. Através das análises e interpretações sobre a comunidade, pretendemos mostrar que as implicações existentes no ambiente escolar são frutos de um *ethos* próprio (presente) na comunidade. A questão que se coloca é então, as diferentes posturas que a escola assume perante a comunidade (num todo) e a necessidade de repensá-la frente a mudanças globais e locais do final do século XX.

Outro aspecto, que devemos considerar diz respeito a como este povo imigrante conseguiu manter o enclave tirolês durante todo o século, enfrentando desafios que ao invés de decretar o fim da comunidade, garantiu sua permanência como tal, numa era globalizada. Observamos que no final do século XIX a cidade de Piracicaba recebeu diversos grupos de imigrantes (japoneses, italianos, alemães, sírio-libaneses, espanhóis, franceses, portugueses, tiroleses, entre outras etnias), em razão da força de trabalho que a cidade de Piracicaba estava recrutando, para as plantações de café, e sobretudo de cana-de-açúcar.

---

dos professores das escolas (públicas e/ou particulares) que seguem a linha da gramática tradicional, e não numa perspectiva da lingüística.

[9] ["eu não venho amaná porque vou ao dentista."] – fala de um aluno, 1987.

[10] ["...e o carro bateu no muro..."] – fala de um aluno, 1987.

A situação econômica favorecia o contrato de imigrantes para o trabalho nas propriedades de muitos fazendeiros e usinas. Entretanto, com o passar dos anos, de acordo com as diversas modificações ocorridas durante o século XX, nos aspectos econômicos, políticos, religiosos, educacionais, e dado ao grande avanço tecnológico e científico experimentado, percebe-se que os grupos de imigrantes e seus descendentes foram aos poucos desaparecendo, deixando o espaço rural e passando a viver na zona urbana da cidade de Piracicaba, vivendo com os brasileiros, e tornando-se gradativamente mais brasileiros. Segundo o IBGE de Piracicaba, a partir da década de 50/60 não havia mais nenhum núcleo de descendentes de imigrantes nas zonas rurais de Piracicaba, com exceção dos tiroleses que até hoje mantém um enclave tirolês com aproximadamente mil e quinhentos habitantes.

A partir deste dado nos deparamos pois, com outros questionamentos relevantes para apreender os fatos e atitudes surgidas na comunidade e no ambiente escolar na década de 90. A pergunta que nos orienta é: onde os imigrantes e seus descendentes buscaram elementos para resistirem no tempo e no espaço como sendo uma comunidade de tiroleses/trentinos? Quais as representações sociais e simbólicas utilizadas no interior do grupo para assegurar um enclave inserido na cidade de Piracicaba? Em que medida a manutenção de uma memória e tradição do passado explica a existência e permanência da comunidade até hoje? Como a escola e o ambiente escolar refletem os diferentes momentos vividos pela comunidade até os anos 90 do século XX?

Este trabalho tenta interpretar as estratégias que se fizeram presentes nesse grupo de imigrantes tiroleses e de seus descendentes a construírem suas vidas num enclave tirolo-trentino inserido na cidade de Piracicaba, e discute os mecanismos de seu reconhecimento pelos de fora à partir da integração comunidade à Itália, através *da Associazione Trentine nel Mondo*, em 1987. Em jogo, a legitimidade da comunidade tirolo-trentina frente ao mundo urbano de Piracicaba e de suas autoridades, originando uma perspectiva da mesma como patrimônio histórico-cultural de grande importância, ao final do século XX.

Dessa forma, nossos questionamentos aumentaram ainda mais: quais as estratégias e os elementos simbólicos e sociais que permitiram o não esfacelamento ou *quebras* do grupo de descendentes tiroleses, como ocorreu com os demais grupos de descendência étnica que vive nas zonas rurais da cidade de Piracicaba? Com o passar dos anos houve rupturas das estruturas

religiosas/políticas/econômicas no interior da comunidade? E se houve, como e onde buscaram os elementos capazes de sustentar o enclave até o final do século XX?

Buscando explicação para o que ocorre na comunidade, uma espécie de *"volta ao passado",* por parte da comunidade, pode parecer nostálgico ao resgatar velhos costumes, festas, no entanto, o que se revela é que essa "volta" consiste num processo de mudança e modernização que precisa ser explicada em seus elementos e em sua determinação. As atitudes da comunidade diante de sua cultura e linguagem, confirmam uma identidade tirolo-trentina possível, e nesse movimento cultural, a escola parece cumprir um papel particular que se busca aqui, explicar.

Para compreender e descrever os *mecanismos* que asseguram o enclave tirolo-trentino durante o século XX, foi preciso interpretar as relações simbólicas e de força dentro de um sistema de diferenciação e, ao mesmo tempo, de apreciação entre os sujeitos sociais descendentes tiroleses dos dois bairros que formam a comunidade. Para essas reflexões, fomos guiados pelas seguintes indagações: como foi transmitido o *capital cultural* entre as gerações durante o século XX? Foi um processo hereditário propriamente social? Existe uma correlação entre a classe social (de descendentes tiroleses) e a instituição escolar numa relação de poder e simbolicamente um *campo de poder*, no qual os universos de produção cultural são extremamente diferenciados? Ou simplesmente *as diferenças* existentes entre os agentes sociais (tiroleses) e a instituição escolar (criada em 1923 e existentes até hoje) são cúmplices, ao mesmo tempo, para conservar o *hatibus* do enclave tirolo-trentino, que orienta as próprias práticas e as *representações sociais* frente a um *ethos* de imigrantes (e descendentes) tirolo-trentinos durante todo o século XX? Como os descendentes tiroleses de Piracicaba conseguiram assegurar o enclave tirolo-trentino? Que estratégias foram utilizadas pelos membros do enclave *numa luta* pela conservação do grupo? Houve modificações na *estrutura interna* do grupo? E se houve, como eles operam novas *práticas sociais (e/ou religiosa)* no decorrer desse século? De que forma o *habitus* orientou e assegurou o *ethos* de imigrante (e de descendentes) tiroleses? A estrutura do *habitus* tirolo-trentino, com o passar dos anos, das transformações ocorridas na própria sociedade brasileira, conseguiu estruturar novos *habitus* no interior da comunidade? Quais as estratégias dos agentes sociais para a conservação do enclave tirolo-trentino? No interior do enclave ocorrem relações de oposição entre os líderes e os membros da comunidade?

A religiosidade durante muitos anos foi pólo central da comunidade. Após a segunda metade da década de 70[11], do século XX, o pólo central passa a ser um capital cultural, enfocado pelo folclore (dança, trajes, culinária, música, coral, etc.), os quais são considerados como a *tradição tirolesa* de Piracicaba. Essas manifestações, tanto religiosa como cultural são expressas em representações sociais e simbólicas através das festas no próprio enclave ou no ambiente escolar. Pode-se dizer que se trata aqui de estratégias que regem a *estrutura do campo* social? Quais as formas simbólicas que garantem tais estratégias?

Percebe-se claramente que a comunidade jamais abandonou as tradições trazidas pelos velhos imigrantes tiroleses, porém, é possível enxergar que, a partir da década de 70, a própria tradição foi sendo modificada ao longo dos anos, como se fosse inventada, criada ou recriada para que o enclave tirolo-trentino não desaparecesse definitivamente. Observando por essa óptica, podemos refletir: será que as mudanças vivenciadas pelos descendentes tiroleses podem ser encaradas apenas como nostálgica, num imaginário voltado à manutenção de um enclave tirolo-trentino? Ou será que todo o movimento social e cultural pode ser julgado como fruto de um ciclo que estamos vivendo: o da globalização? Será que o local é recriado, inventado, articulado numa cultura tirolo-trentina para auto se protegerem do global, do todo, do igual, do homogêneo? A própria identidade desse grupo étnico, isto é, de alguns se julgarem como trentinos e outros como tiroleses; ou ainda pelo fato de se considerem trentinos, mas de vestirem roupas folclóricas de tirolês camponês é um indício, ou melhor, é uma estratégia para não terem que se definir diante de uma ou outra nacionalidade?

Através das danças, do folclore, das tradições encontradas na cultura tirolesa, pode-se assumir aqui a existência de uma estratégia de poder para definir ou redefinir o próprio campo cultural do enclave tirolo-trentino? Como ocorre a organização dos movimentos sobre as raízes culturais e das tradições tirolo-trentina em Piracicaba? No caso dos tiroleses, a busca pelas tradições culturais e lingüísticas tirolesas faz retornar à memória dos seus antepassados ou há algo mais relacionada com à *Era* em que estamos vivendo: o *da globalização?*

[11] Segundo os nossos informantes de Santana, o ano de 1977, foi marcado com grandes festejos, danças, festas, inclusive com a presença do Cônsul austríaco que esteve presente no bairro de Santana, a convite dos moradores, para comemorarem o centenário da imigração do grupo de Santana ao Brasil (1877-1977). Percebe-se que o bairro de Santana inicia um resgate cultural a partir da década de 70. Enquanto que o bairro de Santa Olímpia iniciará as comemorações relacionadas ao contexto da imigração no inicio da década de 80, (1882-1982).

Para compreendermos o processo do *habitus* como formação do *ethos* desse grupo, e, sobretudo, para apreendermos a diversidade cultural no ambiente escolar foi preciso interpretar a tríade: comunidade, memória e escola. A escola e a comunidade sempre caminharam juntas com objetivos claros, conscientes e muitos bem definidos pelos membros (ou líderes) dos bairros. Percebemos aí, que a educação construída pelos membros dos bairros impõe as tradições e os costumes, não apenas no ambiente familiar, mas também no escolar. É uma educação na memória a partir das representações simbólicas. Neste estudo interpretamos a memória como uma forma de construção da educação religiosa, cultural e política de um determinado grupo étnico, a construção do *ethos* através de uma educação que se realiza pela memória. Mas que memória é essa? O que a história deste grupo tem a ver com a memória? Como é *fabricada* a memória coletiva nesse enclave tirolo-trentino? Sabe-se que a memória é capaz de produzir imagens. Quais as imagens produzidas pelos membros que podiam ser reforçadas para a manutenção do enclave tirolo-trentino? Poderíamos dizer que se tratou o tempo todo de uma *memória artificial*? E como era essa memória? Quem dentro da comunidade podia criar, construir a memória coletiva e passar para os demais? Quais foram as *imagens agentes* que sustentaram nas construções da *memória artificial*? Havia regras conscientes para a criação das imagens? Como essas regras sobreviveram ao longo dos anos? Quais foram os processos *mnemônicos* utilizados para a escolha de lugares e objetos a fim de se ter uma memória para as coisas e para as palavras? Essa educação mental influenciou ou influência o ambiente escolar? E de que forma?

Nossa intenção é tematizar um século da comunidade tirolo-trentina inserida na cidade de Piracicaba, buscando a apreensão de certos valores incorporados em seus *habitus,* com o objetivo de compreendermos as atitudes dos moradores e das professoras locais da comunidade que atuam na escola. Dessa forma, acreditamos que o nosso trabalho possa nos dar pistas, no sentido de demonstrar a importância de uma consonância cultural, social, econômica, étnica, lingüística entre a escola e a comunidade. Importa mostrar que elas devem caminhar juntas, e não na contramão, gerando o desinteresse das crianças em relação ao saber presenciado no ambiente escolar por nele estar ausente a relação entre o seu próprio *habitus*, seu *ethos,* que revelam os significados de um aprendizado primeiro: aquele aprendido em seu lar, com seus pais - e de certa forma - vivificado de geração em geração e também pela vizinhança.

Acreditamos que a *comunidade, a memória e a escola* articulam os costumes, as tradições, e, consequentemente, uma determinada linguagem peculiar. Nesta tríade, cujos significados estão expressamente interligados, a compreensão do *habitus* (cultural e lingüístico) torna-se uma. No entanto, essa tríade, geralmente, acaba sendo desprezada pela escola oficial de ensino. A razão está em que esta tem como saber como um dos seus objetivos um saber que homogeneiza a realidade social e nega as diferenças que marcam determinados grupos. Com isso, no interior da comunidade trentina serão as professoras oriundas da própria comunidade, capazes de perceber a tríade e sua importância. Desta forma, enfatizam no processo educativo, a memória local e as tradições, resgatando através da escola, a identidade positiva de se ser tirolo-trentino.

Metodologia: métodos e técnicas de pesquisa

Optamos por uma abordagem do método etnográfico por considerá-lo o mais adequado para descrever e interpretar os significados culturais e o universo do grupo estudado. Compreender a cultura e as diferenças do "outro", torna-se um desafio, porém, o mais complexo, é tentar apreender o emaranhado de significados e significantes, que, aparentemente são enigmas incompreensíveis, exigindo que se vá ao encontro das representações sociais, e, sobretudo, dos significados. Assim nos deparamos com determinada cultura, costumes, *habitus* entre outros aspectos, e a este propósito Geertz (1989, p.24) escreve: "compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade".

Nesse aspecto, a etnografia auxilia nos na elaboração do retrato da comunidade tirolo-trentina durante o século XX, desde a formação até os dias atuais, mostrando as estratégias para o estabelecimento de um enclave tirolo-trentino, e, sobretudo, da manutenção do grupo, as quais foram construídas através das representações sociais e simbólicas que, por sua vez, estabelecem também, um elo com os padres e professoras da comunidade, ou seja, as duas formas educativas principais: a igreja (religião Católica Apostólica Romana, através das falas dos padres); e a escola (através das professoras). Dessa forma, há uma tríade educativa: familiar, religiosa e escolar. As representações simbólicas existentes nestas três instituições formam uma memória da educação, que por sua vez, estão interligadas uma as outras.

A etnografia contribuiu assim, para compreendermos as atitudes das professoras descendentes tirolesas, sobretudo, a partir da década de 90, por o momento em que estabelecemos um vínculo maior entre a pesquisadora e sujeitos pesquisados. Da mesma forma, atuamos como participantes no ambiente escolar e no interior da comunidade, isto é, não nos limitamos somente ao ambiente escolar, pois fomos, interligando observações num ambiente sociocultural (econômico e político) mais amplo, em todo o espaço que pertencia a região tirolo-trentina.

O contato: a fidelidade com pesquisa e o respeito aos sujeitos pesquisados

O longo tempo de contato (desde 1986) com a comunidade, nos facilitou na seleção de informantes e na coleta de dados, pois já tínhamos estabelecido vínculos de amizade, além de termos uma noção da história social, política, econômica e cultural desse grupo de descendentes tiroleses, em razão da nossa vivência no cotidiano junto aos membros da comunidade.

A realização do trabalho de campo sempre foi acompanhada por um diário, gravador e máquina fotográfica. Freqüentar as casas das famílias descendentes tirolesas de Piracicaba, participar das festas, de algumas reuniões da comunidade, das missas católicas celebradas aos domingos (nas igrejas de Santana e/ou de Santa Olímpia), vivenciar os eventos comemorativos de fundação de bairros (1992 e 1993), as ordenações sacerdotais realizadas dentro da comunidade, foram extremamente relevantes ao nosso trabalho. É preciso dizer que não foram somente na alegria (festas, danças, comemorações, entre outras festividades) que estávamos presentes, mas nas tristezas e dores, como velórios, doenças em algumas famílias, que pela ligação amigável que se estabeleceu numa relação de confiabilidade entre os membros da comunidade conferida a pesquisadora, esta se sentia também, no dever de partilhar nas tristezas, neste caso não como observadora ou como participante, mas solidária ao grupo. Entretanto, todos estes contatos diretos, sejam como professora (entre os anos de 1986 a 1988), seja, como pesquisadora, seja, num ato em solidariedade perante a comunidade, foram experiências que contribuíram e muito para melhorar a compreensão do grupo e dos dados obtidos nas entrevistas realizadas.

Outro dado relevante é o conhecimento e o estudo que a pesquisadora já tinha feito em relação à linguagem da comunidade. Isto lhe deu subsídios para compreender certas palavras que não podem ser neutras (cf. Bakhtin, 1999), sobretudo, quando há palavras expressas no dialeto

trentino falado pela comunidade. É através das muitas palavras do dialeto que podíamos, às vezes, desvendar, ou melhor, descortinar as representações simbólicas implícitas no interior de uma palavra. Observar a linguagem, assim como a cultura e o comportamento são aspectos relativamente importantes, porque são através de coisas, que aparentemente parecem insignificantes, que está uma determinada representação simbólica que nos revela algo extremamente significante e ajuda-nos a apreender o *ethos* dos descendentes tiroleses.

É preciso dizer que o contato direto e freqüente na comunidade, às vezes, torna-se um tanto complicado para o pesquisador por vários aspectos: alguns membros (não todos) julgaram-nos como uma pessoa que podia se aliar a um ou a outro bairro, ou pior, houve quem acreditasse que depois do término de nosso trabalho de campo, nós saberíamos muito mais do que devíamos, conseqüentemente, poderíamos revelar *os segredos* de alguns membros da comunidade ou da comunidade como um todo. Houve ainda quem acreditasse que podíamos *distorcer os fatos* sociais, econômicos e políticos da comunidade. Porém, houve, também, *nesses mitos todos*, quem acreditasse que a pesquisadora sabia muito mais que eles mesmos sobre o seu próprio *habitus*, e por causa disso, não foram poucos os que pediram o trabalho escrito (depois da defesa da tese) para lerem, a fim de aprender mais sobre a sua cultura. Com todos esses constrangimentos, que faz parte de todo trabalho de campo, tivemos, também, o encontro subjetivo dos afetos entre pesquisadora e informante. Antes, porém, de ser um limite à obtenção e compreensão da realidade tirolo-trentina, possibilitou um mergulho em suas vidas e dimensionou a condição de pesquisadora.

A seleção de informantes e a amostra

As gerações foram importantes como estratégia de seleção de nossos informantes a fim de que pudéssemos conseguir informações e um retrato do enclave tirolo-trentino desde a fundação até os nossos dias. Buscamos observar as transformações e manutenção de elementos do passado no trabalho, na religiosidade, nos divertimentos e na vida escolar da comunidade. Nossa intenção era perceber através do grupo geracional se havia ou não mudanças de atitudes, valores ou outros aspectos, bem como, qual a relação estabelecida entre o campo educacional, entre escola e comunidade. Por isso, o nosso primeiro passo foi localizar os mais velhos da comunidade.

Entretanto, como há uma *certa disputa* entre Santa Olímpia e Santana de se auto-afirmarem como dois *bairros de tiroleses diferentes - jamais como um todo homogêneo* - tivemos o cuidado de selecionar especialmente os informantes de Santa Olímpia e de Santana.

Estabelecemos a seleção por rede e como parte de um processo exaustivo (cf. Goetz e LeCompte, 1988, p.85-104). Por ser uma comunidade relativa pequena (cerca de mil e quinhentos habitantes), nós utilizamos um tempo longo e de exaustivas seleções de participante de nossas entrevistas, sendo que delimitamos os seguintes fatores como de importância para a nossa pesquisa: geração, sexo e espaço geográfico. Assim, obtivemos três fatores que podiam nos fornecer informações relevantes para termos um retrato mais preciso das proposições que buscávamos no início de nossas pesquisas. Dividimos em grupo ou individualmente[12] os nossos informantes, dessa forma, nós teríamos vários grupos heterogêneos. Por esse motivo, optamos, também pela seleção exaustiva de informantes. Portanto, formamos três grupos[13] dentro da comunidade:

a) **Primeiro grupo**: formados pela primeira, segunda e terceira gerações (acima de 40 anos de idade). Em sua maioria, falantes bilingües (dialeto trentino e língua portuguesa), alguns falam a língua italiana também. São extremamente católicos, freqüentam as celebrações eucarísticas e rezam o terço todos os dias. A maioria deste grupo freqüentou as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Quase todas as mulheres são casadas, dona de casa, e seus maridos aposentados como agricultores ou lavradores.

b) **Segundo grupo**: composto pela quarta geração (de vinte a quarenta anos de idade, aproximadamente). Muitos desse grupo já não são mais bilingües, embora haja um número significativo entre eles que são falantes do dialeto trentino e da língua italiana. Porém, preferem usar a língua portuguesa como meio de comunicação. Este grupo sofreu o corte do dialeto no final da década de 50, pelas professoras da rede estadual de ensino, as quais os proibiram de falar o dialeto trentino porque acreditavam que atrapalhava a aprendizagem da língua portuguesa.

---

[12] Foram bem poucos os informantes que preferiam nos dar entrevistas (relato oral) individualmente, a preferência sempre foi em forma de grupo, pois alegavam que além de ser divertido poder falar sobre fatos da comunidade, sobre a sua própria história, juntos com outras pessoas da mesma idade, podiam relembrar com maior clareza e vivacidade.

[13] Selecionamos os grupos por idade (gerações) sendo que obtivemos em torno de quarenta membros entre homens e mulheres (sexo) e espaço geográfico (bairro de Santana e de Santa Olímpia). Quanto ao número de entrevistas foram num total de aproximadamente quarenta horas.

c) **Terceiro grupo**: é o da quinta geração (com menos de vinte anos de idade, aproximadamente). São os monolingües em português e que estão em busca de valores culturais e lingüísticos. Neste grupo estão também os alunos que freqüentam a escola da comunidade, na faixa dos sete aos quinze anos.

Selecionamos, ainda, vários subgrupos para que pudéssemos apreender qual era a relação da escola com a comunidade local, entre outros questionamentos. Este subgrupo foi composto de: a) professoras atuais (a partir da década de 90 até hoje) descendentes tirolesas; b) as professoras não tirolesas (aquelas que lecionaram na última década do século XX); c) as professoras aposentadas que atuaram antes ou no início da década de 60, sendo professoras tirolesas ou não; d) administração (sempre com direção não descendente tirolês), os funcionários (sempre com descendência tirolesa - desde a fundação da escola, em 1923). Os alunos não foram selecionados aqui, porque estavam incluídos como sendo parte do terceiro grupo da comunidade: a quinta geração de descendentes tiroleses.

Para a coleta de dados optamos pelo relato oral[14] devido a riqueza de experiência adquirida dos informantes. Não é novidade, que a narrativa traz consigo a experiência do narrador, seja de forma direta, vivenciada pelo informante ou indiretamente, a partir da tradição que forma o *habitus* de um grupo ou de uma coletividade. A história oral, como afirma Pereira de Queiroz (1988, p.19) "pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num momento dado".

O relato oral

Dentro do amplo quadro da história oral[15], não optamos pela história de vida, tendo em vista que não tínhamos como objetivo em nossas pesquisas, a trajetória de vida do informante, ou seja, do entrevistado, mas apenas uma parte de sua vida. Assim optamos por entrevistas temáticas (cf. Alberti, Verena, 1989, p. 61-62), como, por exemplo, o cotidiano do trabalho agrícola, do

[14] Relato Oral também é conhecido como *História Oral* (cf. Pereira de Queiroz, 1988, p.14).
[15] Segundo Pereira de Queiroz (1988, p.19) a História Oral pode recobrir uma quantidade de relatos de fatos não registrados por qualquer documentação. O pesquisador registra, através do gravador, a experiência de um indivíduo ou do grupo, sendo colhida através de entrevistas de forma variada.

período escolar, do divertimento e da religiosidade na comunidade em diferentes gerações. Dessa forma, podíamos estabelecer as relações entre os temas, assim como as mudanças e transformações ocorridas durante o século XX.

À medida que entrevistávamos[16] os nossos informantes, pedíamo-lhes para relatar e descrever a sua experiência cotidiana, aquela passada e a presente. Agimos dessa maneira em diferentes gerações - sempre tendo em vista os temas citados acima. Dessa forma, podíamos estabelecer as relações entre os temas e entre seus membros num jogo de relações simbólicas através das representações sociais e das gerações.

Como instrumentos para a coleta de dados utilizamos o relato oral; algumas fontes documentais, como, por exemplo, atas e outros documentos; manuscritos existentes na comunidade - escritos pelos membros da comunidade e, sobretudo, a observação participante.

Durante as nossas conversas (relato oral) perguntamos aos nossos informantes se eles tinham fotografias do cotidiano dos bairros como forma de guardar, relembrar fatos, eventos, acontecimentos importantes que foram relatados por eles. Curiosamente as pessoas informavam que não as possuíam porque *"naquela época"* não tinham dinheiro para pagar um fotógrafo ou ir a um estúdio fotográfico. Quando pedimos fotografias antigas, das décadas de 20, 30, um informante de sessenta anos, indicou o seu cunhado, de setenta e dois anos de idade, como sendo a pessoa da comunidade que teria algumas fotos, mas que ele acreditava como não sendo de grande importância. Tratava-se de um morador que havia comprado uma máquina fotográfica no início da década de 30 e que fotografava tudo referente ao cotidiano da comunidade, e que por várias vezes distribuiu cópias às pessoas fotografadas.

As fotografias[17] foram solicitadas com o objetivo de poder observar detalhes das condições sociais e econômicas do grupo estudado, assim como das relações políticas e religiosas, sobretudo da primeira metade do século XX. Segundo Samain (1994) falar do homem, de seu comportamento, de sua cultura não se restringe apenas a descrevê-lo ou mesmo de interpretá-lo através da escrita, mas também em mostrá-lo através das imagens, da fotografia,

[16] Obtivemos mais de 40 horas de entrevistas gravadas e transcritas.
[17] Solicitamos as fotografias, depois de reproduzidas, voltamos ao campo e pedimos que eles as descrevessem: época que foi tomada (data ou década em aproximação), lugar, pessoas fotografadas, enfim, toda a informação necessária para a elaboração da ficha técnica e de conteúdo sobre a fotografia (cf. Moreira Leite e Von Simson, 1992, p.134).

desvendando o significado que cada foto traz ao homem ou a comunidade que está sendo estudada.

Finalmente, é preciso dizer que a fotografia, neste trabalho, serviu como apoio ao relato oral entre os informantes, isto é, para ajudá-los a rememorar fatos do cotidiano das décadas de 20 a 80 do século XX. Desta forma, foi possível compreender o presente pelo passado e o passado pelo presente, numa reconstrução sociológica e histórica do grupo como um todo. Além disso, essas imagens nos mostraram aspectos mais complexos do universo simbólico, imaginário e cultural, o que nos permitiu entender os muitos significados que, às vezes, estavam implícitos numa fotografia, e que numa observação rápida parecia ser insignificante aos nossos olhos, isto é, não ser reveladora de condições econômicas, sociais e culturais.

Assim, os resultados obtidos e analisados apresentam-se organizados nos capítulos que se seguem, destacando a riqueza da comunidade tirolo-trentina e as determinações de seu presente.

1. O ENCLAVE TIROLO-TRENTINO DE PIRACICABA - SP: HISTÓRIA E FORMAÇÃO

> "A reminiscência funda a cadeia da tradição que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo".
>
> Walter Benjamin[18]

Nossa preocupação, neste capítulo, é mostrar, num panorama geral, quais foram os aspectos históricos, políticos e econômicos responsáveis pela expulsão dos camponeses europeus no final do século XIX, sobretudo do sul da Áustria e norte da Itália. Pretendemos, também, apreender como e porque dois grupos de tiroleses chegaram, se fixaram e se organizaram no município de Piracicaba - SP, na década de 90 do século XIX, formando assim, um enclave[19] tirolês, na zona rural da cidade de Piracicaba.

O retorno ao final do século XIX não poderá ser entendido, apenas, como a história cronológica temporal do grupo, e sim enquanto processos, construções, transformações, modificações e manutenção que orientam a *visão de mundo*[20] de um povo imigrante e de seus descendentes, cujas *diferenças*, traços culturais e lingüísticos são marcados pela construção do *ethos*[21]. Dessa forma, eles tentam conservar até hoje, edificando o grupo de imigrantes, num

---

[18] Benjamim, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. In: obras Escolhidas. São Paulo. Editora Brasiliense. Vol. I. 1993, p.211.

[19] Utilizamos o termo enclave como alusão a palavra xenolita no sentido de que o local habitado pelos tiroleses no final do século XIX, em Piracicaba, se identificava como uma região estrangeira (austríaca) incluída dentro de outra (brasileira). Acreditamos que a palavra xenolita pode soar bem ao nosso contexto: *xeno*, do grego, se refere ao estrangeiro, e *lita,* a pedra. Portanto, é como se as terras tirolesas (numa representação simbólica) estivessem sido transportadas pelos imigrantes à outra pedra (terras) em Piracicaba - SP. Por isso, o termo enclave, utilizado neste trabalho, pretende mostrar que os habitantes do local estudado fizeram da região de Piracicaba um *locus* tirolês, numa analogia ao Tirol austríaco.

[20] De acordo com Geertz (1989, p. 144) a *visão de mundo* para um povo ou grupo significa o "quadro que elabora das coisas como eles são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, de sociedade".

[21] Segundo a antropologia recente, os aspectos morais de uma dada cultura se trazem pelo *ethos*, que de acordo com Geertz (1989, p. 143) "é o caracter, e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu modo que a vida reflete". Bourdieu (1983a, p. 104) empregou a palavra *ethos* em seus estudos, em oposição à ética, "para designar um conjunto objetivamente sistemático de disposições com uma dimensão ética, de princípios práticos (a ética sendo um sistema intencional coerente de princípios explícitos)". Accardo (1980, p. 133) afirma que para Bourdieu a noção de *habitus* engloba a noção de *ethos,* e é por isso que Bourdieu empregou muito pouco a noção de *ethos*.

enclave tirolo-trentino inserido na cidade de Piracicaba. É a partir desse aspecto que a história sócio-cultural desse grupo, está sendo pensada por nós.

É de importância fundamental o aspecto familiar (como núcleo familiar e a concepção de casamento), o trabalho agrícola, o entretenimento e a religiosidade, cujos valores podem ser apreendidos na construção do imaginário[22] e das representações sociais[23], como forma de consolidar o próprio *habitus*[24] do grupo. Esses fatores tornam-se imprescindíveis como forma de estratégias que contribuem para manter o enclave tirolo-trentino de Piracicaba durante o século XX.

É interessante observarmos que a emigração trentina (tirolesa) carrega consigo costumes, tradições próprias de uma lógica do *habitus*, e, sobretudo do *ethos camponês* e "de uma ideologia que privilegia a terra como requisito de reprodução social, isto é, de uma reprodução camponesa", conforme ressalta Woortmann (1995, p.115-116). Veremos mais adiante, que o grupo estudado por nós, trouxe consigo o *ethos de camponês* do antigo Tirol: os elementos simbólicos de uma religiosidade *tridentina*, o que reforça ainda mais o imaginário dessa gente numa construção de um *paraíso*[25] *terrestre tirolês*; a importância da família, do casamento

[22] Empregamos a palavra *imaginário,* de acordo com Castoriadis (1977, p.154) para "falar de alguma coisa 'inventada' - quer se trate de uma invenção 'absoluta' (' uma história imaginada em todas as suas partes' ou de um deliszamento, de um deslocamento de sentido onde símbolos já disponíveis são de sentido investidos de outras significações que não suas significações 'normais' ou 'cananônicas' ('o que você está imaginando', diz a mulher ao homem que recrimina um sorriso trocado por ela com um terceiro). (...) o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para 'exprimir-se', o que é obvio, mas para 'existir', para passar do virtual a qualquer coisa a mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de 'imagens' mas estas 'imagens' lá estão como representando outro coisa: possuem, portanto, uma função simbólica".

[23] Utilizamos o termo *representações sociais* como categorias de pensamento que podem expressar a realidade. De acordo com Bourdieu (1983a, 1983b, 1998) e Bakthin (1986) o campo das representações sociais está centrado na fala. A este propósito Minayo (1994, p. 103) escreve que para Bourdieu "a palavra é o símbolo de comunicação por excelência porque ela representa o pensamento. A fala, por isso mesmo, revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolo e tem a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados em condições históricas, sócio-econônomicas e culturais específicas".

[24] Protágoras, antigo filósofo grego, e, posteriormente, Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicodemos* empregou a palavra, grega *Hekis* para explicar o conceito de *habitus* (cf. Vergnières, 1998). Mais tarde a escolástica traduziu o termo *hekis* de Aristóteles como *habitus*. Entretanto, Bourdieu (1983b, p. 104; 1998, p. 61) encontrou nessa palavra, a noção de *habitus* que permite "enunciar algo que se aparenta àquilo que evoca a noção de hábito, distinguindo-se desta num ponto essencial. O *habitus*, como diz a palavra, é aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes. (...) o hábito é considerado espontaneamente como repetitivo, mecânico, automático, antes reprodutivo. O *habitus* é algo que possui uma enorme potência geradora".

[25] O termo *paraíso* foi utilizado por nós no sentido de que o local em que se formou o enclave tirolo-trentino, em Piracicaba, foi considerado por eles como um lugar encantador e aprazível para se morar, além de ser *"longe dos brasileiros que podiam, inicialmente - no começo do século XX, trazer maus costumes aos filhos dos imigrantes tiroleses"*, pois essa era a idéia que permeava os membros da comunidade até a primeira metade do século XX. Um segundo sentido da palavra *paraíso* é o significado que se tem no aspecto religioso: daquele encontrado em Gêneses

consangüíneo; o privilegio de se ter terras como produção econômica, social e, sobretudo, na própria representação simbólica que faz do plantar, do colher, das perdas e ganhos das colheitas a construção[26] do cotidiano.

É através do *ethos* e da construção do dia-a-dia que se forma o *habitus* num "sistema de disposições duráveis, estruturas estruradas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes[27], isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente" (cf. Bourdieu, 1983b, p.61). Nessa perspectiva, o *habitus* conduz, orienta e guia a ação. Ações encontradas na religiosidade, no trabalho árduo da terra, do entretenimento, da educação (familiar), etc., as quais foram vivificadas pelos membros da localidade estudada, tornando-se "produto de relações sociais" e garantindo a "reprodução dessas mesmas relações objetivas" que se movem num *habitus*.

(paraíso - terras que jorram leite e mel) e no Êxodo (da fuga das mãos opressoras dos egípcios em busca da Terra Prometida por Deus). Os imigrantes e seus descendentes tiroleses (de Piracicaba) fizeram uma analogia com o Povo de Deus (Antigo Testamento) e com o contexto da emigração: sair da opressão, da miséria, dos sofrimentos das guerras dos séculos XIX, ir a busca de Terras que *jorram leite e mel* (tudo que se planta torna-se próspero) e encontrar a Terra Prometida (um *locus tirolês*). Veremos mais adiante como se formou essa visão de mundo na comunidade tirolesa em Piracicaba.

[26] Utilizamos a palavra *construção* no sentido de que existe um conjunto de conhecimento que são interpretados, vivificados e construídos a partir da *visão de mundo* e do próprio *ethos* do grupo. Segundo Minayo (1994, p. 94) "Schutz usa o termo 'senso comum' para falar das representações sociais do cotidiano. Para este autor, da mesma forma que o conhecimento científico, o senso comum envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados, a partir do mundo do dia-a-dia. Portanto, a existência cotidiana, segundo Schutz, é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social.

[27] Entendemos estruturas estruturantes (subjetivistas) conforme a visão neo-kantiana que "trata os diferentes universos simbólicos, mito, religião, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos como 'forma simbólica'.(...) Enquanto que, as estruturas estruturadas (objetivistas) refere-se aos instrumentos simbólicos na tradição do estruturalismo (Saussure, Levi-Strauss), privilegiando o *opus operatum* e não o *modus operandi* da tradição neo-kantiana. (...) É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os 'sistemas simbólicos' cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a 'domesticação dos dominados' " (cf. Bourdieu, 1998, pp10-11). Bourdieu encontra a "mediação entre o agente social e a sociedade. Por isso, Bourdieu considera o problema dos métodos epistemológicos como uma discussão que oscila entre dois tipos de conhecimentos polares e antagônicos: o objetivo e a fenomenologia. (...) O sujetivismo e o objetivismo emerge como ponto central para a reflexão de Bourdieu; para resolvê-la explicita-se um outro gênero de conhecimento, distinto dos anteriores, que pretende articular dialeticamente o ator social e a estrutura social." (cf. Ortiz, 1983, p. 08).

Assim, os valores e normas interiorizados entre as ações, representações sociais (e lingüísticas) tornam-se *estruturas estruturantes*, objetivamente já definidas e precedentes à ação, presidindo os *esquemas generativos* enraizados na comunidade tirolo-trentina como se fossem regras, "formulas pronta", sejam elas através das atitudes ou das próprias palavras e/ou imagens que servem como apoio à realização do *modus operanti.* Neste contexto, Bourdieu (1983b, p. 72) nos diz que: "cada agente, quer ele saiba ou não, quer ele queira ou não, é produtor e reprodutor de sentido objetivo: porque suas ações e suas obras são o produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual não tem o domínio consciente, encerram uma 'intenção objetiva', como diz a escolástica, que ultrapassa sempre suas intenções conscientes".

Visto que o *habitus* se apoia em *esquemas generativos,* os quais orientam as atitudes e ações, e da mesma forma, eles podem gerar outros *esquemas generativos*, com a finalidade de orientar a *visão de mundo*, pode-se dizer que as categorias de hierarquia no interior da comunidade reproduzem relações sociais pré-estabelecidas. Portanto, a estrutura implica "uma ação estruturante presidindo a prática dos indivíduos" (cf. Bourdieu, 1983b, p. 73). Neste contexto, são as relações hierarquizadas que estruturam o enclave tirolo-trentino, sendo que a dominação, no interior da comunidade, ocorre através das palavras, do discurso e das representações sociais. Portanto, são esses fatores que tornam possível a manutenção de um enclave no século XX inserido em Piracicaba.

1.1. Emigração e história: viagem no tempo

1.1.1. Aspectos geográficos, econômicos e políticos (Tirol e Trento - século XIX)

Até meados do século XIX a Itália não tinha, ainda, se solidificado em seus limites geográficos. O antigo Tirol[28] austríaco (atual Trento) foi anexado à Itália no ano de 1919, após a

[28] Segundo Mattei (1990, p.128) "A denominação Tirol (em alemão Tyrol) tem origem desde 1271, pois com os chamados Condes do Tirolo se tornaria *Land Tirol* (província do Tirol). Geograficamente a parte ao sul do Brennero, constituído pelos distritos de Trento e de Bolzano, era chamado Tirol do sul ou Tirol Meridional, e a parte do norte do Brennero, onde se encontrava a capital Innscbruck era o Tirol do Norte. Após a Primeira Guerra Mundial, a parte meridional foi anexada a Itália (1918), recebendo o nome de Veneza Tridentina, substituída em 1926 pelas Províncias de Trento e de Bolzano. A parte além do Brennero continuou a ser chamada de Tirol, até hoje. Land Tirol é hoje a única porção do tirol histórico que restou à Áustria. Atualmente a denominação *Südtirol* (Tirol Meridional)

Primeira Guerra Mundial, com o tratado de Saint Germain[29]. Antes, porém, por cento e quatorze anos foi província da Áustria (de 1803 a 1918). Mas se recuarmos ainda mais um pouco no tempo saberemos que este território foi o lugar estratégico, onde os reis da Alemanha cruzavam para ir a Roma a fim de serem coroados Imperadores pelo Papa, pois esse lugar (Trento) era a sede de muitos Principados, que tinha duplo caráter: político e religioso[30], como ressalta Mattei (1990, p.24): "Durante oito séculos (1004 a 1803) foi um dos muitos principados dos quais a Europa medieval e moderna era constelada. Era aliás um dos mais importantes Sacro Império Romano Germânico pela sua posição estratégica entre o Norte e o Sul da Europa."

Sabe-se também que durante esses oito séculos a região italiana era subdividida em ducados, principados, condados,[31] como, por exemplo, o Tirol era governado pelos condes do Tirolo - *o condado do Tirolo*. Além das divisões políticas, essas regiões tinham suas diferenças pelos diversos dialetos, os quais eram totalmente diferentes de uma região a outra, e, por mais próxima que fossem, podiam ser notadas como afirma Cenni (1975, p.169): "no fim do século passado e no início do século XX, não se tinha ainda manifestado, na Itália, o surto da industrialização. Apesar dos seus trinta milhões de habitantes, o país, recém-unificado, não possuía uma única cidade que contasse com mais de seiscentas mil almas. Depois de uma única secular divisão política em ducados, em pequenas repúblicas ou em reinos precários, com muitas terras dominadas por estrangeiros, era evidente que, em tempo da grande imigração, haveria ainda, caracteristicamente, mais calabreses, venezianos, napolitanos ou lombardos, entre os recém chegados, do que propriamente italianos. Nem o idioma, teoricamente comum, os ligava de forma mais íntima, pois o que dominava, entre eles, eram os dialetos, tão diferentes no agreste Piemonte, nas planícies da Lombardia ou nas quebradas da Calábria".

é, portanto, a denominação oficial em alemão só da província de Bolzano, enquanto Trentino sempre foi indicado como *Welch Tirol* (Tirol italiano) para se referir a língua que prevalecia naquele local: o italiano."

[29] Em 1919, após o final da Primeira Guerra Mundial, pelo tratado de Saint-Germain e Triamon, o Império austro-húngaro é desmembrado e surgem a Hungria, a Checoslováquia, a Polônia, e a Iugoslávia. "A Áustria se torna um pequeno Estado, sem poder significativo". (cf. Moraes e Franco, 2000, p. 114). Assim, é anexada à Itália o Trentino, o Alto Ádige, a Istria e alta bacia do Isonzo até o divisor de águas do alpino.

[30] O caráter religioso é relevante para compreendermos o porquê a religião torna-se extremamente importante para os tiroleses de Piracicaba, pois os imigrantes trazem com eles o *ethos* religioso, o qual torna-se uma das características marcante da vida dos membros da comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba.

[31] O termo *ducado* significa estado ou território governado por duques; *principado* era o território governado pelos príncipes e bispos (católicos); *condado* era o antigo território sob a jurisdição dos condes.

As características geopolíticas, assim também, como a língua ou os vários dialetos existentes nas regiões do norte da Itália e sul da Áustria, não conseguiam fazer daqueles povos cidadãos que pudessem ter uma consciência de nacionalidade ou amor à pátria, porque no final do século XIX e início do XX, os governantes daquelas regiões ainda não tinham formado em seus cidadãos o orgulho a sua pátria, e isto foi um dos fatores, que também, proporcionou a imigração, como ressalta Cenni (1975, p.169): "a consciência nacional não se tinha inteiramente moldado e fortalecido, não conseguiam criar em seus cidadãos mais humildes um profundo orgulho nacional, e foi esta situação, com certeza que facilitou nas primeiras correntes imigratórias uma tão rápida adaptação ao ambiente."

Quanto à situação econômica trentina, esta se apresentava extremamente atrasada, pois a característica rural poderia ser comparada a vários séculos anteriores. A maioria da população se dedicava exclusivamente à agricultura, como afirma Mattei (1994, p.71), relatando que 90% dessa população sobreviviam com a agricultura, porém, podia contar com 70% das terras cultiváveis, sendo que 30% não eram produtivas no final do século XIX. A estrutura arcaica agrária não era capaz de suportar o crescimento demográfico e "num espaço de meio século a população trentina passou de 230 mil a 340 mil unidades" (cf. Mattei, 1994, p.74). Além disso, a manufatura tradicional entrava em declínio por causa da concorrência de produtos que já estavam sendo industrializados, enquanto aquelas regiões do "Lombardo-Vêneto (respectivamente em 1859 e 1866, por causa de tratados políticos)" entram em decadência. A produção da seda também é afetada pela crise "as fiações que de 162, em 1870, tinham passado a 111 em 1880, e chegaram a 19 em 1892" (cf. Mattei, 1994, p.73).

Dessa forma, observa-se que o aspecto econômico era considerado como as antigas formas feudais, pois foram substituídas pela industrialização capitalista, como nos revela Battistel (1981, p.17): “o sistema industrial artesanal foi supresso pela produção industrial dificultando mais ainda a vida rural. A entrada de cereais, vindas da América, os preços mais baixos do que os produzidos na Itália e o imposto alfandegário à importação de vinhos italianos por parte da França, aumentou e agravou a crise. Para o governo italiano, era necessário, captar recursos para recuperar o atraso histórico em que o país se encontrava no setor de obras públicas, principalmente no de ferrovias. Consequentemente, os impostos eram altos, a grande maioria dos agricultores, na Itália, não eram proprietários de terras, ou possuíam poucas terras, pressionados a

arrendar outras para sobreviver (...). A comida era escassa; parcos os recursos. Viviam num regime de quase servidão e sem perspectivas de esperanças para o futuro".

Além do aspecto econômico, não podemos ser omissos aos políticos: as guerras napoleônicas, a unificação da Itália[32], entre outras rebeliões internas que acabavam ocorrendo como ressalta Silva (1998, p.23): "de fato *'a fuga' para 'merica'* manifestava um certo espírito de rebelião, uma forma de rebelar-se contra os *"siori",* os senhores donos de terras. A raiva camponesa embora contida devido à moral e ética católicas que permeavam a do compônio vai aparecer em cartas enviadas da América e canções populares."

É numa dramática seqüência de invasões comandadas pelo General Napoleão Bonaparte que tinha como propósito enfrentar o exercito austríaco, sobretudo "a invasão do Tirol austríaco (e em particular da área trentina), que do ponto de vista militar possuía grande relevância estratégica, como passagem obrigatória rumo ao coração da Europa" (cf. Mattei, 1994, 09). Assim, os trentinos e tiroleses se armaram a pedido do governo austríaco para defender *"La santa religione, la proprietà, l'ordine, la geustizia e la libertà[33]",* conforme clamava o governo do Tirol. Está bastante claro que havia dois aspectos a ser combatido pelos trentinos e tiroleses: o religioso (por ser o local do Principado Episcopal do Sacro Império Romano Germânico[34]) e patriótico. E como rebeldia parodiavam, cantavam canções populares como:

> "Venga Napoleone, /Venga,e noi gli daremo a proprie spese un lauto pranzo tirolese/ o infedele corsicano/ che le usanze del paese/ che la nostra religione/ resteran ferme e illese/ son promesse alla francese"[35]

Com as seqüências de guerras napoleônicas, a situação sócio-político-econômica gerou a miséria, a pobreza que assolava a Itália, a Áustria, a Alemanha, enfim, muitos países europeus

---

[32] Cenni (1975, p. 169) afirma que um dos políticos italianos que mais amedrontou os povos das regiões austríacas e italianas, além de ter contribuído com a imigração, foi Garibaldi, pois este combateu os austríacos na Lombardia em 1859, mais tarde derrotou-os em Varese, e também invadiu Brescia. Portanto, ele era odiado pelos austríacos.

[33] "A santa religião, a propriedade, a ordem, a justiça e a liberdade" (cf. Mattei, 1994, 10).

[34] Fica evidente que as seqüências de guerras Napoleônicas levará ao fim do Principado Episcopal e à queda do Sacro Império Romano Germânico, em 1803.

[35] "Venha Napoleão/ venha/ e nós lhe daremos à sua custa um farto almoço tirolês. Óh! Infiel córsico/ tu repetes a canção que os costumes dos país/ que a nossa religião,/ restarão firmes e ilesas;/ são promessas à francesa." (cf. Canção de origem roveretana in: Mattei, 1994, p.10).

foram vítimas dos muitos conflitos que ocorriam naquela época. Entretanto, os mais atingidos, sem dúvida, foram os camponeses, artesãos e trabalhadores, pois, a sociedade trentina era exclusivamente camponesa, centrada na terra, num ruralismo superado e arcaico. As famílias eram sempre guiadas pelos freis e padres, tendo acima das razões políticas as espirituais e as religiosas, como também afirma Grosselli (apud Silva, 1998, p.11): "A família era a célula econômica e social mestra de tal sociedade e a igreja católica, entendia tanto como estrutura quanto conjunto de leis codificadas, fornecia opções éticas e morais, mitos e tensões que a mesma mediava com o poder político que, vez por outra, se instalava na região (configurando-se, como poder político perante a classe camponesa). O guia do camponês não era o Imperador, nem o intelectual liberal: era o padre, o clero que por sua vez podia até ser liberal ou carbonário, mas cuja conduta não podia nunca se distanciar demasiado daquela igreja oficial e de seu chefe supremo".

A emigração[36] transoceânica é uma resposta aos fatores que os expulsavam de suas próprias terras. Neste aspecto, Mattei (1997, p.73) escreve: "em 1875 emigraram do trentino mais pessoas que nos vinte e cinco anos precedentes segundos dados recolhidos pela *'statische zentralkommession'* de Viena".

A maioria daqueles europeus camponeses, desejavam sair daquela miséria e ir a busca do novo mundo, de terras fartas, prósperas, *um verdadeiro paraíso terrestre*. Essa era a imagem que os agenciadores brasileiros espalhavam na Europa, fazendo promessas mirabolantes, através de panfletos, jornais da época e encobrindo a crise que o Brasil vivia na época com abolição da escravatura negra. A Itália setentrional estava em absoluta miséria, principalmente entre 1870 e a Primeira Guerra Mundial, e o único desejo das pessoas era abandonar as terras e emigrar na esperança de se libertarem. A propósito, Trento (1988, p.30) escreve: "a fuga, inclusive a pé em pleno inverno, para chegar ao porto de embarque - Genova - envolvia aldeias inteiras e podia assumir aspectos de verdadeira libertação". Trento (1988) faz uma citação digna de nota: "vão para a América como iriam à aldeia vizinha na festa do padroeiro, e vão em procissão, às vezes até ao som de sinos, quando não levam consigo estes, como aconteceu numa aldeia da região de Treviso." (Cronaca dell emigrazione, in Il Veneto Agricolo, 1888, apud Trento, 1988, p.31).

[36] Trento (1989) faz um relato rico e bastante detalhado sobre as condições em que se encontrava a população do norte da Itália e os fatores de expulsão para um êxodo italiano para a América, sobretudo para o Estado de São Paulo.

O fator principal era a pobreza e a fome que assolavam todo o norte da Itália, sul da Áustria e arredores obrigando a maioria desse povo a buscar outras formas de sobrevivência. Para o caos em que se encontrava o povo mais pobre, especialmente os camponeses das aldeias do Tirol e redondeza, a única solução era a emigração para o continente Americano, em particular, o Brasil, considerado, naquela época, como o *Novo Mundo*. Além de poderem escapar das guerras de unificação da Itália, poderiam tornar-se grandes proprietários, pois, essas eram as promessas feitas pelos agenciadores brasileiros, como, por exemplo, os da empresa Vergueiro e Cia. O desejo de terem liberdade fica expresso nos relatos orais ou manuscritos de nomeados historiadores da comunidade tirolesa de Piracicaba, quando estes tratam das memórias de seus pais, avós ou bisavós. Um desses relatos foi transcrito por Guilherme Vitti[37](1977):

> "-... E se nesses all'estero? [38] /- Mamma mia... Set ciuch forsi?... con sto sciap de fiöi! E al de pù, noi sol, magari?/Che vöt far, allora? Morir dalla fam?/... E dopo, gh'é anca questa: I'ann/che vem, tocca all'Angel [39] far el soldà.../Se nessen via, forsi el ghe scampava.../(...) se no ghe fuss el pericol de na guerra.../Ma no hat sentù sta not. Come sbeghelavan coi italiani, su per la /strada: 'Il Tirol all' Itália, il Tirol all' Itália...'"[40]
>
> (Vitti, 1977) [41]

[37] Guilherme Vitti nasceu em 25 de julho de 1915 na fazenda Sant'Anna, hoje bairro Santana. Foi seminarista durante dez anos, abandonando o seminário em 1940. Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Piracicaba em 1948. Até hoje, 2001, trabalha no arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba, e é também, considerado o historiador da comunidade tirolesa de Piracicaba - SP, especialmente do bairro de Santana.

[38] O texto de Guilherme Vitti (1977) está escrito no dialeto trentino, o qual retrata bem a fala da comunidade tirolesa de Piracicaba. Seus membros o reconhecem como *dialeto tirolês* e não como trentino. É necessário, também, ressaltar que tal dialeto sofreu, ao longo dos anos, grande influência da língua portuguesa e do dialeto caipira da região de Piracicaba. Portanto, o dialeto trentino, mostrado no texto de Vitti, não é o dialeto trentino europeu, mas sim o falado pelos membros da comunidade tirolesa de Piracicaba.

[39] Ângelo é o avô do autor do texto citado acima.

[40] [-... E se a gente imigrasse para América? - Minha Nossa Senhora! Você está bêbado? ... com este bando de filhos... E, além do mais, somente nós? - Que quer, então? Morrer de fome?... Além disso, há outro problema. No próximo ano o Ângelo tem que entrar para o exército. Se a gente fosse embora, escaparia disso (...) se não houvesse o perigo da guerra... Não ouviu esta noite como gritavam os italianos, lá no caminho: 'O Tirol para a Itália, o Tirol para a Itália...]

[41] O manuscrito de Vitti (1977) está intitulado*: "En contadin de Meano che s'há fat bon brasiliano: centenario dell' imigrazione dei firotesi del municipio de Piracicaba (Brasile 1877-1977)"*. Foi publicado na obra de Renzo Grosseli (1991) como apêndice.

Os manuscritos de Vitti (1977) relatam-nos que os problemas político-econômicos na Europa ficavam cada vez mais difíceis de serem enfrentados, além da fome e da miséria. Trento (1988, p.30) também descreve a situação em que viviam os tiroleses e trentinos, e resume numa única palavra a grande emigração para América, principalmente para o Estado de São Paulo: "miséria! Esta é a verdadeira e exclusiva causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial". Os aspectos políticos foram também decisivos para aqueles tiroleses que moravam nas aldeias de Meano, Vigo Meano, Cortesano, Romagnano e arredores do antigo Tirol austríaco, e que por muitas vezes foram obrigados a enfrentar os carbonários [42].

> "El Gioan non saveva ancor, Volta, quan ei há sentù a pia.
> -Ma, chi el ?... Che avè fat, matei ?... Mamma mia... sangue.
> Angelo... Giorgio... Beniamino... che avè fat?/ Gnent... L' è sta
> ei carbonari.../Ei n'ha taià le ponte delle recie, /perchè no aven
> volei dir:- Abasso l' Austria!.../ - Farabuti... porcaioni... Hai
> nezon Bortolo... L' è meio che nente/ via...[43]/ Lazzaroni... Me
> le pagà... Brontolava el Gioan, dando de volta a so cà"[44].
>
> (Vitti,1977)

A maioria dos imigrantes italianos era procedente do norte da Itália:Vêneto, Lombardia, Tentino Alto Adige, Friuli, Venécia Júlia, Piemonte, Emília-Romanha, Toscana e Liguria. Outros lugares também foram muito atingidos pela emigração, como por exemplo: Valsugana, Primiero, arredores de Trento e de Rovereto que forneciam a maior parte da mão-de-obra aos que se dirigiam para o Brasil, enquanto aqueles que emigravam para os Estados Unidos eram provenientes do Vale de Non, da Giudicare e do Planalto de Piné.

De acordo com Battistel (1981, p.18): "cada região constitui de províncias que, por sua vez, subdividia-se em cidades, municípios e vilas. Cada povo tinha seus costumes, sua igreja, seus padres e sua língua é bem diferente, a linguagem de um imigrante feltrino de um tirolês." A

---

[42] Carbonário (carbonato em italiano) era membro de uma sociedade secreta revolucionária que lutava contra o domínio napoleônico no reino de Nápoles (1815-1860), contra os Bourbons e mais tarde lutou para a unificação da Itália.

[43] Segundo os entrevistados e o manuscrito de Viti (1977), o Ângelo, avó de Vitti, tinha uma das pontas das orelhas inferiores cortadas pelos carbonários daquela época, porque não gritou "Abaixo a Áustria..."

[44] [Quando João ia voltando, ouviu alguém chorar. - Mas o que há... Que fizeram? - Nossa Senhora, Sangue? ... Ângelo, Jorge, Benjamim... O que fizeram? - Nada... foram os carbonários. Esses nos cortaram a ponta das orelhas porque não quisemos gritar: abaixo a Áustria... - Miseráveis... Porcos... Você tem razão, Bortolo... É melhor a gente ir embora...Desgraçados... mas vão me pagar, resmungava João ao voltar para a casa.]

maioria desses habitantes do norte da Itália dedicava-se à agricultura, havia também pequenas industrias artesanais: a tecelagem dos produtores do bicho da seda, as fianças de linho, os sapateiros, etc., como já dissemos anteriormente.

1.1.2. O aliciamento de europeus por agentes brasileiros

O recrutamento dos europeus por agentes brasileiros era um excelente negócio na segunda metade do século XIX (cf. Martins, 1973; Cenni, 1975; Battistel, 1981; Trento, 1988; Szmrecsányi, 1990). Segundo Seyferth (1990, p.11): "entre 1819 a 1947 entraram no Brasil 4.903.991 imigrantes. Até 1880 há predomínio de alemães e portugueses. O número de alemães foi entre mil a dois mil indivíduos por ano, de 1850 até 1940. Na década de 1880 intensificou-se a imigração italiana para o Brasil. No ano de 1888 os italianos ultrapassavam o número de cem mil indivíduos. Só em 1891, entraram cento e trinta e dois mil e trezentos e vinte e seis italianos e a média anual entre esse ano e 1927 oscilou entre dez mil e vinte mil indivíduos". A propósito, Seyferth (1990)[45] nós fornece, ainda, uma estatística dos imigrantes de várias nacionalidades que entraram no Brasil no final do século XIX.

[45] Seyferth (1990, p. 12) nos dá um número de 5. 600.000 imigrantes que entraram no Brasil no período entre 1820 a 1870, sendo que nos anos de 1890 a 1899 foram registrados o maior volume de entradas. Entre as vários nacionalidades que imigraram ao Brasil Seyferth nos aponta: "Italianos (1.513.151); portugueses (até 1947 era de 1.462.117); Espanhóis (598.802);Alemães (253.846); japoneses (188.622) Russos (123.724); Austríacos (94.453); sírio-libaneses (79.509); poloneses (50.010); e de outra nacionalidades não identificadas (349.354)." Após 1950, foram mais de 500 imigrantes, sendo que houve decadência numérica a partir de 1960. Além de Seyferth, encontramos muitos outros autores que nos fornecem dados sobre a imigração no Brasil (cf. Pisani, 1937; Martins, 1973; Battistel, 1981, Grosselli, 1991, entre outros).

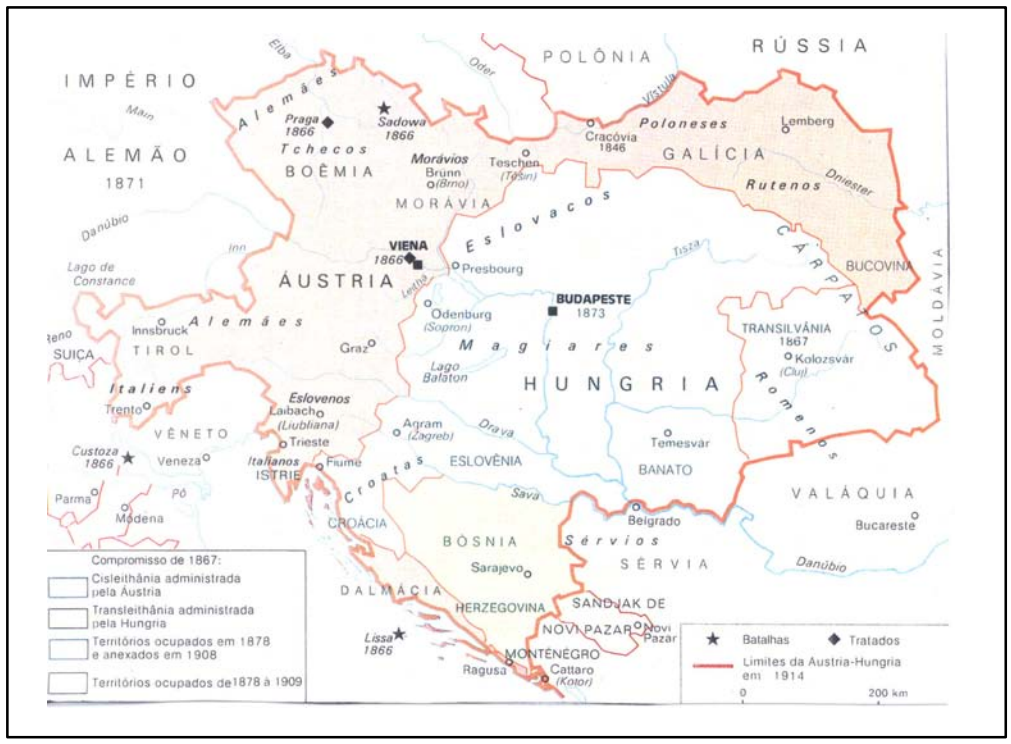

Fig. 01 - A Monarquia Austro-húngara. Observe que o sul da Áustria e o norte do Vêneto - (Itália) está localizado como sendo o Tirolo-Italiano, sendo administrado pela Áustria até 1919.

Entretanto, com os agenciadores brasileiros por toda à parte da Europa aliciando famílias inteiras para substituição do escravo negro no Brasil, criava-se naqueles camponeses uma ilusão tentadora de se "fazer a América" e de se tornarem grandes proprietários de terras brasileiras em pouco tempo. Para aqueles pobres camponeses ser proprietário, tornar-se produtor, enfim, ser senhor de terras representava algo a mais do que sobrevivência. Como ressalta Tedesco (1998, p.49) o fato de se possuir terras e propriedades tinha "um significado além do econômico; vinha ao encontro de um *imaginário social* envolto num sentido de família e de casa; encarnava a figura do patrão, dono do capital e da força de trabalho (idéia de *signore* italiano), de conquista (significado de pioneiro) ..." Era o sonho, o desejo de todo agricultor tirolês, ter a sua casa, sua colheita, ter as suas terras, e, sobretudo, garantir um futuro sem misérias aos seus descendentes.

Neste sentido, aqueles imigrantes viviam cheios de ilusão, e acreditavam nas promessas feitas pelos agenciadores, pois eles assinavam um documento tendo certeza que só teriam vantagens que eles partiriam livremente, sem compromissos ou contratos, com a condição de não fazerem reclamações ao governo. Entretanto, “apesar de partirem livremente deveriam fazê-lo com a firme resolução de estabelecer-se nas colônias do Estado, como agricultores, grifando-se à

mão o esclarecimento de que isso era possível 'naquelas que tiverem terrenos disponíveis', ou em colônias provinciais ou particulares, cidades, aldeias ou povoados. As vantagens oferecidas consistem em venda, à vista ou a prazo, de lotes nos núcleos coloniais, doação de sementes, alojamentos e alimentação por oito dias após a chegada, escola para rapazes e meninos e assistência religiosa conforme a crença do interessado" (cf. Martins, 1973, p.78).

Na verdade, essas promessas não constavam de contratos e o imigrante quando chegava ao lugar destinado tinha que se conformar com a situação encontrada, sem direito a quaisquer reclamações.

Quando esses imigrantes chegavam à fazenda que iriam trabalhar, o chefe ou o representante da família era obrigado a assinar um contrato sobre as condições a que deveriam se sujeitar e cumpri-las fielmente. O contrato era escrito em português e em italiano. Apenas como ilustração citaremos um artigo a fim de mostrar a dura realidade que vivia aqueles imigrantes:

> Artigo 23 – "O colono é obrigado a qualquer serviço a que for chamado pelo proprietário ou seu agente, sendo pago ou por dia ou por preço combinado, no momento, sob pena de multa 5$000 e 10$000, caso se recuse sem justo motivo. Considera-se um dia de serviço – dez hora de trabalho. Os serviço por dia serão pagos: Homem maior de 18 anos – 1$000; maior de 14 anos – 600 réis. Mulher maior de 18 anos - 800 réis; maior de 14 anos 400 réis.[46]

Tais artigos, decretos, eram escritos em pequenos livros, numa espécie de caderneta de contratos, a qual era muito comum em todas as fazendas do interior do Estado de São Paulo, servindo a favor dos proprietários das fazendas.

Segundo os moradores dos bairros de Santana e Santa Olímpia, os seus ascendentes foram encorajados pelos frades Capuchinhos [47] a emigrarem para o Brasil. Dessa forma, eles poderiam ter uma vida melhor e talvez conseguissem ser proprietários de terras.

---

[46] Cf. *Condições Adaptadas nos contratos para a cultura de café, vinha e Canna de Assucar*. Campinas. 1888. O título da caderneta de contrato foi conservado em sua grafia do século XIX, quanto ao escrito do conteúdo do artigo foi transcrito para a língua portuguesa moderna, de nosso tempo, para facilitar a sua interpretação.

[47] Os frades capuchinhos (da Ordem Menores) sempre estiveram presentes na vida dos tiroleses: antes de imigrarem para o Brasil e após a emigração, como veremos mais adiante.

> "- Senti, Gioan, come la va, moriren dalla fam. Se guadagna massa pöch e no se gatto laor meio. (...)/-Ho oramai parlá col pret e col maestro e tutti doi m'han dat razon... Penso da nar en America!.../- El pret va scriver al so fradel che sta a Trent, per saver come scomenciar."[48]
>
> (Vitti, 1977)

Os manuscritos de Vitti e os relatos orais dos mais velhos da comunidade afirmam que o vigário enviou a carta ao seu irmão, Ricardo, para se ter informações detalhadas de como deveriam agir para emigrarem ao Brasil. Depois de algum tempo, o afilhado de Ricardo leva pessoalmente a carta ao Vigário de Meano com os seguintes dizeres:

> "Trento, 15 maggio del 1876./ Caro fratello:Anzi tudo, ringrazio Iddio, sapendolo in bona salute, con la mamma sempre in gamba, e per sapere che la nostra cara sorella Francesca há un oltro bambino./I miei auguri anche al orgoglioso padre. Su quello che m'ai scritto, rispetto alle famiglie del tuo paese che vogliano imigrare in Brasile, me piace raccontarti che un amico di Vienna, che fa la guardia nel palazzo del Imperatore, mi há dato l'informazione di trovarsi, in visita alla Corte Imperiali, un grand uomo di quel paese, con l'incario di fomentare l'imigrazione a quella parte dell'America./ Come tra alcumi gioni dovrò andare a Vienna, cercherò di mettermi in contatto con quel signore. Dopo ti screverò, per informazioni piu precise./ Dammi un bacio alla mamma e la tua benedizione. Ricardo"[49].
>
> (Vitti, 1977)

---

[48] [-Escute, João. Continuando assim a vida, passaremos fome dentro de pouco tempo. Ganha-se muito pouco e outro serviço está difícil (...) Estou pensando em imigrar para o Brasil. - João, o vigário vai escrever a seu irmão que mora em Trento para saber como começar.]

[49] [Trento, 15 de maio de 1876. Querido irmão: Antes de qualquer coisa, agradeço a Deus sabendo-o que está bem de saúde, juntamente com a mãe sempre disposta e saber que nossa irmã Francesca teve outra criança. Sobre o assunto de sua carta, referente às famílias de sua aldeia, que desejam imigrar para o Brasil, apraz-me contar-lhe que um amigo de Viena, guarda no palácio do Imperador, informou-me achar-se em visita à Corte Imperial, um grande fazendeiro daquele país, com a tarefa de fomentar a imigração para aquela parte da América. Como dentro de alguns dias deverei ir a Viena, procurarei por-me em contato com aquele senhor. Depois escreverei, dando informações mais pormenorizadas. Dê um beijo na mamãe por mim e abençoe-me. Ricardo.].

Os membros da comunidade tirolesa de Piracicaba, inclusive os "historiadores" dessa localidade, acreditam que os freis capuchinhos, do antigo Tirol austríaco, os incentivaram e os ajudaram a emigrar de seu país. E que Deus os guiou e os abençoou para serem salvos das guerras, das misérias e da fome que vivia naquelas aldeias austríacas.

> "Proprio en quei di, en frate dalla barba, che passava nel paese, g'há conta su na prozion de robe del Brasile e dei frati che stevan via; che gh' era laor quant s'en voless nelle fazenda de caffé, e anzi tut, nella provinzia de San Paolo. S'ei voless, però, n'aria pu fredda, ch'ei ness a star nel Rio Grande do Sul, tera arent all' Argentina. Cosi ei poderia empiantar vignare e aver pegore. Quest notizie g'há dat pu coragio."[50]
>
> (Vitti, 1977)

É preciso ressaltar que a Igreja católica fez, também, parte do processo de expulsão (imigração) do povo tirolês, trentino, enfim, do norte da Itália. A propósito, Goody (apud Woortmann, E. 1995, p. 122) afirma que "a Igreja se estratificava em um alto e um baixo clero, compostos por contingentes sociais diferenciadores em sua origem. O primeiro era parte de um jogo político entre as grandes famílias e a Igreja. Aquelas famílias destinavam parte de seus membros ao alto clero (e também à carreira militar) como parte de seus projetos de poder. Era freqüente a conexão entre um monastério e uma *casa*. Esta última doava os fundos para a construção daquele, recebendo em troca sua direção em caráter hereditário. Criam-se, assim, as 'dinastias eclesiásticas'. Era freqüente que grandes senhores destinassem parte de suas terras à Igreja, em troca de posições elevadas para seus descendentes na hierarquia eclesiástica. Desse contingente emergia boa parte dos teólogos católicos".

Após o Concílio de Trento, a Igreja passa a recrutar do campesinato, homens de *baixa origem social*, considerados, então, o baixo clero. Com o ingresso de um clero oriundo do campesinato, esses homens abandonavam o campo rural - (como aconteceu entre os colonos do Brasil) e, consequentemente, também não recebiam a herança, as suas terras. Além desses fatores, houve outros que estimulavam a emigração: os tributos obrigatórios, como afirma

[50] [Justamente nesses dias, um frade capuchinho, passando pelos bairros, contou uma porção de novidades sobre a América e dos frades que lá viviam. Informou que há trabalho em abundância nas fazendas de café, principalmente no Estado de São Paulo. Se, contudo, quisessem região mais fria, fossem para o Rio Grande do Sul, terras perto da Argentina. Ali, poderia cuidar de videiras e também de ovelhas.].

Woortmann, (1995, p.123): "além do dízimo, resultante da associação entre a Igreja e o Estado, existiam ainda os pesados custos cerimoniais (...) eram as despesas relativas a batizados, comunhão, casamento, enterros, etc., assim como as promessas e expiações, e as dispensas". Neste contexto, fica evidente que a Igreja naquela época incentivou a emigração daquela gente pobre, e, sobretudo, com poucas terras ou nenhuma, e que não tinham recursos algum.

Apesar de nossos informantes afirmarem que *"os padres os ajudaram a sair daquelas misérias, e que Deus os guiaram dando-lhes trabalhos quando pisaram em solo brasileiro"*, nós, acreditamos, que eles já tinham assinado algum contrato no Tirol. Pois, são muitas as fontes[51] que comprovam que o Visconde de Indaiatuba foi pessoalmente ao Tirol austríaco, auxiliado pelos agenciadores de imigrantes europeus, a fim de contratar colonos para trabalharem em sua fazenda Sete Quedas, no interior do Estado de São Paulo, em Campinas, no ano de 1876. Tudo indica que esses imigrantes tiroleses já estavam com destino certo a tal fazenda. No próprio manuscrito de Vitti (1977) a citação da carta de Ricardo ao seu irmão frei de Meano, no Tirol, nos revela o contato feito com *"um grande fazendeiro",* que iria visitar a Corte Imperial austríaca, no ano de 1876[52].

O número de imigrantes era cada vez maior, como afirma Cenni (1975, p.169): "com suas malas e seus sacos em que havia, entre pouca roupa, a imagem de Nossa Senhora de sua veneração e o retrato dos primeiros reis de uma pátria jovem demais para garantir o pão a todos os seus filhos." Nossos informantes nos relataram que os *nonos* trouxeram, além de imagens de alguns santos, um quadro (retrato) do Imperador da Áustria (Francesco Giuseppe), e que algumas famílias o mantiveram exposto na sala até a década de 30 do século XX.

Vitti (1977) relata-nos que um dos filhos de Bortolo, o Ângelo, não teve o seu nome incluído no passaporte porque ele deveria se alistar no exército naquele ano. Sendo que o passaporte ficou pronto, nos seguintes dizeres:

---

[51] Cf. Szmerecsányi, 1990; Grosselli, 1991; entre outros.

[52] Provavelmente, o chefe que organizou o grupo daquele lugarejo, Sr. Bortolo Vitti, juntamente com o frei capuchinho daquela localidade já tinham assinado ou feito algum acordo com agenciadores de emigrantes para trabalharem nas lavouras de café, de propriedade do visconde de Indaiatuba, mas não temos prova que possa afirmar tal suposição.

> "Do cartelle gionte, con le armi e il nome del Imperatore dell'Austria, Francesco Giuseppe, Scrite en tedesco e italiano. Avanti metterdo nella scarsella, el g'há dat na occiada.Gh'era scrit: Nº 2149 – Per l'estero./ Vitti Bortolo. Contadino[53] Domicilio – Meano. Provincia di Trento, Tirolo. Anno di nascita: 1829. Statura: alta. Viso: ovale. Capelli: castagni. Occhi: castagni. Bocca: regolare. Naso: regolare. Esso si reca da Áustria, Itália, America. Questo passaporto vale per due mesi. Trento, 21 luglio 1877. Attestato dal' I.R. Capitanato Distrit./ En drè a l'ultima cartella gh'era Scrit: con esso viaggia la famiglia: Maria, Moglie, 1834 – Figli: Anna, 1859 – Giorgio, 1861 – Beniamino, 1863 – Teresa,1865 – Damasco,1870 – Paolo, 1868 – Giacinto, 1873 – Ottavio, 1877 – Quirino, 1875.
> Si conferma che l'entro nominato dichiarò di svincolarsi dal nesso della cittadinanza Austríaca e di imigrare in America per cui da questo momento ha cessato di essere cittadino Austriaco." [54]
>
> (Vitti,1977)

Por pior que fosse deixar suas terras, sua pátria, aqueles imigrantes estavam crentes que iriam construir a sua liberdade financeira, acreditando que teriam vidas promissoras e conseguiriam tornar-se proprietários, como expresso nos manuscritos de Vitti (1977); Degaspari (1982)[55].

1.1.3. A emigração dos camponeses austríacos e italianos

Segundo Grosselli (1991, p.244) entre os anos de 1874 a 1914 foram 25.000 a 30.000 habitantes da região de Trento que emigraram ao Brasil. Muitos se dirigiram para as fazendas de

---

[53] No passaporte de Bortolo estava registrado que sua profissão era "contadino" (lavrador), entretanto, nos manuscritos de Vitti (1977), Bortolo trabalhava em uma mina, a qual Vitti não especifica. Com certeza, ele precisou ser registrado como lavrador a fim de que pudesse ser contratado no Brasil como agricultor ou lavrador.

[54] [Um papel dobrado em dois, com as armas e o nome do Imperador da Áustria, Francisco José, escrito em alemão e italiano. Antes de pô-lo no bolso, leu-o atentamente. Estava escrito: Vitti, Bortolo. Lavrador Domiciliado - Meano, Província de Trento, Tirol. Ano de nascimento: 1829 (...) com ele viaja a família: Maria, mulher, 1834 - Filhos: Anna1859; José, 1861; Benjamim, 1863; Teresa, 1865; Damasco, 1870; Paulo, 1868; Jacinto, 1873; Ottavio, 1877; Quirino, 1875; Confirma-se que o retro citado declarou desvincular-se da cidadania austríaca e emigrar para a América e por isso, a partir deste momento deixa de ser cidadão austríaco.].

[55] Guilherme Vitti e Francisco Degaspari são considerados historiadores da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba, o primeiro responsável pela história de Santana e o segundo, pela de Santa Olímpia.

café do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro, sendo que o restante se estabeleceu em outros Estados, como, por exemplo, as colônias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e outras espalhadas em todo o Brasil. É uma diáspora, sendo que mais de dois milhões de austríacos deixaram seu país para emigrar nos cinco continentes. De acordo com Grosselli (1991, p. 154) "entre o ano de 1872 a 1914 entraram no Brasil 78.358 austríacos. Destes, 27.400 foram para o Estado de São Paulo, conforme os dados de Sobral (...). Baseando-nos sempre nestas estatísticas e considerando a falta de dados para o ano de 1876 e 1881, poderíamos tranqüilamente supor que cerca de 30.000 cidadãos pertencentes ao Império Austro-húngaro tinham imigrado para São Paulo durante o período considerado. Constituem 38% daqueles austríacos que foram ao interior do Estado de São Paulo".

A este propósito Abran (1994) afirma que nas décadas de 1870-1880 iniciou-se a emigração tirolesa (transoceânica) por causa dos convites que recebiam dos grandes fazendeiros e do governo brasileiro, como já dissemos anteriormente. Porém, havia outros lugares da América que ofereciam um *verdadeiro paraíso*, era a Argentina e os Estados Unidos da América. Entretanto, a preferência entre os camponeses austríacos, tiroleses ou trentinos, era os Estados Unidos da América, pois este último oferecia-lhes mais prosperidades financeiras.

Entre os anos de 1870 e 1887 a emigração do Trentino (antigo Tirol austríaco) registrou 18.487 saídas para a América do Sul e 5.068 para América do Norte, num total de 23.846, e entre 1900 e 1905 a emigração era em direção para os Estados Unidos rumo às minas de carvão da Pensilvania, do Colorado e do Wyoming, num total de 2.000 trabalhadores ao ano.

A região de Trento sofreu várias correntes emigratórias, uma delas foi nas décadas de 1870-1880. Uma segunda emigração ocorreu no período de 1926 a 1930, sendo que o destino daqueles trentinos foi para a Argentina, Estados Unidos e alguns países europeus como, por exemplo, a França, num total de 4.000 expatriações. Essa segunda emigração em massa ocorreu devido à ditadura fascista. No período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, o fluxo emigratório diminuiu razoavelmente.

Uma terceira emigração que ocorreu na região de Trento aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, e desta vez os trentinos foram à direção à Suíça, Alemanha, França e Bélgica. Também ocorreram na Grã-Bretanha, Liechtenstein, Luxemburgo, Estados Unidos, Canadá, Austrália e

Argentina. Para o Chile, mais duas emigrações: aproximadamente 153 pessoas no ano de 1951 e uma segunda, com 758 componentes, em 1952 (cf. Abran, 1994, p.81).

Nos últimos cento e cinqüenta anos a região de Trento sofreu um verdadeiro êxodo sem retorno de seu povo. Provavelmente, haja um grande número de trentinos espalhados nos cinco continentes e muito desses emigrados conservam a cultura, a língua e os costumes de sua origem.

Muitos imigrantes de origem alemã e italiana saíam da Europa já com o destino para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, regiões que estavam despovoadas, e havia um interesse do governo brasileiro em ocupar tais regiões. Sendo lugares despovoados havia uma facilidade maior desses grupos étnicos em se manterem homogêneos[56], preservando toda a cultura, os costumes, a língua de origem ou seus próprios dialetos.

Como vimos anteriormente, os agenciadores brasileiros prometiam *ilusões* aos imigrantes, isto é, afirmavam-lhes que em poucos anos poderiam tornar-se proprietários de terras brasileiras, ter suas próprias fazendas. Naquela época, tornar-se *senhor de terras* era o desejo de todo emigrante estrangeiro, e devido àquelas promessas feitas pelos agenciadores, tal desejo poderia vir a ser realidade. Dessa forma, os imigrantes definiam e redefiniam o *ethos* na família, no trabalho, na religião e no entretenimento, com a certeza de que um dia seria os donos de terras, sem perder o *ethos* de seu país de origem.

De fato, em relação aos imigrantes tiroleses (de Piracicaba) e de seus descendentes, quando se tornaram proprietários das fazendas de Santa Olímpia e Santana, veremos mais adiante que eles criaram, num *imaginário* coletivo, *um perfeito paraíso terrestre tirolês*. Assim, as famílias, e, sobretudo, os pais (chefes de famílias - num regime patriarcal) organizaram estratégias[57] para a formação do imaginário, com o objetivo de conservar o *habitus* de tiroleses e afastar todos e tudo que pudessem contaminar o seu *ethos*. Neste contexto, é possível dizer que "a relação com o mundo social não é relação de causalidade mecânica que freqüentemente se estabelece entre o 'meio' e a consciência, mas sim uma espécie de cumplicidade ontológica: quando a história que freqüenta o *habitus* e o *habitat*, as atitudes e a posição, o rei e a sua corte, o patrão e a sua empresa, o bispo e sua diocese, é a mesma, então é a história que comunica de certo modo com ela própria, se reflete nela própria, se reflete ela própria. A história 'sujeito' descobre-se ela

[56] Serfeth (1990) faz uma descrição detalhada dessa colonização homogênea ocorrida no Sul do Brasil.
[57] Entendemos por estratégias as prática e ações encontradas no *habitus*, que podem orientar as relações sociais dos agentes em função das posições que possuem, seja no capital cultural, seja no lingüístico, etc.

mesma na história 'objeto', ela reconhece-se nas 'sínteses passivas' 'antepredicativas', estruturas estruturadas antes de qualquer operação estruturante ou de qualquer expressão lingüística". (cf. Bourdieu, 1998, p.83)

Tedesco (1998, p.52) faz uma citação, digna de nota, sobre o desejo de fazendeiros, do ano de 1877, que tentavam recrutar *boas famílias*: "as famílias são verdadeiramente patriarcais, já pelo número, já pela moralidade, união e amor ao trabalho (...). As famílias de tiroleses ainda são das mais vantajosas ao lavrador pelos muitos membros que elas se compõem. Esta vantagem é de toda ponderação: o maior número de trabalhadores, além de acelerar a emancipação do colono, o que é um exemplo edificante, proporciona maior garantia ao lavrador, porque a responsabilidade solidária de todos dá certeza do pagamento integral do débito, ainda quando alguns membros sejam remissos às suas obrigações" (cf. Stolcke, 1994, p. 75 apud Tedesco, 1998, p.52).

Os fazendeiros brasileiros preferiam o núcleo familiar para trabalharem em suas lavouras. Este fato torna-se bastante significativo, pois, nos aponta um indício de que tudo era pensado, isto é, havia uma política e uma reprodução forte da força de trabalho. Portanto, os fazendeiros sabiam que aqueles imigrantes recrutados, geralmente, eram pessoas religiosas, de boa índole, que tinham amor ao trabalho, e com uma quantidade enorme de filhos, que os ajudavam nas lavouras e, além disso, sabiam que o maior desejo de um emigrante era torna-se proprietário em terras brasileiras. Isso facilitava no aliciamento de trabalhadores estrangeiros para as lavouras.

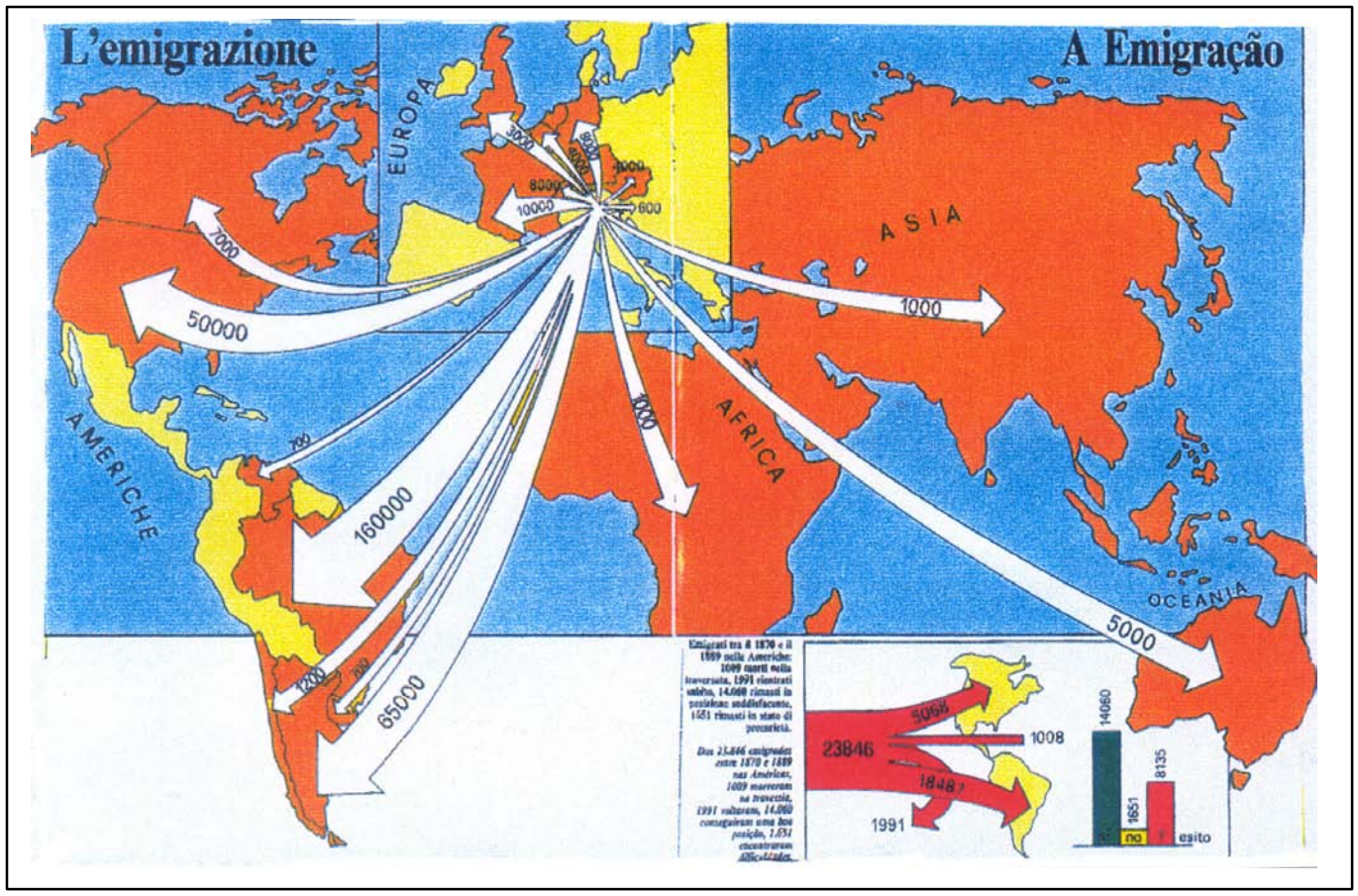

Fig. 02 - Mapa Mundial - Emigração Trentina para os cincos continentes. Dos 23.846 emigrados entre 1870 e 1889 nas Américas do norte e do sul, 1.009 morreram na travessia, 1991 voltaram, 14.060 conseguiram uma boa posição, 1.651 encontraram dificuldades (cf. Mattei, 1986, p.15).

1.1.4. A despedida do local de origem e a certeza de nunca mais voltar

As dificuldades daqueles imigrantes tiroleses eram muitas: a despedida do lugar de origem sabendo que jamais voltariam a revê-lo; os momentos difíceis que passariam no navio devido a precariedade, a não responsabilidade do governo pelas pessoas que estavam deixando sua pátria.

> "Nell 'ultima stimana gh' era en gheto a ca de tutti ei tirolesi.Da per tutt se vedevan cassette, cassoni, robe, libri, santi, scarpe e capei. Le donne repessavan, toccavan bottoni, fevan su robe e soppressavan senza fermasi. (...)Nel moment de nar via, per l'ultima volta, han fat segni a quei che stevan en tera. Pöch a pöch la città de Genova s'è allontanada."[58]
>
> (Vitti, 1977)

[58] [na útima semana, havia enorme confusão nas casas dos tiroleses. Por toda parte viam-se caixas, caixões, roupas, livros, imagens de santos, sapatos e chapéus. As mulheres costuravam, pregavam botões, arrumavam e passavam roupas sem parar (...) No momento da partida, pela última vez acenaram aos que tinham ficado em terra. Pouco a pouco a cidade de Gênova, foi se afastando.]

O grupo de emigrantes do bairro de Santana[59] foi liderado por Bortolo Vitti, que se encarregava de ordenar os tiroleses e conduzi-los, juntamente com suas grandes famílias, de dez a treze filhos ou mais. As famílias que vieram ao Brasil eram as seguintes: os Vittis, os Fortis, os Cristofolettis, os Correr, os Stenicos de Romagnano, os Brunellis, os Pompermayer e os Degasparis [60] .

A viagem até ao Brasil foi a navio, pois era o único transporte da época que fazia a travessia do Atlântico. O espaço por passageiro no navio era limitado, assim também como a alimentação, a higiene, a falta de acomodação para tantos imigrantes, cujas nacionalidades acabavam se misturando.

Os moradores da comunidade contam que na viagem de retorno à Itália, o navio afundou com carregamento de café nas costas da África. Enquanto que a viagem ao Brasil foi cheia de riscos, pois a embarcação era muito velha e, muitas vezes foi necessário fazer reparos em suas máquinas.

> "(...) Na mattina, senza nessun aspettarsela, el bastiment sa fermà em mezz al mar. Gh'è vegnù na paura de quelle! Ma ei g'há mandà a dir, però, che s'era not na cadena della machina. A Gibilterra, el bastiment s'ha ferma per menar su robe da magnar, sai per la gent, sai per le bestie. Quest, oramai, scomenciavan a sbeghelar dalla fam. Pù'n dent ch' ei neva al mar, pù cald ei sentiva. Gio sto, pò, sudavan come le bestie."[61] (Vitti, 1977)

[59] Segundo os nossos informantes, os imigrantes e descendentes tiroleses do bairro de Santana foram liderados por Bortolo Vitti. Enquanto que os membros, os fundadores de Santa Olímpia emigraram nos anos de 1881 e 1882.

[60] Dionísio Degaspari, que deu origem a inúmeros descendentes em Santa Olímpia, tem uma história diferente em relação a outros imigrantes. A maioria dos imigrantes de Santa Olímpia e de Santana emigrou do antigo Tirol austríaco para o Brasil. Dionísio Degaspari emigrou para a Argentina, e através de outros imigrantes ficou sabendo que muitos tiroleses estavam no Brasil, na cidade de Campinas, trabalhando numa fazenda com o nome de Sete Quedas. Segundo moradores de Santa Olímpia, e em conversa com seu filho, Francisco Degaspari, 82 anos, Dionísio viajou dias para chegar na fazenda Sete Quedas. Ele acabou sendo contratado, casou-se com Madalena Correr, uma das filhas de Jacó Correr, dando origem às famílias Degaspari de Santa Olímpia. Entretanto, na cidade de Piracicaba, existem outras famílias Degasparis que jamais moraram em Santa Olímpia, e não pertencem a esse tronco genealógico. Embora haja moradores na comunidade que dizem que os Degasparis de Piracicaba podem ser considerados parentes com os de Santa Olímpia, porque os Degasparis que emigraram ao Brasil no século XIX eram primos, todos parentes.

[61] [(...) o navio parou no mar. Ficaram muito amedrontados. Foram informados, porém, que se tinha rompido uma corrente. Em Gibraltar, o navio parou para abastecer-se de alimentos, tanto para as pessoas, como para os animais. Estes já berravam, reclamando. Quanto mais avançado no mar, mais o calor crescia. Dentro do navio suava-se abundantemente.].

As dificuldades e as precariedades daquela embarcação, que transportou os imigrantes tiroleses para o Brasil, resultaram em histórias, dores, tristezas que se contam de geração em geração. São relatos vivos em suas memórias, porque eram as histórias de seus pais, de seus avós, pessoas que foram emigrantes e vivenciaram tais fatos. Um de nossos informantes relatou que na época da imigração havia muitas mortes no navio e que o comandante ordenava aos marinheiros para jogar os corpos ao mar.

Entre as tristezas e despedidas segundo as histórias contadas de geração em geração no enclave tirolo-trentino, havia a esperança em se tornarem grandes proprietários de terras. É nesse desejo que está o *ethos* desses imigrantes, numa busca constante de ascensão econômica (fugindo das misérias e das guerras). Contudo, o amor à sua aldeia[62], à sua terra, ao seu lugarejo e sobretudo a uma pátria, relativamente jovem, o desejo de uma conservação de nacionalidade, ou seja, de uma identidade refletida em sua origem austríaca (tirolesa) é que se afirma e reforça muito mais esse *ethos* na região de Piracicaba, pois, eles fazem desse lugar e estabelecem ali o *locus de um Tirol.*

É interessante ressaltar que os tiroleses jamais emigraram do seu país com suas bandeiras. Geralmente a partida para outro país ocorria com navios de bandeira italiana ou alemã. Muitos dos imigrantes austríacos foram registrados no Brasil com as referidas nacionalidades acima citadas, e não como sendo austríacos como era de se esperar (cf. Pisani, 1937).

A causa de muitos imigrantes ter embarcado com navios de outras nacionalidades, a qual não fosse de sua origem, era uma das formas que os governos de vários países europeus encontraram para dificultar a embarcação de seus cidadãos, porque aquelas autoridades sabiam das péssimas condições que os imigrantes iriam enfrentar no Brasil, pois muitos alemães,

[62] Quando relatamos os aspectos de expulsão dos imigrantes do norte da Itália e do sul da Áustria afirmamos que um desses fatores foi que o governo não tinha ainda fortalecido o orgulho nacional em seus cidadãos (cf. Cenni, 1975, p. 168-170). Entretanto, no grupo estudado por nós, especialmente os mais velhos, o amor ao Tirol, a Áustria sempre foi muito forte. Observamos este sentimento à "origem" diversas vezes através dos relatos orais. Perguntamos a um grupo de homens das primeiras gerações, se houvesse um jogo de futebol televisionado entre a Áustria e a Itália para quais dos times o grupo torceria. Em unanime nos responderam que torceriam pela Áustria. Continuamos com nossas investigações e perguntamos ao mesmo grupo se houvesse um jogo entre o Brasil e a Itália, novamente nos responderam que, sem dúvida, torceriam pelo Brasil. E ainda fizemos outra indagação: se houvesse um jogo de futebol entre a Áustria e o Brasil, para quem o grupo iria torcer? Dois informantes não responderam (silenciaram), enquanto os demais (os cinco homens) responderam que *"aí o coraçon fica dividido, é bom non ter um jogo entre os dois países..."* Portanto, percebe-se que o grupo de tiroleses de Piracicaba sempre nutriu um grande amor ao Tirol austríaco, o lugar de origem dos velhos nonos.

italianos, tiroleses, entre outras nacionalidades européias, acabaram quase que na condição de escravos.

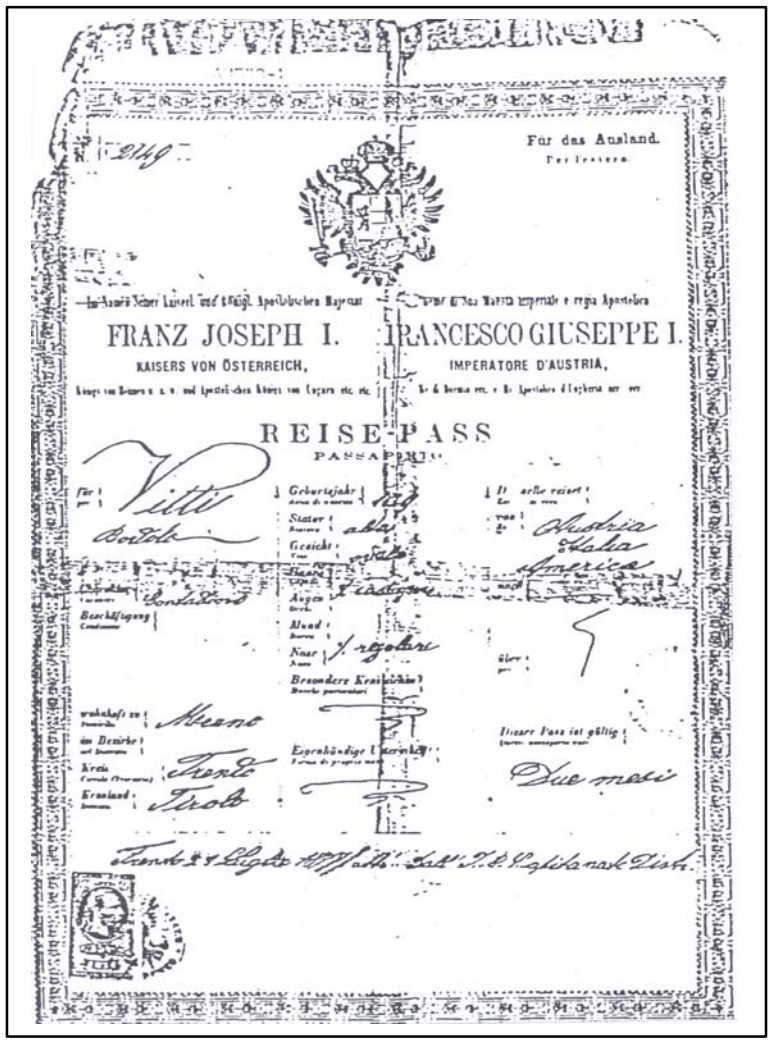

Fig. 03 - Reprodução da cópia do passaporte de Bortolo Vitti - 1877.

Os governantes de alguns países, como, por exemplo, a Alemanha, sabiam que aqueles que imigravam para o Brasil poderiam viver em condições precárias, por isto dificultava muita a saída de seu povo. Entretanto, a própria Alemanha tinha consciência que tinha contribuído para que seus cidadãos deixassem suas terras e emigrassem para o Brasil. A este propósito Cenni (1975, p.188), ressalta que "a Alemanha havia contribuído substancialmente para a fundação dos primeiros núcleos coloniais. Somente, em 1859, pela Lei *Heydt*, proibia a emigração para o Brasil, em vistas dos maus tratos de que se queixavam trabalhadores alemães que se achavam em fazendas brasileiras. Esta proibição foi mantida até 1896, época em que foi levantado em favor dos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, sendo completamente abolido no ano seguinte, muito embora uma lei imperial alemã impusesse certas restrições ao tratamento de recrutamento e de transporte gratuito por conta de sociedade ou de governos estrangeiros.

Também a França, com circular de 31 de agosto de 1875 proibira em absoluto a emigração para o Brasil, sendo esta proibição suspensa somente em junho de 1908, em conseqüência dos melhoramentos introduzidos na legislação brasileira sobre o assunto".

Outra dificuldade que surgia para se registrarem no Brasil como sendo de nacionalidade austríaca, era causada pela língua, isto ocorria porque eles eram originários do Tirolo-Italiano, onde se falava o dialeto trentino, que tem característica galo-itálico com fundo germânico, e também, a língua alemã e a italiana. Quando chegavam nos portos brasileiros, não se sabia exatamente qual era a identidade deles: italianos ou alemães? Logo, eles acabavam sendo registrados como sendo de uma ou outra nacionalidade.

1.1.5. A imigração aos Estados do sul do Brasil e de São Paulo

Os Estados do sul do Brasil, como por exemplo, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná foram colonizados[63] por imigrantes italianos, alemães, tiroleses entre muitas outras nacionalidades, sendo que esses estrangeiros de imediato, recebiam "a posse da terra e passavam a ser pequenos proprietários rurais" (cf. Cenni, 1975, p.181). Dessa forma, não vivificaram o latifúndio e viviam de forma muito diferente daqueles que emigravam ao Estado de São Paulo, pois, neste Estado não houve colonização, mas simplesmente, como bem ressalta (Cenni, 1975) "importação de braços para substituir o mais depressa e de qualquer forma, o braço escravo - Fornecer braços a lavoura era o que se lia nos jornais daquele tempo e o que pediam a todo instante os deputados na Assembléia Estadual."

O incentivo do governo brasileiro aos imigrantes que se dirigiam ao Sul do Brasil tinha um objetivo: o povoamento daquelas regiões. Raramente o imigrante tinha idéia, do lugar para a qual seria encaminhado, mas acreditava que se tornaria um grande proprietário de terras, saindo da miséria e das dificuldades que passava em seu país de origem. Jamais imaginava que ele constituiria uma peça a mais da força de trabalho no mercado internacional.

---

[63] "O sistema de colonização adotado no País, desde o início, foi o chamado *Walkefield* que consistia na distribuição aos agricultores de um lote de terra, ferramentas, animais e sementes, e no pagamento de módicos subsídios para alimentação dos colonos no primeiro ano de trabalho". (cf. Cenni, Franco. *Italiano no Brasil: andiamo in 'America...* 1975, p.105).

Eles vinham com toda a família e os fazendeiros não se preocupavam em aliciar indivíduos isolados, braços fortes de homens solteiros para as lavouras, e sim toda a família por se constituir em número elevado de filhos, além da esposa que deveria, também, trabalhar nas fazendas. A família traria muito mais vantagens do que o contrato apenas de homens ou jovens rapazes. Tedesco (1998) faz uma citação relevante de um fazendeiro, sobre a imigração de europeus com toda sua família do ano de 1877: "a colonização realmente útil para nós foi a dos alemães e portugueses; o colono alemão é sempre diligente e honesto, e quando tem uma família numerosa ele oferece vantagens incalculáveis. O chefe de família transforma o tempo em sua propriedade de um modo que, mesmo quando eles estão trabalhando no cafezal para o fazendeiro, fazem uso das ervas daninhas para alimentar seus porcos e galinhas, e quando retornam à casa, os filhos começam a trabalhar; todos eles vão à escola e quando estão de folga debulham o milho, fazem cercas, cultivam a roça, criam galinhas, porcos e vacas que são a fonte de sua subsistência. A mulher e as filhas preparam o famoso pão de milho que é a base de sua alimentação". (cf. Stolcke, 1994, p.65 apud Tedesco, 1998, p.48).

Sabe-se que muitos emigrantes do Tirol (Áustria), italianos, alemães, entre outras etnias partiram para o Brasil, sobretudo para o Estado de São Paulo, onde havia vários municípios situados estrategicamente para expansão do café. De acordo, com Trento (1988, p.109) "o fato é que o café já predominava numa vasta área de Estado de São Paulo e seu desenvolvimento data da primeira metade do século XIX, graças sobretudo à expansão das ferrovias. A primeira, que ligava São Paulo ao porto de Santos, foi construída em 1865, em Campinas e em Rio Claro chegará nos anos 70 e de lá se expandirá em direção a Ribeirão Preto, possibilitando um grande aumento da rentabilidade em virtude da diminuição dos custos do transporte que, até, então, era feito em lombo de burro."

Como já dissemos anteriormente, a imigração européia ao Brasil, ocorreu com o apoio do governo imperial, que organizou agenciadores em São Paulo para aliciar camponeses, principalmente do norte da Itália, Alemanha e sul da Áustria. De acordo com Szmerecsányi (1990, p. 45): “tal foi o caso, por exemplo, do Visconde de Indaiatuba, que introduziu 400 colonos procedentes do Norte da Itália, país do qual iria se originar daí a maioria dos trabalhadores livres estrangeiros”.

Os imigrantes europeus enviados ao Estado de São Paulo solucionariam o problema de mão-de-obra nas fazendas dos grandes proprietários de café. Um desses fazendeiros era Joaquim Bonifácio do Amaral, Barão e Visconde de Indaiatuba [64], proprietário da fazenda Sete Quedas, na cidade de Campinas - SP. Esse era o destino que teriam os tiroleses que deram origem a comunidade tirolesa de Piracicaba.

1.1.6. Os tiroleses em terras brasileiras - o trabalho na fazenda em Campinas (1877)

Segundo Grosselli (1991, p.47), no ano de 1877 é contratado pelo Visconde de Indaiatuba cinqüenta lombardos e cento e vinte e dois tiroleses para trabalharem na fazenda de Saltinho, uma da colônias que pertencia a fazenda Sete Quedas, na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo. Outras informações, segundo Grosselli (1991, p.156), referem-se a um número de duzentos e sessenta e seis tiroleses distribuídos em trinta e duas famílias. O grupo era constituído de famílias originárias das aldeias de Meano, Cortesano, Romagnano, Vigo Meano, Sardagna, Trento e arredores.

Os imigrantes (que dará origem ao bairro de Santana), partiram de Gênova no dia 31 de julho de 1877, chegando ao Rio de Janeiro em 23 de agosto do mesmo ano, com o navio "Nord América", de bandeira italiana. Em dezembro de 1881, outra embarcação de tiroleses chegava ao Brasil com o navio Frankfurt, de bandeira alemã, o qual iria se juntar ao grupo que chegara no ano de 1877, e que estava trabalhando como lavradores na fazenda de café do Visconde de Indaiatuba. E finalmente, no ano de 1882, outro grupo de tiroleses é contratado para trabalhar na mesma fazenda, e estes se juntam com os seus compatriotas. Estes dois últimos grupos darão origem ao bairro de Santa Olímpia.

O primeiro grupo de tiroleses (1877), trabalhou na fazenda do Visconde de Indaiatuba até o ano de 1886. Acabando o contrato de nove anos, apenas as famílias de Bortolo Vitti e uma dos Forti renovaram o contrato por mais um ano. As outras famílias tirolesas dirigiram-se a outras cidades, como, por exemplo, Amparo, Capivari e Piracicaba (cidades próximas à cidade de Campinas – SP). As famílias dos dois últimos grupos de tiroleses: os Corrers, os Stenicos, os

[64] Joaquim Bonifácio do Amaral, Barão e Visconde de Indaiatuba, nasceu em 1815 e morreu em 1884, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea. Em 1852, foi iniciados a colonização com estrangeiros alemães em sua fazenda. Após 1870 ele contratou italianos e tiroleses para trabalharem em sua propriedade.

Pompermayers, os Cristofolettis, os Brunellis e os Degasparis foram trabalhar na fazenda Monte Alegre[65] na cidade de Piracicaba, lá permanecendo até a compra da fazenda de Santa Olímpia no ano de 1892.

Após mais um ano de contrato das famílias Giovanni Battista Cristofoletti de Cortesano e dos dois irmãos Giovanni Vitti e Bortolo Vitti na fazenda Sete Quedas, esses deixaram-na e se dirigiram à cidade de Rio Claro – SP. Permaneceram nesse local por cinco anos. Durante esse tempo, eles adquiriram uma fazenda chamada Rio Cabeça [66].No ano de 1893, compraram a fazenda de Sant'Anna, vizinha de seus conterrâneos tiroleses. Portanto, está formado o enclave tirolês-trentino de Piracicaba. Segundo Grosselli, esta é a única comunidade tirolesa do Estado de São Paulo que permaneceu num enclave, procurando *manter* a cultura, os costumes e a língua que pudesse refletir seu *ethos*. O que de fato se manteve ou o que mudou entre aquele século e o atual é aqui tema central em discussão que envolve dois bairros e seus moradores, os imigrantes tirolo-trentinos.

1.2. O Espaço geográfico e a relação com a origem[67] dos imigrantes

1.2.1. A Região de Piracicaba como um *locus Tirolês*

Os imigrantes tiroleses e seus descendentes se fixaram na cidade de Piracicaba, quando compram as fazendas de Santa Olímpia (1892) e Santana (1893). Entretanto, eles vivificam esse espaço como se ali fosse o antigo Tirol austríaco. Dessa forma, a identidade camponesa tirolesa

[65] A fazenda Monte Alegre em Piracicaba era um engenho de açúcar que oferecia trabalho aos colonos que plantavam e colhiam a cana-de-açúcar. Na década de 1930, tal engenho se transformou em usina do Grupo Morganti. A fazenda se tornou um bairro com cerca de dez mil pessoas. Por volta de 1964, a usina foi vendida ao Grupo Silva e entrou em decadência, sendo comprada, em 1974, pelo Grupo Ometto que desativou a Usina. Atualmente, há apenas cem famílias residindo lá, num espaço que preserva o estilo do século XIX: construções antigas de estilo inglês, a capela de São Pedro, construída pelo fundador da Usina, Pedro Morganti, na década de 30, projetada por arquitetos italianos e decorada pelo pintor italiano Alfredo Volpi (Fonte: arquivo da biblioteca Municipal de Piracicaba).

[66] O sítio ou fazenda Rio Cabeça se localizava, no final do século XIX, na cidade de Rio Claro - SP, onde moravam muitos tiroleses. No início do século XX, essas famílias se espalharam pela cidade e jamais formaram um enclave como os tiroleses de Piracicaba. A tal fazenda daquela localidade se transformou num bairro com o mesmo nome.

[67] A palavra origem, em nosso contexto, significa a identificação com o aspecto geográfico (Tirol/ Áustria), político e econômico (fuga das guerras e das misérias) e religioso (desejo de encontrar o paraíso). É o *habitus* que trazem de sua proveniência geográfica, econômica, política e social.

com o local (de origem) se entrelaça num *locus* de representação mental e de estratégias simbólicas, criando a identidade de seus agentes.

Neste sentido, traçam, delimitam, marcam a sua região como tirolesa ou em suas representações simbólicas estabelecem uma *descontinuidade* em relação ao antigo Tirol austríaco para fixar terras imaginárias (do Tirol) em terras reais (brasileiras - em Piracicaba) - uma *continuidade* da identidade do grupo de origem.

Quanto a etimologia da palavra *região*, Bourdieu (1998, p.113) nos diz: "a etimologia da palavra *região (regio),* tal como a descreve Emile Benveniste, conduz ao princípio da divisão, ato mágico, quer dizer propriamente social, de *diacrisis* que introduz por decreto uma descontinuidade decisória na continuidade natural (não só entre as regiões do espaço, mas também entre as idades, os sexos, etc.)." Dessa forma, *traçar as fronteiras em linhas retas*, significa dizer, que é um ato a favor de separar, *dividir - di-visão* - (Bourdieu, 1989, p.108). No caso dos tiroleses de Piracicaba trata-se de separar os territórios internos (somente descendentes tiroleses) dos externos, ou seja, daqueles grupos que não possuem a descendência tirolesa. Neste contexto, delimitar, traçar fronteiras e estabelecer uma certa identidade entre os agentes e a região numa representação simbólica e mental, é fazer do lugar um *locus tirolês,* isto é, construindo-o ou transformando-o como se fosse terra austríaca, terra tirolesa, transportando-a para territórios brasileiros, num movimento de representação simbólica.

A esse propósito, escreve Bourdieu (1989, p. 114): "a *regio* e as suas fronteiras (*fines*) não passam do vestígio apagado do ato de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz *fines*), em impor a definição (outro sentido de *fines*) legítima, conhecida, reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio da *di-visão* legítima do mundo social."

Assim, fica bem estabelecida e demarcada como *região tirolesa*, uma representação social e mental do Tirol que foi deixado na Europa. E, nessa *di-visão,* demarcam a língua, o *habitat,* etc. O *locus* se transforma como um "campo de lutas para delimitação legítima" (Bourdieu, 1989, p.115). Nesse campo[68] de luta, as representações simbólicas da região ganham forças, sobretudo

[68] Bourdieu (1983 a, p.89) considera o campo como "um estado de relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-las, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo tem por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico".

no campo familiar doméstico, esboçando o que Bourdieu denomina de categorias "étnicas ou regionais", e de parentesco. A intenção e o desejo de fazer nascer ou existir um Tirol como região ou nação é exercida justamente pelo poder das representações mentais e lingüísticas (a palavra, os sons, o dialeto trentino, a "língua estrangeira") como se a coerção lhes dessem capacidade "de impor uma nova visão a uma nova *divisão do mundo social*: *regere, fines, regere, sacra, consagrar* um novo limite", como bem define Bourdieu (1989, p.116).

Os relatos orais das primeiras gerações mostram que o trabalho, o espaço construídos por eles e pelos imigrantes tiroleses, os elementos da fé (católica), como por exemplo, as rezas, os terços, as construções das capelas (anos mais tardes foram edificadas em igrejas), enfim, toda a religiosidade católica construíam-se através do *ethos e do habitus* do enclave tirolês. De acordo com Tedesco (1998, p.58): "o reforço em relação à família, à unidade familiar, ao vínculo comunitário, à presença do elemento religioso e do parentesco fez com que houvesse junto aos colonos 'de origem', fortes relações de solidariedade vicinais e de convívio, o que os levou a permanecer também mais tempo num lugar. O *'ethos de colono'* se projeta no vínculo entre a identidade e as perspectivas a se realizar, entre razão e moral. O *ethos*, funcionando como mediação, orienta as opções, os meios; delimita e discerne as ações e as condições sociais que são criadas.."

É com o processo social desse *ethos* que os tiroleses reafirmam a coesão do grupo, a sua organização frente ao trabalho agrícola, a religiosidade, enfim, criam estratégias para obterem um enclave, um *paraíso tirolês terrestre*, uma identidade na perspectiva moral, religiosa de um *ethos de imigrantes (e descendentes) tiroleses.*

1.2.2. A Fazenda de Santa Olímpia – 1892.

A vida das famílias tirolesas parece sempre ter seguido o modelo patriarcal, cabendo ao filho mais velho a função de chefe. O patriarca das famílias de Santa Olímpia era Jacob Correr, casado com Rosa Pompermayer e tinham onze filhos. Eles eram natural de uma pequena aldeia chamada Romagnano, próximo à cidade de Trento, da antiga Áustria. Jacob Correr e sua família

trabalhavam na Europa, antes da emigração ao Brasil, como meeiros na fazenda de um Conde chamado Pompeati, grande latifundiário daquele local. No ano de 1893, quando o patriarca compra a fazenda, os seus filhos (as) já estavam casados, e alguns já possuíam filhos maiores de idade.

A área da fazenda de Santa Olímpia era cento e oitenta alqueires, sendo partilhada por dez sócios: Virgilio Correr e Luiz Correr, filhos de Jacob Correr, Vergílio Stenico, Simão Stenico, Dionísio Degaspari, José Cristofoletti (genros de Jacob Correr); José Brunelli e Clemente Cristofoletti (netos de Jacob Correr); e José Forti que era um primo irmão da família de Jacob Correr.

Segundo Degaspari (1982) as benfeitorias da fazenda Santa Olímpia eram paupérrimas. Havia apenas casas de taipa, de trinta a quarenta metros, que foram usadas pelos escravos negros na época da escravidão. Foram nessas mesmas casas que os imigrantes e seus filhos se abrigaram nos primeiros anos naquela fazenda. Na fazenda de Santa Olímpia havia muitos terrenos,[69] que eram utilizados na secagem de café colhido, um grande barracão onde estava a máquina para o beneficiamento do café.

> "Foi naquele mesmo barracão que nosso avô Jacob mandou levantar um altar para nele colocar a Imagem de Nossa Senhora. E todas as tardes ali se reuniam para rezarem junto o terço, implorando a proteção da Virgem. E assim unidos, começaram corajosamente o trabalho, enfrentando dificuldades para poder saldar as dívidas que tinham contraído na compra desta boa fazenda".
>
> Degaspari (1982)

Segundo os entrevistados e os manuscritos de Degaspari o solo era fértil, o cafezal compreendia uma quarta parte da fazenda e ali estava a esperança de todos, isto é, acreditavam que nas próximas colheitas de café, ganhariam muito dinheiro, a fim de saldar as dívidas de compra da fazenda. Havia muitas frutas como: laranja, limas, pêssegos, ameixas e muitas outras como também um cercado de mais ou menos cinco alqueires para a criação de suínos. Um cano

[69] Nos manuscritos de Degaspari e nos relatos orais eles se referem à palavra *terreiro* para designar terrenos grandes.

de duas polegadas jorrava água e servia também para abastecer a caldeira que acionava a máquina de beneficiar o café.

> *"Esta água, ainda hoje continua a jorrar da encosta do morro, que os tiroleses chamam de "crós", que indica a rocha de onde nasce a água."* [70]

Fig. 4 - Um casal de Santa Olímpia - Na foto, a mulher é Maria Degaspari Cristofoletti casada com Benjamin Cristofoletti, ele nascido no Sul do Tirol austríaco no final do século XIX. Ela nascida em Santa Olímpia, Piracicaba - SP. Este era o traje de festa para irem as missas aos domingos. Nota-se a pose da mulher no ventre: símbolo da maternidade. Foto em estúdio - década de 1920.

Havia também uma serraria que foi utilizada para preparar a madeira empregada na construção das casas. Segundo os nossos informantes e consultando os manuscritos dos membros da comunidade, todos afirmam que "*a maior parte da fazenda era coberta de mata virgem*" [71]. É

[70] Cf. Francisco Degaspari, 1982.
[71] Informações obtidas nos relatos orais de informantes das primeiras gerações e dos manuscritos de F. Degaspari (1982).

interessante ressaltar que a *"mata virgem"* é de suma importância no imaginário, desse grupo, pois tem um sentido implícito de serem os pioneiros[72] daquele lugar, além de reforçarem numa imagem mental a imensidão da mata, dos animais que encontravam nesse meio, como também da falta de igreja, de cavalos, de médicos, de escolas, as dificuldades financeiras, a distância do lugarejo ao centro da cidade de Piracicaba, enfim, *"a fazenda coberta de mata virgem"* pode mostrar o cotidiano da vida daqueles imigrantes tiroleses e de seus descendentes que nasceram nos bairros de Santa Olímpia e Santana e da fazenda Negri, no começo do século XX.

Portanto, o espaço, o local, a paisagem, os caminhos, as estradas que os levavam para as plantações de arroz, feijão, cana-de-açúcar, algodão e de outras policulturas são rememoradas, lembradas por lavradores aposentados e nesse sentido ganham significado, uma vez que o vínculo do trabalho na roça, na terra com aqueles lavradores, e destes com seus avós, bisavós faz o passado se tornar presente.

Jacob Correr, seus filhos e genros tiveram muitas dificuldades e problemas para que a fazenda de Santa Olímpia pudesse pertencer a eles definitivamente. Existem várias versões[73] sobre a compra e a forma de pagamento dessa fazenda. Entretanto, citaremos apenas uma, a de Grosselli (1991, p.379) por julgarmos a mais viável: "o primeiro contrato de compra não foi encontrado e fontes diferentes dão dimensões diversas daquela terra. A este propósito referimos quanto foi lembrado pelos habitantes de Santa Olímpia. Afirmam estes que seus pais precisaram pagar a fazenda por três vezes. Pagaram-na uma primeira vez aos antigos proprietários sem subscrever nenhuma passagem de propriedade (coisa muito freqüente naquela época – 1892). Quando o antigo proprietário faleceu, os herdeiros quiseram um novo pagamento. Em 19 de novembro de 1895, havia como segundo contraente, a viúva de João Baptista Pinto de Almeida. Um terceiro pagamento, conforme os herdeiros daqueles lavradores, foi efetuado quando estes notaram que a propriedade estava presa a hipoteca. A partir daqueles anos a fazenda Santa

---

[72] Sabemos que o lugarejo habitado pelos imigrantes tiroleses no final do século XIX, em Piracicaba, já tinha sido habitada por outras famílias, por muitos escravos negros e eles não foram os desbravadores e tampouco os pioneiros daquele local, entretanto, o fato de fundarem a comunidade tirolo-trentina, lhes dá *"o direito de serem os desbravadores do local"*, segundo os nossos informantes.

[73] Outras versões a respeito das compras das fazendas de Santa Olímpia e Santana e das formas de pagamentos já foram tratadas na dissertação de mestrado em Lingüística de Maria Luísa de Almeida Leme. Intitulada*: "A linguagem da comunidade tirolesa-trentina da cidade de Piracicaba - SP"*. IEL/ UNICAMP - 1994.

Olímpia foi popularmente conhecida como ‘Banco’, isto é, crédito ao qual os lavradores tiroleses precisaram supostamente pagar o dinheiro para tirar a hipoteca que pesa sobre as terras."

Segundo os nossos informantes, aqueles lavradores tiroleses levaram anos e anos para saldar suas dívidas. Além disso, foram roubados e enganados pelos fazendeiros brasileiros que tinham propriedades nos limites da fazenda Santa Olímpia.

> "Todo sofrimento e tristeza que ocorriam nas famílias, seja ela financeira, ou causada por enfermidade, ou qualquer outro tipo de infelicidade, tudo era superado nas orações que faziam a Deus e a Nossa Senhora: “Todos estavam transtornados por ter que pagar a fazenda novamente. Mas, visto que jamais perderam a esperança, e sempre confiaram em Deus e na Virgem Maria, enfrentaram também esta situação difícil. E Deus, que não abandona o homem que implora sua infinita misericórdia, interveio nesta hora, através de uma pessoa amiga, o Sr. Luís Negri que, ao saber do ocorrido, veio em auxílio deles, oferecendo um empréstimo para saldar a dívida da hipoteca. Com muito prazer aceitaram a oferta. A partir de então, ficaram devendo a quantia ao Sr. Luís Negri”.
>
> Degaspari (1982)

A esperança daqueles tiroleses era que com a venda de café eles pudessem pagar a dívida com Luís Negri. Mas infelizmente o café, no início do século XX, perdera seu valor e ninguém mais comprava, a não ser por um preço bastante baixo.

Angustiados por não conseguirem vender o café, na quantia que desejavam, sabendo-se, que também os cereais tinham pouco valor e os juros do dinheiro emprestado do Sr. Negri cresciam rapidamente, resolveram fazer uma oferta a ele, dando a terça parte da fazenda como pagamento da dívida. Sr. Negri aceitou tal proposta, e com isso a fazenda de Santa Olímpia passou a ter apenas 120 alqueires, que até hoje são conservados pela família.

> “Tendo entregado a terça parte da fazenda ao Sr. Luís Negri, e percebendo que as famílias se tinham tornado numerosas, sentiram-se obrigados a dividir a fazenda e a trabalhar cada um por si. Contrataram um engenheiro.

> Nesta partilha coube a cada sócio a quantia de 12 alqueires. Embora cada sócio lavrasse agora sua porção de terra, juntamente com seus filhos, todos continuaram bastante unidos".
>
> (cf. Degaspari, 1982)

1.2.3. A Fazenda de Sant'Anna – 1893

As famílias de Bortolo e Giovanni Vitti eram originárias de Cortesano – Vigo – Meano, e de Francisco Forti, de Cortesano, do antigo Tirol austríaco. Terminado o contrato da Fazenda Sete Quedas dirigiram-se, no ano de 1887, à cidade de Rio Claro e tornaram-se proprietárias de uma fazenda com o nome de Rio Cabeça.

> "Al Bortolo e ai so do fradei la gh' è tocada come ad Abramo e a Lot: Le famiglie crescevan, e el töch de terra l'era sempre stess. Per quest no i ghe stevo pu dent. E dopo, no bisogn desmentergase ch'ei so fiöi avevan scomment che g'averia pù matelotti. N'na si, n'na no, nelle ca dei trei, ogni tant, na festa de nozze. Quande se l'han scorgesta, ei deva dent a bambini da per tut."[74]
>
> (Vitti, 1977)

Após cinco anos, depois de paga a compra do sítio, acharam melhor repartir as terras da fazenda Rio Cabeça, em Rio Claro – SP. Assim cada um teria a sua plantação e seus animais. Bortolo Vitti ofereceu a sua parte ao seu irmão Giovanni Vitti, porque segundo Vitti (1977), ele desejava comprar terras em Piracicaba, de preferência perto dos outros tiroleses:

> "Ascoltame, fradei... A me ca son molti. Comprà la me part e mi vago a cercarme n'altro posto. Narò a cercar terre via arrent ai tirolesi di Piracicaba. Ho savest dal Vergilio Stenico, che rent a lori, gh' è na bona fazenda... No sariel meio cosi?" [75]
>
> (Vitti, 1977)

---

[74] [Ao Bortolo e a seus dois irmãos sucedeu o mesmo que a Abraão e a Lot: as famílias cresciam e o tamanho do sítio era sempre o mesmo. Já não cabiam todos. Além disso, as famílias de seus filhos aumentavam sem cessar. Volta e meia, uma festa de casamento, seguida de batizados.]

[75] [Ouça irmão... A minha descendência é grande... Compre a minha parte e eu vou procurar ou lugar. Procurarei terras perto dos tiroleses de Piracicaba. Soube pelo Virgílio Stenico, que, perto de sua fazenda há uma outra muito boa... Não seria melhor assim?].

Segundo Vitti (1977) naquela mesma tarde apareceu um homem chamado Ricardo de Menezes, ele era o administrador da fazenda Sant'Anna, a qual ficava perto daqueles outros tiroleses que tinham adquirido a fazenda de Santa Olímpia. O Barão de Serra Negra[76], proprietário da fazenda de Sant'Anna ficou sabendo do interesse dos tiroleses por sua fazenda e mandou seu administrador fazer o negócio.

Depois de verificarem a fazenda, levantarem o total em dinheiro para dar entrada na compra daquelas terras, fecharam o negócio. O Barão de Serra Negra pediu cem contos, que podiam ser pagos com as colheitas de café de cada ano, dando de entrada dez contos na hora da escritura. Bortolo Vitti e Francisco Forti[77] compram a fazenda de Sant'Anna e no dia primeiro de agosto 1893, mudaram para lá com suas famílias inteiras, num total de quarenta pessoas. Somente Giovanni Vitti, que também já era avó e possuía uma grande descendência, permaneceu na fazenda Rio Cabeça[78].

> "Sul car tirà da böi, con la mudanza, Bortolo pensava sù ai so do fradei che aveva lascià via a Rio Claro. Starien bem?... Saverieie farsela da soli?... (...)/ En quanti sarente?... Trenta... Quarenta.../ Dio bono. Dei deze fiöi, ancor quattro da maridar... Varda lí come son grandi, oramai, quei dell' Angelo!... E quel baghega dal capellet da ua, no el, forsi, el Bepi, del Giorgio?...(...) L'ultim toch de strada vögo farlo camminant.(...) Avergi bem la portella... (...) che casona bella!..."[79]
>
> (Vitti, 1977)

[76] Barão de Serra Negra - Francisco José da Conceição, nasceu em Piracicaba no ano de 1824 e faleceu em 02 de outubro de 1900. Foi político influente em Piracicaba, grande proprietário fazendeiro. Foi conferido a ele o título de Barão de Serra Negra por D. Pedro II, Imperador do Brasil, por ter se dedicado à política do antigo Partido Conservador. Ele era o antigo proprietário da fazenda de Sant'Anna.

[77] Segundo Vitti (1993): "no dia 1º de agosto de 1893 compra di società la fazenda Santa. Anna, Ângelo Vitti, e Fratelli entrati con denari réis (sete mil réis – 7.000$000) e Francisco Forti entro con denari réis (três mil reis – 3.000$000).

[78] Anos mais tarde venderam o sítio rio Cabeça, e os tiroleses de Rio Claro se espalharam pela cidade, não dando continuidade à tradição e aos costumes tiroleses como ocorreu com os de Piracicaba.

[79] [Sendo no assento da carroça que transportava a mudança, Bortolo estava pensando no irmão que tinha deixado em Rio Claro. Estaria bem? Saberia dirigir sozinho (a fazenda)... (...) quantas pessoas seriam? ... Trinta... quarenta... Deus do céu. E ainda havia quatro solteiros... Veja como já são grandes os filhos do Ângelo... E aquele pequenininho, com um chapeuzinho de pano, não é o filho de José, do Jorge? (...) Se Deus quiser, está será a última caminhada! (...) Abra bem a porteira... (...) Um palácio!...]

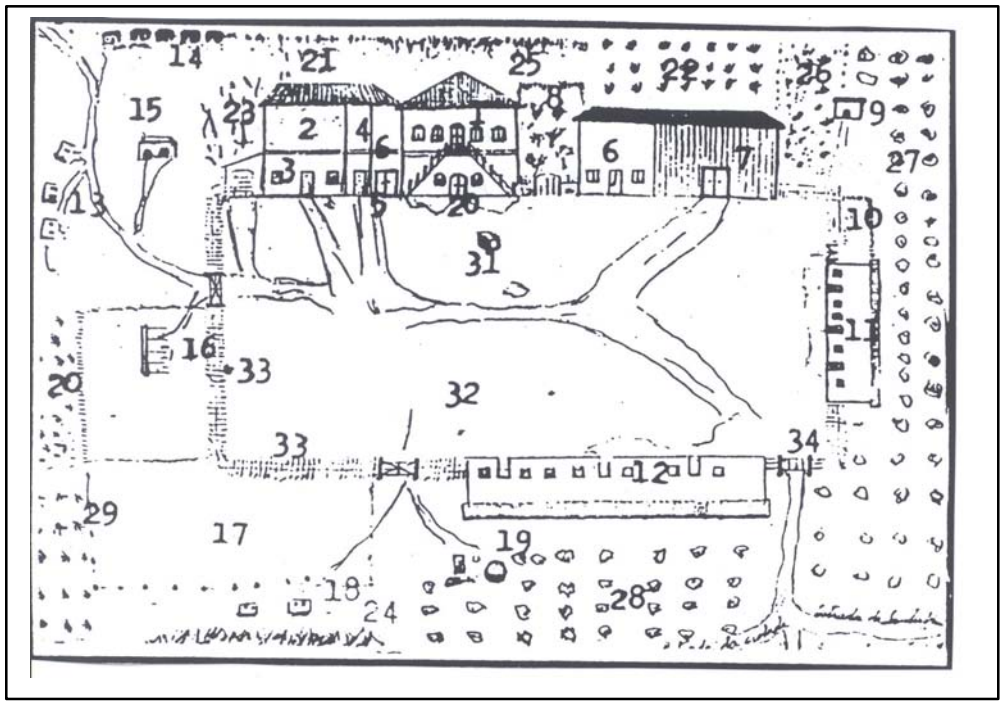

Fig. 05 - Planta da antiga fazenda de Sant'Anna[80] - 1893 (Planta desenhada por José Vitti Jorge, apud Vitti, 1993, p. 08).

Nas terras de Sant'Anna, na época da compra, havia muitas matas virgens, lenha em abundância, água em todos os vales, muitas plantações de café, uma casa grande, sobradada, com muitos cômodos. Perto dela existia a grande tulha para guardar o café, o arroz, o feijão e qualquer outro produto colhido. Havia também a casa das máquinas para beneficiar o café e o arroz e também o moinho de fubá.

Num total de 350 alqueires encontrava-se também muita casa de pau-a-pique, quase todas localizadas em volta da praça, ficando a casa grande num canto dela. Toda a área era fechada por uma cerca, dando passagem a uma grande porteira. As famílias se acomodaram nas casas de pau-a-pique e ao anoitecer, segundo Vitti, rezaram o terço a Virgem Maria em agradecimento ao negócio realizado. É interessante notar que nos manuscritos de Vitti (1977) e de Degaspari (1982) eles tinham a sensação de estar no Tirol, devido as montanhas, os vales, as florestas (matas virgens) das fazendas de Santa Olímpia e de Sant'Anna.

---

[80] Legenda da Planta: 1) casa grande do Barão de Serra Negra; 2) tulha do café; 3) Beneficiador do café; 4) maquinaria; 5) entrada para os terreiros atrás da casa; 6) casa do administrador; 7) paiol de milho; 8) pomar; 9) caixa d'água; 10) quintal; 11, 12, 13, 14 e 18) casas de colonos; 15) Olaria; 16) chiqueirão; 17) pasto; 19)poço e tanque; 20, 21e 22) roças; 23, 24 e 25 matos; 26) pomar; 27, 28 e 29) cafezais; 30) dormitórios de escravos;32) pátios dos mesmos; 31) pedra-cepo; 33) cerca de pau-a-pique; 34) porteira da fazenda.

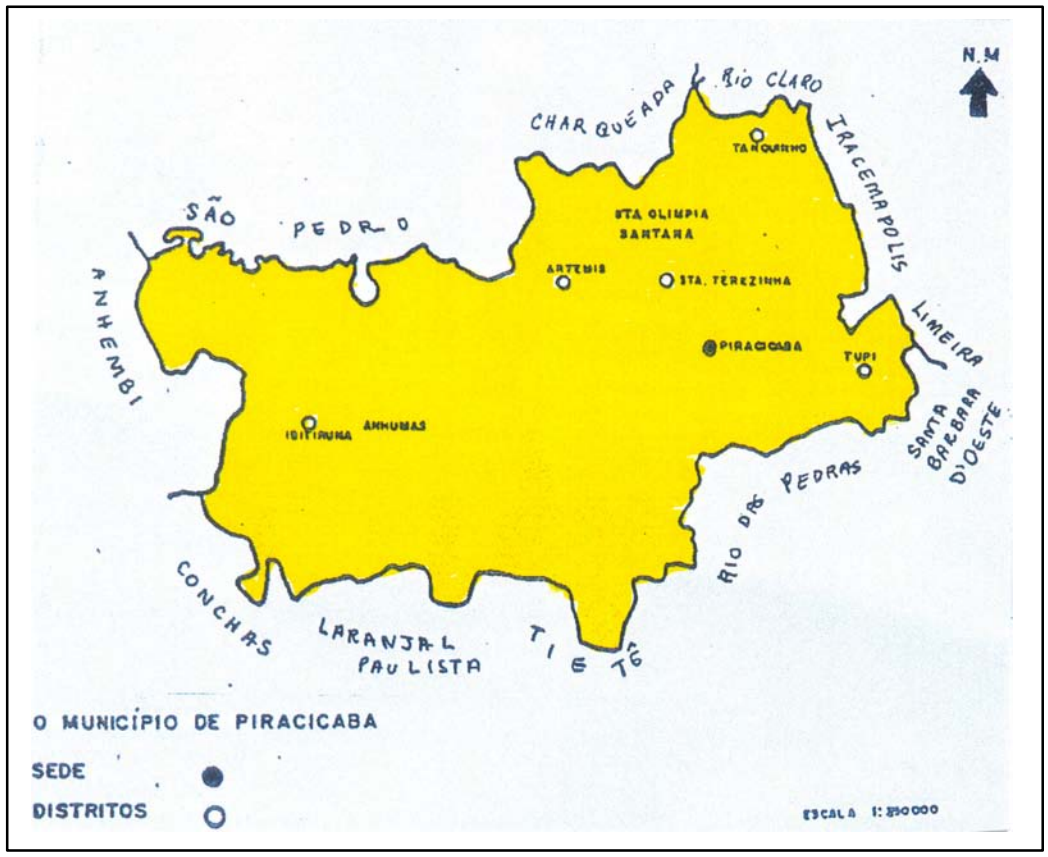

Fig. 06 - Mapa de Piracicaba - Localização dos bairros de Santana e Santa Olímpia. (Fonte: Prefeitura Municipal de Piracicaba)

Desde o ano de 1892, o patriarca de Santa Olímpia, Sr. Jacob Correr, já tinha uma descendência numerosa. Na década de 1930 eram, aproximadamente, quarenta pequenos proprietários, significando quarenta famílias com grande número de filhos, em torno de dez a quinze.

1.2.4. Estratégias para a formação do enclave tirolo-trentino

É interessante dizer que, no início da década de vinte havia imigrantes de outras nacionalidades morando nos arredores daquelas fazendas tirolesas. Os lugarejos, os quais havia somente sítios, recebiam o nome de Colônia do Beijo, Limoeiro, Mangueirinha, Chave Torquato, Boavinha, Caiapiá, Santa Lídia e outros. Atualmente, esses lugares se transformaram em bairros, mas nenhum daqueles imigrantes formou um enclave como ocorreu com os tiroleses.

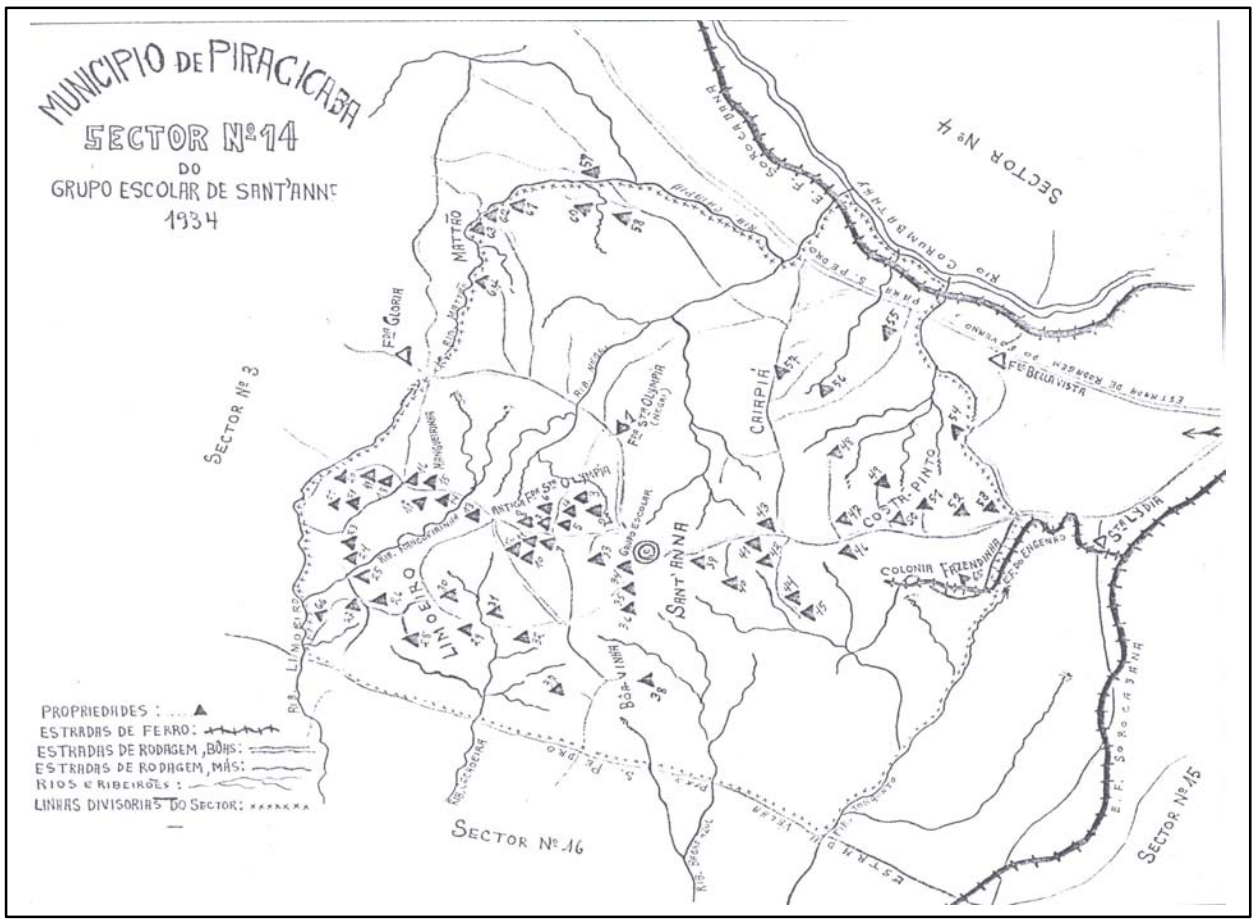

Fig. 07 - Localização de várias fazendas ao redor daquelas dos tiroleses. Atualmente esses lugarejos transformaram-se em bairros com o mesmo nome. (Fonte: documentos da E.E."Dr. Samuel de Castro Neves" - recenseamento agrícola zootécnico do ano de 1934).

Os imigrantes moravam com suas famílias nessas localidades, e alguns deles residiam nas fazendas de Santana, Santa Olímpia e Fazenda Negri, propriedades dos tiroleses, geralmente contratados como seus colonos ou camaradas[81]. Havia trinta famílias de italianos, dezenove famílias de espanhóis, dezessete famílias brasileiras, uma família de alemão, uma de sírio, uma de alemão, sendo que a população maior era a dos tiroleses. (cf. anexo 1 – sobrenome dos chefes de famílias e suas nacionalidades).

Portanto, aquela localidade era quase que uma *colônia de várias nacionalidades* com predominância tirolesa. No início da década de quarenta, as famílias não-tirolesas, foram, aos poucos, se mudando para outras regiões de Piracicaba. Há relatos[82] na comunidade, de que alguns

[81] Camarada foi um termo utilizado por eles até a década de 40, aproximadamente. Tratava-se de empregados daqueles lavradores tiroleses. O termo jamais foi utilizado na comunidade como uma conotação política para designar um adepto ortodoxo do bolchevismo de 1918, e tampouco como sinônimo pejorativo de comunista.

[82] Alguns informantes de Santa Olímpia nos relataram sobre a expulsão implícita de algumas famílias de espanhóis porque não eram religiosos católicos. Outros informantes (de Santana e de Santa Olímpia) nos relataram que tal fato jamais aconteceu dentro da comunidade e afirmam que se houve as saídas dos espanhóis e de outras nacionalidades que lá viviam, foi porque as próprias famílias deixaram as terras dos tiroleses em busca de empregos promissores.

tiroleses, na década de trinta, pressionaram algumas famílias de espanhóis para *deixarem as terras dos tiroleses* devido a falta de religiosidade deles. Sendo que no final de 1940, havia somente famílias tirolesas na comunidade. Este é um fator a ser considerado, pois, permite-nos, mais uma vez, crer que a intenção daqueles imigrantes e seus descendentes eram realmente fazer daquela região um *locus tirolês*, pois perante suas regras, a religiosidade era considerada uma das mais importantes, e as pessoas que não fossem fervorosos como eles, não suportariam as pressões e deixariam a região como relataram nossos informantes. Era realmente uma estratégia da comunidade, para se ter um local somente deles - o dos tiroleses.

Por volta de 1936, aproximadamente, começaram a sair as primeiras famílias do enclave tirolês, mudando para a cidade de Piracicaba. Os primeiros a saírem foram os Brunellis. Atualmente há apenas uma família Brunelli em Santa Olímpia. Assim aconteceu com os Cristofolettis, que eram famílias imensas e hoje são bem poucas que vivem no Bairro de Santa Olímpia.

A família Negri continua morando em sua fazenda, havendo um total de dez famílias que vivem lá, embora muitos dos Negris se mudaram para Piracicaba ou outras cidades. Quanto aos membros de Santana, antiga fazenda de Sant'Anna, ocorreu o mesmo processo: os Fortis e os Vittis, que foram os fundadores, na década de 40, alguns se mudaram para Piracicaba, a fim de tentarem uma vida melhor, isto é, sair do trabalho árduo da lavoura.

Desde o final da década de 30 do século XX havia as saídas de algumas famílias descendentes tirolesas que se mudavam para as cidades, seja de Piracicaba, de São Pedro ou arredores, onde acreditavam que podiam ter ascensão social. Essa iniciativa pode ser analisada pela seguinte perspectiva: a crença de que o espaço urbano poderia trazer-lhes a ascensão financeira e /ou social do indivíduo, além disso, a violação de certas regras (ou dogmas) contribuía para deixarem o enclave, pois a aceitação do indivíduo e das famílias sobre as regras da comunidade fazia parte das próprias *estratégias de lutas pelo campo* (Bourdieu, 1983), como forma de manutenção do *enclave tirolo-trentino* em Piracicaba. A permanência no grupo lhes obrigava a ser lavradores, a continuarem no trabalho árduo da terra, da plantação, da colheita ou

---

Não sabemos ao certo se houve ou não alguma forma de pressão dos imigrantes tiroleses em relação às famílias não-tirolesas, porém, podemos afirmar que na década de 40, os dois bairros em estudo, torna-se, exclusivamente, de descendentes tiroleses.

ir ao seminário ou conventos religiosos para se tornarem padres, freis ou freiras. Mesmo que saíssem para estudar nos conventos ou seminários religiosos, isto significava estar dentro das regras e dogmas do grupo, pois, estavam obedecendo aos seus pais, agradando a Deus, e, sobretudo trazendo *status* aos familiares.

Portanto, aquele que não desejasse ser lavrador ou religioso, e quisesse estudar ou trabalhar fora da comunidade, antes do final da década de 60, sem dúvida, deveria se retirar do grupo, pois não fazia parte do *habitus* daquele povo. Isto significa dizer que se criava uma "crise de identidade", no sentido etimológico da palavra, não havendo similitude perfeita entre aqueles que pudessem pensar diferente em relação ao grupo como um todo. Dessa forma, a solução era deixar o enclave e partir individualmente ou com toda a família (o que era mais comum entre os descendentes tiroleses) para a zona urbana ou qualquer outra região da redondeza que ficasse fora do espaço geográfico ou dos limites que estabelecesse o *território tirolês* em Piracicaba.

Havia, sem dúvida, uma estratégia forte dos líderes dos descendentes tiroleses em estruturar os dois bairros, mesmo com pequenas diferenças entre traços fonológicos e lexicais do dialeto trazido pelos imigrantes, e alguns costumes que faziam um bairro divergir do outro, como, por exemplo, a existência de uma banda em Santana e de um teatro em Santa Olímpia. Num, a arte musical e no outro, a arte cênica. Havia certas diferenças que popularmente ficaram conhecidas como as *rixas*[83] entre os bairros tiroleses, porém, elas podem ser consideradas como estratégias que reforçavam ainda mais o *ethos de camponeses e descendentes tiroleses*. É uma luta de campo numa ação *estruturante* que reforça o enclave marcando suas diferenças com os de fora da comunidade, isto é, daqueles que não são descendentes de origem ou daqueles que negam submeter-se às regras da comunidade como um todo. Estes últimos acabam sendo vistos, também, como *não-descendentes* do grupo de origem, por isso é necessário excluí-los. Sendo evidente que o trabalho da terra, a lavoura e a família acabam sendo categorias que estão implícitas nas representações dos próprios camponeses/ lavradores/ agricultores do enclave tirolo-trentino.

De fato, o ato de sair da comunidade muitas vezes era visto como uma estratégia de fortalecimento do próprio grupo (cf. Woortmann, 1995) porque muitos membros já não concordavam com os dogmas e regras estabelecidas pelos líderes da comunidade, e acabavam tomando outra direção: mudando de lugar, saindo do grupo. Ocorria uma expulsão implícita - não

[83] É preciso dizer que a palavra "rixa" ou "competição, entre os bairros tiroleses não passam de estratégias de fortalecimento num todo, e não como algo que seja entendido no sentido etimológico da palavra "rixa".

declarada – para com aqueles que não concordavam com as normas. Dessa forma, realiza-se o fortalecimento do grupo, como estratégia organizacional já pré-estabelecida pelos líderes. É na verdade, uma organização interna que estabelece a reprodução social. Concordamos com Tedesco (1998, p.59) quando também afirma em suas pesquisas que: "a interpretação do espírito insatisfeito" (daqueles que saíram) justifica e ideologiza etnicamente os espaços de desenvolvimento econômico. E, sem dúvida, reafirmam as relações familiares daqueles que permanecem numa certa homogeneidade cultural e social pré-estabelecida. Desse jeito, consolida, preserva os costumes, a língua, os *habitus,* as regras detentoras do que é o certo e o errado nos núcleos familiares fortalecendo o patrimônio cultural como sendo o *habitus dos descendentes tiroleses*. Contudo, o maior êxodo rural ocorrerá na década de setenta, como veremos mais adiante, porém será uma forma de sobrevivência e de ascensão social, e não mais como forma de expurgo dos membros da comunidade que negam a origem.

1.2.5. O espaço e a arquitetura como *habitus*

Pode-se dizer que a comunidade se manteve no seu estilo próprio de ruas e estradas de terra, com exceção da estrada vicinal que foi asfaltada em 1996, pois este era um pedido muito antigo dos membros da comunidade devido a grande poeira que se levantava em tempos de seca.

Na época da fundação dos bairros, as casas eram *"de pau-a-pique*[84] *e de barrote*[85]", sendo que o *"chão era de terra batida"*, isto é, o chão não era cimentado ou construído com madeiras, era somente terra, e por isso precisavam bater ou socar o chão de terra para a poeira não levantar, daí o nome: *"chão de terra batida"*. Segundo os nossos informantes, em tempos de seca era preciso jogar água por causa do pó levantado. As casas eram feitas de madeira ou ferro. Não havia banheiro, luz elétrica e tampouco água encanada. A iluminação à noite era com a luz da lua ou das lamparinas, e a água era proveniente das nascentes, dos poços d'água.

[84] "Pau-a-pique" é uma espécie de engradamento de madeira ou varas perpendiculares e eqüidistantes, usada como cerca, divisória ou como um tipo de parede de taipa.
[85] Viga de madeira utilizada para assoalhos e tetos.

Segundo manuscritos de Vitti (1977) no final do século XIX, os tiroleses de Santana montaram uma olaria para as construções de suas casas, principalmente para o casarão de Santana, onde funcionava a sede da fazenda Sant'Anna.

A primeira casa construída de tijolo em Santa Olímpia foi o casarão de Maria Stenico em 1926. Com o passar dos tempos aquelas rústicas casas foram derrubadas, reconstruídas ou reformadas e tornaram-se casas lindas, com terraços enormes nas varandas. Algumas têm pequenos pilares cercando as casas bem ao estilo de casas de campo.

Até a década de 70, o banheiro era construído separadamente do dormitório, da cozinha e da sala-de-estar, sendo considerado um lugar que deveria permanecer longe de onde se cozinhasse, dormisse ou se reunisse com a família para rezar ou conversar. É interessante notar que essa idéia de ter o banheiro fora de casa é também uma característica dos italianos e alemães pesquisados por Seyferth (1990) em Santa Catarina.

Somente na década de 1970, segundo os informantes, é que se iniciam as construções dos banheiros com chuveiro e água quente dentro de casa. Conta-se que os mais velhos, os *nonos*, ficaram indignados com os mais jovens quando começaram a construir seus banheiros dentro de suas casas. Eles não entendiam como algo *"tão sujo"* podia fazer parte de sua morada.

Fig. 08 - Casa da antiga fazenda Sant'Anna - Foto da década de 1930.

A cozinha é algo importante dentro dessa comunidade, tudo e todos sempre estão dentro da cozinha para conversarem ou prepararem algum alimento. Muitas das entrevistas com as

informantes[86], ocorreram na cozinha, sentada ao redor da mesa com outras mulheres descendentes tirolesas, ou em pé porque a dona da casa estava preparando o pão, *o crauti (Kraut*) ou fritando uma espécie de massas (*Beignets*) para o lanche da tarde destinado as crianças. A cozinha é o lugar de muito movimento, onde a circulação das crianças, das mulheres (donas-de-casa), dos velhos (*nonos e nonas*), dos animais (gato, cachorro) é freqüente. É o espaço central da casa dos tiroleses de Piracicaba, enquanto a sala é um lugar mais reservado para assistirem televisão, conversarem e rezarem o terço, tradição que continua até hoje. É na sala que se encontra maior número de quadros relacionados à religiosidade da fé cristã: quadro do Papa João Paulo II, atual Papa da Igreja Católica; da Sagrada Família; ou de algum santo que eles considerem seus padroeiros ou devotos. Cozinha e sala são, também, espaços diferenciados da condição gênero e como tal são reveladores da existência de espaços próprios[87].

[86] As mulheres sempre estão de aventais, mesmo quando deixam de cozinhar. Sabe-se que o avental é o símbolo da autoridade feminina no espaço doméstico, como bem define Woortmann, E. (1995, p.179).
[87] É interessante notar que as mulheres geralmente me recebiam na cozinha para as entrevistas, enquanto os homens sempre me concederam as entrevistas na sala, quase nunca na cozinha.

2. O ENCLAVE TIROLO-TRENTINO DE PIRACICABA: A VIDA EM COMUNIDADE

> "A lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras. 'Aqui era uma padaria', 'Ali morava Mere Dupuis'. O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presença de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: 'aqui vocês vêem, aqui havia...' mas isto não se vê mais. Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constituem a própria definição do lugar, com efeito, ser esta série de deslocamento e de efeitos entre os extratos partilhados que o compõem e jogar com essas espessuras em movimento."
>
> Michel de Certeau. [88]

Como vimos, aqueles imigrantes tiroleses encontraram sofrimentos e muitas dificuldades: a despedida do local de origem, a viagem precária, as desilusões das promessas mirabolantes que os fazendeiros brasileiros divulgavam na Europa setentrional, pois as escolas e os estudos não existiam para os filhos de imigrantes, o trabalho nas lavouras era ao lado dos escravos negros, e eles mesmos viviam quase que, também, na condição de escravos. Porém, era da religiosidade que eles mais sentiam falta. No 1892 e 1893, com as compras das fazendas em Piracicaba, eles fundam a comunidade tirolesa e edificam uma capela em cada bairro, somente dessa forma encontram consolo e conforto para as tribulações do cotidiano.

Como comentamos no capítulo anterior, a Igreja era a instituição que por quase oito séculos (1004 a 1803) fez parte integrante da sociedade camponesa, de onde os ascendentes do grupo em estudo eram originários. A religião funcionava, principalmente como princípio que regulava os comportamentos daqueles que faziam parte dessa sociedade. É interessante ressaltar que regulava e controlava não apenas em sua ordem religiosa, mas também, as famílias para que todos sempre estivessem a caminho das virtudes, da Santidade e que os atos das pessoas, sobretudo das mulheres e crianças fossem espelhados em Maria Santíssima, mãe de Deus. Sem

[88] Certeau, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Vol. 1, Petrópolis: Editora Vozes, 1996. P. 189.

dúvida, as famílias eram preparadas segundo a doutrina escatológica, vivificando uma sociedade teocrática, semelhante à de suas aldeias camponesas, no antigo Tirol austríaco.

Entretanto, apesar de os imigrantes transportarem os valores da Europa para o Brasil, construíram um *locus tirolês* em Piracicaba, o qual permitiu dar continuidade de mundo religioso em território brasileiro. Mesmo com a falta dos padres que havia naquela época, a primeira atitude desses imigrantes, quando fundaram os bairros nos anos de 1892 e 1893, foi providenciar barracões (um em cada bairro) para erigir um altar e assim rezarem, segundo os preceitos da doutrina Católica Apostólica Romana. Dessa forma, as próprias famílias se organizavam para expressar a sua fé religiosa e o fizeram através das rezas, do terço, das orações, dos cantos, das construções de capelas, enfim, de atitudes que, no imaginário daquele povo, pudessem estar agradando, adorando a Deus e venerando Maria Santíssima.

2.1. A vida em comunidade

2.1.1. A influencia dos freis capuchinhos

No final do século XIX e inicio do XX havia falta de padres que pudessem ficar junto às fazendas, sítios, enfim, na zona rural, sendo o conselheiro espiritual das famílias. Entretanto, no ano de 1887 e 1888, o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, durante uma viagem pela Europa, solicitou ao Papa Leão XIII para enviar missionários da Ordem dos Capuchinhos com o propósito de catequizar os índios em São Paulo (cf. frei Berto, 1986).

De acordo com Grosselli (1991), algumas fontes afirmam que essa Ordem religiosa, tão rigorosa, era a única capaz de moralizar os brasileiros e catequizar os índios. Certos documentos afirmam a necessidade da fundação da missão trentina no Brasil, como *"Fundação Religiosa no Império"* e outros que mostram a importância da missão trentina para a formação de noviciados, missionários para os índios. Portanto, segundo frei Berto (1986), Grosselli (1991) a Ordem dos freis Capuchinhos tridentinos teria muitas funções e atividades no Estado de São Paulo, sobretudo em São Paulo.

Os freis capuchinhos[89] atendendo o pedido do Imperador D. Pedro II chegaram ao Brasil em 1889. Alguns dos freis foram à cidade de São Paulo e outros para o interior, na cidade de Tietê. No ano seguinte, mais precisamente em 16 de abril de 1890 passaram a residir em Piracicaba. A partir dessa data iniciaram a evangelização nas paróquias e nas fazendas existentes em Piracicaba. No ano de 1928, os capuchinhos fundaram o Seminário Seráfico São Fidélis em Piracicaba, que anteriormente funcionava em Taubaté, o qual tinha sido criado em 5 de julho de 1896, sendo então, transferido para Piracicaba. Com a fundação do Seminário Seráfico São Fidelis, houve um grande aumento de freis de Trento (capuchinhos) que vieram em missão evangelizadora para a cidade de Piracicaba.

As comunidades de imigrantes italianos que havia na região de Piracicaba, inclusive de tiroleses em Piracicaba, foram as mais privilegiadas com a vinda de mais freis à região, porque poderiam ser visitados pelos freis, sem contar a grande afinidade, não somente religiosa, como também lingüística, pois os freis usavam os mesmo idioma deles: o dialeto trentino. Devido aos poucos religiosos daquela época e às dificuldades com transportes, os freis compareciam uma vez por mês nas zonas rurais para celebrarem as missas.

Fig. 09. .Momento histórico para a comunidade: A celebração da primeira missa do Padre Jacob Stenico, neto de Maria Stenico. Observa-se que o primeiro à direita de barba branca é o Frei Vito, capuchinho que atuou desde o início do século até o início da década de 60. Entre as duas colunas, ao centro, é o Padre Jacob, atrás dele está o Dr. Samuel de Castro Neves.(Foto - 16 de julho de 1944 - casarão de Maria Stenico).

[89] Grosselli (1991) faz todo o relato e o histórico sobre a vinda dos freis capuchinhos em São Paulo, sobretudo no interior - na cidade de Piracicaba - SP.

A maioria dos moradores da comunidade tirolesa de Piracicaba se lembra com carinho desses religiosos que visitavam a comunidade. Nessas lembranças são citados os nomes do Frei Vito, Frei Paulo, Frei Feliciano, e muitos outros. O mais rememorado, pelos moradores, foi o Frei Vito, que atuou na comunidade durante as décadas de 40, 50 e início de 60. A maioria dos Freis Capuchinhos naquela época era originária da Itália. Alguns deles pertenciam àqueles lugarejos do antigo Tirol Austríaco, portanto, o dialeto de tais Freis era muito parecido com o dialeto da comunidade. O Frei Vito era um desses freis, pois era de Martignano, uma região próxima do antigo Tirol austríaco, por isso os membros da comunidade se identificaram muito com ele. Segundo alguns moradores frei Vito se considerava mais austríaco que italiano, devido aos costumes e língua.

Ao longo dos anos as capelas foram reformadas e se transformaram em igrejas. Em 1913 inauguraram a Igreja em Santa Olímpia, e em 1929, em Santana. A construção das capelas se iniciou muitos anos antes das datas de inauguração, e os nossos informantes relataram que as construções foram feitas pelas mãos daqueles velhos imigrantes, dos *nonos* e *nonas*. A celebração da primeira missa, em Santana, foi realizada pelo Frei Felicíssimo, conforme relato de nossos informantes.

Os membros da comunidade guardavam rigorosamente as festas de santos, da padroeira e a do calendário litúrgico. Nesses dias, não se trabalhava e se festejava com procissões e festas. Os tiroleses de Piracicaba portam características muito parecidas com a dos italianos do Sul do Brasil e, em outros aspectos, com os dos alemães. Entretanto, quando se observa a religiosidade esta é bastante semelhante à dos italianos do Sul (cf. Battistel, 1981, p.44) no que se refere aos dias Santos e festas religiosas.

A Primeira Comunhão era o dia esperado com muita emoção e festividade por todas as crianças e pelos seus familiares. Aqueles que tinham condições financeiras melhores faziam um vestido ou um terno (calça e camisa) novo, costurado por suas mães ou avós. Até hoje, a Primeira Comunhão é uma celebração que marca com muita alegria e fé as crianças de dez ou onze anos que se preparam para recebê-la. Quanto às congregações, não há mais a dos Marianos ou a das filhas de Maria, e sim as pastorais. Isto se deve às próprias mudanças religiosas da Igreja Católica, que após a década de 80 favoreceu o predomínio das Pastorais.

A maior das festas, com exceção do Natal e Páscoa, era a da padroeira da igreja. Antes da celebração Eucarística havia as procissões, das quais todos participavam. As crianças, geralmente, iam a frente, as meninas vestiam-se com uma espécie de camisola comprida e asas para se parecerem com anjos, e as ruas eram enfeitadas com arcos de bambu e flores. Geralmente, a festa da padroeira realizava-se a noite. Se fosse a festa da padroeira de Santa Olímpia – Nossa Senhora da Conceição, os tiroleses de Santana saiam de suas casas por volta das 15 horas. Caminhavam mais de dois quilômetros cantando, rezando o terço nas estradas até chegarem em Santa Olímpia. Segundo os nossos informantes, aqueles que iam à comemoração da festa do bairro vizinho (no caso os moradores de Santana) iam cantando porque iam a pé, e essa trajetória (de um bairro ao outro) já era o inicio da procissão, que teria o maior ápice no lugar onde a padroeira (ou o santo) estive sendo venerada.

Na véspera do Natal, a mais importante de todas as celebrações, a festividade se concentra na religiosidade, na Celebração Eucarística, realizando-se uma missa bastante festiva em comemoração ao nascimento de Jesus Cristo. Depois da missa, todos vai para as casas de suas famílias saborear a típica comida tirolesa.

A Páscoa e a Semana Santa eram dias de muita oração e jejum, em que rezavam e faziam a via-sacra todas às noites na escadaria construída pelas primeiras gerações, no ano de 1948. As orações aconteciam frente à gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Eram dias de Vigília. Até hoje, há muito respeito, especialmente na Sexta-feira Santa, o dia do Cristo Morto.

As festas do calendário litúrgico eram rigorosamente observadas e muito semelhantes às dos italianos do Sul, como relata Battistel (1981, p.60): "o calendário litúrgico era rigorosamente observado no dia do santo, comportavam-se como se fosse Domingo. Se o Santo fosse padroeiro, então faziam a festa ou uma cerimônia especial. Cada Santo tinha poderes especiais para alcançar determinadas graças e proteger as pessoas : São Roque protegia contra as pestes e epidemias; São Valentim, contra o ataque epiléptico; Santa Bárbara livrava das intempéries; São Gonzaga protegia os jovens; Santo Antônio era invocado para achar coisas perdidas e para socorro em momentos difíceis; Santa Ana era protetora das mães e das parturientes, São Paulo era defensor contra as picadas de cobra (...)".

Portanto, qualquer festa litúrgica era muito comemorada com procissões e muitas orações. Outra festa bastante apreciada por eles, era o carnaval, quando de certa forma, pareciam se libertar

das próprias regras rígidas e severas vivificadas pelos freis capuchinhos, e, sobretudo, nos preceitos da religião católica, antes do Concílio Vaticano II.

Fig. 10 - Procissão em Santana. Observa-se na frente às crianças e nas laterais as meninas vestidas de anjinhos. Usavam uma faixa transversal por cima de suas roupas mostrando que pertenciam às cruzadinhas. Depois do cortejo vinham os adultos e outras crianças. As ruas eram enfeitadas com arcos de bambu e flores. Nota-se que algumas crianças caminhavam descalças por não terem sapatos. (Foto: Década de 50)

Fig. 11 - Vê-se na foto membros de Santana indo para Santa Olímpia. Eles estavam indo participar da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Santa Olímpia. Esta caminhada de dois quilômetros era o início de uma longa procissão. Todos cantavam e rezavam. (Foto: década de 50)

A banda de Santana sempre os acompanhava, e algumas pessoas, principalmente as crianças, iam descalças por não terem calçado ou por falta de hábito. Terminado o ritual católico, havia as festas em homenagem à padroeira, os comes-e-bebes, os leilões, entre outros entretenimentos próprios da época, como por, exemplo, as quermesses. Ao findar a festa acontecia o retorno às casas. Mais uma longa caminhada pelas estradas.

Atualmente as procissões são menos freqüentes que outrora, entretanto os membros de Santa Olímpia fizeram duas procissões com a participação de toda comunidade tirolesa no ano de 1982 e 1992, datas que marcam o centenário da vinda de algumas famílias[90]. Sendo que o ano de 1992 é considerado o centenário de fundação do bairro de Santa Olímpia pelos imigrantes tiroleses.

Fig. 12 - A banda de Santana estava indo para animar a procissão e depois aconteceria a festa em Santa Olímpia. Percebe-se que todos usavam terno porque era um dia especial. Eles caminhavam pelas estradas tocando suas músicas até chegarem em Santa Olímpia. (Foto: década de 40)

[90] As famílias homenageadas pelo centenário de vinda ao Brasil foram os Correr e os Degasparis, que imigraram no ano de 1882.

Fig. 13 - Os membros de Santa Olímpia fizeram uma procissão em homenagem ao centenário de vinda da família Correr ao Brasil. Percebem-se ao fundo grande quantidade de árvores, casas mais ao alto. A procissão foi realizada com os coroinhas, com trajes típicos, com muitas flâmulas, bandeira, andor e a frente a cruz. (Foto: 1982 – Santa Olímpia)

A vida religiosa dentro da comunidade sempre foi muito intensa, desde a sua fundação. Dela saíram, segundo os moradores, mais de setenta religiosos entre padres, freis e freiras. Há dois descendentes tiroleses, um de cada bairro, que hoje são bispos católicos e atuam fora da cidade de Piracicaba. Os descendentes tirolo-trentinos admiram e se orgulham dos bispos e de seus religiosos. Correr (1981:VI) cita os religiosos de sua família:

> "Da família de Jacó Correr e Rosa Pompermayer nasceram os seguintes religiosos: Pe. Isidoro e Irma Maria Elisa, filhos de Virgílio Stenico, netos de Jacó Correr. Pe. Lourenço, Pe. Lino, Pe. Gabriel e Pe. Marcelino, Irmã Germana e Irmão Benjamin Correr, filhos de Angelo Correr, neto de Vitório e bisneto de Jacó Correr. Irmã M. de São Paulo, Ir. Judite e Irmã Prisca filhas de Maria Stenico e netas de Jacó Correr. Pe. Jacó Stenico, filho de João, neto de Maria Stenico e bisneto de Jacó Correr. Pe. Augusto e Pe. Daniel, Irmã Neide, filhos Isaac, netos de Maria Correr. Pe. Frei Inácio, filho de Conrado, neto de Maria Stenico e bisneto de Jacó Correr. Irmãs Fortuna e Florentina, filhas de Vitório Correr e netas de Jacó Correr. Irmãs Zoí, Esperança e Josefa, filhas de Madalena Correr e netas de Jacó Correr. Pe. Romualdo e Pe. Misael filhos de Francisco Degaspari, netos de Madalena Correr. Pe. Frei Ademar Degaspari, filho de Fidélis, netos de Madalena Correr, bisneto de

> Jacó Correr. Irmã Ana Forti, filha de Vitor, neta de Noemia Correr, bisneta de Jacó Correr. Pe. Frei Moacir Forti, filho de Romano, neto de Vitório Correr e bisneto de Vitório Correr e Trineto de Jacó Correr. Irmã Brigida, filha de João Correr e neta de Jacó Correr. Irmã Justa, filha de Luiz Correr e neta de Jacó Correr. Irmã Natalia, filha de Luiz Correr, neta de Luiz Correr e bisneta de Jacó Correr. Irmã Otília e irmã Filomena, filhas de Jacó Correr, netas de João Correr e bisnetas de Jacó Correr.Pe. Artur Vitti, filho de José, Neto de Noemia Correr e bisneto de Jacó Correr. Pe. Moacir Vitti, filho de João, neto de Cornélio, bisneto de Noemia Correr e trineto de Jacó Correr. Irmã Adelaide Vitti, filha de Joaquim, neta de Noemia e bisneta de Jacó Correr. Frei Ricardo Vitti, filho de Francisco, Neto de Elisabete Correr e bisneto de Jacó Correr. Frei Ricardo Pompermayer, filho de José, neto de Vitório Correr e bisneto de Jacó Correr. Pe. Frei Leonardo, Gabriel e as Irmãs Vergilina, Natália e Bernardina, filhas de José Forti, estes últimos cinco religiosos não descendentes diretos do patriarca (de Santa Olímpia) Jacó Correr, mas são parentes. Como podemos observar foram quarenta e dois religiosos apenas de uma família – Jacó Correr e Rosa Pompermayer Correr". (Pe. Lino Correr, 1982:VI)

A explicação de um número elevado de religiosos numa comunidade relativamente pequena está centrada na influência dos capuchinhos e da congregação dos estigmatinos[91], os quais contribuíram muito para o incentivo e o recrutamento das vocações dos meninos e meninas para entrarem no mundo religioso. Os velhos imigrantes e seus descendentes tiroleses viam no seminário a possibilidade de se ter um filho religioso, causa de *status* para a família, alegria e orgulho entre outras famílias do local, além de ser, através dos estudos no seminário, uma forma de se adquirir um *capital cultural* e uma ascensão social, porque os pais não tinham dinheiro para pagar os estudos dos filhos. Portanto, a ida ao seminário era a solução para se deixar o trabalho árduo da roça, promover cultura aos filhos e resolver o problema de herança de terras (apesar de serem pequenos lotes, devido à pobreza existente na comunidade, mas eram terras que mesmo muito pequenas, pertenciam aos pais e deveriam ser divididas entre os filhos como herança).

[91] A congregação dos Estigmatinos funcionava em Rio Claro - SP, e atualmente funciona em Santa Bárbara - SP.

Fig. 14 - Em 1992, os descendentes de Santa Olímpia fizeram uma procissão como forma de homenagear o centenário de fundação do bairro de Santa Olímpia. Nota-se o andor de Nossa Senhora da Conceição, levado pelos homens, moças vestidas com túnicas e coroa, uma representação de anjos a frente da imagem da Nossa Senhora, e, atrás as bandeiras**.** (Foto: 1992).

De fato, as famílias, além de produzir força de trabalho na roça, também produziam, devido à forte religiosidade, os celibatários. Uma família que tivesse um sacerdote católico ou uma freira era sinal de que possuía virtudes cristãs, além de representar um *status* diante da comunidade. Como ressalta Woortmann, E. (1995, p.136): "além de produzirem casamentos, as casas produzem também celibatários, pois também o celibato é condição de reprodução de casa, como já mostrou Bourdieu (1972) para *a maison da Béarn francês*. Boa parte dos celibatários é formada por clérigos, que reúnem em si não apenas a condição de celibatário, mas também a de emigrado, condições essas centrais nas estratégias sucessórias da casa. A presença de eclesiástico em diferentes gerações de uma casa é como um indicativo das virtudes cristãs dessas famílias. Aliás, o fornecimento de clérigos para as igrejas é recorrente entre as famílias de colonos, e motivo de orgulho para eles."

A grande quantidade de filhos e poucas terras tornam-se uma contradição no processo de herança das terras, como afirma Moura (1978, p.36): "as proles são muito numerosos, se contrastadas com o padrão urbano das camadas médias atuais. Ao mesmo tempo em que aumenta a mão-de-obra familiar, está-se criando uma ameaça de excessiva fragmentação da terra quando ocorrer um processo de herança no patrimônio paternal. É esta uma contradição fundamental na reprodução da área como camponesa".

Neste contexto, o número enorme de filhos gera uma contradição no aspecto da herança (muitos filhos e poucas terras) e para solucionar este grave problema no núcleo familiar, é preciso ter filhos celibatários, uma vez que esses não podem herdar propriedades. Além disso, mandar um filho ou filha aos seminários ou conventos era a certeza de que além de uma excelente educação (*"a boa educação"*) conservaria o *habitus* religioso de sua família. Porém, de fato não foi exatamente o que aconteceu na comunidade em relação a herança. Todos os religiosos ganharam suas heranças, as quais foram repartidas igualmente, sendo que a maioria não optou por terras, mas pelo dinheiro que lhes pertenciam, pois como não ficavam no local vendiam suas partes a um irmão ou parente mais próximos. O que realmente observamos entre os nossos informantes[92] é que o *habitus* religioso, o *ethos* desse povo tinha também como pólo central o aspecto religioso, a grande importância de uma educação religiosa católica. Por isso, a permanência nessas instituições representava garantir estudo e um capital cultural que os pais não podiam oferecer aos filhos, mesmo que não se tornem padres ou freiras. Isto aconteceu com muitos meninos e meninas da década de 30 a 70, do século XX, que foram para os seminários ou conventos.

Sem dúvida nenhuma, assim como ocorreu com os tiroleses e italianos, entre outras etnias da Europa setentrional imigrado no sul do Brasil, como, por exemplo, os grupos pesquisados por Seyferth (1985), Tedesco (1998), Silva (1998), Grosselli (1991) entre outros, são muito semelhantes ao grupo pesquisado por nós em Piracicaba, pois fez dos estudos em seminários e conventos uma estratégia, através das congregações religiosas que recebiam seus filhos, como relata uma informante, 45 anos de idade:

[92] Segundo os informantes, os pais que quisessem que seus filhos ficassem em um convento ou seminários, tinham que enviar mensalmente para essas instituições uma quantia em dinheiro, como pagamento da moradia e manutenção dos estudos.

> *"Eu também estudei num colégio de freiras em São Paulo, a minha tia era freira desse colégio e eu fui lá com onze anos, fiquei só dois anos lá. Não pude continuar os estudos porque pagar não dava... Os dois anos que eu consegui estudar eu paguei com meu serviço, lavando, limpando, arrumando, coisas que eu podia fazer. Sabe, eu não tinha vocação para continuar os estudos... sabe ser freira, mas era um meio para eu estudar lá, depois podia ou não continuar... mas pelo menos, como você vê, eu tenho estudo, consegui chegar até o segundo grau completo... Muitos aqui foram estudar para ser padre, mas não tinham vocação e desistiram quase no final... faltava pouco tempo... acho que anos... saíram do seminário, não foram padres, mas muitos conseguiram cultura e estudos por causa dos estudos no seminário..."*

Entretanto, muitos de nossos informantes acreditam que o fato de se ter muitos membros religiosos na comunidade é devido ao próprio dom da vocação religiosa, jamais foi considerado por eles como estratégias para adquirirem um capital cultural, contudo podemos afirmar que é uma educação que se origina no *ethos* e no *habitus* da comunidade.

As vocações sacerdotais dentro da comunidade ainda acontecem, mas em número bem menor que outrora. Em novembro de 1997, dois jovens, um de vinte e sete e outro de vinte e nove anos de idade, se ordenaram padres da igreja católica. A comunidade se mobiliza organizando no mínimo um mês de festas em homenagem aos seus sacerdotes até o dia da Ordenação. Para os membros mais velhos e também para os mais jovens esse é um fato muito importante que deve ser comemorado.

A religiosidade entre os tiroleses continua fervorosa. Todos comparecem à igreja aos domingos para assistirem a Celebração Eucarística. Durante a semana, há missa também, mas devido ao trabalho e estudos dos mais jovens, estes acabam tendo dificuldade de participarem dela. Entretanto aqueles que tem tempo e os mais velhos comparecem ao terço e à missa diariamente.

Neste contexto reafirmamos que o *ethos* religioso e a obediência aos dogmas da Igreja católica faziam parte do *habitus* daquele povo, sendo que os transformaram como o ponto central de suas vidas na comunidade. Naquela época, antes de 70, as mulheres casadas pertenciam ao Sagrado Coração de Maria, e quando iam as missas levavam uma fita vermelha ao pescoço; as

moças e mulheres solteiras pertenciam ao grupo das Filhas de Maria e portavam uma fita azul; as meninas entre nove e catorze anos pertenciam às cruzadas e usavam uma fita amarela; as menores de nove anos pertenciam às cruzadinhas. Os homens fossem casados ou solteiros acima dos quinze anos, pertenciam as congregações dos Marianos. Enfim, todos eram devotos a Maria Santíssima. Os meninos esperavam ansiosos para receber o símbolo de Mariano, devoto de Maria, que era simbolizado por uma fita de cetim azul, a qual se usava no lado esquerdo do paletó. As catequistas, além de serem responsáveis pelos ensinamentos da doutrina cristã, eram também pela organização de associações religiosos na comunidade como citadas acima.

Além das congregações, as missões também exerceram um papel importante dentro da comunidade. Em 1942, houve a primeira Santa Missão[93] realizada no bairro de Santana, onde os membros de Santa Olímpia também participaram com muita fé e alegria, segundo os relatos de nossos informantes: *"nós aqui já tínhamos muita fé, mas as missões trouxeram para nós mais conhecimento, mais religiosidade, mais fé..."*.

Fig. 15 - Momento histórico para a comunidade tirolesa: pela primeira vez as "Missões" se realizaram no bairro de Santana, no ano de 1942. Trata-se das missões que saiam de Aparecida do Norte – SP, e visitam as cidades evangelizando as pessoas. Para os moradores foi motivo de muita alegria e orgulho serem visitados pelos missionários da Nossa Senhora de Aparecida. Sentado à esquerda está o missionário Mario Juvenal Martins, ao seu lado Monsenhor Gerônimo Gallo e Lazaro Gobetti, que era o presidente da Comissão de Santana, naquela época. Acima em pé são os membros da comissão da igreja: Augusto Vitti, João Vitti, Joaquim Vitti, Jacinto Vitti, Luiz Vitti, Zotelli. Ao fundo pessoas de Santana e Santa Olímpia.

[93] A segunda Missão foi realizada em 1991, que de acordo com os nossos informantes foi muito bem recebida pelos descendentes tiroleses, inclusive pelos mais jovens: *"o tempo mudou muito... todo mundo tem carro aqui, em 1942 a gente não tinha nem trator... mas nós falamos com grande alegria que a fé religiosa ainda é bastante forte entre nós daqui..."*.

2.1.2. A dominação das mulheres catequistas

O número significativamente alto de religiosos e religiosas que nasceram em Santana, principalmente, em Santa Olímpia se deve ao fator educacional que se estabelecia como *ethos* nas famílias. Os discursos religiosos dos freis capuchinhos e das catequistas eram profetizados em Santa Olímpia, sobretudo pela líder do bairro e catequista, *"zia"* [tia] Maria Stenico, e em Santana pelos ensinamentos da catequese dada por Elizabeth Correr, a qual morava em Santa Olímpia quando solteira, porém ao se casar com um tirolês em Santana, esta passa a residir nesse bairro (ela era irmã da primeira catequista citada).

Devido ao *habitus* desse povo e a vivência de uma sociedade teocrática vivificada no antigo Tirol (austríaco), com rígida doutrina (Católicas Apostólica Romana), a religião no seio familiar tornou-se extremamente prioritária na educação familiar. Dessa forma, era preciso ter um sacerdote que pudessem liderá-los em suas orações, nas aulas de catecismo, no conselho espiritual, nas rezas do terço, etc., conforme acontecia no antigo Tirol austríaco. A figura do religioso, do sacerdote, (padre ou frei católicos) era extremamente importante para a vida desses camponeses na Europa. A comunidade dependia do padre em vários aspectos: no consolo daqueles que sofriam, seja por doenças ou mortes no núcleo familiar; no aconselhamento sobre economia, política e até em certos problemas agrícolas, como por exemplo, em apaziguar uma ou outra rebelião ou descontentamento que pudesse acontecer entre os camponeses. Portanto, a liderança sempre esteve nas mãos desses religiosos.

Grosselli, em suas pesquisas no sul do Brasil, cita um trecho da coluna do jornal "Você", de 30 de agosto de 1885, da colônia de Blumenau, em Santa Catarina, que vale repeti-la, pois fica evidente a grande necessidade da influência de um padre católico que pudesse instruí-los em seu novo mundo: "entre os males e as murmurações que continuamente passam de boca em boca está a que todos dizem que a desgraça maior é a de não ter um Sacerdote Tirolês, diocesano nosso, e se isso pudéssemos ter a esperança de consegui-lo, nos consideraríamos todos bem-aventurado e afortunado... Se V.Sª quisesse quando empacotar os objetos acima citados, solicitamos de colocar no pacote também um pequeno Padre porque temos enorme necessidade dele." (Grosselli, 1987, p. 452 apud Silva, 1998, 69).

É evidente que não tinham os padres tiroleses para orientá-los em sua comunidade. Entretanto, como afirma Battistel, 1981; De Boni & Costa, 1984; Grosselli, 1987; Silva, 1998; entre outros, eles tentaram solucionar o problema dessa assistência religiosa, elegendo um líder que pudesse substituir a figura do Padre. Eles eram denominados como afirma Grosselli (1987, apud Silva, 1998, p.69) "padre da capela ou padre leigo" no Rio Grande do Sul; "capelão" ou "sacristão" ou "ministro" ou "prevoste" (propósito) em Santa Catarina.

Battistel (1981, p.75) afirma que: “ser Padre Leigo não era um cargo, era um serviço prestado à comunidade gratuitamente”. Geralmente a família dos “Padres Leigos”, em diversas comunidades italianas do Sul do Brasil, se destacava como religiosa, severa na educação dos filhos, pregadora da paz, da ordem e da moral incontestável. Os membros visitavam doentes, rezavam muito, especialmente o terço (o rosário), ensinavam o catecismo aos filhos, proibiam os bailes, e devido à forte moralidade que lhes era atribuída, eram considerados quase “santos” em sua comunidade.

Grosselli (1987, apud Silva, 1998, p.69) afirma que o padre significava o "fruto de seleção natural entre os colonos, era uma pessoa que sabia ler, entre as mais cultas da comunidade. Comumente um verdadeiro líder natural, outras vezes somente um colono que possuía um missal. O capelão surgiu em todas as colônias italianas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Nem todas as regiões tinham uma função idêntica. Nos vales circundantes de Nova Trento, por exemplo, onde havia uma assistência religiosa satisfatória por parte de numerosos Jesuítas, o capelão tinha, sobretudo, uma função de simples sacristão: mantinha em ordem a capela, preparava-a para as funções religiosas".

Os tiroleses de Piracicaba não fugiram à regra dos imigrantes italianos do sul do Brasil, porém, não podemos dizer que havia um "padre leigo", como ocorreu com aqueles imigrantes, e sim que desejavam um líder que os orientassem na doutrina cristã, nas rezas, nas organizações das missas (quando havia a presença dos freis capuchinhos), enfim, que essa pessoa eleita tivesse as mesmas características do que denominados hoje de Ministro da Eucaristia, na religião católica. É interessante ressaltar que o *substituto do padre*, no Sul do Brasil, era um homem, e, na comunidade tirolo-trentina de Piracicaba, essa função foi atribuída a uma mulher, imigrante, filha do patriarca de Santa Olímpia: Maria Correr Stenico.

Segundo alguns de nossos informantes, a líder do bairro de Santa Olímpia, também influenciava em Santana, pois a liderança deste último bairro era Elizabeth Correr, irmã de Maria Stenico. Segundo manuscritos de Degaspari (1982) e os relatos dos informantes, o fato de Maria Stenico ter trabalhado como babá na casa de uma condessa, onde seus pais eram empregados, fez com que ela aprendesse muita coisa que a ajudaram na liderança da comunidade, não só no aspecto religioso, mas também no político, além de ser considerada ativa e inteligente. Sua influência durou até 1947, quando morreu aos 81 anos.

Maria Stenico era quem dava o catecismo, organizava a reza do terço, visitava os doentes, resolvia os problemas mais sérios dentro da comunidade e todos a respeitavam. Ela não seguia exatamente a função do "Padre Leigo" referida por Battistel (1981, p.78) que deveria entre outras funções "batizar crianças em caso de necessidade, enterrar mortos, etc.". Maria Stenico se limitava às orientações espirituais (conselhos), jamais exercendo qualquer função do "padre leigo" com as características relatadas por Battistel (1981), pois, isso seria uma afronta aos princípios dela e da comunidade, que via no Frei ou no Padre a pessoa Santa, o mensageiro de Deus na terra, e somente eles podiam batizar, benzer ou enterrar os mortos.

Fig. 16 - Ao centro, sentada está Maria Correr Stenico e seu marido Simão Stenico, rodeados de seus filhos (as), netos (as). Observa-se que Maria e Simão são os únicos que estão sentados, os demais em pé. Ela foi a líder da comunidade até 1947, quando faleceu aos 81 anos de idade. (Foto: 1928, aproximadamente).

O catecismo[94], desde a fundação dos bairros, foi considerado uma das grandes prioridades na educação dos filhos. Além das rezas constantes, do terço de todos os dias, havia as catequistas. Maria Stenico por muitos anos, quase até o fim dos seus 81 anos, foi quem ensinava as leis de Deus. Em Santana eram Vitória Vitti, Maria Vitti, Justina Gobetti, e, sobretudo, Elizabeth Correr Vitti, mulheres rememoradas entre os mais velhos da comunidade. O ensino religioso era sempre ensinado na língua dos avós, o dialeto trentino. As missas, como já dissemos, era em latim até a década de 60, e a homília, ou sermão, como eles dizem, era no dialeto, ou em português misturado com o dialeto trentino ou língua italiana.

Alguns informantes de Santana reconhecem que a religiosidade em Santa Olímpia sempre foi mais fervorosa que a deles. Santa Olímpia conta com um total de 60 religiosos entre freiras, freis e padres, sem contar aqueles que ingressaram nos seminários ou nos conventos, mas não continuaram os estudos porque descobriram que não tinham vocação. Enquanto que em Santana existem dois padres, cerca de 20 freiras. A grande quantidade de religiosos em Santa Olímpia se deveu à influência árdua de Maria Stenico, segundo os nossos informantes:

> *"Ela dominava tudo e todos, ela era a "comandaressa nostra qüi". Qualquer problema a respeito de doenças, ela fazia os seus contatos e levava as pessoas para o hospital em São Paulo ou Campinas, e nos aspectos religioso, Ah! ela era " comandaressa" mesmo. Ela tinha amizade com as autoridades da cidade, com o Prefeito da época – o Dr. Samuel de Castro Neves, e outros. Quando tinha festa em Santa Olímpia, ela convidava as autoridades e eles vinham. Ela dava os catecismo aqui, foi a única por mais de 30 anos. Ela teve três filhas freiras, como elas trabalhavam nos hospitais de São Paulo e Campinas, era fácil a nostra comandaressa, entrava lá (hospital) a qualquer hora e levava os doentes daqui prá lá... Mulher como aquela ninguém viu...Ela mandava e todos obedeciam...* [95]

[94]Segundo alguns entrevistados, os imigrantes tiroleses trouxeram cadernos e livros para o ensino do catecismo. Na década de 1980 uma boa parte desse material foi destruído porque não viam neles mais utilidade, sendo que restaram apenas uns dez, doze desses livros que os mais velhos resolveram guardar como lembranças de seus pais e avós. Atualmente, nos dias de festas, parte deste material fica exposto como "relíquias" deixadas pelos seus antepassados.
[95] Informante, 78 anos de idade.

Maria Stenico teve dez filhos, três delas eram freiras nos hospitais de São Paulo e de Campinas o que além de facilitar o envio dos doentes para esses hospitais, aumentava a sua liderança e seu poder entre os membros da comunidade. A líder, Maria Stenico, antes de morrer deixou um testamento espiritual, o qual ela destrói, deixando um outro em seu lugar, e uma carta testamento, a fim de que seus descendentes e toda comunidade não se esquecessem das orações a Deus.

O desejo de deixar as igrejas bonitas para agradar a Deus era algo fundamental entre aqueles imigrantes e seus descendentes. Battistel (1981, p.40) também revela o desejo dos imigrantes italianos do sul do Brasil em construir e enfeitar igrejas para homenagear a Deus: "às vezes, os imigrantes e descendentes (italianos) construíam igrejas bonitas e faustuosas, para concorrência entre uma comunidade e outra. Mas não era este o motivo principal. Construíram igrejas grandes e bonitas por achar que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhes uma casa digna". Segundo alguns moradores da primeira e segunda gerações afirmam que este fato acabou criando uma "rixa" entre os dois bairros no início do século XX e que continua até hoje.

> *"Zia [tia] Maria Stenico cuidava da igreja de Santa Olímpia, e as suas irmãs (Beta e Noemia) que se casaram com homens de Santana cuidava das igrejas de lá. Cada mulher tinha o seu grupo que comandava a arrumação, os enfeites da igreja e elas enfeitavam melhor, e melhor para Deus. Entre as mulheres ficou aquela briga boba. Quem enfeitava melhor a igreja para Deus? E parece que os homens e as crianças levavam a sério as brigas das 'nonnas'. Aí começou a rixa de bairros. Foi apenas uma Guerra Santa. Já que foi 'Santa', não era grave. É santa, não tem problema! Não era pecado... A gente zelava pelas coisas de Deus..."*[96]

Segundo alguns de nossos informantes, tanto de Santana como de Santa Olímpia, afirmam que não existe nenhuma briga, rixa, competição entre os bairros. O que, de fato, existe entre eles é o desejo de não serem dois bairros de tiroleses homogêneos. Conservam suas diferenças, seja na

[96] Informante, 67 anos de idade.

culinária, no dialeto, nos jogos de futebol, entre outras coisas, reafirmando uma certa diferença que aos olhos dos de fora da comunidade, pode ser julgado como uma "rixa" entre os bairros tiroleses.

2.1.3. Os núcleos familiares e os casamentos consangüíneos: *"Aqui tudo é parente*[97]*"*

Os dois bairros tiroleses se organizaram, desde o início da fundação, no final do século XX, em pequenas propriedades policulturas, onde o trabalho da terra era executado pelos membros das famílias. A policultura, juntamente com a criação de pequenos animais (porcos, galinhas, cabras) fazia com que os membros da comunidade obtivessem do trabalho da roça e dos animais o lucro comercial e as condições para a subsistência da família. O que está em jogo, neste aspecto, é o próprio *ethos* camponês que os faz deles auto-suficientes.

A unidade familiar é constituída pelo casal e seus filhos. A divisão das tarefas doméstica e rural (na roça) está no sexo (trabalho mais pesado, aquele que exige mais força cabe ao homem) e na idade (entre os filhos mais novos e os mais velhos, de acordo com a capacidade para executar as diferentes tarefas no âmbito familiar e do trabalho da terra. É preciso notar que a união conjugal propícia a economia familiar "o casamento tem uma importância inteiramente diversa, não erótica, mas econômica (...)", "(...) a situação é completamente diferente em grupos em que a satisfação de necessidades econômicas descansa por inteiro na sociedade conjugal e na divisão de trabalho entre os sexos". (Levi-Strauss , 1969, p.38, apud Moura, 1978, p.35).

Sem dúvida nenhuma, existe um trabalho coletivo, como veremos mais adiante, entre as famílias tirolesas e seus descendentes, sendo organizado e com divisões de tarefas. É uma espécie de trabalho existente entre os camponeses europeus e que se estrutura em cooperação entre outras famílias. Neste aspecto, Tavares dos Santos (1978, p.34) afirma que "cada pessoa da família desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo,

---

[97] Além da relação de parentesco que mostraremos neste estudo, é preciso dizer que encontramos muitas pessoas que na comunidade que se julgam parentes, apenas por serem do mesmo grupo étnico. Isto significa que a palavra parente não expressa apenas um grau de parentesco de descendência ou através dos casamentos consangüíneos, mas também assume o significado de identificação com o próprio *ethos* do grupo. A comunidade de descendentes tiroleses de Piracicaba usa o termo *"aqui tudo é parente"* no sentido de união e para expressar a identificação do *habitus* ou do *ethos* tirolês num todo grupal, como ficou expresso num dos relatos orais de um de nossos informantes, 69 anos de idade: *"Você percebe logo que é tirolês, por causa do sotaque, do jeito e até do físico... altos, magros, claros... e tudo que é tirolês é parente aqui... como uma família... como irmão mesmo..."*.

estrutura-se no interior da família uma divisão técnica de trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família. Nesse sentido, a família camponesa transforma-se em um trabalho coletivo".

O pai é a autoridade máxima no lar e o chefe da casa, pois ele pode mandar em sua mulher, em seus filhos, em suas terras, centralizando todo o poder típico de um patriarca. A mulher é vista pelo seu significado de esposa (submissa) e mãe. Significado este que está na reprodução, na prole, que por sua vez repercute na religiosidade, conforme explícito no Gêneses[98]: "crescei e multiplicai-vos". Portanto é uma estrutura familiar centrada na autoridade e liderança do pai e na submissão da mãe.

A escolha da esposa acaba sendo estratégica: confirma o grupo de parentesco[99], a conservação do patrimônio territorial (terras e fazendas) e cultural (costumes e tradições tirolesas). Portanto, o núcleo familiar tinha a seguinte característica como ressalta Azevedo, Thales (1986, p.07): "a escolha do cônjuge para as filhas e até para os filhos era sob o regime patriarcal e familista do Brasil Colonial, um privilégio quase exclusivo do *pater familias*, por isso o casamento interessava à solidariedade e à integridade dos grandes grupos de parentesco em que se apoiavam a ordem social, a economia, a política e a própria realização pessoal dos indivíduos." Dessa forma, o casamento dá às pessoas da comunidade um certo *status* porque a moça passa a ser senhora e mãe, o rapaz, chefe da família. Geralmente o casal deveria ter muitos filhos, em média doze, treze ou mais filhos, além do aspecto religioso, que tem na *grande descendência* (Gêneses), o significado de ser abençoado por Deus. Além disso, há também o trabalho dos filhos, visto muito mais como mão-de-obra para as famílias, de modo a reforçar o crescimento econômico da própria comunidade. A endogamia perdurou até a década de 70 do século XX.

A constituição dos núcleos familiares na comunidade tirolesa se deu, na maioria das uniões, através do casamento em consangüinidade. É situação bastante parecida com as pesquisas

---

[98] No capítulo três veremos que os imigrantes e seus descendentes acreditam num Deus que os retirou da miséria que assolava suas terras (Tirol) na época da imigração, das guerras (unificação da Itália, das Grandes Guerras Mundiais, etc.) e os guiou para terras fartas. Dessa forma, fazem uma analogia com o povo de Israel do antigo testamento, do patriarca Jacó... e do êxodo do Egito (Gêneses), com o êxodo tirolês.

[99] O parentesco é relevante para compreendermos a reprodução social do grupo, que se dá através do casamento endogâmico, da descendência como forma adquirida pelo *habitus* e como intenção da manutenção de seu patrimônio cultural e territorial camponês. Neste sentido, é preciso dizer que a terra, neste estudo, é a condição de se tornarem trabalhadores, onde podem expressar o valor da família, da descendência e da hierarquia, pois o pai tem o dever de perpetuar o patrimônio territorial (a casa e a roça) e o cultural, além disso, ele se torna "pai - patrão", como woortmann (1995) bem define em suas pesquisas sobre os colonos do sul do Brasil.

realizadas junto aos alemães do sul do Brasil por Woortmann, E. (1995, p.135) "os cuidados básicos do parentesco no plano das relações sociais são eles os detentores do patrimônio e é entre eles que se realizam as trocas matrimoniais[100]".

É preciso notar que o parentesco acaba se tornando o foco central dos laços familiares. Para a organização grupal é necessário termos em vista, sobretudo, que a constituição familiar só se realizava com as pessoas do mesmo grupo, da mesma origem, e é dessa forma que foi possível a organização de um enclave tirolês, pois todos tinham a mesma cultura, linguagem (dialeto trentino), e, sobretudo os mesmos costumes. Para que houvesse o casamento com parentes, era necessário que houvesse as uniões entre primos[101], ou seja, a endogamia. Neste contexto, o parentesco, está no tronco *genealógico*, definindo-se como consangüíneo.

Woortmann (1995, p.257) chama-nos atenção de que também esse tipo de união ocorria nos séculos passados com propósitos bem definidos "muito comum em grupos camponeses, isto é, o princípio de que o casamento deve ser realizado entre pessoas da mesma aldeia, como na Europa - mas também através do princípio de que é preciso se casar com um parente, melhor dizendo, com alguém do mesmo *sangue*, ou seja, com um descendente do ancestral fundador. Para que se tenha direito a terra, seja como *chão de roça* seja, como *chão de morada*, é preciso obedecer a esses princípios, consangüinidade, territorialidade, residência e endogamia são à base dos direitos". É interessante perceber através dos relatos orais de nossos informantes que até a década de 70, aproximadamente, o casamento, geralmente era realizado nesses princípios descritos por Woortmannn (1995), o que nos faz crer, ainda mais, que isto era uma estratégia como forma de se ter um enclave tirolês inserido em Piracicaba. Muitos de nossos informantes ressaltaram que os velhos imigrantes também se casavam entre parentes: *"era um costume antigo dos nonos, e nós continuamos aqui, até a década de setenta, quando vivíamos mais ligados a terra, ao trabalho da lavoura..."*.

---

[100] Woortmann, E. (1995, p. 135) faz referencias aos estudos de Bourdieu (Les Stratégies Matrimoniales dans le systemè de Réproduction. Annales, vol. 27, nº. 4-5. 1972) quando este estuda as práticas matrimoniais do campesinato francês.

[101] Na comunidade estudada por nós ocorreu um ou outro casamento avuncular, isto é, de tio com a sobrinha, como acontecia com os antigos semíticos. Portanto, a predominância está entre os primos e primas.

Segundo os nossos informantes, era enorme o número de casamentos consangüíneos no grupo estudado. O elemento que priorizava essa escolha era o de pertencer ao grupo, ser de "origem". Segundo os relatos orais, os pais, às vezes, faziam gosto do casamento de seu filho com a filha de tal família *"porque lhes era mais simpática que outras, mais religiosa, etc."* além de que a pretendida era *"trabalhadeira, bem-educada e prendada"*. Não houve relatos, entre os nossos informantes, sobre a preferência de uma família, ou outra, em casar um filho, ou uma filha, com o objetivo em adquirir (ou ampliar os capitais) terras, fazendas, sítios, etc. através de um casamento, pois, a maioria afirmou que eram muito pobres, tinham apenas o lugar onde moravam. Neste contexto, o que estava em jogo não era o capital (aquisição de terras, sítios), mas o patrimônio cultural, o *capital cultural*.

Contudo, não podemos negar que os imigrantes tiroleses adquiriram terras (fazendas de Santa Olímpia e de Santana) e que essas propriedades seriam herdadas, de modo que o casamento consangüíneo proporcionava a unificação de duas famílias próximas (parentes), reunificando a terra, mantendo os costumes, a tradição tirolesa conservando o *ethos* da comunidade de imigrantes tiroleses, contudo, para eles o objetivo maior dos casamentos endogamicos *"era (...) reforçar as tradições dos imigrantes tiroleses..."* e jamais estaria centrado em acúmulos de heranças entre as famílias dos noivos.

É interessante observarmos que um de nossos informantes disse ao ser questionado sobre os casamentos internos:

> *"Ah! Infelizmente muitos dos nossos aqui, têm dez porcentos de sangue de fora, foi quando um ou outro começou a se casar com pessoas da cidade e vieram morar aqui. Pode-se dizer que são descendentes tiroleses, mas não tem cem porcento do sangue tirolês..."*.

A primeira vista, parece-nos um comentário um tanto insignificante, porém, o *sangue* (100% de sangue tirolês) tem significado relevante para o *ethos* desse grupo. Woortmann, E. (1995, p.149-150) faz toda uma reflexão e explicação sobre a *categoria do sangue*[102] quando

[102] A palavra sangue não deve ser entendida aqui como sentido material, mas em seu sentido de caráter moral. (cf. Woortmann, E. 1995, 149-155)

descreve o sistema de parentesco, e também faz uma explicação digna de nota ao relatar os estudos de Arensberg[103] quando ele analisa o sistema de parentesco de camponeses da Irlanda. Este mostra que os camponeses irlandeses "analisam a si mesmos através do sangue, sendo que *good blood*[104] é associado ao sucesso e posição social; *bad blood*[105] é associado ao fracasso e à baixa posição social. Como destaca o autor, os irlandeses são hábeis geneólogos, e a genealogia permeia e informa sua visão dos homens. Através da categoria sangue insulta-se a uma pessoa, atingindo sua descendência: *there is bad blood between them;* ou então se associa a posição social ao sangue: *carpenter blood* ou *weaver blood;* ou ainda associam uma má conduta ao sangue: *robber blood*.. Ofender uma pessoa através de seu sangue é mais que uma ofensa ao indivíduo; é uma ofensa a toda a linha de descendência a que pertence.."

Quando o nosso informante faz uma referência ao *sangue, isto* implica em dizer sobre a importância da descendência tirolesa, do casamento endogâmico. Pois essa categoria faz parte do processo de *habitus* e que pode classificar uma família ou outra como sendo *"pura descendência tirolesa"* ou não. Entre os informantes, houve expressões como *"naquela época meu pai tinha sangue quente, você não imagina como ele era bravo"*. A dimensão do sangue é extremamente importante para aqueles que se formam pela descendência. Woortmann ressalta que aquele que tem *sangue frio* pode ser entendido como racional, calmo e *quente* como explosivo, briguento e às vezes até violento: "(...) o sangue pode ser 'quente' ou 'frio', o que tem significados distintos para homens e mulheres. Se o homem é definido como *Heissblütig* (de sangue quente), isto significa que ele é emotivo, brigão. Com relação à mulher, a conotação diz respeito à sexualidade; uma *heissblütihsches Mädel* (moça de sangue quente) deve ser observada de perto pelos mais velhos para que ela 'não perca a cabeça' ou para que 'não como a merenda antes da hora', isto é, para que não tenha relações sexuais antes do casamento, ou, pelo menos, que não engravide antes da hora. (...) o sangue frio pode revelar um homem calmo, previdente, que 'gosta de trabalhar com a cabeça' *(kopfarbeit*) mais do que o trabalho simplesmente braçal. Essa pode ser a qualidade ideal do sacerdote católico ou evangélico - destino de boa parte dos filhos de colonos. Mas 'sangue frio' pode ser também uma conotação negativa, quando se trata de uma qualidade exacerbada".[106]

---

[103] Arensberg, C.M. The Irish Countryman. Peter Smith, Gloucester. 1959.
[104] Sangue bom.
[105] Sangue ruim.
[106] O sentido negativo está em que o sujeito não se arrepende de certa atitude e compulsivamente torna-se uma pessoa violenta.

Woortmann, também afirma que se a mulher tem "sangue frio" é considerada positiva e é associada a religiosidade, pois é o caráter ideal da celibatária. "Se a mulher tem sangue frio é inadequada para o casamento, a de 'sangue quente' é inadequado para o celibato, principalmente religiosa. Como dizem elas acabaria renunciando aos votos, o que cobriria a família de vergonha. A família, ao construir o *schicksal* (destino) de cada filho, deve levar em conta esses aspectos, para não ser condenada na comunidade ". (cf. Woortmann, E. 1995, p. 151-152)".

É observado que até a década de 70 do século XX, os núcleos familiares, geralmente, eram gerados pelos casamentos consangüíneos, tendo em vista que "o parentesco está no casamento e na afinidade. Muito embora tomem em conta o casamento e as relações de afinidade, estas são secundárias. (cf. Woortmann, E. 1995, p.67)".

Neste aspecto, pode-se observar que a prevalência ocorrerá e centralizar-se-á na descendência, ou seja, o ponto central da teoria de parentesco está no caráter "romano", como ressalta Woortmann, E. (1995, p.68): " (...) A ideologia romana construía o casamento como ruptura, através do processo ritual de separação e reintegração e a idéia de aliança (...) O matrimônio romano estava, por outro lado, inelutavelmente ligado à descendência, pois o divórcio era imposto ao casal pela família e pela *gens*, sempre que não houvesse geração de filhos, essenciais para a continuidade do grupo, expressa no culto aos lares, isto é, ancestrais.

O que interessa em nosso estudo, sobre a teoria de parentesco, é ressaltar que através da endogamia havia uma estratégia para a conservação do enclave tirolo-trentino, pois as uniões estavam centradas na consangüinidade e dessa forma eram gerados os núcleos familiares. Este aspecto torna-se relevante, porque a descendência e o casamento endogâmico implicarão em transmitir direitos e deveres[107], tendo um sistema unilinear, ou seja, é o estabelecimento do parentesco e da herança igualitária, que irão representar a reprodução dessa sociedade como foco central do núcleo familiar.

Neste aspecto é evidente que o indivíduo (uno) é o todo grupal e o grupal é uno, no sentido de que o casamento e a descendência não só geram o patrimônio como herança de terras e bens

[107] Woortmann, E. (1995, p.71-75) cita a *noção de direitos e deveres*, formulada pela teoria de Radcliff-Brown afirmando que é priorizado o sujeito como tendo direitos e deveres, ao mesmo passo que a indivisão torna-se relevante, onde esses (direitos e deveres) de cada um torna-se o do grupo como um todo.

materiais, mas reproduzem simbolicamente no todo grupal, o "nós", além de conservarem e manterem o patrimônio cultural, os costumes e as tradições do enclave tirolo-trentino. É uma estratégia para a não aceitação do *outro*, do *estranho* na comunidade.

E tudo isto está centrado na *aliança* que está estabelecida no grupo como um todo, numa forte solidariedade e reciprocidade familiar como se fosse uma única família. São estratégias claras, fundadas no tempo e não na história cronológica, embora a própria história do grupo esteja presente a todo tempo como nos alerta Woortmann, E. (1995, p. 89).

A solidariedade e a reciprocidade implicam, neste contexto, serem aliados entre si, isto é: os membros de Santana e os de Santa Olímpia, ou mesmo os indivíduos serem reciprocos com outros no interior de seus bairros tiroleses. Dessa forma, se fortalecem em seu próprio meio, como um grupo num todo, que difere pela cultura e tradição dos de fora. É nessa diferença (cultural e lingüística) que estabelecem as regras com os de fora, como se fosse, metaforicamente, "inimigos". Nessa metáfora, de se parecerem inimigos (Santa Olímpia contra Santana e vice-versa) está um significado relevante que faz de seu contexto um jogo político, no qual envolvem terras e o patrimônio como herança e cultura, as quais foram herdadas dos imigrantes tiroleses e que se concretiza na prática (no jogo) que conferem as regras do grupo.

Nessas normas pré-estabelecidas está, também, o casamento consangüíneo (endogâmico), consequentemente, a reprodução (da prole) torna-se mais importante que os próprios noivos (o casal), isto é, um dos fatores mais relevante ao casamento está na procriação, em ter muitos filhos. Constitui-se aqui, um *jogo político* interiorizado que envolve não o casamento (o casal), mas o todo (a reprodução). Por esta razão encontraremos nos relatos orais (e escritos) da comunidade, a firmação de se ter muitos filhos e de se casarem entre eles, isto é, primos com primos. A explicação desse fato é que junto com o grupo tirolês emigra também a tradição da formação do núcleo familiar camponês européia. É o casamento endogâmico que reafirma os valores, os próprios valores do grupo numa memória coletiva da educação, no sentido de transmitir a cultura geracional do enclave. Este ato de aprendizagem que se adquire na comunidade, ou melhor, no

habitus, está inserido numa memória (a arte da memória), como veremos mais adiante, que também, reforçam a religiosidade, a linguagem, os costumes, os valores, enfim, estratégias que fazem a *continuidade do locus tirolês* em Piracicaba.

A família é de suma importância para manter o vínculo afetivo com as gerações, preservar a história do grupo, sobretudo dos velhos imigrantes vistos como heróis e desbravadores daquele lugarejo. Dessa forma, construiu a memória familiar, a memória do grupo como um todo.

Tedesco (1998, p. 76) afirma que o campesinato Vêneto italiano no século XIX até a Primeira Guerra Mundial, dá ênfase à característica de uma "economia moral do camponês" com base na solidariedade, autocentrada na família. E nesse aspecto, faz uma citação notável que do nosso ponto de vista vale a pena repeti-la:

> "In quei rapporti affondava le sue radici l'économia moralé, un quasi guisnaturlalístico diritto alla vita, garantito dalla organizzzazione e dalla solidarietà della comunità rurale, da una relazione di reciprocità che riconosceva L'equilibrio político-sociale esistente e legitimava la distinzione di richci e poveri, ciasceino con i propi obblighi (...). I rapporti sociali all'interno del villagio dovevano esser regalati in modo assicurare a tutti la sussistenza e la socializzazione dei rischi: una concezione del mondo che è agli antipodi rispetto all'ética del lavoro e del profitto dei collonizatori capitalisti" (Villani, 1988, p.213 apud Tedesco, 1998, p.76).[108]

A "economia moral" do camponês significa a organização da vida familiar, bem como da comunitária e da solidariedade com a vizinhança, num sistema e numa forma de *"ethos de camponeses"* que acaba se baseando na precaridade das condições que lhes são dadas. Por isso, os descendentes tiroleses dedicam-se extremamente ao trabalho, à religiosidade, e sobretudo ao cotididano familiar, que torna-se a ligação com os antepassados e sobretudo com os descendentes, reafirmado-se no *ethos* e na representação social da própria organização comunitária.

---

[108] "Naquela relação fundava suas raízes de "uma economia moral", quase numa forma de vida (o *ethos*), garantido pela organização e pela solidariedade da comunidade rural, da relação de reciprocidade que o reconhecia. O equilíbrio político-social legitimava a distinção dos ricos e pobres, reforçavam com as próprias obrigações. (...) As relações sociais internas tinha que ser dadas para que possam assegurar a todos o sustento e a socialização dos riscos de todos: uma concepção de mundo, a qual é imposta ao respeito à ética do trabalho rural e dos lucros dos colonizadores capitalistas."

Através das práticas religiosas, seja nas festas, nas procissões, nas missas (celebrações Eucarística), nos encontros ou mesmo na solidariedade existente entre eles, os descendentes tirolo-trentinos de Piracicaba reproduziam e reforçavam não somente a solidariedade, mas também o próprio *ethos* trazido pelos imigrantes tiroleses, que culminava no campo religioso, e consequentemente, os laços se tornam o ponto central na vida dos membros da comunidade. É dessa forma que se fazia (e se faz até hoje) os mutirões. Antigamente, esse exercício de solidariedade era utilizado na agricultura, nas festas religiosas, nos núcleos familiares para ajudar uma ou outra família que passasse necessidade financeira ou até mesmo para ajudar nas tarefas domésticas caso uma mulher estivesse doente. Poli (1994, p. 202 - apud Silva, 1998, p. 141) afirma que "essas práticas de ajuda mútua cobrem a necessidade de força de trabalho que o camponês não pode suprir apenas com o trabalho familiar, nem com trabalho assalariado, pois seus rendimentos monetários não permitem pagar trabalhadores continuamente, bem como parece contribuir para reforçar os laços de solidariedade entre os familiares".

Atualmente o mutirão existe da mesma forma, além de se unirem ainda mais quando se trata de festas folclóricas ou de uma festividade da comunidade (casamento, aniversários, comemoração de imigração, fundação de bairro, etc.) ou religiosa (festas Litúrgicas, ordenação sacerdotal, etc.). É neste aspecto de organização comunitária, de solidariedade, de "mutirões", de ajuda mútua que encontramos a "economia rural do camponês" citada por tedesco (1988, p.76-78). É uma prática, ou seja, um *ethos* trazido pelos imigrantes tiroleses que perdura até hoje na comunidade, e não podemos ver a solidariedade do grupo e ajuda mútua entre os bairros tiroleses como se fosse apenas uma atitude apreendida nos preceitos da religiosidade cristã, numa visão de fraternidade.

2.1.4. Herdeiros e heranças: patrimônio cultural em jogo

A decisão do casamento não acontecia em relação a uma possível herança de terras ou bens que podiam ser herdados com os casamentos ou numa herança deixada para os filhos. A maioria daqueles descendentes tiroleses tinham poucas terras, e a partilha de bens entre o número

enorme de filhos que possuíam não significava muita coisa. Havia uma ou outra família, entre eles, que podia ser considerada possuidora de um certo capital.

O que mais observamos, durante os relatos orais dos nossos informantes, de quase todas as gerações, é que o casamento não visava a herança entre as famílias dos cônjuges sobre as propriedades (terras, sítios, fazendas, tratores, etc.) como forma de ampliar as riquezas materiais, pois eram bem poucos os que tinham algo considerável. Entretanto, a maior herança estava centrada no bens culturais como forma de tradição dos velhos imigrantes:

> *"Comida aqui nunca faltou, mas a gente, nós tiroleses, sempre fomos muito pobre, trabalhamos muito na roça, e quando a gente estava na idade de se casar, bem mocinho mesmo, a melhor herança que um casal daqui podia dar era a religião, o respeito a Deus, a honestidade, ser bom trabalhador, nunca ter preguiça de trabalhar, bem, naquelas coisas de Deus que os nossos nonos deixou para nós. Isto todo mundo passou para os filhos, é assim até hoje, você não vê como todo mundo aqui reza, assiste a missa, e sabe bem os mandamentos... (...)"*[109]

Esse trecho nos revela que os casamentos internos, consangüíneos e a forte religiosidade, estabeleciam as estratégias para permanecerem na comunidade, centradas em um patrimônio cultural herdado dos velhos imigrantes, e dessa forma formando *o ethos tirolês*. Entretanto, as poucas terras que haviam entre eles, sem dúvida, eram partilhada entre os filhos e filhas, porque é um direito que lhes cabiam como herdeiros, porém a herança, em nosso contexto, está centrada muito mais num jogo para a conservação do patrimônio cultural do que dos bens capitais.

A mulher e as crianças tornam-se também força de trabalho na unidade familiar. Nesta prática o espaço e a propriedade tomam valor simbólico, pois acabam tendo significados de patrimônio e reprodução, como também afirma Tedesco (1998, p.106) em suas pesquisas que o "patrimônio é sinônimo de descendência". E ressalta que a "razão cultural da propriedade da terra, além de objeto de trabalho, manifesta o valor familiar, hierarquia, casamento cidadania (...). Ser proprietário de terras objetivas construir patrimônio, o qual é obra *da* e *para* a família".

É interessante relatar a fala de um de nossos informantes sobre esse aspecto:

[109] Informante, 73 anos de idade.

> *"Continuar a tradição do trabalho na terra era tudo que um jovem, como eu, naquela época queria. Achava que possuir terras podia um dia ficar rico... os meus avós tinham também esse sonho, diziam que o trabalho na terra... o da roça a gente um dia podia ganhar muito dinheiro, como os senhores de terras da época deles... veja só, eu herdei terras de meu pai, poucas terras, pouquinhas mesmo, mas era minha... veja só...se meus filhos hoje não me ajudar acho que passo necessidades financeiras..."*

O fato de herdar é mais do significativo. O herdeiro herda a tradição, o compromisso, o dever e a obrigação da continuidade de conservação do patrimônio como *uma moralidade da terra* (cf. Tedesco 1998, p.107). É interessante perceber aqui, que se retoma uma ideologia sedimentada num vínculo entre o trabalho e o parentesco o que "legitima a configuração do próprio trabalho familiar enquanto relações de família". (cf. Tesdesco, 1998).

2.1.5. Mulher: esposa, mãe, submissa e força de trabalho

A organização de trabalho na comunidade era de três espécies: os lavradores eram os pequenos proprietários; os colonos eram aqueles tiroleses que trabalhavam para os lavradores e seus pagamentos eram feitos mensalmente; havia, também, os camaradas, aqueles que trabalhavam para os lavradores e podiam receber seus pagamentos como diarista ou mensalmente. Além desses três tipos de trabalhadores rurais havia as mulheres, esposas de lavradores e um número enorme de filhos. A tarefa das mulheres era dobrada, pois, além de cuidarem das crianças, que geralmente eram de doze a treze filhos ou mais, faziam as tarefas de casa, cuidavam dos animais e ajudavam na roça.

A estrutura familiar centrava-se na autoridade paterna. Porém, num universo aparentemente dominado por homens, pode-se dizer que a mulher era quem educava os filhos, distribuía as tarefas domésticas, ensinava o catecismo, lidava no trabalho da colheita e também nos cortes de cana-de-açúcar, entre dezenas de outras atividades. Essa figura que parecia ser submissa ao homem, obedecer a suas ordens, acabava dirigindo não só o lar, mas também as

atividades religiosas, as festas das comunidades, as reuniões de políticos. São essas mulheres aparentemente submissas aos maridos, que segundo uma de nossas informantes (oitenta e um anos de idade) nos relatou:

> *"Com jeitinho e paciência, sem eles (maridos) perceberem eram nós, as mulheres, que acabava dando a última palavra..., mas a gente fazia de conta que era eles que mandavam... era um meio de agradar os nossos maridos"*.

A mulher era a parte ativa, dinâmica e dava aos homens o suporte de uma estratégia organizada na estrutura familiar. A mãe/esposa definia (e até hoje define) as tarefas e os deveres dos filhos, davam-lhes instruções e educação religiosa, para a vida na comunidade e fora dela. São as mulheres que exerciam grande influência sobre os filhos, e, apesar de dizerem até hoje que são submissas aos seus maridos, são elas que ditam as regras no lar para a educação dos filhos, na organização espacial das tarefas domesticas, inclusive o que deve e o que não deve plantar na horta das próprias casas.

As moças se casavam com dezessete, dezoito anos de idade, algumas até mais jovens. Segundo as mulheres, após o casamento, acabava toda e qualquer alegria porque as tarefas eram muitas: cuidar da casa, da roça e dos filhos que apareciam um atrás do outro. A mulher que não tivesse filho ou esperasse uns meses após o casamento para engravidar, era questionada pelas *"nonas"*, pelos mais velhos ou freis capuchinhos por tal atitude. Na concepção dos freis era necessário ter um filho após o outro. O trabalho das solteiras era considerado por eles, como sendo mais leve, porque a responsabilidade maior estava centrada na lavoura, enquanto que as casadas estavam no espaço doméstico e na lavoura. Uma de nossas informantes (oitenta anos de idade) nos diz emocionada:

> *"Veja só agora que tenho 80 anos, eu me acho mai nova, mais alegre, feliz, sabe... uma vida nova. Sabe o que é ter uma vida nova? Porque eu não faço nada hoje. Dio Santo só eu sei quanto trabalhei nesta vida!... Hoje eu tenho roupa e sapato pra escolher, tenho sapato que nem usei ainda. Naquele tempo levei uma semana pra andar no meu primeiro sapato, e só tive um sapato porque eu ia me casar..."*. (Emociona-se)

Algumas mulheres grávidas ajudavam seus maridos na lavoura, mas eles nunca obrigavam-nas a ajudá-los. Algumas mulheres falaram sobre a submissão delas em relação os seus maridos em especial das mais velhas. Segundo as moradoras, as *nonas* sofreram muito mais que as nossas informantes, porque eram quase que servas de seus maridos:

> *"A minha mãe tinha que tirar a bota e lavar os pés do meu pai numa bacia. Tinha que levar o café para ele. Só de me lembrar disso tenho vontade de chorar, ela parecia escrava dele... Quando eu me casei, final da década de 40, o meu marido pediu para que eu lavasse os pés dele. Peguei uma bacia e pensei 'Dio, mio, vou ficar como a minha mãe lavando os pés de mio padre o que vou fazer? ' Bem coloquei a bacia de água e comecei a lavar os pés dele, eu sabia que ele tinha cócegas. Comecei a fazer cócegas como se estivesse lavando os pés dele. Ele ficou tão bravo, que nunca mais deixou eu lavar os seus pés. Fiz isto de propósito, eu era a mulher dele e não sua serva. Mas o meu marido e os homens aqui não tinham culpa de pensar assim. Eles eram educados dessa forma. Os velhos faziam essa exigência, eles pensavam que dessa forma eles podiam mandar em nós".*[110]

Essas mulheres levantavam muito cedo, geralmente, às três horas da manhã. Faziam bolinhos ou polenta torrada no fogão à lenha, torravam o café colhido na roça, colocavam o arroz no socador[111], tiravam o leite da cabra para as crianças, preparavam o café da manhã para o marido e para os filhos. Antes de saírem para irem à roça, era preciso rezar o terço, todos rezavam, inclusive as crianças pequenas.

Alguns informantes do sexo masculino, das segundas e terceiras gerações, afirmaram que as mulheres deviam ser submissas aos seus maridos porque *"senão vira bagunça, onde todos*

[110] Informante, 68 anos de idade.
[111] Todas as famílias tinham um *"socador"*, que os membros da comunidade tirolesa davam o nome de *"pilota"*. Era uma espécie de tronco com uma cavidade no centro e onde podia socar o cereal ou produto colhido, como, por exemplo, o arroz, o café, etc. *"Pilota"* é o mesmo que pilão, usado nas culturas caipiras de Minas e São Paulo, o socador também recebe o nome de *"pilão"*.

querem mandar", porém não negam que as *nonas* (as mulheres mais velhas) sempre eram sábias e tinham uma inteligência surpreendente em relação aos seus *nonos* (aos homens). Um informante, 73 anos de idade, afirmou que:

> *"Às vezes, era preciso fingir que os homens mandavam nas mulheres com medo dessas tomarem as "rédeas" da casa. Se você observar bem, parece que é o homem que manda, mas na verdade, é a mulher... só que todo mundo aqui sabe disso, mas ninguém conta... era assim também com os nossos avôs, com aqueles velhos que vieram do Tirol... Já falaram para vocês da nossa comandaressa aqui, né? Todo mundo fingia acreditar que eram os velhos que comandavam, mas todos sabiam quem mandava naquela época era ela, a zia Maria. E veja, ela era uma mulher, mas todos respeitavam... ela dizia, mandava... e todos aqui obedeciam... E hoje, se você ver bem, parece que as mulheres enxergam mais que nós homens, vê as coisas mais longe... tem aquilo que se chama intuição... acho que é isso".*

Entretanto, todas as mulheres aceitavam ser consideradas *"as submissas",* pois essa hierarquização (do homem sobre a mulher) é uma tradição que vem de longa data. Os velhos imigrantes trouxeram essa tradição do seu *ethos* de camponês, de suas tradições, e, sobretudo, da religião. As mulheres e as crianças estavam muito mais propensas às ações do demônio, que os homens. Estes podiam cometer erros, porém a culpa era da mulher, as que sob a ação do demônio, influenciaria seus maridos, numa clara referência a história de Adão e Eva no Paraíso (Gêneses).

Como se percebe, a vida das mulheres, das crianças e dos adolescentes era árdua, priorizando-se o trabalho da roça, as rezas, as orações a Deus, a Jesus e Maria Santíssima, pois a religiosidade e o trabalho eram essenciais nas vidas dos moradores. Dessa forma, percebe-se que as crianças, estrategicamente, tornavam-se também uma mão-de-obra vantajosa, portanto, ter muitos filhos era um acordo implícito da relação conjugal, além do casal estar cumprindo uma exigência do *habitus* e do *ethos* camponês de seus antepassados.

Fig. 17 - O trabalho da lavoura era árduo, porém, as mulheres jamais reclamavam de suas tarefas na roça. (foto: década de 1950).

Até a década de 70 do século XX, as atividades no campo rural eram desempenhadas pela mão-de-obra familiar, pelas distribuições de tarefas por sexo e por idade. As crianças, desde as menores, sabiam de seus deveres: cuidar dos animais, ajudar na limpeza da casa, no preparo dos alimentos, olhar as crianças menores, ajudar a amarrar os feixes de arroz ou cana, arrumar o que era colhido, para depois ser ensacado, debulhar o milho, etc. Todos as crianças, inclusive as menores de seis anos de idade, acompanhavam seus pais no trabalho da roça, mesmo que fosse para ficar por perto, pois, muitas mulheres afirmaram que era mais seguro tê-las por perto do que deixá-las sozinhas em casa, correndo o risco de se queimarem junto ao fogão de lenha, ou mesmo de caírem dentro de poços abertos. As maiores de seis anos já pegavam na enxada: no período da manhã iam à escola e a tarde para a roça. Até o início da segunda metade do século XX, essa era a rotina diária da maioria das crianças tirolesas de Piracicaba.

Fig. 18 - Geralmente as crianças ajudavam seus pais na roça, porém na hora da merenda (ao meio dia), elas aproveitavam para brincar. A foto revela um desses momentos de lazer - brincadeira em cima de um cupim (de terra) que se formava na terra (foto da década de 1950).

Todos iam a roça, algumas mulheres acompanhavam o marido e os filhos, outras faziam suas tarefas domésticas e depois iam ajudá-los na lavoura. As mulheres lavavam as roupas na bica. Cada bairro tinha uma espécie de bica comunitária apropriada para lavarem as roupas, sendo que a água vinha do *crós,* (pedra que jorra água) de Santa Olímpia, que passava por um cano e chegava em Santana. Neste local de trabalho (lavar as roupas) era o espaço das conversas matutinas, de saberem as notícias da cidade, trazidas por um ou outro marido que ia vender algum produto no mercado municipal ou em outro estabelecimento. Depois de cuidarem das roupas, tarefas de todos os dias, era vez de cuidar dos animais. Todos os dias elas enchiam jacás[112] de capim para alimentar os burros, cavalos. Pegavam vários latões de água no poço e traziam para suas casas no "bigolo". Hoje se tem água encanada, mas o costume de buscar água na nascente ainda é muito comum entre os tiroleses. Depois de lavarem as roupas, cuidarem dos animais, das crianças pequenas que ficavam com elas, levavam o almoço para os que trabalhavam na roça. O almoço era às nove horas da manhã.

[112] É uma espécie de cesta de vime, muito utilizada pelos tiroleses de Piracicaba, até hoje. O vime também é muito utilizado entre os caipiras de São Paulo também.

As mulheres ajudavam no trabalho da lavoura e depois voltavam para casa a fim de prepararem a merenda do meio dia, à base de polenta torrada com leite de cabra. Novamente, a mulher levava o alimento para quem estava trabalhando e voltava para continuar a sua tarefa doméstica, cuidando dos filhos menores e preparando o jantar. Algumas mulheres bordavam à luz de lamparina até a meia-noite. Eram bordados de enxoval encomendados pelas bordadeiras de São Pedro e Águas de São Pedro[113], que ajudavam as mulheres a conseguirem um dinheiro extra. É preciso notar que essas mulheres, apesar de toda submissão ao marido, foram as primeiras a trabalhar fora de casa, porém, como esse tipo de trabalho podia ser feito em casa, sem ausentar-se do lar, na concepção de seus maridos elas não trabalhavam fora, e o dinheiro do bordado era apenas um *"dinheirinho extra, quase nada, insignificante..."*.

> *"À noite eu bordava até meia-noite, só para ganhar um dinheiro para comprar alguma coisa. O guarda-roupa que tenho, eu comprei com o dinheiro do bordado. Depois eu acordava bem cedo no dia seguinte, as três horas da manhã".*[114]

Além de todas as tarefas domésticas que as mulheres tinham, era responsabilidade delas também, cortar eucaliptos bem secos para fazer a lenha do fogão. Cortavam pedaços de madeira caso não encontrassem o eucalipto seco. O primeiro fogão a gás da comunidade apareceu por volta de 1966. A energia elétrica[115] em Santa Olímpia chegou em 1962, porém tratava-se de motor gerado a água, e segundo os moradores, faltava energia[116] de modo que permaneciam um dia com luz e outro a base de lamparina. A água também surgiu por meio de bombeamento por volta da década de 70 em ambos os bairros.

---

[113] Até hoje, a cidade de São Pedro e a Estância de Águas de São Pedro são conhecidas na região de Piracicaba como o lugar dos bordados em ponto cruz e outros tipos. Há muitas lojas especializadas em enxoval de mesa, cama e banho, todos bordados à mão.

[114] Informante, 68 anos de idade.

[115] Segundo alguns moradores, o atraso da energia elétrica em Santa Olímpia foi de ordem política. Os nossos entrevistados contaram-nos que os membros de Santana votaram num tal prefeito, no final da década de 40, e este prometeu que se ganhasse aquela eleição iria levar a luz elétrica ao bairro. Os membros de Santana votaram nesse tal prefeito e os de Santa Olímpia votaram na oposição. O candidato do primeiro bairro ganhou e ele cumpriu a promessa, porém, os moradores do segundo bairro ficaram sem a energia, como relatou um informante, 71 anos de idade: *Nós aqui de Santa Olímpia, votamos num outro candidato e ele perdeu... Acho que aquele que ganhou quis castigar nós aqui, por isso a luz para nós só chegou aqui dez anos mais tarde que em Santana...*". A energia elétrica chegou em Santana em 24 de dezembro de 1949".

[116] A energia elétrica era obtida através de conversão de energia mecânica pelos geradores com bombeamento à água.

2.1.6. Homem: esposo, pai, patriarca e patrão

O modo de sobrevivência desse povo se limitava ao trabalho árduo da lavoura. Em cada família o pai era visto como o chefe que resolvia todos os problemas: moral, religioso, financeiro, enfim, tudo que se relacionasse à vida familiar. Na falta do chefe-homem, ocasionado pela morte, era o irmão mais velho, que o substituía sempre seguindo o regime patriarcal. Nas decisões mais importantes era a opinião do avô, ou, às vezes, do bisavô, caso este estivesse em sã consciência. Era sempre o julgamento do mais velho da família que prevalecia. Entretanto, como já dissemos, a decisão e a última palavra, de uma forma bastante implícita e *"com jeitinho"* acaba sendo decidida pelas mulheres, pelas *nonas*. Quanto as decisões referentes às plantações, às colheitas, enfim, ao trabalho eram tomadas pelos chefes de famílias, ou seja, pelos homens. A roça é o campo do saber do homem, e as mulheres "*somente davam palpites"*, os quais geralmente eram aceitos pelos homens.

Os tiroleses de Piracicaba sempre trabalharam nas lavouras, nas plantações e nas colheitas. Desde a fundação dos bairros, ou seja, das compras das antigas fazendas até meados da década de 30 do século XX, o trabalho na roça caracterizava-se pelo uso de técnicas antigas. Utilizavam apenas três instrumentos, a foice, a enxada ou enxadão e o machado, sendo que o principal era o machado para carpir o café e derrubar o mato. Os mais antigos, *os nonos*, chegaram à comunidade somente com o machado e a foice para cada família.

Naquela época, quando adquiriram as fazendas de Santa Olímpia e de Santana, a principal plantação era a do café, sendo que o produto colhido em Santa Olímpia era vendido para os produtores da cidade de Santos – SP, que exportavam o café, e como o ex-proprietário da fazenda era o intermediário dessa transação comercial, o dinheiro da venda servia para descontar a divida com compra da fazenda. O que sobrava era para o próprio consumo dos tiroleses ou vendido num preço bastante baixo para os arredores da fazenda. Nos anos 30, havia pouco café nas duas fazendas. Em 1930, a com a crise dos preços baixos, os moradores de Santa Olímpia tiveram pouco prejuízo, já os moradores de Santana, tiveram um prejuízo maior porque precisaram vender partes de suas terras para saldar dívidas causadas pela queda do café em 1929.

Fig. 19 - Homens na plantação de arroz. (Foto da década de 50)

Após 1919 até meados de 1930, se plantava e se vendia muita uva nos bairros. Produzia-se também, manualmente, vinho de uva, além do vinho de laranja que sempre foi a tradição entre os tiroleses de Piracicaba. Antigamente o vinho de laranja e o de uva eram vendidos, mas hoje eles fabricam apenas para consumo próprio, sendo que o processo de preparação é lento e que requer paciência e habilidade, pois tudo ainda é feito de forma artesanal, constituindo-se em um aprendizado adquirido pelos velhos imigrantes e passado de geração a geração.

É interessante dizer que, ao visitarmos um daqueles descendentes que produzem o vinho de laranja e de uva, este nos levou para conhecer o armazenamento dos garrafões de vinhos, e para nossa surpresa o local é o porão de uma das casas mais antigas de Santa Olímpia. Segundo o produtor de vinho, *"o lugar é bom porque é fresco para a fermentação do vinho...",* mas a nosso ver é mais do que isto, pois este espaço também tem um significado profundo aos moradores daquele local, uma vez que ele garante a continuidade das ações daqueles velhos imigrantes tiroleses, pois ali eram também armazenados os vinhos fabricados no início do século XX. É a

reprodução do *ethos camponês/tirolês* que se faz presente hoje, seja na produção artesanal do vinho, seja no espaço onde se armazena a produção.

Fig. 20 - Preparação para a produção do vinho de laranja. O produtor de Santa Olímpia coloca a laranja com casca no "amassador" para tirar o caldo dela e prepará-la para a fermentação do vinho.
Observa-se que o "amassador" de laranja foi construído de madeira, no início do século XX pelas mãos dos imigrantes.
(Foto tomada em junho de 1994)

Além do café e da uva, no início do século XX, havia policulturas de subsistência para os membros da comunidade: arroz, feijão, milho, batata, mandioca, chuchu, todo tipo de plantação para o próprio sustento. O arroz, prato do dia-a-dia da comunidade, apresentava uma produção média de cinqüenta sacos por ano, sendo que onze a doze sacos eram armazenados em suas casas para o consumo anual das famílias, e outros quarentas eram vendidos para os de fora da comunidade. Além do arroz armazenado, havia outros tipos de alimentos, como por exemplo, feijão, milho, etc. que também ficavam guardados para o consumo. Geralmente o milho ficava armazenado num grande paiol. Como se pode observar o espaço não era só para o plantio, mas também havia lugar para o armazenamento do vinho, dos produtos de consumo e de venda.

De 1932 a 1940 houve também a criação do bicho da seda, que era vendido em Campinas. Não obtiveram muito lucro. Houve uma nova tentativa no ano de 1972 a 1975, quando vendiam o

casulo do bicho da seda para a fábrica *Rivaben,* na cidade de Charqueada. Com a crise econômica em 1975, o negócio não deu certo e eles pararam com a criação.

Na década de 40, resolveram plantar eucaliptos, mas havia muitas saúvas e eles não possuíam as técnicas para acabarem com elas, logo, a plantação não teve sucesso. Segundo os informantes de Santa Olímpia, eles despendiam dezoito meses para criarem um pé de eucalipto e entregá-lo ao vendedor. Cada planta dessa ficava com um metro de altura ou até um metro e meio no máximo. Quando encontravam o sauveiro, eles jogavam formicida e ateavam fogo para matar as saúvas, mas o perigo maior era a intoxicação que o líquido provocava nas pessoas e mesmo assim não conseguiam acabar com elas. Um dos informantes se lembrou que chegaram a matar cento e dez formigueiros antes de começarem a plantação de eucalipto.

Depois de 1940, aproximadamente, plantaram e colheram algodão, mas não durou muito, porque o preço abaixou e preferiram investir mais na cana-de-açúcar. A produção de cana melhorou quando começaram a trabalhar para a Usina Costa Pinto, arrendando suas terras e fornecendo a cana-de-açúcar para a Usina. Na década de 50, resolveram plantar melancia. No primeiro ano de colheita foi um sucesso, entretanto, no segundo, a geada foi tão forte que queimou toda a plantação. No mesmo período, eles plantaram arroz, porém como não choveu na época esperada, eles perderam toda a plantação.

Segundo os informantes, eram bem poucos os homens da comunidade que saiam para fazer as transações comerciais dos produtos colhidos, porque sempre havia um ou outro descendente tirolês que fazia as relações de venda com as pessoas de fora da comunidade. Estes vendiam no mercado Municipal de Piracicaba ou em outros estabelecimentos, mas jamais tiveram um comércio próprio na cidade.

As dificuldades para vender as frutas, legumes e verduras eram, às vezes, muito difíceis e complicadas. Um ex-lavrador, em Santa Olímpia, relatou que na década de 50 ele veio foi vender pimentões, naquele dia, o comerciante do Mercado Municipal de Piracicaba não quis comprá-lo porque ainda tinha muitos em sua banca de verduras. O tirolês tentou vender para outros estabelecimentos comerciais e também não obteve êxito. Acabou indo às ruas de Piracicaba, com sua carroça pensando que pudesse vender alguns pimentões. Passou quase o dia inteiro tentando vendê-los. Ele ficou tão desnorteado que na volta para Santa Olímpia, resolveu jogá-los todos no rio de Piracicaba. Outro caso refere-se a um tirolês que foi para a cidade de Piracicaba com a sua

carroça cheia de cebolas e repolhos, mas como a mula se assustou com o trem que encontrara no caminho, ela disparou desesperadamente e os produtos saltaram de sua carroça, perdendo-se toda mercadoria. Também há a história de um tirolês que, na década de 50, veio vender melancias pelas ruas da cidade mas como, ninguém comprou naquele dia, ele passou na delegacia de polícia e pediu para dar aos presos.

> *"A lavoura é ingrata, se espera a chuva, mas faz seca. Espera tempo ameno faz a geada. Dessa forma se perde tudo o que plantou. E quando dá bonito as pessoas não compram e se perde tudo."* [117]

O preparo da terra obedece a um ritual que envolve o clima, a época de plantio, o nivelamento, períodos, enfim, estruturas de um saber que se adquire a cada geração. Como afirma Tedesco (1998, p.108) "há inúmeros elementos que estão imbricados num conhecimento fundado na relação dinâmica e conflituosa entre certeza/incerteza/, entre a ação do homem e a ordem da natureza". A ação da natureza, o trabalho na terra também implicam relações familiares, pois é preciso observar que existe um saber empírico e técnico construído pelo *ethos* do camponês tirolês e nessa óptica "o saber/fazer, enquanto dinâmica construtiva, material e simbólica atualiza-se e transmite-se envolvendo valores e diferenciações de papéis e de hierarquias" (cf. Tedesco, 1998, 109).

Tedesco (1998) faz uma explicação digna de nota quando revela que há uma prática simbólica entre o trabalhador camponês e a terra em sua transformação, num ritual que se denomina num "*erotismo* (abrir, colocar, plantar, colher, produzir), *a afetividade, a agressividade* (química, topográfica), *o amor* (água, sol, sombra), *a classificação* (facilidade de trabalhar, unidade, fertilidade, cor, empedrada ou não, terra boa) dentre outras taxionomias internas". E é através dessa relação íntima com a terra que o camponês consegue compreendê-la. É um *habitus* familiar que desenvolve e gera a dimensão afetiva com o processo de trabalho na terra.

[117] Informante, 65 anos de idade.

Desde o século XIX até meados da década de 70, a maior parte da população dos tiroleses criava galinhas, porco, cabra, tudo para sua própria subsistência. Dessa forma eles tinham a carne, os ovos, o leite, produziam lingüiça, queijo, entre outros produtos para o próprio consumo.

Suas plantações seguiam as fases da lua e até hoje consultam o calendário para verificar se a fase da lua é apropriada para tal plantação ou não. Por exemplo, o feijão sempre foi plantado na lua minguante, porque dessa forma ele cresce forte e baixinho e não na lua crescente, pois ele nasceria *"de perna comprida"*. A plantação de arroz se fazia e se faz sempre na lua crescente, com a finalidade de que ela cresça. Plantações de raízes como batata, mandioca, cará, enfim, todos legumes que nascem debaixo da terra sempre são plantados na lua minguante. Na lua cheia não se planta e nem se colhe porque, segundo eles, se pode correr o risco de perder toda a produção. Na lua cheia, também, não se produz vinho, e se houver vinho nos toneis não podem ser mexidos nem para limpá-los, porque o vinho se torna de péssima qualidade, ou pior, pode-se azedá-lo. O mesmo acontece com a madeira, que jamais é serrada ou cortada na lua cheia.

São conhecimentos vividos, aprendidos e passados de geração em geração. Os saberes adquiridos por gerações os levaram a dar significados e a interpretar os sinais dos tempos, das estações, dos clima e sobretudo da influência lunar. O espaço ganha uma dimensão simbólica que transcende o cansaço na alegria de ter *"o que comer",* e, sobretudo, na dimensão religiosa de *"ganhar o pão com o suor do teu rosto".*

Segundo muitos de nossos informantes, esse conhecer, passado de geração a geração implica no amor à terra, no amor ao trabalho que trazem com eles desde quando eram agricultores, lavradores. Há uma relação profunda do homem da terra com a própria terra e para com esse trabalho. É um saber próprio que os orientam num processo de trabalho - colher, conhecer o período do plantio, dos instrumentos utilizados, e a expectativa em relação à natureza: sol, chuva, noite, dia, geada, frio, calor, etc. Representam aprendizados próprios *do ethos de imigrante/camponês/tirolês* que são rememorados, lembrados e postos em práticas até hoje.

A técnica agrícola empregada desde a compra da fazenda pelos imigrantes era basicamente fundamentada nos três instrumentos já citados: o machado, a foice e a enxada ou enxadão. O processo de plantação dos alimentos feitos com sementes era o mais primitivo possível e essa técnica veio com os velhos camponeses europeus o imigrante. Eles cavavam um pequeno buraco na terra com a enxadinha, colocavam a semente dentro desse pequeno orifício na terra e fechava-o

empurrando a terra com os pés. A plantação era feita sempre em grupo com onze a doze homens, a fim de facilitar o trabalho agrícola.

Um dos informantes, 81 anos, disse que as primeiras gerações tinham somente um enxadão e uma pá. Explica que o seu pai, por exemplo, cortava a mata, queimava-a e plantava, somente com a enxadinha. O trabalho dos pioneiros era facilitado porque não precisava revolver a terra, era só mata e terras virgens que havia na fazenda, mas mesmo assim eles sofreram muito por não terem instrumentos suficientes para as suas plantações.

Bem mais tarde chegou a semeadeira. Era um tipo de caçamba com uma espécie de disco que girava conforme andavam e as certas distâncias jogavam a semente na terra. A semeadeira não era trator, e sim à base de tração animal, o que tornava o trabalho na lavoura, segundo os ex-lavradores, mais fácil, pois não havendo necessidade de empurrar as sementes com os pés nos buracos da terra, as pernas já não doíam tanto.

Outro instrumento de trabalho agrícola muito utilizado foi o arado e esse só chegou em Santa Olímpia e em Santana no final de 1920. Eles engatavam o animal no arado e isso facilitava o trabalho na lavoura. Um informante ao se lembrar daquela época se emociona:

> *"Eu não quero nem lembrar, só de lembrar disso me dá canseira. Eu andava doze horas por dia, acordava cedo, pegava o arado e ia até ao meio-dia. Merendava, porque o almoço era às nove horas, e ia até às seis horas da tarde. Tinha que gradear, riscar e os outros homens vinham plantando".*[118]

A segunda quinzena do mês de fevereiro era época não só das plantações, mas também de limpar as estradas vicinais que os ligavam à cidade de Piracicaba. Todo ano um grupo de homens tiroleses carregava enxada, picareta, enxadão, um corote de vinho fraco, outro de água e uma marmita de comida. Esse grupo saia antes do sol aparecer e voltava para casa após as dezoito horas. Eles cortavam o mato da estrada que o cercavam, pois tinham receio de que pudessem ficar isolados por causa do mato que crescia muito naquela época devido às chuvas de dezembro e janeiro, muito comum na região de Piracicaba. Era um trabalho de aproximadamente três a quatro

[118] Informante, 81 anos de idade.

quilômetros de mato cortado a mão. Caso não os cortassem corriam o risco das carroças não passarem mais por aquelas estradas.

As mulheres e as moças eram proibidas de irem junto com os homens para esse tipo de trabalho que perdurou até o final da década de 50 do século XX. Segundo os informantes, os *nonos* obrigavam os rapazes a irem junto e a cortarem os matos, como eles diziam *"era a lei dos nonos – todos os homens tem que cortar os matos"*. Tal serviço durava em média dez dias, aproximadamente. Em meio às risadas e gargalhadas os informantes lembraram que os velhos se divertiam muito apesar do trabalho árduo:

> *"Nós sempre fabricamos vinho, a gente deixava uns 7 ou 8 dias aquele vinho descansando, depois tirava, colocava água, açúcar jogava dentro da casca*[119] *e fabricava o vinho um pouco fraco. Era o vinho especial para acompanhar no serviço das estradas. Na época que ia arrumar a estrada os "nonos" levavam esse vinho e bebíamos como se fosse água. Na verdade, a limpeza das estradas ia bem até ao meio-dia, depois começávamos a beber aquela "água". Com o calor que fazia em fevereiro, todos nós: meninos, moços e os velhos, já estávamos alegres por causa daquele vinho fraquinho que bebíamos, se encontrássemos uma poça de água no chão, não tinha dúvida a gente rolava naquela poça d'água para se refrescar, era uma beleza, a gente se divertia até no trabalho duro de cortar o mato das estradas...* (gargalhadas)[120]

A alegria, a comida e a bebida nunca faltaram a esse povo tirolês de Piracicaba. Entretanto o dinheiro era escasso e não podiam comprar nem tecidos para fazerem suas próprias roupas. Um informante lembra daquela época:

> *"Luxo nói non tinha, a gente se vestia de saco. Quero dizer, toda a família comprava sacos de farinhas, quando acabava o trigo, a nona fazia camisa, calça, até vestido para as crianças. Tingia de azul ou de marrom. Nem parecia que era o saco de farinha. Aqui a gente tinha tudo,*

[119] A casca é o nome dado por eles, a uma espécie de tonel próprio para deixar o vinho.
[120] Informante, 82 anos de idade.

> *ovos, galinhas, lingüiças feitas aqui pelos "nonos". A criação de porco hoje é tratada com ração, depois aplicam vacinas e a carne de porco perde o gosto, em nosso tempo a carne era pura mesmo, que delícia, tinha um sabor que não encontro mais".*[121]

Os Negris tinham condições financeiras melhores em relação aos habitantes de Santana e Santa Olímpia, pois aqueles moravam na fazenda de seu próprio sobrenome e desde o início do século XX eles possuíam uma grande propriedade com máquina à vapor, máquina para beneficiar o arroz, café, fabricavam pinga, tinham olaria, a serraria, a moenda[122]. Hoje eles têm apenas o depósito de madeira.

2.2. O entretenimento e a política

2.2.1. Das distâncias às lutas

A dificuldade daquele povo em ir à cidade de Piracicaba e região era bastante grande. Não havia carros e tampouco meios de transporte que pudessem levá-los até a cidade. Por conseguinte, não tinham quase contato com quem não era da comunidade. Embora não possamos dizer que viviam isolados, o certo é que o acesso à cidade era extremamente difícil e raro.

Tanto os moradores de Santana como os de Santa Olímpia tiveram muitas dificuldades com as idas e vindas à Piracicaba e região até 1950.

> *"Ninguém aqui tinha carro antes de 1960, nem todos tinham cavalos ou carroças, muita gente aqui não tinha nem sapato. Naquela época era tudo difícil, tudo muito caro... Pra ir na cidade era aquele sacrifício. Era um ou outro homem que ia vender ou comprar as coisas na cidade..."*[123]

[121] Informante, 78 anos de idade.
[122] Mecanismo destinado a esmagar a cana-de-açúcar nas usinas açucareiras.
[123] Informante, 65 anos de idade.

Os primeiros caminhões apareceram em Santana no início da década de 40, e no bairro de Santa Olímpia havia somente dois em 1950, quanto aos tratores, também, foram comprados nessa época. Geralmente eram os homens que iam à cidade para comercializar os produtos da roça ou comprar alguma coisa. Quando iam à Piracicaba pegavam um trem que passava na estrada entre Piracicaba – Charqueada, sendo que era preciso caminhar quatro quilômetros para tomá-lo. Além disso, o trem soltava muitas fagulhas que quando batiam em suas roupas formavam pequenos buracos em suas camisas ou calças.

Hoje, cada família em Santana ou Santa Olímpia tem pelo menos um carro em cada casa. Algumas famílias chegam a ter dois carros do ano. Mas é interessante notar que entre os carros zero quilômetro, se cruzam as carroças e os cavalos entre aquelas ruas sem asfalto como se o passado se entrecruzasse com o presente. É impossível não perceber um homem em cima de uma carroça, acenando com o chapéu e dizendo *"Bon di!"*. É uma cena do presente remetendo-se ao passado.

Do passado vem também, a herança dos tropeiros de Santa Olímpia, os quais vinham do Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e passavam nessa fazenda para vender os animais aos tiroleses. Geralmente os tropeiros apareciam por lá duas vezes ao ano, e ficavam hospedados por uma semana. Deixavam suas tropas em Santa Olímpia e vinha gente de toda a redondeza para as compras. Aquele que tivesse dinheiro conseguia comprar um ou mais burros, e isso era motivo de grande alegria, porque iria servir como ajuda no trabalho da roça. Além disso, ter um animal significava possuir *status* diante de outras famílias.

Os informantes lembram com grande saudade, a época em que os tropeiros conseguiam amansar aqueles animais que pareciam selvagens. Rememoraram as exibições que eles faziam para domesticar os burros e viam naqueles homens a coragem que eles tinham diante de animais rudes. Um dos nossos informantes se lembra do pedido de seu pai:

> *"Naquela época, de 1917 a 1930, aproximadamente, a gente só tinha animais: burro ou cavalo. Não existiam carros aqui. Então, o pai dizia se quiséssemos passear, ir ao baile no Sábado na casa da nonna ou de algum parente, antes era preciso amansar o burro ou o cavalo. Imagine só! A vontade era muita de ir ao baile que a gente*

> *amansava aqueles de qualquer forma. E a gente conseguia!... (risadas, gargalhadas).*[124]

Segundo os moradores, havia pessoas que não tinham condições de comprar um animal para ajudá-las no trabalho das plantações, mas não era por isso que iriam se revoltar ou reclamar devida a baixa situação financeira que tinham, pois o cotidiano dessas famílias estava centrado na fé religiosa, e o trabalho da lavoura, por mais árduo que fosse, era digno aos olhos de Deus, e quanto mais difícil, e mais pesado, mais perto poderiam estar de Deus.

Nessa *visão de mundo*, o trabalho para eles oferecia dignidade e salvação após morte (numa visão escatológica). É muito parecido com as definições de trabalho dada por Jacques Le Goff (1989, p.42): "os homens da Idade Média viram antes de tudo no trabalho o castigo do pecado original, uma penitência. Depois, sem renegar essa perspectiva penitencial, valorizaram cada vez mais o trabalho, instrumento de resgate, de dignidade, de salvação, colaboração, à obra do Criador, que, depois de ter trabalhado, repousou no sétimo dia."

Dentro da comunidade tirolesa até meados da década de 70, ocorriam dois tipos de comercialização: a venda do produto e o recebimento em dinheiro, e também havia o escambo, que era a troca de um produto por outro não produzido na comunidade. Por exemplo, havia, segundo os moradores, um certo padeiro que ia até a comunidade com seu carro (uma perua), todas as terças-feiras, ele trocava os seus pães (feito na padaria da cidade) por galinhas, ovos, etc. dependendo da quantia de pães que os tiroleses quisessem.

Além dessa troca com os de fora da comunidade, eles trocavam o produto colhido por outro que havia na venda de Santana. O *"vendero"*, como eles chamam, é o proprietário da venda, também tirolês, que, gentilmente, fazia qualquer troca, porque sabia que o dinheiro era escasso dentro da comunidade.

> *"A gente comprava só no armazém de Santana. A nossa compra era aquilo que não dava prá plantar: era o sal, queijo parmesão, bacalhau, sardinha, latas grande de manteiga, soda prá fazer sabão porque quando matava porco já matava dois, três por uma vez, aí dava umas três latas cheia de banha, quando a banha acabava matava*

[124] Informante, 79 aos de idade.

> *outros... O varal de lingüiça, era sempre cheio, o varal ficava em cima do fogão de lenha... pelo amor de Dio... que saudade que dá isso...* (o entrevistado se emociona) *Enton, tinha tudo, ovo, leite, carne, comida à vontade...a gente só comprava aquilo que nós não produzíamos. Veja só! Desinfetante, papel higiênico, sabonete, pasta-de-dente, isso era luxo prá nós, isso a gente não conhecia... Apesar das dificuldades, como eu tenho saudades, que tempos bons aqueles... Tudo começou a mudar lá pelos anos 70..."*[125].

A venda era o espaço de socialibilidade de jogos à noite, de discussões entre os homens e onde se bebia (vinho ou cachaça). A venda também se constituía uma rede de encontros de outros produtores das regiões que apareciam de vez em quando. Ali era o local onde se vendia, trocava-se o produto do agricultor com outro que não era produzido no lugarejo, por exemplo, latas de sardinhas, como também era o lugar de encontro das pessoas, geralmente, dos homens da comunidade, e onde se podia saber as *"notícias da cidade"*.

A comunidade se constituía e se constituí até hoje na e ao redor da venda e da igreja. Cada bairro tem sua venda e sua igreja. É nesses espaços que se dão os encontros dos amigos, como eles mesmos dizem: *"tirolei*[126] *que é tirolei não vive sem a igreja e sem a venda...."*

2.2.2. O passatempo: das penúrias do trabalho da roça ao divertimento

O povo tirolês sempre foi alegre e divertido, apreciando a música, a banda, a caça, a pesca, os jogos de futebol, o jogo de baralho, as festas, as reuniões para beber, cantar e conversar. Os domingos e os dias considerados santos, pela Igreja Católica, eram os únicos dias considerados como descanso, contudo eram momentos em que se dedicavam mais às orações, à participação na missa (quando havia), enfim, eram dias de orações a Deus e de permanecer com a família ou de se divertirem, sempre depois das rezas na Igreja ou mesmo em casa.

Além das reuniões aos domingos existia o circo, o qual se estabelecia por uma semana no bairro de Santana, duas vezes ao ano, assim, dos tiroleses (de ambos os bairros) tinham a

[125] Informante, 65 anos de idade.
[126] Informante, 71 anos de idade. Observe que o informante usou "i" marca do plural da gramática italiana para fazer o plural da palavra tirolesa, em vez da marca da língua portuguesa "s".

oportunidade de assistirem ao espetáculo. Como gratidão por tanta alegria trazida aos bairros, os homens convidavam os moços do circo para jogarem futebol com eles, no domingo pela manhã.

Seyferth (1990, p.54) salienta que as sociedades recreativas e esportivas do Sul do Brasil organizados por italianos e alemães tinham um caráter étnico a fim de preservar os costumes e hábitos dos imigrantes, como, por exemplo, no município de Brusque (vale do Itajaí) de descendentes alemães, que na década de 30, havia três sociedades de caça e tiro *(schützenevereine),* uma de canto (mantendo um coral), uma de ginástica, uma de música, além dos bailes e associações ligadas às igrejas católicas e luteranas. Entre os italianos havia também as sociedades recreativas, dando incentivo ao esporte amador, à ginástica, à música, às festas com bailes, ao teatro e muitas outras atividades de divertimento.

Os tiroleses de Piracicaba não tinham as chamadas associações ou sociedades recreativas e esportivas e tampouco as sociedades de caráter assistencialista, mas faziam, de certa forma, como se tudo tivesse organizado em "sociedades recreativas", embora, nada oficializadas.

Seyferth (1990, p.54) faz referências aos jogos e lazeres dos grupos étnicos alemães e italianos, sendo que o bolão (espécie de boliche), a caça e tiro são de origem alemã, a bocha e a mora de origem italiana. Encontramos outros estudos, por exemplo, as pesquisas do sul do Brasil de Battistel (1981, p.48) que faz referências à caça e pesca como atividades de lazer dos italianos do Rio Grande do Sul. A bocha é o esporte mais popular, ultrapassando o jogo de futebol, que se tornou mais popular no interior, como em Blumenau. O futebol nada tem a ver com a imigração, seguindo a tendência brasileira do início do século que era transformar o futebol num esporte nacional (cf. Seyferth, 1990, p 54-55).

Analisando as origens dos jogos e lazer dos membros da comunidade tirolesa de Piracicaba, não podemos afirmar que se trata de um grupo étnico alemão ou italiano, e sim com características alemã e italiana. Sendo que os jogos de bocha, mora, banda, música são de tradição italiana e a caça, a pesca, o teatro são de origem alemã. As atividades acima podem ultrapassar o jogo de futebol nas preferências de entretenimento da comunidade.

As festas das igrejas, as quais não deixam de ser uma forma de entretenimento são bastante importantes para a comunidade dos tiroleses. Dessas festas surgiram os leilões. Hoje

pouco realizados, mas os comes-e-bebes, *"tipicamente tiroleses",* são freqüentes nos bairros até hoje.

Outra diversão era o futebol. Cada bairro sempre teve o seu campo de futebol, embora de forma bastante precária, porque o chão era de terra, as traves e o campo eram cercados de madeira ou bambu. Hoje os campos de futebol são bem mais sofisticados.

Uma das diversões das mulheres, além dos bailes e dos espetáculos do circo, era a torcida no campo de futebol. Geralmente, o jogo era entre Santana e Santa Olímpia, e as mulheres participavam da torcida. Animavam o jogo, que nunca terminava, segundo os moradores, porque as *"brigas"* entre os torcedores impediam a finalização do futebol.

> *"O interessante no jogo de futebol era as torcidas das mulheres. Se não fosse aquela animada torcida acho que o jogo de futebol não seria bom como era. As mulheres gritavam para os homens ' vai, agora... aproveita quebra a perna dele... aproveita rebente ele...'. E a gente no campo ficava tão animado que começávamos a brigar. O jogo acabava antes do tempo certo de terminar... Mas as brigas eram só no campo, tudo de brincadeira, a gente se divertia com alegria das mulheres e as brigas no campo".*[127]

Observa-se nos relatos orais, que as brigas no jogo de futebol entre os dois bairros não podem ser analisadas como uma competição ou disputa entre eles. Assim também, como as chamadas *rixas* entre os bairros, que pessoas de fora da comunidade poderiam julgá-las como simplesmente *"brigas" ou "competição" ou "confronto"* entre *bairros de tiroleses*. Podemos julgar tais atitudes como rituais. Se realmente houvesse uma competição, o jogo de futebol terminaria com um bairro vencendo e o outro sendo o perdedor, mas não era isso o que acontecia.

É preciso notar que em todas as *"competições"* existentes, principalmente até a década de 70, seja para decorar melhor as igrejas de seus bairros, para conservar as pequenas diferenças dos dialetos, seja no jogo de futebol, havia sempre a presença das mulheres que implícita e paradoxalmente eram as protagonistas deste cenário ritualístico.

[127] Informante, 63 anos de idade.

Outro divertimento entre os homens de Santana e de Santa Olímpia era a caça de pequenos animais. Segundo os nossos informantes, quando os homens iam para a caça, sempre se faziam acompanhados de cachorros treinados para ajudá-los, além de se equiparem com armas carregadas de munição. É importante ressaltar que a caça de animais, principalmente, veados, coelhos, animais de porte pequenos e aves de todas as espécies, era comum entre os homens desse grupo étnico residente em Piracicaba. Essa é uma tradição européia que veio com os primeiros imigrantes, por isso tal divertimento sempre teve grande importância entre as pessoas da comunidade.

Segundo os informantes daquele local esse divertimento foi conservado, entre os homens dos dois bairros, até meados de 1970, como bem mostra as diversas fotografias encontradas na comunidade. Depois desse período, ficou muito difícil caçar quaisquer animais ou ave naquela localidade, devido às queimadas de cana-de-açúcar, que fizeram com que os animais se afastassem do local, segundo os relatos orais dos moradores.

Além do jogo de futebol, da caça, a pesca era outra tradição dos imigrantes e continua até hoje. Eles costumavam pescar no rio Corumbataí, a dois quilômetros do bairro de Santana. Atualmente, eles pescam no "pesqueiro" que fica a um quilômetro de distância do bairro de Santa Olímpia.

Fig. 21 - Homens de Santana e Santa Olímpia na caça. Vêem-se nos fundos um veado caçado e amarrado, ao centro um homem exibindo um veado já morto, à frente os cães que os ajudaram na caça.

2.2.3. Um capital cultural em jogo: a arte cênica e a música

Sabe-se que a música e o teatro podem ser o espaço de uma representação cultural que expressam a *visão de mundo* de seus integrantes. Cenni (1975, p.343-395) expressa muito bem as contribuições do teatro, da música, da pintura e da escultura trazidas pelos europeus como um *habitus* cultural desde o século XVII. Os Jesuítas fizeram das artes culturais uma forma de aprendizado que podia ser adquirido e passado de geração em geração, sobretudo como uma educação religiosa aos índios que encontraram em terras brasileira (cf. Cenni, 1975, p.345-353). Sabe-se também que durante a época da Regência no Brasil, o Imperador D. Pedro II admirava muito as artes, transportando da Europa este hábito cultural.

Junto com a imigração italiana vêm também seus costumes e tradições e é por esta razão que os membros da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba trouxeram, como fonte de expressão da arte, o teatro e a música. O teatro era (e ainda é) representado pelo bairro de Santa Olímpia e a música ficou bem expressa e marcada pelo de Santana. Assim, as artes em seus respectivos bairros podem representar um todo, e não dois grupos que estão se confrontando ou competindo, como já ressaltamos anteriormente.

O teatro é uma atividade que sempre fez parte da educação dos membros da comunidade, em geral, isto é, alguns integrantes (atores) de Santa Olímpia representavam suas peças teatrais para os de Santana também, e jamais para eles próprios. Desde a fundação da comunidade, através do espetáculo dramatizado podia se educar, numa linguagem informal, misturando-se autos profanos, tragédias, tragicomédias sobre a religiosidade católica, as vidas dramáticas de um santo da igreja católica, uma espécie de ensinamento como se faz ainda hoje nas igrejas, em épocas das comemorações litúrgicas. Este tipo de encenação prevaleceu na comunidade, ou melhor, dizendo, nos atores de Santa Olímpia até meados da década de 70 do século XX. Atualmente há peças sobre os autos, porém, tentam, através do teatro, contar pequenas histórias sobre a cultura, a viagem de navio ao Brasil dos imigrantes tiroleses, os manuscritos sobre a emigração, ou mesmo, os conselhos religiosos (sobre moral), deixados pelos mais velhos. Enfim, são histórias que retratam as pessoas mais expressivas do grupo, a cultura e a tradição expressas por intermédio da encenação teatral. Renaux (1995:151) em suas pesquisas, em Blumenau, ressalta a importância do teatro para os imigrantes e seus descendentes.

Uma das peças teatrais encenadas em 1991, e reproduzida em vídeo por eles, é a saga das famílias fundadoras de Santa Olímpia, intitulada "Em busca de Novos Horizontes". É preciso ressaltar que, desse modo, eles educam, rememoram toda a trajetória dos velhos até os dias atuais, com o objetivo de não deixar morrer as tradições e culturas trazidas pelos velhos imigrantes. Geralmente a língua falada nas peças teatrais é o dialeto trentino.

Até a década de 70, o teatro no bairro de Santa Olímpia era exibido para as autoridades locais, como os políticos ou as pessoas influentes em Piracicaba, como, por exemplo, o Dr. Samuel de Castro Neves, um espectador assíduo em dia de espetáculo teatral. Os membros da comunidade vendiam ingressos tanto para os de dentro da comunidade, como para aqueles das regiões mais próximas e com o dinheiro angariavam fundos para a construção da igreja, salão de festa ou para obras assistenciais da comunidade.

Sem dúvida nenhuma, o teatro tinha três objetivos: arrecadar dinheiro para as obras assistenciais, divertir os membros, especialmente os mais jovens, impedindo-os de buscar outro divertimento fora da comunidade e finalmente educá-los para conservá-los numa memória dirigida a uma educação moral, religiosa dentro do *habitus* cultural da comunidade. Assim também ocorreu com as outras atividades da arte, de modo que a juventude não se desvinculasse de suas raízes étnicas.

Em Santa Olímpia as representações sociais, culturais, do habitus e do ethos desse grupo étnico se faziam presentes no teatro, entretanto, em Santana tal representação era expressa na música, na banda. Sabemos que o povo setentrional da Europa sempre teve a música como parte de sua cultura, de seu *habitus* cultural. E dessa forma os membros de Santana formaram uma banda de músicos com aqueles velhos imigrantes e seus descendentes, no ano de 1929 que perdurou até meados da década de 50.

Fig. 22 - A banda de Santana. Fundada em 1925 e se tornou famosa na década de 50, tendo o seu fim na década de 1960. Esses foram os fundadores da banda - sentado da esquerda para direita esta: Isaac Vitti, Angelo Vitti, Virgílio Vitti, o caçula da banda Mário Vitti, Augusto Vitti e Francisco Vitti. Em pé da esquerda para direita: os dois primeiros não foram reconhecidos, o terceiro em pé é Angelo, Victório Vitti, Luiz Vitti e Jacob Vitti. A banda ensaiava na sede da fazenda de Santana. (Foto da década de 30).

2.2.4. A política e os descendentes tiroleses

Como vimos, a liderança na organização, na educação dos filhos ou na religiosidade da comunidade era das mulheres, em Santana, a liderança estava no poder de Elizabete Correr, irmão de Maria Stenico, que os liderou até o seu falecimento em meados da década de 40. Após sua morte a liderança da comunidade, seja no bairro de Santana ou de Santa Olímpia foi atribuída ao seu neto: padre Jacob Stenico.

Podemos dizer que as lideres da comunidade, juntamente com os freis capuchinhos exerceram grande influência religiosa e política. Maria Stenico, por exemplo, era o "agente politicamente ativo" e a comunidade o "agente politicamente passivo" (Bourdieu, 1998, 163). O agente político ativo fazia a intermediação com os políticos daquela época para beneficiar a

comunidade como um todo. O campo político se estabelecia como um *campo de forças e lutas*. (Bourdieu, 1998, 164). Nesse campo político o agir e o falar conferiam a essa mulher, que se tornou líder na comunidade tirolo-trentina, o aval para falar em nome da comunidade como um todo, e assim, ela passou a ser o elo com os políticos da época.

Dessa forma, Maria Stenico fez a intermediação com o político Dr. Samuel de Castro Neves[128], na década de 1920, pois, segundo os nossos informantes, era ele quem cuidava da saúde da comunidade gratuitamente, indo aos bairros tiroleses, que encontravam dificuldades de locomoção devido a escassez de transporte. Quando foi eleito deputado estadual, aproveitou para inaugurar uma escola estadual para os tiroleses de Piracicaba. Até essa data eram poucos os que sabiam ler ou escrever, e aqueles que sabiam tinham aprendido com alguém da comunidade. Sabe-se que Dr. Samuel Neves qualificou os tiroleses como eleitores, porque até o início do século XX, todos aqueles descendentes tiroleses não o eram. Decorrente disso nasce a longa fidelidade por tal político, pelo fato de oferecer aos tiroleses o direito ao voto.

É necessário ressaltar que os membros da comunidade, até hoje, admiram muito a atitude e os préstimos do Dr. Samuel em relação à comunidade, e todos, sem exceção, afirmam que ele era uma pessoa de uma índole moral inigualável aos demais políticos, e que, os votos que recebeu da comunidade em suas campanhas políticas foram extremamente justos.

Alguns moradores afirmam que em épocas de eleições, como eles não tinham condução para irem até a cidade de Piracicaba, os próprios políticos mandavam caminhões com motoristas para eles votarem:

> *"Antes da gente subir no caminhon pra ir a cidade votar, o motorista do político perguntava: 'vai votar no fulano?' se dissesse que ia, enton podia subir no caminhon. Se dissesse que non ia votar no tal político, ele non deixava subir. O Tirolei daquela época non mentia. Oh, Dio! a gente sempre foi sincero, até hoje noi semo assim. Sincero..."*[129]

[128] Dr. Samuel de Castro Neves era farmacêutico, no ano de 1931 diplomou-se em medicina. Entretanto, desde 1917 já exercia um cargo político em Piracicaba: foi vereador de 1917-1919, e reeleito em 1920-1922; em 1922 foi deputado Estadual.
[129] Informante, 68 anos de idade.

É interessante dizer que Santa Olímpia sempre foi o lugar que os políticos se reuniam para almoçar e jantar. Depois dos comes-e-bebes eles contribuíam com uma pequena quantia em dinheiro para construção ou reformas da igreja. Esses encontros de políticos da cidade eram realizados no Casarão de Maria Stenico e após sua morte, essas reuniões ainda aconteciam, tendo seu filho, João Stenico, como anfitrião para receber os políticos. Na verdade, tudo era realizado no casarão: ensaios do coral da igreja, festas de casamentos, carnaval, bailes, discussões importantes.

Pode-se observar que havia uma intensa atividade política no bairro de Santa Olímpia. Entretanto, em Santana, as reuniões desse tipo eram mais escassas, porque a liderança das mulheres nesse bairro, principalmente da Elizabeth Correr, não desempenhava o *jogo político* que Maria Stenico conseguia articular.

Podemos afirmar que as mulheres eram, de fato, "mediadoras políticas", porque conheciam as necessidades internas da comunidade, e, sobretudo, sabiam agir no campo político através do *ethos* do grupo, por isso que eram dirigidos a elas, sobretudo, a Maria Stenico, a confiabilidade, o carisma e a liderança do grupo. As líderes faziam do *corpus* de saberes específicos, como por exemplo, as tradições e os costumes do grupo, o seu trabalho (voluntário) politicamente aceito através do domínio que exerciam entre os bairros de tiroleses.

A nosso ver, o domínio estava centrado nas palavras, na linguagem voltada ao campo religioso e ao próprio *ethos* do grupo. A retórica utilizada pelas líderes exercia um *poder simbólico* sobre os membros da comunidade, pois através das palavras elas sabiam atuar muito bem no campo religioso, e, sobretudo, no político. A este propósito escreve Bourdieu (1998, p.14-15) "o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras". Era através das palavras que as mulheres exerciam uma relação de força e poder diante dos membros da comunidade, por isso elas conseguiam estar num patamar maior na hierarquia em relação ao homem no interior da comunidade. Um exemplo mais claro e concreto da afirmação acima, se refere às afirmações de nossos informantes, quando ressaltaram que eram elas que resolviam o que deveria ser feito, como deveriam agir, para angariar verbas financeiras para uma promoção cultural, social e econômica do grupo como um todo.

A implantação da Escola Estadual para os dois bairros, em 1923, foi realizada por influência das mulheres, sobretudo de Maria Stenico que intermediava a proposta da comunidade ao Deputado Dr. Samuel de Castro Neves ou para qualquer outra autoridade da cidade de Piracicaba. As mulheres organizavam os jantares para os políticos no bairro de Santa Olímpia, e era ali, no casarão de Maria Stenico, que se fazia o *campo político* e discutiam as necessidades financeiras do grupo: verba para os reparos da igreja, da escola, etc., enfim, para a benfeitoria da comunidade como um todo.

Fig. 23 - Sala do casarão de Maria Stenico. Na foto vê-se seu filho, João Stenico, cantando, e sentado ao redor da mesa de políticos e empresários de Piracicaba, num jantar oferecido a eles. (Foto: década de 60).

Os imigrantes tiroleses e seus descendentes sempre tentaram procurar estabelecer um contato com os políticos, porque acreditavam que era assim que podiam receber a ajuda para os bairros, além de acreditarem que é por meio da ordem, da organização e da política que se estabelece uma ordem moral, religiosa, política no grupo. Alguns moradores, os mais velhos de Santana conseguiram rememorar fatos políticos que marcaram épocas no bairro, como por exemplo, os comícios em seus bairros ou fora deles. As lembranças mais emocionadas estão na imagem de Getúlio Vargas:

> *"Noi homem, ia nos comício, de um outro político em Piracicaba, as mulheres non ia. Sabe, Getúlio Vargas, Ademar de Barros, noi encontrava esses homem nos comícios, eu dei a mão pro dois. Eu fui cumprimentar o Getúlio Vargas. Nunca mais me esqueci disso.* (Silêncio)[130]

Em muitas casas, os moradores, mostram-nos recortes de jornais do dia da morte de Getúlio Vargas[131] (24 de agosto de 1954). Muitos homens na comunidade se emocionaram ao falar do *"Presidente dos pobres e do trabalhador":*

> *"Noi recebemo o Getúlio Vargas com a banda daqui de Santana. Ele veio em Piracicaba e a nossa banda era famosa aqui na década de 50. Eu naquela época tocava nessa banda. Só de lembrar da banda e daquele dia que tocamos pra Getúlio, Dio, dá vontade de chorar.* (emociona-se)[132]

É interessante notar que as mulheres não iam aos comícios, a política do bairro é diferente da política maior, isso não impede de atuar e construir toda a estratégia política dos bairros Percebe-se a todo instante fato como esse aparentemente contraditório.

Dentro da comunidade surgiram apenas dois descendentes políticos: um em 1948, prof. Guilherme Vitti que foi eleito vereador da Câmara Municipal de Piracicaba, sendo o primeiro secretário da Câmara. Ele foi o primeiro descendente tirolês a conseguir um cargo político. O outro, em 1991, quando a comunidade se organizou para eleger um candidato descendente tirolês a vereador, com objetivo de trazer benefícios à comunidade. Elegeram Guido Negri (de Santa Olímpia), que teve dois assessores: Matias Vitti (de Santana); depois, este foi substituído por Valeri Lucrecia Forti (de Santana) e José Carlos Ortiz (de Santa Olímpia).

Vimos, neste capítulo, que o casamento endogâmico, assim também, como as divisões de tarefas entre o núcleo familiar foram estratégicas para a organização familiar e comunitária do grupo. Muitos produtos foram comercializados para os de fora da comunidade, porém, o consumo

---

[130] Informante, 79 anos de idade.
[131] Getúlio Dornelles Vargas foi presidente do Brasil de 03/11/1939 - 29/10/1945 no primeiro governo e de 31/01/1951- 24/08/1954 no segundo mandato.
[132] Informante, 80 anos de idade.

dos produtos internos era regulado e armazenado. O trabalho dos colonos e lavradores era intenso, entretanto, as mulheres tinham suas tarefas redobradas porque havia também a preocupação com os deveres domésticos. Observamos também que os entretenimentos no grupo, como os jogos, os bailes, as festas na igreja, assim como a religiosidade do grupo era, também, estratégias de permanência para os mais jovens não sentirem necessidade de deixar o enclave tirolo-trentino.

A solidariedade entre eles se fazia necessária para que tudo fosse resolvido dentro do grupo, principalmente os casamentos que deviam ser entre os descendentes de "origem". Além de que a religiosidade vivificada pelo grupo reforçava, ainda mais, o crescimento populacional e fortificava o lugarejo como um enclave tirolo-trentino.

É preciso ressaltar que as estratégias sociais, políticas, culturais e religiosas se fundamentavam no âmbito familiar, sendo que uma boa parte desse campo se fazia na "necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram" (Bourdieu, 1998, p. 69). Era através das palavras, das crenças e do campo exercido principalmente pelas mulheres, pelas catequistas e líderes dos bairros tiroleses, que pudemos compreender as estratégias utilizadas para a permanência do *habitus* e do enclave tirolês no século XX. O trabalho na lavoura, a religiosidade, o âmbito doméstico, tornam-se, assim, espaços imprescindíveis para a apreensão dos valores culturais do grupo.

3. DO *HABITUS* À EDUCAÇÃO

> "A memória artificial, criação de tempos não cristãos, torna-se uma arte para mostrar verdades ou a Verdade do Deus Único, eterno, atemporal, pré-existente à vida na Terra e, disso, persuadir o espectador - fiel, e os que não o são ainda, como as crianças e os 'pagãos'. Uma arte cujos fundamentos teológicos e filosóficos eram posse dos homens da Igreja e exposta para os fiéis em retórica de imagens narrativas e exemplares que fundamentavam e criavam o mito, sem participarem desse poder, tinham sua memória educada: levados a construir dentro de si lugares e seres que iriam gradativamente dando forma e conteúdo à sua recordação; levados a rememorar (reminiscência) as formas puras, 'vistas' antes da queda, e a acreditar nelas, como Verdade".
>
> Milton José de Almeida[133]

Os membros da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba buscaram através do *habitus* estratégias para a conservação desse enclave na região de Piracicaba - SP. As estratégias centravam-se no trabalho agrícola, na formação dos núcleos familiares (casamento consangüíneos), nos entretenimentos e na religião católica, como vimos nos capítulos anteriores. Entretanto, para conseguirem manter o enclave durante o século XX houve uma relação de dominação simbólica entre líderes e religiosos e os demais membros do lugarejo. A relação de poder não estava centrada numa classe social (isto é, entre ricos e pobres, pois quase todos os membros eram lavradores, homens do campo) e sim na linguagem como um "instrumento de ação e poder" (Bourdieu, 1998b, p.23). São as *trocas lingüísticas* que transformarão as relações sociais num *poder simbólico*, no qual atuam de um lado, os emissores das palavras (os religiosos e as líderes catequistas); e do outro, os receptores (os membros da comunidade).

Desde o início de nosso trabalho de campo sabíamos que a memória era algo extremamente importante na comunidade tirolesa, porém, não conseguíamos defini-la, no início de nossas pesquisas. A única certeza que tínhamos é que a *memória* iria além *das lembranças dos velhos*, de coisas e fatos passados. A partir de um percurso exaustivo com um dos nossos informantes (82 anos de idade) observamos que havia uma *memória para os lugares e paisagens*

---

[133] Almeida, Milton José de. Cinema: Arte da Memória. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados. 1999, p.60-61.

que remetessem às lembranças dos *nonos*, por isso o uso *do "aqui", "ali", "aquela", "naquela árvore"*, etc. Também havia uma memória para os objetos (ferramentas, pertences pessoais dos antigos imigrantes) e, sem dúvida, havia uma *memória para as coisas*. Esta última nos pareceu mais significativa (seja no dialeto trentino ou na língua portuguesa), talvez seja porque esta fazia a legitimação da região como sendo tirolesa, e nos parecia mais evidentes que as outras memórias relatadas acima: o "sotaque" é também um objeto de representação mental (Bourdieu, 1998b, p.107). Dessa forma, observamos que a memória, ou as memórias tinha um único objetivo: a conservação do enclave tirolo-trentino e uma espécie de educação centradas na *memória de palavras, memórias de objetos, memórias de lugares*. Essas *memórias* tinham um vínculo profundo com as primeiras gerações fazendo um elo com a geração atual, estabelecendo uma relação para o não esquecimento do contexto da imigração e de conservação do *ethos*. Porém, a nossa angustia inicial era como nomear *aquelas memórias* e que fonte teórica deviríamos utilizar. Encontramos essa teoria nos estudos e pesquisas realizadas pelo professor-doutor Milton José de Almeida, através de sua obra *Cinema e Memória: a arte da memória* (1999).

A relação de domínio entre o *habitus lingüístico* e a imposição da *linguagem institucional*[134] da igreja se manifestava através das representações simbólicas e de uma memória, cujas representações estavam nas palavras (memória para as palavras), nas coisas (memória para as coisas), nas imagens mentais (imagens fantásticas) e nos lugares (imagens agentes) todos fortalecidos por uma educação voltada para a *arte da memória*.

3.1. Das imagens mentais à formação de um *ethos* pelo *habitus*

3.1.1. O receptáculo da memória

Através do *poder das palavras* e da *arte da memória,* os religiosos conseguiram impor um discurso como um dogma, uma regra para manter o indivíduo (ou a família) no enclave. Assim, era estabelecida uma relação de poder entre os membros da comunidade, os quais tinham sua memória educada: nas palavras e nos dogmas entre aqueles que podiam ser salvos, ir ao Paraíso,

[134]Linguagem institucional refere-se ao discurso, à retórica utilizadas pelos religiosos e pelas líderes catequistas da comunidade que realizavam a "fala oficial do porta-voz autorizado que se exprime em situação solene, e que dispõe de uma autoridade cujos limites coincidem com a delegação da instituição" (Bourdieu, 1998b, p. 87).

ao Céu (após a morte), ou para o Inferno. Aqueles que seguissem fielmente as palavras (dos religiosos e das líderes da comunidade) e os dogmas[135] (da Igreja Católica Apostólica Romana) permaneceriam no enclave (na cidade de Deus) e os que não conseguissem se uniria com os de fora, *"os brasileiros"*, que viviam na *"desordem",* em uma cidade governada por Satanás. Era uma analogia ao discurso de Santo Agostinho[136] em sua obra *Cidade de Deus*.

Neste contexto, é preciso apreender o passado coletivo desse grupo, tornando-a viva com as representações presentes que dele temos. É nesse movimento que reconstituímos o *ethos*, não mais como imigrantes camponeses do antigo Tirol austríaco (de um povo já morto), mas de um povo vivo que foi educado por meio do *habitus,* do *ethos* de seus avós (imigrantes). Nesta educação passada de geração em geração está centrado *o que é certo e o que é errado* em sua *visão de mundo*, pois o maior desejo era salvaguardar seus descendentes de tudo o que eles pudessem julgar como ruim, desprezível, desonesto, evitando os vícios e a imoralidade.

É uma memória que se move, movimenta[137], age com o próprio *ethos* do grupo, porém o *ethos* e a memória são sempre atuais, estão sempre presentes, mesmo que definam o passado, a memória torna-se presente. Consequentemente, a memória se torna viva no aspecto educacional do grupo, e, sobretudo, geracional para não perder o elo e o vínculo com a *origem*[138]. É nesse movimento que estão as modificações da memória como educação político-cultural dentro do grupo, embora com modificações de seu *ethos* - não mais como camponeses, trabalhadores da roça, mas de descendentes imigrantes que preservam *o habitus cultural* de seus antepassados, e

---

[135] Entendemos *dogmas* como a Verdade ou as Verdades revelada por Deus, declarada e imposta pela Igreja Católica.

[136] Santo Agostinho foi doutor da Igreja latina. Nasceu na Argélia no ano de 354, e faleceu em 430, em hipona, durante o cerco dos vândalos. Agostinho foi bispo em Hipona, Numídia, no ano de 396, exerceu um papel preponderante na Igreja do Ocidente. Deixou várias obras escritas, entre elas destaca-se A *Cidade de Deus* (513-427), *Confissões* (397), além das correspondências pessoais, também pronunciou mais de 400 sermões autênticos. Seu pensamento está centrado em: Deus e destino do homem, e nos temas relativos a: conhecimento e amor, memória e presença, sabedoria.

[137] A memória tornar-se atemporal quando oscila entre o passado e o futuro, procurando viver o presente como se este fosse o único, é o tempo do cristianismo, da eternidade. Santo Agostinho explora a memória atemporal em sua obra *Confissões* e em *Cidade de Deus*. Le Goff (1996, p.217) dá uma explicação detalhada a este respeito, e afirma que "Dante exprimirá magnificamente esta idéia [*Paraíso,* XXXIII, vv.94-96] com a ajuda de um ponto, como esclarecimento da eternidade: 'un punto solo m'é maggior letargo/che venticinque secoli a la'empresa /che fé Nettuno ammirar l'ombra d'Argo". Por isso é uma memória que se movimenta, age buscando o passado do presente, o futuro do presente e o presente do presente.

[138] Utilizamos o termo *origem* em nosso trabalho para nos referir a origem como local (espaço) dos imigrantes tiroleses.

por isso tem uma certa dimensão de cultura que difere de todos os outros da região. É nesse jogo político-cultural que lhes confere edificar a *comunità trentini* em Piracicaba.

Em nosso estudo, a memória não foi interpretada como sendo parte da nostalgia de um povo imigrante, constituído por camponeses, trabalhadores rurais, gente simples do campo, que apenas preservou as lembranças do passado. Entretanto, é através da memória que se define uma estratégia cristalizando, demarcando a região e as diferenças sociais e culturais do grupo com os de fora. Trata-se de uma identidade social, que se constrói constantemente e que encontra estratégias para manter o enclave frente às mudanças ocorridas no tempo e no espaço, no Brasil e no mundo. É neste aspecto que o *ethos* se reconstrói, juntamente com a arte da memória do grupo, reconstituindo o presente.

Nesta perspectiva, a religião deu aos imigrantes tiroleses significados novos para suas vidas em terras brasileiras, pois através dessa estabeleceu-se um *locus tirolês* centrado numa religiosidade com fortes símbolos[139] e significados que serviram para fortalecer o *ethos* numa representação na crença e na prática religiosa, onde se mostra a *visão de mundo* existente no enclave tirolo-trentino de Piracicaba. É a partir do seu *ethos* e de sua *visão de mundo* que os tiroleses de Piracicaba construíram os processos sociais envolvendo a família, a organização do trabalho, a religiosidade, o divertimento, enfim, regras pré-estabelecidas para a permanência no enclave e preservá-lo.

As regras estavam centradas na *visão de mundo* constitutiva de imagens mentais em que, conforme o desejo daqueles velhos imigrantes, estariam todos os sujeitos subdivididos entre os maus e os bons cidadãos. Subentendendo-se que os maus são as pessoas que não têm religião ou não temem a Deus, não honram os seus pais e a pátria, não são bons trabalhadores; e, por outro lado, os bons acabam sendo o inverso: possuem religiosidade profunda, são bons trabalhadores, jamais lastimam sobre suas tarefas (o trabalho), honram os pais e a pátria. Assim, compreenderemos que os maus acabam sendo todos os que não pertencem ao universo dos tiroleses e seus descendentes. Esta é a *visão de mundo* que permeará o enclave tirolês até o início da década 70 do século XX.

---

[139]Utilizaremos a palavras símbolo no sentido utilizado por Geertz (1989, p. 105) para quem o "símbolo é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade em relação que serve como vínculo a uma concepção - a concepção é o significado do símbolo".

Para apreendermos essa *visão de mundo* e do *ethos* dos tiroleses de Piracicaba foi preciso perceber que havia uma memória da política educacional entre os núcleos familiares do grupo e que era mantida pelos líderes do enclave. Até a década de 70, o domínio estava centrado nas palavras, nos discursos dos religiosos (capuchinhos) que orientavam a educação moral e religiosa daquela gente. O discurso era fundamentado no maniqueísmo: entre os bons e os maus, entre Deus e Satanás, conforme a obra *Cidade de Deus,* de Santo Agostinho.

A comunidade tirolo-trentina fez desse lugar uma *Cidade de Deus*, conseqüentemente, é neste local onde eles podiam encontrar o paraíso tirolês que os *re-ligassem* a Deus. Entretanto, qualquer outra região ou lugar estaria sendo governado por Satanás. Por meio dessa representação mental de ambas as categorias constituídas por valores culturais, sobretudo, nos discursos pronunciados pelos religiosos e catequistas da comunidade, eram estes incumbidos de re-ligarem os imigrantes e seus descendentes a Deus. Nessa imagem mental e simbólica criar-se-á um processo tenso demarcado e consolidado no espaço social do enclave tirolo-trentino frente os de fora da comunidade, pois todos aqueles que não estiverem dentro dos dogmas e regras do enclave serão considerados parte do governo de Satanás. Aqueles que não aceitam tais regras sofrerão o expurgo de uma maneira implícita, e que, de certa forma, irá colaborar para a conservação do enclave tirolo-trentino em Piracicaba.

3.1.2. Memórias das coisas e memória das palavras

Com o advento da escrita, os gregos criaram novas técnicas de memória: a *mnemotécnica*. Trata-se de conjuntos de procedimentos utilizados para fixar melhor certas lembranças ou para encontrá-las mais facilmente na memória. Portanto, é a arte que ensina a memorizar por meios artificiais, podendo-se através de tais técnicas, educar a memória.

Haveria, portanto, dois tipos de memória: uma natural e outra artificial. A natural está ligada à nossa mente, nasce com o pensamento, é inata. A memória artificial é uma memória fortalecida pelo treino, pelo ensino prático. A memória pode ser aperfeiçoada e pessoas menos dotadas podem tê-la melhor através da arte. De acordo Com Frances Yates (1966, p.6): "a

memória artificial é estabelecida através de lugares e imagens (*constat igitur ariticiosa memoria ex locis e imaginibus*), a definição do valor a ser eternamente repetida pelas gerações. Um *locus* é um lugar facilmente alcançado pela memória tais como uma casa, entre colunares, espaço, uma esquina um arco. A imagem são formas, marcas ou simulacro (*formae, notae, simulacra*) do que nós desejamos lembrar.

Assim como a imagem é um simulacro, uma marca do que se deseja lembrar, é possível encontrar dois tipos de imagens: um para as coisas (*res*), a outra para palavras (*verba*). Segundo Yates (1966, p.30) a memória para as coisas produzem imagens para relembrar um argumento, uma coisa, etc., enquanto a memória de palavra ajuda-nos, através de uma palavra, encontrarmos uma imagem ou mesmo a lembrar de um assunto inteiro. As duas imagens devem ter regras familiares, isto é, recorrer às regras de lugares. As palavras para serem lembradas na imagem recorrerão à arte da memória.

Através da *mnemotécnica* grega, os lugares e imagens são aspectos importantes no processo de rememoração, havendo uma divisão entre memória das coisas (*memoria reum*) e memória das palavras (*memoria verborum*) (cf. Frances Yates, 1966, p.8; Le Goff , 1986, 441; Almeida, 1999).

Os textos de *Ad Herennium* propõem regras para memorizar locais e imagens a serem colocadas nas mentes, assim será possível fixá-las nas memórias. Além disso, propõe que essas imagens sejam fantásticas para que possam ser memorizadas e lembradas sempre: "devemos, portanto, fixar imagens de qualidade tal que adiram o mais longamente possível na memória. E fá-lo-emos, se fixarmos aparências as mais extraordinárias; se fixarmos imagens que sejam, não muitas ou vagas, mas eficazes (imagens agentes); se atribuirmos a elas excepcional beleza ou feiura singular; se adornarmos algumas delas, por exemplo, com coroas ou mantos de púrpura para tornar mais evidente a aparência, ou se as desfiguramos de alguma maneira, por exemplo, assim seu aspecto seja mais impressionante, ou então, atribuindo às imagens algo de ridículo, pois também isto permite-nos recordá-las mais facilmente. As coisas que recordamos facilmente quando são fictícias, se forem caracterizadas com cuidado. Mas será essencial percorrer, de quando em quando, com o pensamento, rapidamente, todos os lugares mentais originais, a fim de

refrescar a recordação das imagens." (cf. Ad Herennium III, XXII. 36-XXIII. 38p.221, apud Almeida, 1999, p. 52).

Para atingir propósitos educacionais, os gregos seguiam como metodologia a arte da memória, ou a memória artificial. A palavra arte em grego que dizer técnica, e com isso havia um conjunto de regas para ensinar; uma técnica para a memória não como algo mecânico, repetitivo, mas como um processo que exige o trabalho do pensamento.

3.1.3. O espaço e a construção de um paraíso tirolês

Os imigrantes e seus descendentes tinham duas razões para que o lugarejo se tornasse um *locus tirolês*: um local somente deles, onde eles eram os proprietários daquelas terras, podendo usar o próprio dialeto de origem (trentino), e dessa forma, reforçando os aspectos culturais, os costumes, a própria linguagem e, sobretudo, a intensa religiosidade católica que já os acompanhavam desde a saída do antigo Tirol. Um segundo aspecto está nas características geográficas da localidade das duas fazendas: montanhosa, muito verde, fazendas, animais de pequeno porte, lugar afastado das regiões movimentadas, como a zona urbana, era, enfim, características fortes percebidas pelos imigrantes daquela época, os quais traziam consigo imagens semelhantes a estas deixadas na Europa. Portanto, o local não populoso, quase *deserto*, não freqüentado por brasileiros, somente pelos tiroleses[140] que viviam naquele lugarejo, facilitava a construção de um lugar fantástico, extremamente surpreendente para eles.

Esta impressão de *local fantástico* é rememorada através da *imagem agente*, que segundo os manuscritos deixados pelos imigrantes, dá-nos a impressão que aqueles primeiros habitantes tiroleses se depararam com imagens fortes para eles, a ponto de se sentirem como se estivessem no antigo Tirol austríaco. Segundo os relatos orais, as terras montanhosas, as plantações de uvas, o verde das *matas virgens*, como os nossos informantes ressaltaram várias vezes, trouxeram ao imaginário daqueles imigrantes, a possibilidade de poderem construir, numa imagem mental, a criação de *imagens agentes e fantásticas,* fazendo uma analogia com os vales, as montanhas alpinas que deixaram em suas aldeias européias.

[140] No início do século XX, havia algumas famílias estrangeiras (vide anexo 1), mais tarde eles sofreram um expurgo implícito pelos tiroleses, tornando, assim, um lugar fantástico, como se ali fosse realmente um enclave do Tirolo.

Para um povo imigrante, que foi quase que obrigado a deixar sua aldeia no Tirol, e encontrar um *locus* que pudessem ser semelhantes àquele deixado em seu país de origem eram extremamente fascinante, algo realmente dado por Deus, como encontramos nos manuscritos daqueles imigrantes e de seus descendentes. Em seu imaginário, aquele local era a *"terra prometida",* um local para se construir um *paraíso terrestre tirolês*. O local tornou-se tão impressionante em suas memórias que era possível não só recordar as terras deixadas na Áustria, como também, trazer essas *imagens agentes* e passá-las de geração em geração, como se, realmente, eles tivessem encontrado *um paraíso* e assim torná-lo privilegiado em relação aos lugarejos vizinhos, região de Piracicaba. Guilherme Vitti (1977) relata esse sentimento do patriarca de Santana, Bortolo Vitti, quando compra a fazenda de Santana, no ano de 1892.

> *"Bortolo l'é na för sul pontesel. L'aria l'era fredda. Nel ciel fon, le stelle parevan lumete tremanti. Quante e che belle!... Gh'é vegnù n' ment l'ultima not a Tirol..."*[141]

É interessante notar que nos manuscritos de Vitti (1977), de Degaspari (1982) entre outros, encontrados na comunidade tirolo-trentina, que todos expressam a sensação daqueles velhos imigrantes de estar no antigo Tirol austríaco, terras que foram quase que obrigados a deixar devido à situação política e econômica da região a qual pertenciam. Com certeza as imagens que traziam à memória dos lugarejos deixados na Áustria os faziam assegurar essa impressão.

O grupo de imigrantes trouxe consigo o seu *ethos* religioso, sobretudo a necessidade de estar sempre sendo liderado pelos padres ou freis, pois a orientação espiritual era primordial, sendo considerada mais importante que qualquer outra liderança de ordem política ou racional. Dessa forma, Eles trouxeram em sua bagagem o seu *habitus* religioso, como, por exemplo: seguir os preceitos e os dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, sobretudo, a esperança de serem guiados ou liderados na comunidade tirolo-trentina de Piracicaba. Desejavam ser orientados assim como eram em seu país de origem. Sabe-se que a comunidade recebeu a orientação dos freis capuchinhos até meados da década de 60. Portanto, sendo liderados e estando de baixo dos olhos dos capuchinhos não era de se admirar que tudo que vivificassem no cotidiano da comunidade era

[141] [Andando, sentia-se leve como quando caminhava pelas estradas de sua aldeia no Tirol..."]

voltado ao cristianismo, ligando a vida terrena e a vida eterna, tendo como *imagens mentais* as recompensas do paraíso, do céu. A construção dessas imagens era tão forte que os levou por um determinado período a acreditarem que tinha a cidade *perfeita*, aquela abençoada por Deus, uma *cidade de Deus*, relatada na obra de Santo Agostinho. Nesse aspecto viviam um cristianismo tridentino fervoroso chamado a viver na *memória das palavras* da Bíblia, seja no Novo ou no Velho Testamento, nos mandamentos da Igreja Católica[142]; nos dez Mandamento da Lei de Deus; nos Mandamentos da Caridade[143]; nas Virtudes Teologais[144]; nas Virtudes Cardeais[145]; nas orações repetitivas utilizadas pela igreja vivificando as obras de misericórdia corporais e espirituais[146] e evitando os sete Pecados Capitais[147]. Era uma educação voltada ao ensino cristão, na memória das histórias dos santos e dos preceitos da Igreja Católica, sendo que a comunidade tirolo-trentina seguia fervorosamente todos esses preceitos, vivendo numa escatologia.

Segundo Le Goff (1996, p.325): "o termo escatologia designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativa ao destino final do homem e do universo. Tem origem no grego, empregado no plural, 'tá escháta' - 'as últimas coisas', porém alguns especialistas empregam-no no singular 'escháton' - 'o acontecimento final' para designar o Dia do Senhor, o Dia do Juízo Final, segundo o Apocalipse Cristão." Em nosso estudo, tal termo é empregado no sentido de salvação da alma após morte, mas também de uma "salvação" do próprio grupo tirolês "*em não se contaminar com a imoralidade do mundo e de outros que não fossem de seu meio*[148]*.*"

A escatologia que interessará a nós será aquela com base doutrinaria judaico-cristã, porque se formou através da Bíblia. Judaica por ter as bases no Antigo Testamento e cristão devido ao

---

[142] Os mandamentos da Igreja Católica, antes do Concílio Vaticano II, eram: participar da missa e festas de guarda, confessar-se sempre, comungar, jejuar e abster-se de carne, conforme manda a Santa Mãe Igreja (cf. Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana).

[143] Os mandamentos da caridade são: o primeiro, "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente; o segundo, "amarás a teu próximo como a ti mesmo".

[144] As virtudes teologais são: Fé, Esperança e Caridade.

[145] As virtudes cardeais são: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

[146] As obras de misericórdia corporais são aquela que se dá assistência ao irmão nos aspectos do corpo: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada aos peregrinos, visitar os enfermos e os encarcerados, corrigir os que erram, consolar os aflitos, perdoar as injúrias, suportar pacientemente as fraquezas do próximo e rezar pelos vivos e falecidos.

[147] Os sete pecados capitais também conhecidos como Vícios Capitais são: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e Preguiça.

[148]Este pensamento foi repetido diversas vezes pelos nossos informantes de diversas gerações.

Novo Testamento. Com bases nessas doutrinas, os tiroleses fundamentaram-se para criar e formar estratégias que pudessem conservar e manter seus descendentes em seu *ethos* religioso, fortalecer as virtudes e evitar os vícios. Conseqüentemente reforçava o *ethos* do grupo, aumentavam a crença, num imaginário, de serem privilegiados por terem uma *cidade de Deus*, um *paraíso tirolês*, e, finalmente, por adquirirem um *locus tirolês*.

É muito comum dentro da comunidade tirolesa, encontrarmos manuscritos dos imigrantes, de seus descendentes e mesmo nos discursos atuais referências que nos levam a compreender a formação de uma educação com base tão forte no antigo testamento, principalmente, que os façam crer que eles eram os escolhidos por Deus e por isso foram salvos das guerras napoleônicas, das guerras de unificação da Itália, das misérias que assolavam a Áustria e a Itália Setentrional no final do século XIX, quando imigraram ao Brasil. Degaspari (1982), relata a gratidão de seus antepassados diante de Deus, por ter a certeza de que foram guiados por Ele a encontrarem um *paraíso*, salvos das guerras e da miséria:

> *"Vamos prometer a Deus diante dessa Maravilha que, sempre, para onde quer que vamos neste imenso Brasil faremos com que nossos exemplos de cristãos sejam conhecidos por todos. Vamos também agradecer a Deus que nos deu tamanha graça de ver tudo o que Ele criou para o bem do homem. E dando-se as mãos rezaram com profundo sentimento de gratidão a oração que o próprio Jesus outrora ensinara a seus discípulo".*

São inúmeros os manuscritos deixados pelos membros da comunidade, agradecendo a Deus por estarem salvos das desgraças que assolavam a Europa. Esses manuscritos são rememorados sempre, através do teatro, dos sermões das missas, sobretudo se for uma celebração festiva, como, por exemplo, numa comemoração de fundação de bairro, aniversário da vinda da imigração tirolesa ao Brasil, etc. Em julho de 1999, os membros do bairro de Santa Olímpia organizaram a *Festa da Polenta*, tendo como início da festa, pela manhã, uma missa celebrada por dois padres descendentes tiroleses. Durante a celebração da missa foram lembrados o contexto da imigração, as dificuldades dos primeiros imigrantes, e os testamentos deixados por eles, para que sempre se conservem na forte religiosidade, na fé, e, sobretudo na fraternidade, na solidariedade e na conservação do enclave tirolo-trentino. As palavras dos velhos imigrantes são rememoradas,

tornando-se assim, mais presentes nas memórias de seus descendentes, como se aproveitassem nessas ocasiões festivas para utilizarem a arte da memória como forma de se educarem e rememorarem os preceitos deixados pelos velhos, pelos *nonos*. Citaremos abaixo o discurso de um dos padres que fez o sermão durante a missa daquele domingo:

> *"De novo eu gostaria que a gente fizesse sempre uma comparação entre o povo de Israel e essa comunidade aqui. Como poderíamos fazer com qualquer outra comunidade. O povo de Israel depois que viveu e depois que contou de pai para filho o que ia acontecendo com eles, escreveram esse livro aqui [mostra a Bíblia] que se chama Bíblia. Coisa nascida no meio do povo. Coisa contada de um para outro, do pai para filho, para o neto e daí para frente. E depois alguém veio e escreveu a Bíblia. Aquilo que nós chamamos de palavra de Deus. Jacob e Rosa, o nosso Jacob velho, de lá [do Tirol austríaco] se fixaram ultimamente aqui em Santa Olímpia e foram vivendo e mantendo a fé, mantendo os valores, os nossos valores, mantendo a cultura. E um dia uma mulher do meio da comunidade resolveu escrever num testamento o que ela vivia, via. Que é o testamento da tia Maria, que não deixa de ser uma nova Bíblia para nós. Aqui no manuscrito [mostra o manuscrito dela] do jeitinho que ela escreveu. Aqui está tudo o que os velhos transmitiram e aquilo que a gente vai escutar com o coração batendo (...) Assim, como Deus jamais abandonou o povo de Israel, nós também jamais fomos abondonados por nosso Deus, por Jesus e Maria Santíssima. Nossos avós nos ensinaram a confiar em Deus (...) Vamos agradecer a Deus e em Deus e precisamos agradecer porque tivemos as nossas terras aqui em Santa Olímpia como o povo de Israel também abençoado por Deus, teve suas Terras, a Terra Prometida...".*[149]

É interessante ressaltarmos que nessas ocasiões festivas ocorrem referências às palavras deixadas pelos velhos imigrantes, como: *"permaneçam sempre unidos, sempre juntos",* ou *"fomos o povo escolhido"* fazendo uma analogia com o Antigo Testamento - (o povo de Israel que foi salvo das mãos dos egípcios e encontrou a Terra Prometida).

[149] Sermão da Missa festiva. Domingo, 25 de julho de 1999. Co-celebradas por dois padres descendentes tiroleses, em Santa Olímpia, Piracicaba - SP.

As lembranças dos textos bíblicos, que no caso do Antigo Testamento, os refletir e crer como uma analogia de um povo eleito. Torna-se ainda mais impressionante se compararmos o discurso relatado pelo historiador da primeira geração e aquele pronunciado no ano de 1999, tão atual com trechos da Bíblia:

> "Javé disse a Moíses: Vamos! Parta daqui com o povo que você tirou do Egito, e vá para a terra que eu prometi para Abraão, Isac e Jacó, quando falei que a daria para descendência deles. Vou enviar na frente de você o meu anjo, para expulsar os cananeus, amorreus, heteus, ferezeus, heveus e jebues. Suba para a terra onde corre leite e mel".
>
> (cf. Êxodo: 33, 1-3)

No imaginário daquele povo centrou-se um verdadeiro *paraíso terrestre tirolês* que lhes dariam uma recompensa eterna após a morte, pois estariam protegidos dos vícios e das desobediências daquelas pessoas que não eram tementes a Deus. Pois para se viver dentro da comunidade era necessário seguir as regras: viver nas virtudes, na obediência a Deus, além de obedecer aos mais velhos, pois "honrar os pais" (jamais desobedecê-los) fazia parte dos preceitos da Igreja Católica.

A crença de se ter um paraíso assegurava a eles a manutenção do enclave tirolo-trentino. Para os de fora da comunidade é impossível acreditar que com toda a pobreza que havia naquele lugarejo, além dos problemas financeiros, econômicos, falta de estrutura básica (saneamento, esgoto, etc.) de transporte e falta de assistência médica, eles pudessem viver num tal paraíso. Mas para os imigrante e seus descendentes esse paraíso se legitimou em seu imaginário, sendo possível perceber tal idéia através dos relatos dos membros da comunidade. Portanto, era toda uma educação voltada a moralidade e a religiosidade. Para educar, nessa perspectiva era preciso ter imagens fortes, imagens agentes que assegurassem dentro dessa educação rígida dos bons costumes.

Encontramos na comunidade, de forma bastante simbólica, uma escatologia voltada às promessas de uma *Terra Prometida*, de um *Paraíso* e de *Terras que jorram leite e mel*, que os fizeram acreditar num verdadeiro paraíso. Entretanto, a partir da década de 70, ocorreu um êxodo

rural, devido a escassez de terras na comunidade e muita gente para se sustentar. É o momento que eles denominam de *"modernidade"*, como referência ao fim do Paraíso tirolês:

> *"Ah! aquela época era o perfeito paraíso aqui... Você nem pode imaginar..."*[150]

> *"Quando compraram trator, caminho, e outras coisas as coisas foram se modificando aqui na comunidade nossa. Foi o começo da modernidade p'ra gente aqui. Mas a modernidade começa lá pelos finais da década de sessenta começo de setenta quando as pessoas começaram a estudar, i ir para a cidade, deixar a vida na roça. É! A gente queria sair daquela vida sofrida da roça. Mas, que saudade que eu tenho daquela época... como a gente era feliz. Depois que a modernidade entrou aqui... Ah! acabou tudo, acabou a alegria nossa daquela época, acabou o nosso paraíso..."*[151]

> *"antes era bom de viver aqui, non tinha nada, nem caminhon, mas era um paraíso.. Que saudades eu tenho disso..."*[152]

> *"Você não imagina como eu brinquei naquelas estradas, eu não. Todos aqu, não foi só eu. Aquele tempo foi um paraíso, hoje não... Já acabou tudo aqui, as crianças não podem brincar com tranqüilidade, tem até ônibus que passa aqui, ficou tudo mais perigoso..."*[153]

Outro aspecto interessante também é a menção que eles fazem como um povo escolhido, usando o Velho Testamento. Porém, não podemos dizer que tenham uma escatologia judaica, que espera o Messias e a realização da promessa. A escatologia alerta para orar muito porque este mundo é de sofrimento, de dores e o futuro escatológico está na reconciliação com Deus através do trabalho, do sofrimento na terra e de muita oração, o que os levará a glória de Deus quando morrerem, pois somente neste contexto eles estarão junto a Deus. A mentalidade que eles tinham dos próprios sofrimentos aqui na terra e que ganhariam a Vida Eterna após a morte superaria todas as dificuldades financeiras, a pobreza, enfim, qualquer tipo de sofrimento dentro da comunidade. Eram imagens centradas nas recompensas eterna que eles teriam, e reforçava a idéia de se ter um enclave tirolês uma *cidade perfeita*, um modelo de povo sem vícios, que vivessem para o trabalho, para a família e para a oração.

---

[150] Informante, 81 anos de idade.
[151] Informante, 78 anos de idade.
[152] Informante, 68 anos de idade.
[153] Informante, 31 anos de idade.

A liderança sempre era feita pelos frades capuchinhos e pelas líderes (catequistas) da comunidade, e cada família devia conduzir pelo menos um filho ou filha para os seminários e/ou conventos. Durante a primeira metade do século XX foi a época que mais se dirigiam crianças tirolesas aos seminários, sendo encaminhadas na idade entre treze a catorze anos de idade. Era o maior orgulho que uma família tirolesa poderia ter por vários motivos: primeiro significava a própria "salvação" aos membros daquela família "dar um filho (a) a Deus"[154]; seus filhos poderiam se beneficiar culturalmente e intelectualmente, pois as famílias eram muito pobres e não tinham condições de financiar os estudos de seus filhos, portanto, a única opção era entrar para a vida religiosa e escapar do trabalho duro da roça, das plantações. Além disso, ter padres ou freiras diante dos de fora da comunidade, dava prestígio e maior *status* para a própria família.

Durante o século XX saíram mais de setenta religiosos entre padres, freiras, freis, e dois deles foram consagrados Bispos. No ano de 1998 foram ordenados mais dois padres do bairro de Santa Olímpia. Hoje segue o caminho para a vida religiosa apenas aqueles que acreditam ter vocação, sendo que as famílias não obrigam mais os seus filhos a seguir a vida religiosa. Estas atitudes são relevantes porque mostram claramente que o grupo sabia exatamente como deveria educar os seus filhos para que pudessem conduzi-los aos seminários e/ou conventos, a fim de que eles também concordassem com a atitude de seus pais.

Além disso, é interessante ressaltar que é um povo que se preocupa e dá muito valor aos estudos de seus filhos, não podendo ser considerados simplesmente como "caipiras[155]", que trabalhavam nas plantações de café, de cana-de-açúcar, ou da roça. Havia uma intenção, uma *visão de mundo* muito forte que os conduziam para tais atitudes, e não podemos dizer que sejam caipiras somente porque eles foram trabalhadores rurais, se assim o fizermos, estaremos negando o *ethos* existente do grupo estudado.

---

[154] Essas são palavras do manuscrito, considerado "testamento de Maria Stenico", líder do bairro de Santa Olímpia era uma das filhas do patriarca de Santa Olímpia, sendo que seu comando durou até o ano de 1947, quando ela morre. Entretanto, ela tinha duas irmãs, que se casara com dois homens de Santana. Essas duas irmãs acabaram liderando esse bairro com ajuda de Maria Stenico, sendo que na verdade a liderança da comunidade era conduzida por Maria Stenico. Alguns anos mais tarde, a comunidade seria liderada por seu neto, o Padre Jacób Stenico. Este lidera a comunidade até o ano de 1993, e que por diversas vezes se empenhava em recordar as palavras de sua avó, com o objetivo de proteger os mais jovens da comunidade, dos vícios que poderiam encontrar fora da comunidade e recordava que as virtudes lhes trariam somente benefícios a eles, alegrias aos pais,e a recompensa eterna, pois Deus vigiava cada passo de seus filhos.

[155] A palavra caipira é muito empregada no interior do Estado de São Paulo para se referir ao homem da roça, ao matuto, ao Jeca (numa analogia ao personagem Jeca Tatu da obra de Monteiro Lobato). Discutiremos este termo no capítulo 4, pois alguns pesquisadores da comunidade tirolesa os rotularam como caip*iras*, entretanto, não concordamos com tal identificação, devido ao próprio *ethos* do grupo bastante distinto do caipira.

3.1.4. Da religiosidade à educação familiar: uma educação político-religiosa

As imagens do que poderia vir ser o purgatório, o inferno ou o céu povoavam a imaginação das pessoas numa imagem mental utilizada pelo discurso (a retórica) daqueles freis que tinham os objetivos claros e definidos: educar pela religiosidade. As recordações dessas imagens mentais do inferno e do céu, enfatizadas pela memória artificial, estimulavam uma visualização intensa do que era o inferno ou o céu, num esforço para assegurar na memória ao significado da palavra salvação para o grupo, era uma educação moral.

As palavras daqueles freis, em especial do frei Vito, estavam centradas na visão maniqueísta, na qual o bem e o mal são dois princípios opostos que governam o mundo. E os imigrantes e descendentes tiroleses, desde a chegada nessas fazendas em Piracicaba, objetivavam construir um lugar, um paraíso onde seus filhos pudessem crescer longe dos vícios e da imoralidade. Esses dois fatores (o discurso dos freis e o desejo de se ter um *locus tirolês*) estavam centrados na religiosidade, na qual as palavras, os sermões eram utilizados para o fortalecimento da *visão de mundo* do grupo, preservando o *ethos* religioso da comunidade como estratégia de manutenção do enclave tirolo-trentino de Piracicaba.

Os mais velhos da comunidade são capazes de rememorar os discursos do frei Vito, devido a alguns fatores: o vínculo étnico, a missa celebrada em latim, a homília realizada no dialeto trentino, quase nunca em português, e se o fosse, parte do discurso seria no dialeto ou na língua italiana. Devido a utilização da língua local (do trentino) os imigrantes e seus descendentes compreendiam melhor o significado das palavras do discurso do frei, e isso o tornava mais próximo, além de se sentirem mais protegidos e orientados espiritualmente:

> *"A missa nossa era tudo em latim, naquela época era assim, tudo em latim, até a década de sessenta foi assim. O frei Vito falava tudo em tirolês... que beleza aquela época... falava em tirolês porque ele era austríaco, com nói, aqui. E depois que*

> *acabava a missa a gente gostava de ficar conversando. Eu já era moço, mas os velhos, os nostro nonos... Ah Dio! Como eles gostavam... parecia que a gente tava lá no Tirol dos velhos... a gente prestava atenção no sermão do frei Vito, respeitava as idéias dele, fazia tudo o que ele pedia...".*[156]

O discurso daqueles religiosos, sobretudo do frei Vito perpetuou-se por muitos anos na comunidade. Até hoje é possível encontrar referências de uma religião que foi construída pelo medo do demônio e pela necessidade de um paraíso. Um paraíso imaginário, que fora vivido por aqueles imigrantes e seus descendentes num determinado período de sua história. O discurso do frei os conduzia para essa mentalidade, eram imagens fantásticas provocadas pelas forças entre o bem e o mal, que os educavam numa moral religiosa. As idéias e a teoria do discurso eram semelhantes àquelas utilizadas pelos dominicanos do século XII, XIII, que objetivavam controlar o processo de salvação do homem e levá-lo ao paraíso ou ao inferno, dependendo da conduta e atitudes dos seus fiéis.

A mentalidade de um discurso centrado no maniqueísmo era fruto das antigas religiões. Como ressalta Le Goff (1989, p.74): "o cristianismo tinha herdado da maioria das religiões antigas um duplo caráter: recompensas e castigo, o paraíso e o inferno. Havia herdado um Deus bom mas justo, juiz cheio de misericórdia e de severidade que, tendo deixado ao homem um certo livre arbítrio, o punia quando ele fazia mau uso desse livre arbítrio, e o abandonava então ao gênio do mal, Satanás. A triagem que conduzia ao paraíso ou ao inferno era feita em função dos pecados cometidos aqui embaixo, local de penitência e de provação para o homem maculado pelo pecado original. A igreja controlava mais ou menos esse processo de salvação ou danação através de suas exortações e de sua vigilância, e pela prática da penitência se reduzia a dois veredicto possíveis: paraíso ou inferno."

É interessante ressaltarmos que os manuscritos de Maria Stenico, líder da comunidade até o final da década de 40, os manuscritos de Vitti (1977), de Degaspari (1982) e a própria fala dos moradores refletem bem os discursos dos freis capuchinhos, em especial do frei Vito. Citaremos

[156] Informante, 77 anos de idade.

um trecho do sermão do frei Vito num Domingo do dia 18 de fevereiro de 1943, citado por Leone (1993)[157]:

> *"No mundo trabalha o demônio e seus satélites para inutilizar a obra de Deus, para fazer triunfar a impiedade. Santo Agostinho considerando este duplo trabalho descobre no mundo como duas grandes cidades: a cidade de Deus em que reina a religião, a ordem e a justiça. A cidade Satanás, em que rasteja a desordem, o vício, a impiedade...".*[158]

O discurso dos religiosos, assim como o das catequistas, podia exercer um poder simbólico entre os interlocutores porque estava de acordo com as regras estabelecidas pelo grupo, sobretudo de um *habitus e de suas crenças*, as quais lhes davam autoridade para que o discurso (a palavra) fosse reconhecido como a Verdade absoluta. Dessa forma, produzia-se ou se reafirmava, ainda mais, as disposições do *habitus* do grupo. Neste contexto, Bourdieu (1998b, p.91) afirma que "a especificidade do discurso de autoridade (curso, sermão, etc.) reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder o seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio".

O início do cristianismo vai se fundamentar nas forças entre o Bem e o Mal, sobretudo, nas obras de Santo Agostinho que fazem referência à *Cidade de Deus*, onde reina o Bem, ou seja, as virtudes; que está em luta com a *Cidade de Satanás*, o Mal, ou seja, onde se encontram os vícios. O apogeu dessa educação política-religiosa toma seu ápice[159] no século XIII com Tomas de Aquino e Alberto Magno. Numa educação mental voltada ao duplo caráter: Deus e Satanás.

---

[157] Leone, Glaura Maria Miné Paiva, analisou alguns sermões do frei Vito nas décadas de 40 e 50, época que atuou nos bairros tiroleses. Sua dissertação de mestrado foi intitulada: "Sob o olhar dos capuchinhos: a ação missionária dos capuchinhos trentinos em Santana e Santa Olímpia". PUC - SP. 1993.

[158] Sermão para a Santa Comunhão, pronunciado pelo frei Vito na Igreja de Santana, dia 18 de fevereiro de 1943, em Piracicaba. Apud Leone, 1993, p.86.

[159] Sabemos que Santo Agostinho se fundamentava nas obras de Platão, enquanto Tomas de Aquino, nas obras de Aristóteles. Porém, ao tratar da memória pode-se dizer que o dois se baseavam nos princípios da memória artificial, dos lugares e das imagens, sendo que essas estão baseadas em *Ad Herennium*, que afirmava que devem ser *impressionantes, fantásticas* para fixar-se na memória, são as *imagens agentes.* Mas essas imagens devem ser transformadas em "identidade corpórea" [corporeal similitude] através das quais "as intenções simples e espirituais" [simple and spiritual intentions] são impedidas pela omissão ou enganos da alma. Tomas de Aquino utilizava o termo *corporeal similitude* dada por Aristóteles, porque ao considerar a sensibilidade da alma, denominando-as de "coisas sutis e espirituais" [subtle and spiritual things] podem ser mais memorizadas [remembered] na alma em forma corpórea, mais concretas ao ser humano.

As imagens assustadoras, fantásticas e medonhas formavam na memória uma imagem mental dos membros da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba, as quais podiam controlar as suas atitudes, conduzindo-lhes a uma educação voltada à moral, à religiosidade, na qual quase tudo era pecado ou proibido a fim de combater os vícios e impor as virtudes. Os sermões dos freis eram notáveis e repletos de imagens em que buscavam buscar o caminho para o céu ou para o inferno, reforçando uma *Cidade de Deus*, onde reinasse a oração, o trabalho árduo na lavoura e pudessem estar longe das imoralidades do mundo, de pessoas sem fé que os contaminassem. A única arma para combater o demônio era a Sagrada Eucaristia, a fim de que estivessem protegidos de Satanás. Entretanto, para poder comungar, isto é, receber a Sagrada Eucaristia, era necessário cumprir todos os dogmas ou regras impostas pelos freis, consequentemente, fortalecendo as idéias de um paraíso terrestre tirolês.

Os discursos dos freis capuchinhos que orientavam a vida da comunidade até o final da década de 60 do século XX, centravam-se nas forças do bem e do mal, do homem que perdeu o paraíso por causa da Eva (Gênesis:3,23). Aqueles religiosos alertavam os homens da comunidade a serem severos, firmes com suas mulheres, pois se lhes dessem liberdades poderiam perder o paraíso para sempre, assim como Adão o perdeu por causa de Eva. Deus ainda estava olhando para aquele povo escolhido, e se caso caíssem nas desgraças do demônio, tudo poderia se perder, inclusive aquele paraíso.

O paraíso que os freis se referiam era o próprio lugarejo onde aqueles imigrantes tinham se fixado em terras do município de Piracicaba. E se os maridos quisessem preservar tal paraíso deveriam, primeiramente afastar o demônio das mulheres e crianças. Aconselhavam-lhes que para evitar a presença de Satanás deviam tornar suas mulheres submissas aos seus maridos; se fossem solteiras, aos pais, ou, na falta desse, àquele que o representasse dentro de sua casa. Era preciso rezar muito e trabalhar sem jamais reclamar de nada, pois dessa forma todos teriam a maior recompensa que o um homem pudesse desejar: o Paraíso Eterno após a morte.

As mulheres da comunidade deveriam ter em mente a imagem de Maria Santíssima, submissa a Deus, devendo ser um modelo a ser seguido por todos, em especial pelas mulheres e pelas crianças. Se as mulheres fossem a imagem de Maria, mãe de Deus, com certeza não levariam seus maridos e filhos ao abismo da perdição, do Inferno.

> *"O frei alertava os homens que a perdição do mundo era as mulheres, falava no sermão da Eva, que por causa dela perdemos o Paraíso aqui na terra. Por isso as mulheres deviam obedecer a seus maridos, e todos deviam fazer penitências, confessar, comungar, para se livrarem do pecado e não cair nas tentações do demônio".*[160]

Os sermões dos freis centravam-se no maniqueísmo, da luta entre o Bem e o Mal, além de relembrar a perda do Paraíso em Gênesis, e reafirmar a submissão das mulheres perante seus maridos:

> "Deus disse então a mulher: vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz a seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará. Deus disse para o homem: 'já que você deu ouvido a sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e de pó voltará".
>
> (Gênesis, 3,16-19)

Com as imagens mentais que se formavam nas mentes daqueles imigrantes e seus descendentes, através dos discursos dos freis e das líderes (catequistas) da comunidade, criavam-se imagens aterrorizantes, além do medo de perderem o paraíso que tinham encontrado. Dessa forma, nesse lugarejo reinava a obediência aos preceitos e dogmas da Igreja Católica, rezada pelos freis capuchinhos que orientavam a comunidade. A moralidade tendo em vista atingir as virtudes e evitar os vícios, fundamentavam as estratégias utilizadas pelos freis e pelas mulheres (líderes) na manutenção do enclave tirolo-trentino, na permanência de seus membros sempre dentro da comunidade e afastando outras pessoas (não descendentes tirolesas) com o objetivo de eles não *contaminarem* seus filhos e descendentes com os vícios e a imoralidade que permeavam a *cidade de Satanás*.

[160] Informante, 80 anos de idade.

3.1.5. A imagem do Demônio: a educação na memória da *"paura"*

Segundo os nossos informantes *"o demônio podia atormentar mais as mulheres que os homens, porque elas eram mais fracas que nós, homens".*[161] Os discursos dos freis estavam sempre centrados nas imagens da perda do Paraíso de Adão e Eva. Nas lembranças das palavras[162] daqueles religiosos que guiavam a comunidade, nossos informantes relataram que suas palavras eram tão impressionantes, tão amedrontadoras, que, às vezes, era possível perder o sono e ter medo, mesmo sendo adulto, porque afirmavam com tanta convicção sobre as forças malignas, sobre suas influências nos homens e, sobretudo alertavam a eles que o mundo do Demônio ficava mais próximo da Terra, do mundo dos homens, do que o trono de Deus. O homem, sendo um pecador, se aproximava muito mais do mundo do demônio, e este podia influenciá-lo se não estivesse em constante vigília, oração e submissão aos dogmas da Igreja.

Dessa forma, aqueles religiosos organizaram uma hierarquia não somente na comunidade, mas na vida celeste: Céu - Inferno. O mundo futuro pertence a Deus, tentado pelo demônio. Para se livrar do demônio era necessário meditar sobre as coisas de Deus, rezar e trabalhar. Com essas idéias os freis se utilizavam *imagens agentes* fortíssimas, as quais estavam centradas nas imagens do Demônio, do Inferno, do purgatório. Eram utilizadas mais as forças do mal do que a do bem, pois eram essas aquelas que mais atemorizavam aquele povo. Há relatos dentro da comunidade que o maior medo naquela época, era fazer um mal sem querer a alguém da comunidade e o demônio pudesse aparecer para eles. Caso a maldade fosse intencional, talvez, após a morte do sujeito, este iria direto ao Inferno em companhia do demônio, nem passaria ao purgatório como um sinal de que seria perdoado para um dia alcançar a Vida Eterna. Não é tão difícil supor qual era a imagem do paraíso celeste que os membros da comunidade podiam ter em mente. Sendo que era muito mais difícil atingir o Céu, o qual estava muito longe dos homens na Terra. Enquanto

---

[161] Fala de muitos de nossos informantes das primeiras gerações, inclusive das mulheres, também.

[162] A palavra tem uma grande importância num discurso, numa frase. Num enunciado é a palavra que interage o locutor e o ouvinte, sendo que ela serve de "expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros". (cf. Bakthin, 1999, p.113). É através da palavra que se pode definir uma relação, inclusive em relação a coletividade. É nesse território comum que a palavra deixa de ser simplesmente palavra e torna-se signo, carregado de significações e não somente de significante estabelecendo a realização do signo social na enunciação, no discurso concretizando-o nas relações entre o locutor e o ouvinte. É nessa relação que se estabelece uma orientação social aos ouvintes. Assim, os religiosos e líderes da comunidade em estudo, se estruturavam numa imagem mental, numa *atividade mental* (Bakthin, 1999, p.115) podendo ser modeladas em formas ideológicas.

que o Inferno, segundo os nossos informantes, eles estavam mais perto do ser humano, devido à influência dos demônios que vinham atormentar as mulheres e as crianças.

Fig. 24 - A mulher e o diabo (Albrecht Dürer) Gravura apud Nogueira, 1986, p.36.

A este respeito Nogueira (1986, p.21) escreve: "à medida que os anjos habitavam o mais alto dos céus, ao lado do trono de Deus, o Diabo e seus sequazes, por oposição, eram confinados às trevas, precisamente acima da Terra. Todos igualmente concordam com o fato de que, composto de ar e luz, os anjos caídos possuem a mesma substância". Segundo *Agostinho (De dininatione daemonum,* III,7- *in* Nogueira, 1986) "os demônios, pelo fato de possuírem corpos etéreos, têm faculdades extraordinárias de percepção e são capazes de se transportar através do ar com uma velocidade incomparável."

A imagem do demônio era aterrorizante e grotesca. Pelos relatos orais de nossos informantes, ele jamais poderia aparecer de forma simpática, elegante como em forma de homem. Podia ser uma mistura de homem com animal, podia, também ter chifres, rabo e unhas compridas, rosto de um animal assustador, alguns nos disseram que podiam ser totalmente negros, e que de seus olhos podiam sair fogo, pois a sua morada era o Inferno.

É muito interessante, a imagem do demônio que havia dentro da comunidade, pois se retornarmos um período da História da Humanidade, veremos que muitos monges do século XII, como, por exemplo, Cesarius de Heisterbah[163], citado por Nogueira (1986), fazem a mesma referência às características do demônio encontradas nos relatos de nossos informantes. Heisterbah afirma que "o diabo pode aparecer de várias formas, por exemplo, na forma de um animal, de uma ave, de homem, seja ele caçador, soldado ou cavalheiro, pois junto à Satã precipitaram do céu falanges demoníacas. E por isso o homem pode ser atormentado por mais de um demônio" (cf. Nogueira, 1986, p. 46).

Fig. 25 - O diabo arrastando a criança (Albrecht Dürer) Observe os elementos demoníacos sob forma de animal e mesclando com as formas humanas. Gravura apud Nogueira, 1986, p.57.

Até meados da década de 60, quando aqueles freis capuchinhos ainda eram os guardiões do enclave tirolo-trentino, o medo e as imagens demoníacas povoavam aquele lugarejo.

> *"Dio, Madona,*[164]*que paura do demônio. Os freis ou as professoras falavam para nós quando éramos criança que se a gente não se comportasse eles iam deixar de castigo. Você sabe qual era o nosso castigo? Dio mio, só de lembrar me dava medo. Era colocar um menino e uma menina, um ao lado do outro na mesma carteira.*[aqui o entrevistado está falando

[163] Cesarius de Heisterbah foi monge, século XII, e morto por volta de 1245.
[164] A palavra *Madona* [senhora, Nossa Senhora] foi escrita com apenas um "n", pelo fato da comunidade utilizar o dialeto trentino, o qual não possuem as geminadas, como já ressaltamos anteriormente.

> do castigo utilizado pelas professoras até as décadas de 60] *A gente preferia como castigo surra de marmelo dos pais, ou o castigo de ficar de joelho no milho, mas não colocasse a gente com uma menina. Porque a gente sabia que o freis diziam: 'Quando um homem e uma mulher estão perto o demônio esta no meio, por isso evitem a aparição dele no meio de vocês, ele só não aparecerá se vocês forem marido e mulher(...)"*[165].

Sabemos que durante séculos, desde a Antigüidade os religiosos tinham essa preocupação com as imagens do paraíso e do inferno. Entretanto, é com Tomas de Aquino que vai florescer essa educação da memória artificial voltada para a moralidade e a religiosidade.

Os eclesiásticos provocaram *imagens fantásticas* (*Ad Herennium*) onde reinava a fantasia provocando terror e impondo com isso uma moral rígida. Os teólogos da Idade Média e Moderna reafirmavam cada vez mais tais imagens na tentativa de explicar as desgraças políticas ou mesmo catastróficas sobre epidemias, guerras, revoltas, escândalos eclesiásticos, a decadência Papal, a reforma Protestante, torturas, inquisições, etc. Era o domínio do Mal sobre a Terra.

O renascimento e a Modernidade marcados pelas imagens demoníacas herdadas na Idade média, numa luta entre o Bem e o Mal, povoou a mente daqueles que eram assistidos pela ordem religiosa cristã, e que eram a maioria da população ocidental. Nesse ambiente de terror das imagens mentais, os eclesiásticos aumentavam ainda mais o poder do Demônio, do Satanás, do Diabo, do Satã, da coisa ruim, amendrontando os fiéis, ameaçando-os com a perda da alma.

Era com essa mesma imagem que os membros da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba imigraram para o Brasil. Eles Trouxeram em sua bagagem o *ethos* religioso, de um ambiente onde reinava e predominava a esfera religiosa, repleta de imagens das lutas entre o Bem e o Mal, e quando fixaram em Piracicaba, encontraram o *locus tirolês* e a orientação religiosa de freis capuchinhos oriundos dos lugarejos de onde emigraram. Neste contexto, reforçou-se ainda mais o desejo de se formar o paraíso terrestre tirolês, de se ter uma *cidade perfeita, a Cidade de Deus*, rememorada e lembrada pelos freis e, logicamente, também crescia o medo da perda desde mesmo paraíso.

[165] Informante, 82 anos de idade.

Através das imagens do demônio e do inferno os freis capuchinhos conseguiam aterrorizar a comunidade num todo. Com isso impunham didaticamente uma religião do medo, um ensinamento moral e cruel, pois davam ao demônio uma imagem grandiosa e com isso tais imagens tornavam-se medonhas aos imigrantes e seus descendentes tiroleses.

Analisando o desejo da comunidade em permanecer sempre unida e de certa forma não querer se misturar com os de fora da comunidade, temos a impressão que eles queriam ter um paraíso terrestre tirolês que pudesse lhes assegurar uma imagem do bem, de Deus, de Céu, de Paraíso, enfim, parece que nos deparamos com uma escatologia apocalíptica judaica (cf. Le Goff, 1996, p.346). Viver na presença dessas imagens era ter uma educação fundamentada na escatologia judaico-cristã. Conseqüentemente eram capazes de construírem imagens mentais a fim de que tivessem tal comportamento: são as imagens do Paraíso e do inferno, de Deus e do Demônio, enfim, do manequeismo, da luta entre o bem e o mal. E assim a comunidade, com ajuda dos freis e com seus lideres, preservou até meados da década de 70 a visão maniqueísta, na qual foi possível construir *imagens agente que os levassem a uma construção mental* via memória artificial. Através dos lugares, através das palavras (discursos), de objetos, enfim imagens que reforçassem as idéias da escatologia e as estratégias de um paraíso terrestre tirolês, pois eles tinham por objetivo salvaguardar suas vidas das imoralidades, e, consequentemente, serem chamados, após a morte, para ficar junto a Deus, eternamente.

Nos manuscritos existentes na comunidade é possível encontrarmos trechos fortes de que havia dois mundos: o mais perto do homem que é o mundo pertencente ao Demônio, ao sofrimento e às desgraças, e um segundo mundo, pertencente a Deus, onde estão as recompensas de um paraíso eterno em compensação às tristezas, as angustia, aos sofrimentos desse mundo, e, sobretudo, pelo fato de o homem ter combatido o demônio através das práticas das virtudes, dos mandamentos, etc. Os escritos de Maria Stenico são marcas dessa mentalidade criada pela memória artificial conduzida pelos freis. Vejamos alguns trechos de sua Carta Testamento:

> *"Passado só quatro meses, ah! isto foi tão duro. No dia 25 de fevereiro de 1931, Deus chamou a si o meu filho Francesco, com 44 anos de idade, deixando nove filhos, a mais velha de dezessete anos e o mais novo com sete meses e só cinco dias... era tifo e pneumonia...."*

> *"Houve uma trégua de oito anos e de novo a nossa família foi visitada pela mão de Deus tirando-me outro filho, o Ângelo Conrado na idade de 47 anos de idade, deixando a mulher e dez filhos".*
>
> *"Lembrais sempre que este mundo é um vale de lágrima, e só no Céu seremos perfeitamente felizes...".*[166]

Estas frases são trechos do testamento de Maria Stenico que refletem bastante uma educação construída para uma religião do medo e centrada nas virtudes e nos vícios, nos sofrimentos vividos na terra e as recompensas no céu. Le Goff (1996) cita essa mesma idéia, quando fala sobre o tempo. O presente está repleto de tristezas e pertence a Satanás, enquanto o futuro pertencerá a Deus. Por isso, o tempo passado e futuro da comunidade são um tempo presente, o tempo presente do passado e presente do futuro, o tempo do cristianismo. Neste aspecto Le Goff (1996, p. 346) escreve: "No conjunto desta literatura[167] vemos o céu tornar-se cada vez mais o objetivo essencial e acentuar-se a oposição entre dois séculos: o presente, cheio de males e provações, e o futuro, renovação do paraíso original. O mundo presente pertence a Satã O mundo futuro pertencerá a Deus. Mas Deus domina o tempo e a história desenrola-se segundo a sua vontade, mediante um plano traçado sobre o modelo da criação, numa semana de seis dias, no fim da qual o sétimo dia verá o cumprimento da promessa. Como, para ele, 'mil anos são como um dia ', daí decorre a existência de Idades de mil anos, em que o último será o reino dos justos com Deus. O desenrolar destes tempos é revelado por sinais (prodígios, cataclismos naturais, guerras, desastres econômicos, etc.)".

Apesar das misérias, dos males, das guerras que seus pais e avós viram na Europa antes desse grupo emigrar ao Brasil, das doenças vividas no início do século já no Brasil, esse compreendia que, desde a saída do antigo Tirol austríaco até as primeiras décadas do século XX, Deus estava orientando seus caminhos para que deixassem as misérias na Europa, e que rezassem muito a Deus e a Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, porque o fim do mundo estava próximo. Porém o significado de "fim de mundo" para eles não estava numa visão "apocalíptica de fins dos tempos", e sim na implantação de um paraíso tirolês, habitado por um povo escolhido por Deus.

---

[166] Trechos da Carta Testamento deixada pela Maria Stenico, líder de Santa Olímpia e catequista. Escrita em 1939.
[167] Le Goff cita textos que revelam a escatologia dos apocalipses judaicos baseados por Hadot apud Le Goff. (cf. Le goff. 1996, p.345).

Ao primeiro olhar, nos dá a impressão de uma escatologia de seitas protestantes (cf. Le Goff. 1996, p.357), entretanto, eles não tinham nenhum indício dessa perspectiva, por serem orientados pelos frades capuchinhos, ordem pertencente a Igreja Católica, e dentro dessa linha sabemos que a Igreja combateu muito a questão do milenarismo, para afastar a idéias de "fim de mundo", na interpretação Apocalíptica de São João.

É preciso ressaltar que os imigrantes e seus descendentes, através dos manuscritos ou de relatos passados de geração em geração, afirmavam que já havia começado a salvação na terra e que tudo dependia das atitudes dos seres humanos para buscar a salvação e ter a recompensa no paraíso celeste após a morte. Portanto, nesse sentido, "a escatologia foi iniciada para sempre no ministério de Jesus e a escatologia de Jesus não se liga ao futuro, mas somente ao presente" (cf. Dodd apud Le Goff, 1996, p. 363). Por isso, os tiroleses se preocupavam em salvar-se aqui na terra, para depois ir ao encontro de Jesus no paraíso, idéias essas reforçadas pelos sermões dos freis capuchinhos. Neste sentido, criaram em seu imaginário, numa imagem mental, estratégias que fortaleciam o enclave tirolo-trentino, afastando-se dos brasileiros imorais, pecadores e formando, entre eles o paraíso terrestre tirolês.

Nessas *imagens agentes*, criadas e construídas através de uma memória político-educacional, fortaleciam as estratégias para os casamentos consangüíneos, para o trabalho e a vida em comunidade, aumentando os laços afetivos e de solidariedade, num sentido cristão e acreditando que estavam construindo uma *cidade de Deus*.

Essa memória escatológica resultará numa memória cristã, negando a experiência temporal da história, pois será uma memória vivida num "passado do presente, presente do presente e num futuro do presente" (cf. Santo Agostinho). Porém, a doutrina vivida será do maniqueísmo, um cristianismo da memória, ou melhor, dizendo, uma educação religiosa fundamentada nos Antigos e Novos Testamento, judaico-cristã, forçando os membros da comunidade a serem educados numa memória coletiva litúrgica e consequentemente, numa memória artificial para rememorarem os santos, as leis da Igreja Católica, os dez mandamentos de Deus, as Virtudes e os Vícios, etc. É o papel da memória num ensino sobre a moral, as virtudes que os seres humanos podem ter para levá-lo ao paraíso. De acordo com Le Goff (1996, p.443-4), a religião judaico-cristã é a "religião da recordação", pois a Bíblia apela a todo instante à recordação de *Yahweh*; memória da cólera, das alegrias, das salvações, das promessas de *yahweh*, etc.

Dentro desse universo cristão, através das imagens impostas pelos eclesiásticos que orientavam seus fiéis, pode-se dizer que os tirolo-trentinos rememoravam as imagens do inferno e do paraíso, das lutas entre o Bem e o Mal. Pretendiam conduzi-los aos caminhos das virtudes cardeais e aos preceitos da Igreja católica, semelhante à educação político-moral-religiosa encontrada entre os dominicanos Tomas de Aquino e Alberto Magno. Sabe-se que no século XIII foi uns dos períodos da Humanidade que a Igreja Católica atingiu seu ápice participando da construção religiosa e moral das pessoas que viviam naquela época com propósitos bastante claros: conduzir o ser humano ao caminho do paraíso através das virtudes, evitando os vícios, tão debatidos, naquela época, pelos padres dominicanos (cf. Le Goff, 1986).

Na primeira metade do século XX, a comunidade tirolo-trentina viveu o universo religioso, construído através da memória artificial, com imagens mentais surpreendentes, fantásticas, medonhas, as quais podemos considerar como sendo *imagens agentes* que os orientavam para uma educação político-religiosa. Verdadeiras estratégias para a continuidade e manutenção do enclave tirolês em Piracicaba.

Muitos de nossos informantes relataram que a vida na comunidade era como se estivessem num seminário ou convento, devido às constantes orações, à preocupação em seguir os preceitos da Igreja Católica, evitando os sete pecados capitais, os vícios, e lembrando sempre das palavras dos freis e das imagens do que podiam ser o Paraíso e o Inferno, Deus e o Demônio, entre outras. Entretanto, quando nós questionamos sobre as diversões, referindo-nos aos bailes, às festas, aos jogos de bocha, ao baralho, entre outros passatempos, de que tanto eles gostam, um informante de 82 anos nos disse:

> *"Aqui, sempre foi um lugar sério, que respeitamos a Deus até hoje, sempre rezamos muito, veja até hoje nós aqui rezamos o terço, alguns rezam o rosário, é uma forma de agradecermos a Deus por tudo que ele nos deu e ainda continua nos dando e abençoando todos nós aqui. Mas junto com as orações e o respeito a Deus, nós também divertíamos... já falei dos bailes, dos jogos, para você, né? Então, o nosso divertimento sempre foi aqui mesmo, com os nossos parentes, gente daqui. Ah! mas eu ainda não falei do nosso carnaval. Esse era o dia mais esperado por todos aqui, era uma beleza! Nesse dia podia tudo, e os freis consentiam as brincadeiras do nosso carnaval.*

Sabe, depois que acabava, chegava na Quarta-feira de Cinza, acabava aquelas brincadeiras do carnaval, e a gente ficava sério... assim, sem brincar como aqueles dias o ano inteiro..."

Num universo onde imperava uma certa educação na memória religiosa foi surpreendente ao encontrarmos um período do ano, no qual eles *"brincavam"* o carnaval, considerado uma festa pagã. Segundo os nossos informantes, nesses dias[168] esqueciam o contexto religioso em que viviam, e nesses dias, por serem especiais podiam se dedicar ao universo pagão, como, por exemplo, às diabruras, às brincadeiras, às tolices, aos risos, às danças, às músicas de carnaval ao som de uma banda da comunidade, enfim, aos divertimentos que não tinham durante o ano inteiro. Todos os membros da comunidade tirolo-trentina podiam *"brincar"* o carnaval, desde os mais velhos até as crianças, todos sem exceções se divertiam. E havia o consentimento dos religiosos que orientavam a comunidade, pois acreditavam que após o carnaval as orações a Deus eram mais fervorosas, pois tinham extravasado todo o desejo das diabruras que o homem pudesse conter. Um de nossos informantes nos relatou:

"Nesses dias ninguém aqui ficava com o rosto branco, todos pintavam, até as nonas, as velhas. Algumas iam na marra, corriam, gritavam, os outros vinham e pintavam o rosto com o carvão da lenha. Uma vez nós pegamos um que estava em cima de uma árvore porque não queria ser pintado, tiramos ele de lá, e pintamos o rosto dele. Era aquela gritaria. Mas isto fazia parte do nosso carnaval. Depois disso a gente dançava, era o baile de carnaval que durava três dia, na Terça-feira não tinha carnaval era o dia de comer cucagna, até hoje é assim, nós não temos carnaval na Terça-feira..."[169]

A cucagna é uma espécie de comida preparada, de forma coletiva, pois um grupo organizado, saia às ruas dos bairros pedindo os ingredientes que compõem o prato. Depois, as mulheres preparavam a comida e todos comiam juntos, como forma de fraternidade entre eles. Na

[168] O carnaval na comunidade durava e ainda dura três dias: sábado, domingo e segunda-feira. A terça-feira é um dia especial onde todos preparam uma espécie de polenta, chamada *cucagna* e é o início da preparação da Quaresma.
[169] Informante, 82 anos de idade.

véspera do dia de Cinza, início da Quaresma, não se pode mais rir, dançar, se divertir. É o começo das penitencias, das orações, dos sacrifícios, pois nessa época o demônio, segundo os nossos informantes, está mais perto dos homens, mais proeminente que outros dias, ou época do ano. É interessante observar que *no "carnaval se ri e dança muito"* e *"pode tudo nesse dia", inclusive "fazer diabruras, tudo que era proibido, nesses dias são liberados, dentro de um certo limite, a fim de jamais prejudicar alguém ou machucá-los, tudo não se passa de brincadeiras e diabruras próprias de crianças..."*. Como ressaltou um de nossos informantes, 79 anos de idade.

Observamos que o carnaval realizado na comunidade tinha um caráter teatral em que se podia extravasar toda as características daquele universo rígido governado pelos eclesiásticos (freis) e pelas líderes catequistas, as *nonas* tão sérias e firmes diante das ações e atitudes dos membros da comunidade. Neste aspecto, Bakthin (1987, p.7) ressalta: "... durante o carnaval é a própria vida que representa e interpreta (sem cenários, sem palco, sem atores, sem espectadores, ou sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral) uma outra forma livre de sua realização, isto é, o seu próprio renascimento e renovação sobre melhores princípios. Aqui a forma efetiva da vida é ao mesmo tempo sua forma ideal ressuscitado."

A observação de Bakthin serve muito bem ao nosso contexto, pois o caráter rígido das *nonas* e dos freis capuchinhos nesses dias era esquecido e o caráter não-sério, o da brincadeira, podia se manifestar livremente pelo menos uma vez por ano. Por isso a necessidade de extravasar e voltar ao contexto sério da comunidade era imprescindível. Afirma Bakthin, numa citação que merece ser dita em nossos estudos: "... nós homens, somos tonéis mal-ajustados que o vinho da sabedoria faria explodir, se encontrasse sempre na incessante fermentação da piedade e do temor divino. É preciso dar-lhe ar, a fim de que não se estrague. Por isso permitimo-nos alguns dias de bufonaria (as tolices), para em seguida regressar com duplicado zelo ao serviço do senhor". (cf. Carta circular da faculdade de teologia de Paris, 12 de março de 1444, apud Bakthin, 1987, p.65).

O texto acima se refere à vida do homem da Idade Média, na qual fica clara “uma vida festiva", uma válvula de escape necessária ao homem, oposta àquela da concepção cristã de princípios rígidos. Essa ambigüidade trazida pelo carnaval e pelo modo de vida religioso possibilita para fazermos uma analogia com as festividades pagãs da Idade Média, muito comum naquela época, devido ao rigor da moral imposta pela Igreja naquele período.

Bakthin (1987) ao relatar o carnaval[170] na Idade Média mostra as alegorias em que consistia essa festa, fazendo alusão às procissões· religiosas do dia de Corpus Crhisti em seu sentido profano e monstruoso. A França e a Espanha, sobretudo faziam dessas festas imagens grotescas do corpo, as quais dominavam na parte popular da festa. Nessas procissões haviam figuras obrigatórias solenes: "monstro (mistura de traços cósmicos, animais e humanos) levando no seu dorso a pecadora da Babilônia; gigantes da tradição popular, mouros e negros (desvios grotescos em relação ao corpo humano), multidão de jovens executando danças sensuais (na Espanha, por exemplo, uma sarabanda quase indecente); depois dessas efígies, vinha o clero carregando a hóstia; no fim do cortejo, avançam carros decorados, com comediantes fantasiados, e esta festa chama-se na Espanha 'festa dos carros' (fiesta de los carros)".

O que nos interessa nessa descrição relatada por Bakthin é mostrar a presença da imagem grotesca do corpo, e se observarmos bem, a cor negra faz parte dessa alegoria. Conforme Bakthin (1987, p.200) ressalta "a luz desses fatos, a paródia de Rabelais não parece mais surpreendente nem monstruosa. Ela apenas desenvolve todos os elementos do drama satírico que já existia nas imagens tradições: a do monstro trazendo no dorso uma pecadora, os gigantes e os negros, os movimentos indecentes da dança, etc. É verdade que Rebelais narra o fato de uma maneira tão audaciosa quanto consciente".

Era fundamental, a eleição de um rei e rainha, banquetes, ritos, atributos, efígies, máscaras, e, sobretudo, ressaltar a cor negra como um aspecto grotesco e desviado da perfeição humana, era essencial nessas festas. Além desses elementos do carnaval (europeu da Idade Média) havia outro elemento que desempenhava um papel importante: o riso. Este era a expressão máxima do carnaval, pois ali ressaltava o aspecto do cômico grotesco. Por meio dessas alegorias, a fantasia se fazia obrigatória, porque significava a renovação das vestimentas, em duplo sentido, usar a fantasia, se mascarar e rir, para depois, quando retirado do corpo, acontece uma renovação do espírito, da alma. Na Idade Média e na Renascença o carnaval tinha uma relação direta e explícita com o culto e o rito religiosos, num jogo entre o sagrado e o profano, tornando-se o símbolo de uma festa popular e pública, independente da Igreja e do Estado.

---

[170] O carnaval é uma festa popular que se desenvolveu em vários países europeus sob diversas formas. Seu surgimento ocorreu em Roma, na Itália. Depois se realizou em outras cidades italianas, em seguida, tornou-se uma festa (quase que obrigatória) na França, em Paris e na Alemanha. Segundo Bakthin (1987, p.190) também se tentou implantar na Rússia, na época de Pedro o Grande, como "a festa dos loucos" , mais tarde como "Primeiro de abril", mas não houve sucesso.

Da mesma forma que ocorria em vários séculos atrás, a comunidade tirolo-trentina de Piracicaba desfrutava do carnaval como se aqueles dias fossem os únicos nos quais podia se divertir pelo resto do ano todo, pois dançavam muito em seus bailes carnavalesco. As pessoas saiam de suas casas muito animadas e felizes, alguns até gritavam, como os nossos informantes nos relataram, *"era o nosso grito do carnaval, e rir fazia parte também do início do nosso carnaval"* Também pintavam seus rostos com carvão de lenha, pois assim todos ficariam, como se tivessem máscaras. O pintar o rosto, a nosso ver, não significa somente uma forma imaginária de colocar uma máscara, mas é também uma forma simbólica de atribuir ao negro todos os sentimentos de liberdade, prazer e luxúria. Nos dias de carnaval, em que *"se podia tudo"*, aproximavam-se dos valores daqueles que, o negro, no cotidiano, não eram aceitos dentro da comunidade com facilidade.

É preciso ressaltar que este grupo era (e ainda é) extremamente católico, portanto, jamais podia se dizer que era racista, pois estaria cometendo um pecado mortal, dentro dos mandamentos da caridade: "amarás a teu próximo como a ti mesmo". Entretanto, como tudo era liberado naqueles dias de carnaval, essa expressão de sentimento ao outro também era liberada. Fica evidente, para nós, que o *"correr atrás do outro para pegá-lo, mesmo que estivessem em cima de uma árvore, etc."* tem um caráter simbólico, teatral, uma encenação em seu imaginário, como se naquele momento eles pudessem ser o "negro", e ao mesmo tempo esse "negro" correr atrás dos próprios membros da comunidade. Além disso, a cor negra era para eles a cor do demônio, das trevas e da maldade, que sustentava a imagem mental do demônio, do satã, da coisa ruim, com sua cor horrenda.

Pintar o rosto com a cor negra, o riso e o grito, são extremamente simbólicos, pois as gargalhadas podem ser atribuídas aos caracteres burlescos, e de ridicularização que representam o oposto do Bem, de Deus. A este propósito Nogueira (1986, p. 38) escreve: "O diabo faz medo e faz rir... Nas representações da Paixão, o Diabo fazia o papel de zombeteiro, e o seu papel torna-se cada vez mais proeminente...".

Neste contexto, onde imperava um universo religioso, mas com o consentimento dos religiosos e das catequistas era permitido haver, pelo menos uma vez ao ano, uma festa em que se

pudesse transgredir certos dogmas e se ter a liberdade de expressão em relação à moral. Tudo era construído para se ter uma educação político-religiosa, através das imagens mentais, visando uma memória de imagens no âmbito cristão, ou melhor, do cristianismo arcaico em relação ao nosso tempo (primeira metade do século XX). Consequentemente, ao término dos dias do carnaval, o medo do demônio aumentava ainda mais, porque na quaresma, segundo os preceitos da Igreja católica, ele se tornava liberto para atingir qualquer família que se recusasse a fazer penitências, sacrifícios e, sobretudo rezar muito, a fim de se proteger das forças do Mal.

Após o término do carnaval, durante o ano todo, aumentava ainda mais a fé. Além dos terços, rosários, e rezas, ocorriam as grandes comemorações dentro da comunidade e as mais esperadas eram o Advento ao Pentecostes: Natal, Quaresma, Páscoa, Ascensão; as celebrações dos santos e dos mortos, e principalmente a própria comunhão eucarística que se fazia presente nas missas mensais[171], dia dos Santos e principalmente, das Santas Padroeiras das Igrejas dos dois bairros que recebem seus respectivos nomes: Santa Ana (avó de Jesus Cristo) e Imaculada Conceição (mãe de Jesus Cristo).

3.1.6. Memória das coisas: um elo com a origem dos imigrantes

Muitas famílias da comunidade tirolo-trentina conservam até hoje muitos objetos que expressam a religiosidade, e que fazem rememorar fatos de personagens que viveram na cristandade e no amor à Igreja católica, como, por exemplos, as imagens dos santos, o retrato[172] do Papa da Igreja Católica em suas casas, retratos da família Sagrada ou somente de Jesus Cristo ou de Maria Santíssima. Neste aspecto, são objetos religiosos, os quais também podem ser encontrados em quaisquer outras comunidades, bairros ou cidades, onde as pessoas se consideram católica apostólica romana.

Além dessas imagens que encontramos nas casas de nossos informantes, semelhantes a muitas outras famílias católicas do mundo todo, nós encontramos um objeto*, sui geniris,* da

[171] As missas - Celebrações Eucarísticas eram mensais devido à falta de padres e freis para celebrarem as missas nos bairros de Santana e Santa Olímpia, ou seja, na comunidade tirolo-trentina.
[172]Encontramos, em algumas casas da comunidade tirolo-trentina, o retrato do Papa da Igreja Católica exposto na parede da sala como um sinal de fé e fidelidade à Igreja Católica, assim como, também, aos seus preceitos.

própria comunidade que é a imagem da Maria Bambina[173], ou seja, de Maria Santíssima, quando criança. Trata-se de um culto a Maria criança apresentada ao templo. Isto nos chamou atenção, pelo fato de ser um culto de reverência a Maria criança, enquanto que a maioria das Igrejas católica faz reverência a Maria Mulher.

Os nossos informantes nos relataram que no início do século XX, uma das mulheres imigrantes, do bairro de Santana, lembrou-se que em sua aldeia havia um culto feito diante da imagem da Maria Santíssima quando ainda era criança, eram orações a *Maria Bambina*[174]. Esta mulher vai até a cidade de Piracicaba, e encomenda uma boneca de tecido, com rostinho de gesso, com a intenção de vesti-la e colocá-la na Igreja de Santana. Assim, poderia se dizer que teriam a imagem de uma *Maria Bambina*, como aquela de sua aldeia no Tirol. Entretanto, uma das mulheres de Santa Olímpia, ficou sabendo da tal imagem, e se apossa da boneca já confeccionada, vestindo-a e colocando-a em na Igreja de Santa Olímpia. A mulher do bairro de Santana, ao ficar sabendo da atitude desta outra mulher, fica extremamente zangada com o ocorrido, mas não vai buscar a boneca, pois esta já tinha sido transformada em *Maria Bambina*, já estava no altar da Igreja e a imagem não podia ser afrontada. Dessa forma, ela encomenda outra boneca, igualzinha a anterior, e leva-a para a Igreja de Santana.

É interessante ressaltar que é este o fator gerador das conhecidas "rixas[175]" dos bairros tiroleses, entretanto, os nossos informantes relataram *"que jamais houve brigas de verdade entre*

---

[173] Não foi possível fotografar a boneca (cabeça de gesso, vestida de azul) que representa a *Maria Bambina*. No início de nossas pesquisas, os nossos informantes nos disseram que não sabiam onde elas estavam (em cada bairro há uma *Maria Bambina*), depois que a encontramos não nos deixaram fotografar, por considerarem uma imagem sagrada, que representa Maria, a mãe de Jesus quando criança, e que era uma imagem como as do santo das igrejas, etc. Segundo a concepção da comunidade, não se fotografa coisas de Deus, do sagrado, é ilógico fotografar imagens de santos. Depois de alguns meses, uma das guardiãs da Maria Bambinas concordou em que a imagem fosse fotografada. Tomamos várias fotos da Maria Bambina, porém não conseguimos revelá-las, porque o filme fotografado "queimou". Desistimos dessa intenção porque respeitamos o significado sagrado que a imagem tem para eles.

[174] [Maria Criança].

[175] Muitas pessoas de fora da comunidade acreditam que há rixas entre os dois bairros tiroleses. Encontramos alguns relatos possíveis, entre os nossos informantes, sobre as brigas entre os bairros. Um informante (79 anos) nos relatou que houve, no início do século XX, *"um problema de herança de uma mulher que se casou com um homem do outro bairro tirolês, alguns meses depois do casamento, ele morreu e os velhos não quiseram dar as terras para ela... Acho que foi mais menos isso, na verdade ninguém sabe direito o que foi..."* Outro informante, nos disse que *"houve uma briga sobre tal herança (de um homem que se casou com uma mulher do outro bairro), mas as mulheres aproveitaram tal briga - que não foi nada grave, logo esquecida, e começaram a competir quem enfeitava melhor a igreja, etc. Nós, homens, gostamos da idéia e aproveitamos para colocar essa briga no jogo de futebol, no divertimento, em tudo"*. A nosso ver, *as brigas ou rixas* não passam de um jogo entre eles que reforçam ainda mais as estruturas internas da comunidade (como um todo, e não apenas de um bairro tirolês ou de outro) diante dos de fora da comunidade.

eles, entre os bairros". Uma das mulheres se lembrou de um fato importante, o culto da *Maria Bambina.* E o que as mulheres faziam era deixar as duas Igrejas (cada uma em seus bairros) mais bonitas e que pudessem agradar a Deus. Um de nossos informantes relatou tal fato como sendo inclusive saudável, no aspecto de incentivar na arrumação das igrejas.

> *"Foi assim que começou a guerra santa aqui nos bairros, mas como era santa, porque todos aqui só queriam agradar a Deus, não tinha problema, nunca acabou em guerra mesmo, a gente só queria zelar pelas coisas de Deus... e até hoje a gente é assim... foram as mulheres que começaram com a guerra santa entre os bairros e até hoje é assim, mas não é guerra, nem briga de verdade, é só uma brincadeira... uma disputa... só para agradar a Deus..."*[176]

É interessante ressaltar que o termo *"guerra Santa"* utilizada pelo informante tem o mesmo sentido das brigas do jogo de futebol. É somente um ritual entre os bairros que reforçam ainda mais seu *ethos* de imigrantes diante dos de fora da comunidade.

Cada bairro teve sua Maria Bambina, a qual foi venerada por longos anos até meados dos anos 60, porém, com o Concílio Vaticano II, as imagens dos santos e das santas foram retiradas das igrejas. Hoje, as duas imagens da *Maria Bambina* estão em uma redoma de vidro, uma em cada bairro nas casas das famílias mais antigas que se propuseram a ser suas guardiãs. Essas duas imagens ficam o ano inteiro de posse de uma única família, e de vez em quando são reunidas algumas pessoas (familiares, vizinhos) que rezam o terço diante da imagem. Somente no dia oito de setembro, considerado o dia da natividade de Maria Santíssima, as duas imagens são levadas às suas igrejas e postas no altar durante a celebração Eucarística.

Para quem é de fora da comunidade é apenas uma boneca, igual a tantas outras: de pano, com rosto de gesso e um vestido comprido. Porém, o seu significado para a comunidade é superior a qualquer outro objeto. Ninguém dentro dos bairros a enxerga como uma simples boneca, isto seria uma descrição um tanto quanto pagã e ofensiva aos olhos deles, pois, através desse símbolo eles a vêem como algo sagrado. Castoriadis (1975) faz uma definição do

[176] Informante, 82 anos de idade.

significado de Deus para aqueles que crêem Nele, que ao nosso ver, é muito semelhante ao significado que aqueles imigrantes atribuíram a Maria Bambina, como a Mãe de um Deus Vivo. Neste aspecto, Castoriadis (1975, p. 170) escreve: "Deus não é nem uma significação de real, nem uma significação de racional; também não é um símbolo de outra coisa. O que é Deus? - Não como conceito de teólogo, nem como idéia de filósofo - mas para nós que pensamos o que ele é para os que crêem em Deus? Eles só podem evocá-lo e referir a Ele com a ajuda de símbolos, nem que seja apenas o 'Nome' - mas para ele e para nós que consideramos esse fenômeno histórico constituído por Deus e os que crêem em Deus. Ele ultrapassa indefinidamente esse 'Nome', é outra coisa. Deus não é nem o nome de Deus, nem as imagens que um povo pode dar-se dele, nem nada de similar. Carregado, indicado por todos estes símbolos, ele é, em cada religião, o que faz desses símbolos, símbolos religiosos, - uma *significação* central, organização em sistema de significantes e de significados, o que sustenta a unidade cruzada de uns e de outros, o que permite também sua extensão, sua multiplicação, sua modificação. E essa significação, nem de uma percepção (real) nem de um pensamento (racional) é uma significação imaginária."

Em nosso contexto, Maria Bambina também é uma memória para as coisas, e não pode ser vista, apenas, como a representação de Maria no Templo, quando criança, sendo mais do que isto, pois no imaginário daqueles bairros tiroleses a imagem construída (da Maria Bambina) torna-se símbolo, alegoria da religiosidade *das nonas*, que afirmavam que Maria Bambina era cultuada no antigo Tirol. Portanto, era preciso trazê-la perto de si para rememorar e completar o *locus tirolês*, de onde eram oriundos, de cujo lugar foram quase que obrigados a deixar devido as situação social, política e econômica da época que emigraram. Por isso, a imagem da *Maria Bambina* não é apenas representação religiosa, pois o seu significado torna-se incontestável diante do imaginário daquele povo. Como ressalta Castoriadis (1975, p.154): "o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para 'exprimir-se', o que é obvio, mas para 'existir', para passar do virtual a qualquer coisa a mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de 'imagens' mas estas 'imagens' lá estão como representando outra coisa: possuem, portanto, uma função simbólica. Mas também, inversamente, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária."

A imagem de Maria Bambina e outras representações religiosas como procissões, os santos, enfim, toda a gama religiosa torna-se os suportes e as sustentações de uma significação imaginária, com significados fortíssimos, por isso conseguiam construir imagens para uma memória artificial que formavam um elo com o seu *ethos,* com o *locus tirolês* transportados ao local onde estavam fixados. Assim reforçavam todos os *habitus* culturais imigrados juntamente com aqueles imigrantes tiroleses numa imagem mental, formando não apenas doutrinas ou cultos religiosos de sua crença, mas também um paraíso terrestre tirolês, vivificado somente por eles e para eles.

Da mesma forma que as palavras educam numa imagem mental, numa educação visual, as imagens geradas por objetos tem a mesma semelhança das palavras, como ressalta *Ad Herennium* [Cícero] pp.205-225 (apud Almeida, Milton. 1999, p.69): "desde que as imagens devem assemelhar-se a objetos, devemos escolher dos objetos, semelhanças para nosso uso. Consequentemente, as semelhanças são de dois tipos: uma de coisas, outra de palavras. Semelhanças de coisas formam-se quando compararmos imagens da matéria com que estamos lidando; semelhanças de palavras constituem-se quando nomes e vocábulos são relacionados a uma imagem."

3.1.7. Memória das palavras: o dialeto e o sotaque trentino

Da mesma forma que se tem as *imagens agentes* para memória das coisas, dos objetos, se tem a memória das palavras, as quais podem ter a função de dar uma imagem à mente e de fazer lembrar toda uma educação que foi ensinada e passada de geração a geração. Na comunidade tirolo-trentina, palavras como, por exemplos, *"Siste viator et voca mariat*[177]*",* está inscrita em letras garrafais, acima da porta principal da igreja de Santa Olímpia, com o objetivo de relembrar o contexto da imigração e a proteção de Maria Santíssima sobre os tiroleses que descendem daqueles velhos imigrantes tiroleses. A inscrição em latim pode ser considerada *imagens agentes,* pois através dessas palavras pode se recordar o contexto da imigração e a crença de que sempre foram guiados por Deus e Maria Santíssima.

[177] [Fostes imigrantes e Maria Santíssima o acompanhou]. A tradução foi feita pelos informantes.

É preciso ressaltar que além das frases escritas em latim ou no dialeto trentino inscritas aqui ou acolá, com o objetivo de fazer recordar, rememorar, educar na religiosidade, também, há o ensinamento através de uma só palavra, cuja intenção é remeter à memória todo um ensinamento moral/ religioso. Por exemplo, a palavra *"cagade*[178]*",* para nós, falantes da língua portuguesa, e distanciados do contexto da comunidade, não terá significado nenhum, podendo até mesmo ter uma conotação pejorativa. No entanto, para os tiroleses, até o início da década de 80[179] do século XX, um membro da comunidade ser apontado como exibicionista pelos membros da comunidade era algo detestável, pois tinha a mesmo significado de *"per far-se veder*[180]*",* diante dos demais membros da comunidade.

Com essa imagem de palavra qualquer um que pertencia aos bairros tiroleses entendia a educação moral e a doutrina cristã que estava atrás de fortes significados para eles. Por meio dela acionam na memória, de imediato, os sete vícios capitais, um dos dogmas da Igreja católica. Até hoje essa palavra e muitas outras que a comunidade possuí são ainda rememoradas, mas não com tanta intensidade como outrora, porém, dentro da comunidade, segundo os nossos informantes de várias idades, procura-se evitar *"aparecer mais do que o outro"*. A imagem dessa palavra já estava organizada num *local da memória* que os remetessem a uma educação moral e mental.

Os versos, brincadeiras de criança, também exerciam um papel fundamental dentro da comunidade. Não era um simples versinho para brincar de roda-roda, nem tão pouco era usado para se declamar. Havia neles princípios para uma educação política bastante forte.

"Garibaldi é nel inferno,
Victorio ancor pu fondo.
Francesco per el mondo
El feremo incoronar"[181].

Num primeiro momento, parece-nos apenas um verso de criança, mas através dessas palavras é possível obter *imagens agentes* para aqueles que conhecem o contexto da imigração e sabem quem foram os personagens políticos deste cenário. Qualquer criança, dentro da

---

[178] Ninguém na comunidade conseguiu traduzir esta palavra literalmente para o português, mas todos os informantes, nos disseram que o seu significado é *"da pessoa que gostar de se exibir, gabar diante de outras pessoas"*.
[179] Alguns informantes nos revelaram que até hoje esse *habitus cultural* ainda é preservado, principalmente entre os mais velhos da comunidade.
[180] [Querer se mostrar, aparecer, exibir sobressair perante os membros da comunidade].
[181] [Garibaldi está no inferno/ Victório está um pouco mais, ao fundo/ Francesco está pelo mundo/ E nós iremos coroá-lo]

comunidade pode dizer quem foram eles. Cantar ou cantarolar este versinho significava expressar todo o ódio que aqueles imigrantes podiam sentir em relação aos italianos que *"roubaram"* o Tirol da Áustria. Garibaldi foi um político italiano que em 1848 combateu os austríacos na Lombardia, em 1859 derrotou os austríacos em Varese e entrou em Brescia, por isso *"deveria estar no inferno"*. Victorio Emanuel II da Sardanha (Itália) apossou-se dos domínios do Papa, sendo que a Itália completa a sua unificação em 1870, portanto, Victorio não estaria no inferno, mas *"mais ao fundo do inferno"*. Talvez, no imaginário daqueles que cantavam os versos, era dizer que, jamais haveria o perdão para o Victorio, nem ao menos no Purgatório, a condenação era fatal: *ao fundo do Inferno.*

Quando as crianças daquela época cantavam esses versos, por exemplo, entre os muitos outros que tinham sobre a defesa da Áustria, e o maldizer da Itália, elas estavam criando em suas memórias simulacros, marcas que os fizessem reter, através dos versos, *uma memória de palavras*. Através de duas ou três vezes repetidos esses versos, as crianças já memorizavam e as representações das palavras criavam imagens significativas para elas. As palavras eram associadas às *imagens agentes*, importantes na rememoração, e é por isso que até hoje esses versos são lembrados pelos mais velhos da comunidade, não apenas pelo valor afetivo de uma "lembrança de criança", no aspecto lúdico, mas, sobretudo, porque se criou *imagens fantásticas*, nas quais se podiam colocar Garibaldi e Victorio no inferno. Dois elementos de profunda significação em seu contexto cultural: Garibaldi e Victorio (aspecto político) e o Inferno (aspecto religioso, da punição de Deus). Estes elementos eram reportados para as suas raízes (local e pessoas) que os fizeram deixar a pátria, os trabalhos (plantações) e suas casas.

De acordo com Frances Yates (1966, p.15) "aprender o poema memorizado cria memória de palavras", pouco menos confusas, pois refletindo nas imagens da memória de palavras, propõem as lembranças da fala. Para relembrar um poema inteiro ou uma peça teatral inteira é preciso ter o lugar da figura (imagens) em mente estendendo-se dentro da memória. Os lugares passam na mente, na qual se move a declamação do poema, criando nele a deixa mnemônica, isto é, agem como sinal da próxima imagem associada às palavras do verso e dessa forma serão relembrados as palavras, os versos e o poema inteiro (cf. Yates, 1966, p.15-20).

As palavras eram representadas através de imagens. Desde modo, estimulava a memória natural a ter uma memória artificial através das palavras e das imagens que eram construídas na memória. Essas imagens foram fixadas nas memórias, principalmente, naqueles que estão com mais de cinqüenta anos de idade, pois para eles esses versos não foram esquecidos. Suas imagens não eram vagas, ao contrário, eram imagens de alguém que *roubou as terras do Papa*, que os *expulsou de suas próprias terras*, unidas às *imagens do inferno*. Eram *imagens fortes*, *imagens agentes,* para mostrar-lhes (educar-lhes) sua identidade como tirolês, fortalecendo o amor deles a Áustria e o ódio, numa determinada época, pela Itália. Para nós, isto revela que era um povo que tinha uma consciência política bastante forte, além de contar com um grande conhecimento sobre a política da Áustria e da Itália.

Há uma infinidade de palavras que puderam levá-los à construção de uma educação voltada à moral, à religiosidade, às virtudes. Os freis capuchinhos, ou as líderes da comunidade, assim como os pais se encarregavam de escolher palavras fortes, *imagens agentes*, para que os dogmas, as doutrinas e a própria educação se tornassem claras e assim fixadas na memória.

Outra forma de educação por meio da imagem mental, voltada para a memória de palavras, era o teatro. Esta arte cênica sempre foi considerada como uma característica do bairro de Santa Olímpia. Tinha várias funções: social, econômica, e principalmente educativa. O que nos interessa aqui é o fato de o teatro ter o caráter de produzir *imagens visuais e mentais*, não apenas para os moradores dos bairros, mas também para toda redondeza. As peças teatrais eram geralmente os autos, os quais tinham uma intenção forte: educar o povo nos aspectos religiosos através dos *"dramas",* como era chamado. As encenações eram feitas com os próprios moradores, até a década de 40, as quais eram lideradas por Maria Stenico, líder da comunidade, depois de sua morte, as peças teatrais ficam a cargo de seu sobrinho, Sr. Francisco Degaspari, e até hoje é ele quem exerce a função de diretor/produtor.

É interessante notar que as peças eram sempre direcionadas a uma moral religiosa e deveriam ser curtas e dramáticas com objetivo de prender a atenção, sendo que os *"cortes de uma cena ou outra tinham que chamar atenção e dizer tudo",* segundo o diretor das peças da comunidade. Isto é relevante para as nossas pesquisas, porque mostra a intencionalidade das peças teatrais. Não era simplesmente um passatempo ou apenas um divertimento dentro da comunidade. As cenas deviam agir como *imagens agentes*, como um espetáculo marcante, que

funcionassem como *imagens fantásticas,* a serem deixadas na memória para sempre. Nos discursos das doutrinas maniqueístas vivificadas pelos frades capuchinhos, entre o Bem e o Mal, eram de se esperar que as peças teatrais também fossem inspiradas por imagens que mostrassem o caminho para o céu ou para o inferno.

A estrutura interna do grupo pode ser apreendida não apenas nas perspectivas futura ou de como eles vivem o presente, mas também através do passado, de uma memória internalizada que pôde organizá-los. Deste ponto de vista, se apoiaram na memória do passado para viver o presente. Uma memória que podia vivificar o *ethos* dos velhos imigrantes, o *habitus* religioso, o *habitus lingüístico* enfim, coisas, lugares, palavras que formavam imagens não só individuais, mas que fizeram parte da memória coletiva desse povo.

3.2. Da memória religiosa à memória político-cultural: a década de 90 do século XX.

3.2.1. Espaço: o lugar da memória

Os descendentes tirolo-trentinos de Piracicaba, não podem ser considerados como um povo que tenha se isolado da região, do mundo. Ao contrário do que muitos acreditam, o grupo criou estratégias (políco-religiosas) com o objetivo de ter e dar continuidade ao enclave criado pelos membros das primeiras gerações de tiroleses. Entretanto, todos os membros da comunidade tinham conhecimento do que se passava fora da comunidade, por exemplo, os agricultores que eram responsáveis pelas vendas e compras na cidade de Piracicaba e região, quando regressavam à comunidade voltavam cheios de notícias, sobretudo nos aspectos políticos e econômicos do Brasil e do mundo. Não era por acaso que os vendedores da comunidade tirolo-trentina eram aqueles que conseguiam se comunicar ou se expressar melhor, porque não tinham apenas o objetivo de vender produtos, mas também de trazer as novidades, as notícias. Além disso, as notícias também chegavam por meio dos frades capuchinhos, os quais recebiam informações do Brasil e do mundo, principalmente, na época das Primeira e Segunda Guerra Mundial. Portanto, os tiroleses de Piracicaba sempre acompanharam as mudanças do mundo, e jamais viveram isoladamente.

Na década de 60, ocorrem muitas modificações bruscas no aspecto religioso: Concílio Vaticano II (1963) estabelece profundas mudanças na Igreja Católica, sendo o início das alas progressistas entre os padres católicos; a Igreja tornar-se-ia mais liberal e não tão radical dentro de seus preceitos. No aspecto econômico ocorre em todo Brasil um êxodo rural para as cidades, hhavendo um grande crescimento das industrias e das usinas. No aspecto educacional, a Lei Federal 5.692/71 fixa as "diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus". Durante dez anos aproximadamente, de 1976 a 1986, os tiroleses sentiram necessidade de partir para a busca de empregos mais promissores, fora da comunidade, pois apesar de haver aumentado a quantidade de pessoas dentro da comunidade, as terras, para o plantio e sobrevivência de todos, eram insuficientes. Essa situação fez com que o *mito*[182] *do paraíso* ficasse abalado, tendo-se em vista a busca por ascensão social.

Além disso, se quisessem continuar nos trabalhos agrícolas tinham que investir muito em tratores e instrumentos para obterem um bom resultado nas lavouras, e, dinheiro era algo escasso. Além do enfraquecimento do *mito do paraíso tirolês*, haviam desaparecido também as procissões, as penitências, os castigos severos das professoras, as broncas dos frades capuchinhos, pois estes haviam falecidos. Consequentemente, as imagens do Demônio e do Inferno já não agiam mais como *imagens agentes* para assegurar uma educação moral e religiosa.

Segundo os nossos informantes, os tempos eram outros e a rememoração e as lembranças ficavam apenas nos objetos dos avós, das casas onde eles moravam, da imigração. Tudo isso é para ficar guardado no coração, para rememorar, pois dizer e se mostrar *"tirolês"* para os de fora da comunidade significava sofrer o estigma da inferioridade, era mostrar as marcas da roça, do sotaque trentino, de uma cultura estigmatizada. Eles eram considerados, pelos de fora, como *"caipiras",* pois eram associados apenas como *"homens e mulheres do campo, da roça".*

Do ano de 1970 a 1986, aproximadamente, dava a impressão de que o grupo desejava abandonar o *habitus* de descendente tirolês, porque se sentiam rotulados e desprestigiados diante dos outros. Dessa forma, ao saírem da comunidade para estudar, ou para trabalhar, tentaram fugir do estigma, buscando ascensão social e tentando destruir o estereótipo de *"caipira"*.

[182] Em nosso contexto utilizamos a palavra mito para enfatizar o significado da palavra paraíso (num imaginário, numa criação) como forma de uma educação político-religiosa, e não no sentido de utopia, de uma coisa fantasiosa.

Nos anos 80 do século XX, houve um movimento de luta das minorias[183] sociais e culturais no mundo. É nesse movimento que os descendentes tiroleses da quarta geração se engajam para que suas tradições não morram. Neste momento, ocorre um retorno forte às lembranças, às reminiscências, à busca das histórias dos avós, dos imigrantes, à procura de objetos que pertenciam à imigração. Funda-se no ano de 1987 *Circolo Trentino di Piracicaba*, com sede em Santana. A partir deste momento reforça uma educação político-cultural dentro dos bairros tiroleses, que fortalecerá o *ethos* do grupo como descendentes tirolo-tretninos.

Anteriormente, os líderes eram os religiosos e as mulheres catequistas, agora, na última década do século XX, os líderes dos bairros são os jovens (homens e mulheres) da quarta geração, aqueles que sofreram o estigma, num determinado período entre os fins dos anos 60 e meados de 80; são os adultos numa faixa etária entre 25 a 35 anos, e com um certo grau de escolaridade. Estes líderes utilizar-se-ão da memória para educar os jovens e as crianças, numa perspectiva político-cultural. É a partir disso que se constrói novamente uma memória artificial para se formar um elo com a imigração tão forte quanto era em décadas anteriores. Porém, o mito do paraíso terrestre tirolês, e os mitos cristãos do céu e inferno, de Deus e do Demônio, do Bem e do Mal, não serão retomados com a mesma intensidade para se assegurar o enclave tirolo-trentino.

A partir da década de 70[184], em Santana, e posteriormente, na década de 90, em ambos os bairros, onde o resgate cultural e lingüístico na comunidade tomará seu auge, a memória do grupo centrar-se-á na cultura como, por exemplo, a dança e o coral folclóricos, festas e comidas típicas tirolesas, produção de peças teatrais ou de filmes. O sotaque e o dialeto trentino são falados, sem o complexo de inferioridade, os objetos e os lugares passam a ser rememorados, juntamente com o contexto da imigração e de suas origens, nos emblemas, nas bandeiras (uma para cada bairro), etc. Através da memória presente/passado, que se cruzam a todo instante, o grupo assegurará o

[183] No capítulo 5 trataremos com mais detalhes deste movimento de luta das minorias.

[184] Algumas professoras locais, moradoras no bairro de Santana, percebendo que era importante levar a própria cultura do bairro no ambiente escolar, formam um grupo de dança folclórica tirolesa com os alunos da escola e tentam trabalhar, de forma não tão acentuada, os valores culturais deixados pelos velhos imigrantes. Algumas professoras não-locais tentaram ajuda-las nessas atividades no ambiente escolar. Porém, sabe-se que os sistemas que permeavam a estrutura do ensino oficial não permitiam muita coisa naquela época, na década de 70. Mesmo com muito esforço as duas professoras locais, tentaram resgatar a cultura, trabalhando de certa forma, o que hoje chamamos de Educação intercultural. A atitude das professoras sempre foi reconhecida pelos moradores de ambos os bairros, pois elas entendiam e compreendiam os alunos tanto no aspecto lingüístico, como cultural e trabalhavam de forma que pudessem evidenciar a eqüidade entre eles, e jamais as marcadas da diferença, que os pudessem, de certa forma, inferiorizar aqueles alunos no ambiente escolar.

enclave tirolo-trentino no final do século XX, em imagens mentais de seu contexto religioso, cultural e político inserido em Piracicaba.

Dessa forma, as imagens mentais e as representações simbólicas se manifestaram como uma forma de luta em torno da identidade do grupo, como descendentes tirolo-trentinos. De acordo com Bourdieu (1998b, 108) "as lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblema) ligadas à origem através do lugar de origem, bem como, as demais marcas que lhes são correlatadas, como, por exemplo, o sotaque constitui um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e por essa via, de fazer e desfazer os grupos". É através da luta, da imposição de se assumirem como tirolês/trentino que se fortalece novamente o enclave tirolo-trentino.

Em 1992, em Santa Olímpia os moradores constroem um monumento para relembras a emigração e, no ano seguinte Santana constrói um painel em mosaico, posta na parte superior do portal de sua Igreja. Dessa forma os dois bairros formam assim um elo com as imagens da imigração. O que era estigma passa a ser o orgulho para os membros da comunidade. Falar outro idioma - dialeto-trentino - é, em relação aos de fora, marcar uma diferença. O sotaque antes considerado uma vergonha passa a ser um *"charme". O*s velhos descendentes tiroleses exibem o dialeto trentino para os de fora da comunidade quando ocorre suas festas, e as crianças descendentes tirolo-trentinas emitam os velhos, querendo aprender tirolês, como eles chamam. Há a inversão de valores, o que era estigmatizado passa a ser marca de orgulho.

Para os membros da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba o termo comunidade ou *comunità* é o espaço das relações caracterizadas por interesses comuns nesse território. É o local de expressão do comportamento e aonde se redefinem as ações e atitudes dos moradores desse local estudado por nós. As danças folclóricas, as peças teatrais, as festas, a religiosidade é a expressão máxima da cultura e da participação de todas as gerações. Os mais velhos, as pessoas das primeiras gerações ensinam as danças e interagem com os mais novos, que por sua vez, tentam reproduzir os passos ensinados das danças folclóricas tirolesas. Da mesma forma, a linguagem (o dialeto trentino) assume importância fundamental nas festas atuais do lugarejo.

A comunidade, é sem dúvida, o local de significados, de relações, de experiência, de entretenimentos, de religiosidade de um povo que tem como *ethos* a cultura e a linguagem de descendentes tirolo-trentinos, porém, esse *ethos* não é mais de lavradores, de homens do campo, da roça, mas de descendentes de um povo imigrante/tirolês.

Essa região, marcada pelas delimitações de suas fronteiras e pela identidade de seus agentes torna-se um espaço cultural e social, não só para os descendentes tiroleses, mas, sobretudo, para os de fora da comunidade. É a expressão cultural interna que se articula em função da realidade externa, numa representação social transformada que invade o local: as conversas dos velhos num dialeto trentino arcaico, misturadas com frases do português e carregadas pelo sotaque trentino; os mais jovens vestidos com traje folclórico tirolês camponês; as músicas cantadas, ora em italiano, ora em latim, ora em português. Essas pessoas vestidas com trajes que nos remetem às vestimentas de séculos atrás, as conversas e as músicas, os muitos verdes cobertos pelas matas e árvores do próprio local, fazem com que o imaginário se misture ao real. As representações sociais fazem com que as pessoas sintam-se num enclave tirolo-trentino, reafirmando o desejo dos velhos imigrantes de que *"seja preservada a tradição, os costumes",* enfim, a conservação do *ethos* pelo *habitus*.

Neste espaço, todas as paisagens: matas, árvores, morros, plantações, as estradas empoeiradas, entre muitas outras, torna-se significativos, devido ao simbólico que os membros da comunidade trazem à mente, pois são as lembranças dos *nonos*. Sem dúvida, a insistência nos relatos orais de nossos informantes ao afirmar que *"a nossa senhora da Igreja de Santa Olímpia foi esculpida a mão por um de nossos aqui...", "as igrejas de Santana e Santa Olímpia foram erguidas pelas mãos de nossos nonos aqui, eles não mediam sacrifícios para agradecer a Deus..."* entre outras frases, tem um significado simbólico para eles, porque na concepção e no imaginário daquela gente, os *nonos* são vistos por eles como os pioneiros, que possibilitaram com seus sacrifícios a criação desse lugar: - *"meu pai, coitado, só tinha um facão, enxada e a machadinha e conseguia plantar e colher nestas terras..."*. Nestes espaços estão as memórias e tudo pode se confundir com o *sagrado* se este pertencer aos velhos.

É possível perceber que as lembranças das pessoas desses bairros estão ligadas aos lugares, aos objetos. Cada canto, cada rua, cada objeto ou lugar contém uma história que tem uma conexão com o passado bem próximo a um presente, um passado presente. As ruas não asfaltadas,

as estradas de terras, o canavial, as casas, os sítios, as igrejas, a escola, enfim, todos os lugares estão impregnados de recordações que aparecem nos relatos orais de todas as gerações.

Alguns desses lugares são espaços alegóricos existindo ali uma história, cujos sentidos são inventados, vividos e contados por eles. Tudo neste espaço parece ter fragmentos de um passado arcaico que se mistura com o moderno, da mesma forma que o passado e o presente se entrelaçam nas falas dos entrevistados. Consequentemente, presente e passado criam no imaginário possibilidade de construir e de inventar posições estratégicas, sejam elas religiosa, cultural ou política, a fim de sustentar os costumes, a tradição e a cultura tirolo-trentina de Piracicaba.

As imagens e a memória os remetem a um passado distante e ao mesmo tempo muito presente. Ao rememorar, o informante projeta o tempo passado, a mais de cinqüenta anos atrás, ou mais, lembrando-se das casas antigas, caminhos que percorriam para ir à lavoura ou à casa de alguém, à escola, às procissões. De acordo com Freire, (1997, p.129): "o entorno material, os objetos que nos circundam, as ruas, os quarteirões e a casa em que vivemos são os quadros materiais da memória e possibilitam que as pessoas permaneçam unidas enquanto grupo, e mais do que isso, é a permanência das coisas que são o suporte necessário e alimenta a tradição".

3.2.2. Objetos do passado: realidade do presente

Os objetos do passado são capazes de fazer com que alguém possa ver neles a presença dos seus antepassados. São estes os laços que unem um passado que se torna presente. São objetos que carregam uma identidade histórica e cultural dentro da comunidade. Um dos nossos informantes, 61 anos de idade, nos afirmou que o bloco de concreto que compõe a soleira da escada, frente a sua casa, era sagrado porque foi retirado da igreja construída pelas mãos dos velhos imigrantes, antes de 1929. Na década de 50, a igreja precisou de reformas, alguns tijolos, pedras, pedaços de concreto foram guardados por alguns moradores como ruínas que se tornaram lembranças.

Objetos como aqueles que os remetem ao universo do agricultor, do homem do campo, não foram abandonados, e continuam de forma simbólica entre eles. Às vezes, servem de exposição dentro de casa como se fosse um objeto de valor a cada membro da família, são as

armas trazidas na bagagem dos imigrantes, os baús dos avós, a estante de madeira das primeiras missas celebradas em Santa Olímpia, os livros de missas escritos em latim ou em português, entre dezenas de objetos que encontramos nas conversas com os nossos informantes.

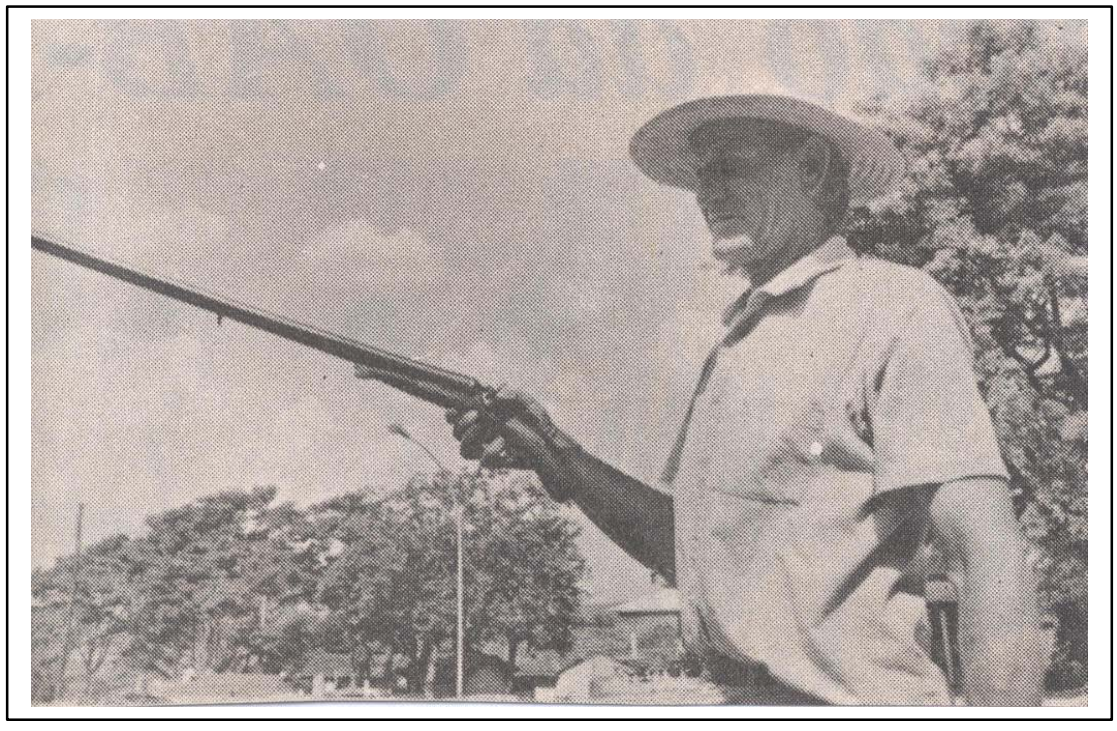

Fig. 26 - Um morador mostrando a arma trazida na bagagem dos imigrantes. Foto tomada por fotográfico profissional (jornal de Piracicaba - 1996)

Em Santana, a partir de 1987, os moradores resgataram alguns objetos, o quais pertenciam aos imigrantes com a intenção de formar o "museu dos imigrantes". Porém, somente no ano de 1993 foi solidificado tal desejo, recebendo o nome de "Museu Histórico", onde estão guardados alguns pertences dos imigrantes, como, por exemplo: malas, livros, o primeiro chuveiro do bairro, entre vários objetos que eram de uso pessoal dos seus *nonos*.

O bairro de Santa Olímpia não tem um museu, pois optaram em fazer exposições esporádicas dos objetos e fotografias dos antepassados. Nos dias de festas folclóricas, religiosas ou entre as muitas realizadas na comunidade, esses objetos ficam num lugar próprio para serem visitados pelos de fora da comunidade. Sempre existe alguém do lugarejo vestido com trajes folclórico, explicando os significados, as datas dos objetos. Além desses, outros continuam a fazer parte do uso diário da comunidade como sendo de utilidade doméstica e também como uma forma de rememorar o valor que aqueles objetos tinham, como, por exemplo, o *bigolo,* um instrumento que serve para buscar água do poço.

Fig. 27 - Uma mulher carregando um "bigolo" ou "bagilon" - o costume de buscar água no poço de água é mantido até hoje elos tiroleses. Foto tomada por fotografo profissional (jornal de Piracicaba - 1996)

Outros objetos espalhados pela comunidade não têm mais nenhuma função e foram esquecidos, como se não tivessem valor, esperando que alguém pudesse recolhê-los para ser colocados num depósito, ou num lugar próprio para serem incinerados ou vendidos ao ferro velho. Entretanto, o significado que cada objeto traz à memória contém a lembrança viva de seus antepassados. São as enxadas, máquinas, facões (alguns já enferrujados), arados, máquinas de café, moinho, debulhadores de milho, amassador de laranja, balança para pesar o algodão colhido, balança para pesar os peixes, e muitos outros com um forte significado e que os fazem rememorar e se emocionar por intermédio dos objetos, dos espaços, dos lugares.

Fig. 28 – Baú dos imigrantes, estantes para as letras musicais, entre muitos outros objetos são expostos nos dias festivos como se fossem objetos sagrados. Foto 1999.

Da mesma forma que esses objetos fazem rememorar o contexto da emigração, os sobrenomes de todos aqueles que imigraram para o Brasil e formaram a comunidade tirolo-trentina de Piracicaba constituem imagens de palavras que também se relacionam com as histórias de seus avós. Os nomes estão inscritos nas flâmulas que ficam expostas nos pilares da Igreja em dias de festa ou comemoração de qualquer espécie, seja religiosa, seja folclórica, enfim, qualquer festa dentro da comunidade. É o momento de rememorar os imigrantes através das palavras, dos nomes sobre as flâmulas. É exatamente o que *Ad Herennium* [Cicero - pp.205-225 - apud Milton de Almeida, 1999, p.69] diz sobre as palavras e as imagens: "semelhanças de palavras constituem-se quando nomes e vocábulos são relacionados a uma imagem".

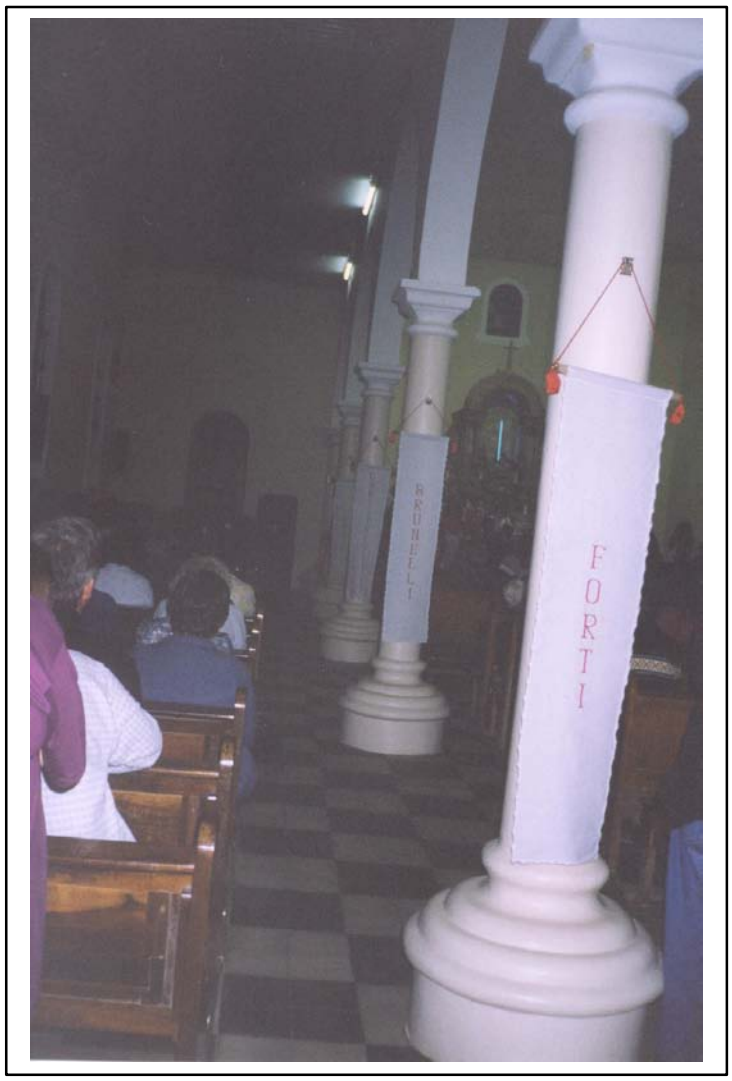

Fig. 29 – Flâmulas com sobrenome dos imigrantes expostas nos pilares da igreja. Foto 1999.

3.2.3. Imagens agentes: monumentos, museu, teatro, produção de filmes

É interessante notar que há uma preocupação grande em manter uma tradição cultural e lingüística que busque os costumes e a tradição no passado daqueles imigrantes que fundaram a comunidade tirolo-trentina em Piracicaba. Entretanto, não é possível voltar ao passado dos imigrantes, um tempo que já se transformou, por isso é preciso criar, inventar, recriar uma tradição presente que se mistura como o passado. Gagnebin (1993, p.16) ressalta que: "a mesma preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma os dois: transforma o passado porque assume uma nova forma, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscrita nas linhas atuais".

A busca de um passado para manter viva as tradições se reflete nas construções dos monumentos. Foram construídos três: um em Santa Olímpia, construído em 1992, data do centenário da fundação do bairro; um segundo está situado na entrada da comunidade, foi construído em 1993, como uma homenagem dos descendentes de Santana aos seus ascendentes; e o terceiro está no pátio da escola, é a imagem de uma cruz simbolizando a fé.

Fig. 30 – Monumento de Santa Olímpia – construído em 1992.

Segundo os moradores da Santa Olímpia, eles construíram este monumento[185] com três blocos de concreto um ao lado do outro. O primeiro bloco contém a inscrição do nome do patriarca e de seus filhos (as), genros e noras, os quais são considerados os fundadores desse bairro (vide no anexo II - nomes dos fundadores do bairro de Santa Olímpia). O segundo bloco está o símbolo da religiosidade: a cruz, o terço e a inscrição da palavra *fé*. No terceiro bloco

[185] O monumento de Santa Olímpia é obra do artista plástico Marcos Cavalari. Foi usado cimento doado por Hélio Blanco e o financiamento da obra foi de João Otávio de Mello Ferraccíu.

contém a imagem de um cacho de uva, do café e da cana-de-açúcar, mostrando que a uva foi a primeira plantação que fizeram em Santa Olímpia, depois veio a plantação do café e posteriormente o da cana-de-açúcar.

Em Santana, seus membros resolveram colocar o monumento[186] na entrada dos bairros, sendo construído com a mesma intenção que o outro monumento: rememorar a história da imigração, criando imagens através de alegorias, além de terem como propósito, homenagear os moradores de Santa Olímpia pelos seus cem anos de fundação de bairro. Na arcada está inscrita *Benvenuti alle comunità trentini* (Bem-vindos à comunidade trentina).

Podemos fazer a seguinte descrição do monumento colocado na entrada de ambos os bairros: a ponta do monumento lembra as mãos postas dos imigrantes e de seus descendentes, sinal da fé, da religiosidade e da adoração a Deus. Na extremidade dessa ponta há uma águia, símbolo oficial de Trento, na Itália. As setas das indicações de Santa Olímpia simbolizam os imigrantes chegando ao Brasil, tomando rumos diferentes em suas vidas e formando os bairros de Santana e Santa Olímpia. A base do joelho dos patriarcas (o de Santa Olímpia, Jacób Correr e o de Santana, Bortolo Vitti) representa aqueles que sustentaram as raízes, os costumes e a fé religiosa. A borboleta é outra alegoria que indica o mapa da Província Autônoma de Trento. Se em Santa Olímpia o símbolo da imigração é uma borboleta, em Santana é um buquê de flores do campo, pois os velhos imigrantes (e seus descendentes) sempre cantaram muito e umas das músicas cantadas até hoje é *massolin di fiori* (macinho de flores). As cores das inscrições estão em vermelho porque simbolizam uma das cores da bandeira da Itália, o contorno do monumento é de cor verde porque representa uma das cores da bandeira do Brasil. Atrás do monumento está escrito em português: Obrigado pela visita - Boa viagem. Além dessas alegorias há duas alianças entrelaçadas simbolizando a união dos bairros (Santana e Santa Olímpia) e dos países (Itália e Brasil).

A intenção de quem os arquitetou é remeter aos fatos da época que marcaram a história da comunidade como afirma Cristina Freire (1997, p.127); "apesar dos monumentos serem lugares de memória, as elaborações referentes a eles reafirmam que a memória é antes de qualquer coisa é

[186] O monumento de Santana foi projetado por Romário Stenico, morador em Santana, tendo como artista plástico Marcos Cavalari, e idealizado por Jorge Luiz Vitti e Dirce Gobette Vittii, e as doações de material para a construção são da fundição Artefatos de cimento Vasca, e a madeira foi doada pela firma Modelação Santana, além de ter muitos outros colaboradores.

um processo, uma construção dinâmica, possível de ser reelaborada constantemente, diante das experiências vividas".

Fig. 31 - Este monumento está na entrada da comunidade tirolo-trentina em Piracicaba. Foi edificado pelos membros de Santana em comemoração ao centenário de fundação de seu bairro, no ano de 1993.

De acordo com Le Goff (1996, p.535) "a palavra latina *Monumentum* remete para a raiz indo-européia *(men)*, que exprime uma das funções essenciais do espírito *(mens)* a memória *(memini)*. O verbo *monere* significa fazer 'recordar', de onde 'avisar', 'iluminar, 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filosóficas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos".

O monumento tem a intenção de recordar, de evocar o passado, perpetuar a recordação, seja esse monumento numa obra arquitetônica, uma coluna, um arca. Sua característica é de ligar-se ao poder de perpetuação, reavivando a memória dos mais jovens, a fim de que se lembrem dos feitos de quem tenta se eternizar.

As *imagens agentes* que asseguravam o enclave tirolo-trentino foram sendo modificadas, e o teatro que no início do século XX, tinha um caráter político-religioso, no final desse mesmo século passou a ter um caráter político-cultural.

Os teatros eram produzidos com imagens fortes, através dos autos, dos dramas, da religiosidade, como já comentamos. Atualmente, resolveram produzir filmes ainda que caseiros. Os filmes mostram a saga dos imigrantes, o contexto da imigração. As peças que ainda são criadas por membros da comunidade têm como tema, além da imigração, o da religião: solidariedade, fraternidade, entre outros. Embora, o teatro tenha se modificado em relação às décadas anteriores, pode-se observar que a intenção ainda é a mesma: ensinar de forma didática os bons costumes (com certa moralidade e religiosidade), além de ressaltar, através do teatro e dos filmes, as tradições dos avós e o contexto da imigração, sobretudo as mensagens deixadas pelos antepassados, com a finalidade de não deixarem morrer o enclave tirolo-trentino (coisa que não existia nas encenações das décadas anteriores).

Da mesma forma que eram produzidas as peças teatrais curtas, com certa intencionalidade e com *imagem agentes,* ocorrem as produções dos filmes com objetivos claros voltados a uma educação político-cultural. Dessa forma, a comunidade tirolesa de Piracicaba ganhou prestígio diante da população piracicabana, da região e principalmente de Trento, na Itália, que atribuí a eles a característica de um povo que tem tradição e que tenta preservar os costumes e as mensagens deixadas pelos velhos, pelos *nonos*.

Almeida (1999, p.36) faz um interessante comentário sobre a seqüência das imagens como forma de uma narrativa didática, como modelo de ação e de moral dos afrescos da *Cappella degli Scrovegni* pintada por Giotto na Itália, afirmando que: "a história sagrada, construção mitológica, que a Igreja e o poder político civil vinham fazendo, não é somente uma narração, mas também a produção de um viver e de uma visão de mundo que se repetiam em inúmeros outros momentos locais da vida cotidiana. Aqui, na Cappella degli Scrovegni, essa história está também reproduzida esteticamente num lugar ritualístico e se apresenta como um espetáculo a ser visto. Não é só uma imagem a ser comparada. É uma narração a ser acompanhada, uma narração quebrada em pontos nucleares, com intervalos significativos. As cenas, representadas como núcleos, correspondem à escolha deliberada do pintor. Uma escolha, não só originada em sua individualidade restrita, em sua emoção particular, mas uma escolha que, através dele, é também a escolha da Igreja, do comitente do grupo dominante naquele tempo e lugar. Em outras palavras, tendo uma longa história a ser pintada em somente cinqüenta e três quadros, Giotto, como um diretor-editor de cinema teve que fazer cortes. E escolher consciente /inconscientemente as cenas

mais representativas do seu credo e da ideologia político-pedagógica-religiosa dominante; levar em consideração os desejos e pressões dos "produtores" como também imaginar o possível entendimento do espectador. Compor-editar uma história entendida como uma narração e ao mesmo tempo uma celebração visual de um modo de ver e estar no mundo. E, também, deixar ver e entrever diferentes mensagens existenciais, religiosas, políticas, morais. Imagens que são também mensagens. Mensagens que se configuram em formas e cores".

Almeida (1999) faz uma analogia das mensagens das formas plásticas com cinema resultando que existe uma escolha do grupo dominante e, que, no caso de Giotto, foram obras encomendadas, as quais tinham uma ideologia político-religiosa dominante, além de ser uma narração com significados fortes. Existe todo uma forma que compõe o visual das seqüências, e as mensagens visuais correspondem a um "catecismo cristão religioso e político, enquanto que no cinema elas tendem a um catecismo capitalista, laico e político" (cf. Milton de Almeida. 1999,p.37). Podemos fazer uma analogia com as observações de Almeida (1999), pois os diretores-editores de vídeos da comunidade tirolo-trentina, são os dominantes, que tentam didaticamente preservar culturalmente os costumes dos velhos imigrantes através de filmes encenados por eles como forma de ensinar, educar os jovens, transmitindo as mensagens deixadas pelos *nonos*, que estão centradas na fé católica e na solidariedade aos irmãos, como um gesto de amor a Deus, e na conservação da própria comunidade como enclave tirolês.

O teatro encenado na comunidade tem o mesmo objetivo: num primeiro período, como vimos, tinha um caráter totalmente político-religioso em educar moralizar e didaticamente catequizar as crianças e os jovens através dos autos. Dessa forma, a comunidade a se fortalecia e se preservava dos *"brasileiros imorais"*, sem religião. Atualmente, as peças e os teatros têm uma função político-cultural. Os produtores das peças teatrais e dos filmes geralmente são pessoas consideradas, por todos os membros da comunidade, pessoas de maior capacidade cultural, intelectual, e, sobretudo, que têm um certo prestígio dentro da comunidade. Portanto, através das imagens dos filmes e do teatro há uma intenção política, religiosa e cultural com fins expressamente didáticos, os quais acabam emocionando, recordando um passado, que se faz presente, fortalecendo o vínculo afetivo com seus "parentes" trentinos, da Itália, que freqüentemente visitam a comunidade. Segundo os moradores da comunidade, quando um ou outro trentino, italiano visita a comunidade para conhecê-la, sempre há referência do lugarejo com as montanhas do norte da Itália.

"Dio, che belo! Qui é il
Trento de miei nonni!!!".[187]

Essas imagens reforçam ainda mais na memória dos membros da comunidade que o lugar escolhido pelos imigrantes era um espaço, que os fazia recordar dos lugarejos de onde eles eram oriundos. Portanto todo local da comunidade faz rememorar um passado, as coisas e os lugares do passado, faz reter em suas memórias toda imaginação criando e recriando em seu imaginário um elo com a imigração, como um povo escolhido por Deus, como um povo que têm cultura e tradição européia. Por meio destes lugares, é possível fazer a imaginação caminhar para outras regiões. Segundo *Ad Herennium* [Cicero - pp.205-225, apud Milton de Almeida, 1999, p.68): "(...) a imaginação pode abraçar qualquer região e nos locais pode-se fabricar e construir à vontade. Consequentemente, se não estivermos contentes com coisas já prontas, podemos em nossa imaginação criar uma região para nós mesmos e obter locais mais úteis e apropriados".

Todo este ambiente repleto de símbolos, alegorias e imagens pretende, por intermédio da *memória de palavras* ou da *memória de coisas* (*Ad Herennium*), remeter à memória regras para tornar este lugarejo surpreendente. *Imagens agentes* são depositadas na memória, e se transformam em estratégias para uma educação política, religiosa e cultural, cujos ensinamentos são bastante didáticos, isto é, com certos conjuntos de técnicas que possam atingir o objetivo do que se pretende ensinar. Dessa forma, a memória, feita de experiências que envolvem o emocional, constrói através das representações sociais, do *habitus cultural e lingüístico* regras, verdadeiros dogmas para a comunidade com o objetivo de preservar as tradições do grupo, ainda que cada vez mais, sejam recriações do passado no presente.

[187] [Deus, que beleza! Aqui é o Trento dos meus avós!!!]. O informante repete a expressão de surpresa do visitante italiano quando chega à comunidade tirolo-trentina e compara-a com as montanhas e verdes do norte da Itália. Essa comparação talvez seja feita devido ao terreno montanhoso, ao muito verde e à floresta que estão ao redor das fazendas, ou seja, dos bairros tiroleses.

4. TEMPOS DE MUDANÇAS: COMUNIDADE, FAMÍLIA E ESCOLA

> "A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras".
>
> Walter Benjamim[188]

As práticas e as ações executadas no âmbito da comunidade, desde a fundação tem mostrado que o *habibus* produziu objetivamente estratégias conscientes. Estas ações são passadas de geração em geração, permitindo a reprodução de "estruturas objetivas" (Bourdieu, 1983b, 65), organizando-as estrategicamente, de acordo com as mudanças do tempo frente as próprias modificações políticas, sociais e econômicas do Brasil. Assim também, o espaço e as condições econômicas (e social) permitem uma apreensão do grupo, observando as práticas sociais que marcam no *habitus* "disposições generativas", que pode ser nomeado como o "princípio gerador de todas as propriedades" (Bourdieu, 1983b, 83).

O passado ocupa o lugar do presente numa sociedade que não é estática. A *visão de mundo* e o próprio *ethos de imigrante* foram aos poucos se modificando, pois a língua, a sociedade, as pessoas, o trabalho, a religião, etc., se ajustam de acordo com o tempo e o espaço. Juntamente com a sociedade, o grupo de descendentes tiroleses também se modificou nos aspectos econômicos, religiosos, políticos com o objetivo de redefinir o *ethos* para que o enclave tirolo-trentino continuasse sempre atual no tempo.

Como vimos anteriormente, o *ethos* é a característica, o estilo, a marca, o modo de ser de um grupo. Para Gaiger (cf. Gaiger, 1994, p.179, apud Tedesco, 1998, p.51) "a sabedoria implícita ao domínio de um conjunto de informações, de códigos e de modalidades mentais, operacionais e adquiridas ao longo das experiências de vida, (...) produzem e deixam aos indivíduos, num lento processo de sedimentação, um conjunto de saberes, um senso prático determinado". O *ethos* de descendente tirolês se projeta numa identidade amoldada à coesão do grupo, à organização comunitária, aos deveres de família (o casamento consangüíneo), à organização do trabalho, à religiosidade, ao divertimento. São estratégias de uma organização interna liderada pelos

[188] Walter Benjamin. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense. (Coleção Obras Escolhidas). Vol.1 p.229. 1993.

religiosos e líderes, fundamentadas nos dogmas da religião católica, voltados a uma educação da memória. Dessa forma, objetivavam redefinir, comandar, educar as famílias, envolvendo-as em relações simbólicas, sobretudo com o religioso.

É nesse espaço que ocorre uma relação estreita entre a comunidade e a família, mesmo que as famílias estejam subordinadas às regras, aos dogmas, à hierarquia, aos deveres, às obrigações e aos valores morais do que era (e é) estabelecido no interior da comunidade. São regras impostas pela comunidade às famílias estabelecendo uma hierarquia, da mesma forma que as famílias possuem a sua hierarquia, as quais são impostas ao indivíduo (em seu núcleo familiar) e são modificadas diante das exigências do próprio meio em que se vive, não somente dentro da comunidade, mas também a sociedade maior.

4.1. Religião, trabalho e educação escolar: momentos de mudanças

4.1.1. O Concílio Vaticano II e as mudanças cotidianas na religiosidade

Em meados da década de 60, ocorrem algumas modificações visíveis no interior da comunidade tirolo-trentina. Nessa época, muitos daqueles freis capuchinhos já tinham falecido. Frei Vito que chegara ao Brasil em 1907 (cf. Grosselli, 1991) vem a falecer por volta de 1962. Nessa época a igreja católica passaria por transformações radicais, aconteceria o Concílio Vaticano II (1962 – 1966), o qual seria responsável por muitas transformações: a missa seria celebrada na língua de cada país e não mais no latim; o padre ou o sacerdote católico deveria adaptar o discurso religioso aos problemas reais de seu povo; os santos deveriam ser retirados da igreja, enfim, o Concílio Vaticano II se posicionou a favor da renovação e atualização da igreja Católica.

Com essa transformação da Igreja Católica muita coisa iria ser alterada na comunidade dos tiroleses. As mortes dos Freis e das líderes, sobretudo do bairro de Santa Olímpia, a *"Zia*[189]*"* [tia] Maria Stenico fez com que certos *habitus* culturais, como por exemplo, as rígidas regras religiosas, fossem mais suaves. Além disso, as modificações que estavam acontecendo no Brasil e

[189] Maria Stenico é conhecida até hoje como a "zia Maria" [tia Maria], mesmo quem não a conheceu se refere a ela como tia, uma pessoa querida, estimada, professora catequista, tirolesa e considerada da família, "*um parente"*, mesmo que não seja.

no mundo não correspondiam mais aos ideais de um enclave voltado ao conservadorismo radical, visto pela ótica religiosa, sobretudo tridentina[190].

Os resultados do Concílio Vaticano II, o qual se concluiu em 1966, só chegaram aos ouvidos daquele povo, em torno de 1968. É esse o ano que marcará para sempre as mudanças radicais no aspecto religioso daquela comunidade.

Naquela época, o substituto dos freis severos e das líderes foi o Padre Jacob Stenico. Ele foi designado para ser o sacerdote daqueles dois bairros tiroleses, passando a morar[191] no bairro de Santa Olímpia. Como um líder espiritual aconselhava e resolvia os problemas de ordem moral e religiosa da comunidade. Além de seu carisma, era festeiro como o povo tirolês, brincalhão e com um certo humor que amenizava algumas desavenças intempestivas entre os tiroleses. Padre Jacob Stenico atuou nos bairros como sacerdote católico até a sua morte repentina em novembro de 1993. Foi ele quem transmitiu as novas reformas da Igreja Católica Apostólica Romana aos membros da comunidade tirolesa.

Com o Concílio Vaticano II muita coisa na comunidade foi mudada: o catecismo rigoroso, que durante anos fora explicado na língua dos *nonos*, isto é, no dialeto trentino passa a ser explicado em português e se torna mais ameno. Os Santos foram retirados das igrejas de Santana e de Santa Olímpia, inclusive aqueles que foram criados por eles como as *"Marias Bambinas"*. Algumas famílias adotaram aqueles santos para serem guardados em suas casas, de preferência expostos nas salas, lugar das orações, dos terços. Conta-se que naquela época muitas crianças ficaram com medo dessas figuras por terem mais de um metro de altura. Uma informante, 65 anos de idade nos relatou: *"minhas crianças quando entravam correndo em casa, sempre se assustava, parecia fantasma, nos canto da sala, a minha menorzinha* (filha) *não queria ficar na sala de jeito nenhum, dizia que tinha medo daquele homem* (imagem de São Luiz Gonzaga) *na sala, mas aos poucos se acostumaram. Imagine, se eu ou o meu marido ia tirar um santo da sala, era pecado... "*

---

[190] Grosselli (1991) faz um detalhe sobre a religião tradicional católica (tridentina), tendo como preceito o Concílio de Trento.

[191] Padre Jacob Stenico era neto de Maria Stenico. Ao se ordenar padre foi ministrar o sacerdócio fora da região de Piracicaba, só voltando a morar novamente em Santa Olímpia, quando foi designado pelo bispo diocesano da época a ser o sacerdote católico daquele local, na década de 60.

A imagem da Maria Bambina e outras representações religiosas como as procissões, os santos, as rezas, e as devoções dos Marianos (homens solteiros e casados), Filhas de Maria (mulheres solteiras), dos Sagrado Coração de Jesus (mulheres casadas), das cruzadas (meninas e adolescentes) e cruzadinhas (crianças menores de nove anos) eram os suportes, as sustentações do imaginário e das representações mentais e sociais daquele povo, sendo a religião a mediadora para esse simbolismo. Essas representações religiosas: o caminhar das procissões de um bairro para o outro, a banda acompanhando a procissão, a recitação do terço ou do rosário nas capelas, enfim, lugares e objetos sagrados podem ser considerados, como a própria representação de Deus que só pode existir porque vem sustentada por uma significação imaginária. Maria Bambina não era apenas a representação de Maria Santíssima, quando criança, mas também a representação simbólica e o desejo da manutenção através das imagens mentais e do imaginário do enclave tirolo-trentino, como já vimos. É nessa representação simbólica que também se fortalecia o *ethos* desses imigrantes.

Entretanto, com as reformas da Igreja, todo este simbolismo entrou em decadência, como se o *ethos* estivesse em ruínas. É necessário ressaltar que, naquela época, os membros da comunidade consideravam as transformações radicais, uma afronta contra seus princípios religiosos e morais. Muitos daqueles descendentes chegaram a pensar que Deus pudesse castigá-los por tantas mudanças em seu templo religioso, como se a presença de Deus estivesse restrita ao mundo da igreja.

Atualmente, após quase 40 anos de transformações que ocorreram depois do último Concílio da Igreja Católica (1962-1966), a comunidade acredita que essas mudanças contribuíram para que eles pudessem se modernizar e abandonar aquelas formas arcaicas de religiosidade que os remetiam aos dogmas do Concílio de Trento (1515-1563). Entretanto, ainda é costume rezar o terço, ou o rosário, ir freqüentemente a missa, se possível diariamente, confessar e comungar, ser solidário aos sofrimentos do outro, enfim, existir dentro da comunidade é ter uma religiosidade católica na qual todos, inclusive jovens e crianças respeitam fielmente os dogmas da religião.

4.1.2. Mudança no *habitus*: trabalho rural, casamento consangüíneo e divertimento

Nas décadas de 50 e 70, as antigas fazendas se tornaram insuficientes para a manutenção de seus habitantes. As terras eram poucas para tanto filhos e a solução foi vender partes da propriedade e mudar para a cidade. A saída do povo camponês para as zonas urbanas foi incentivada por causa do período político que o Brasil passava: a industrialização. Em Piracicaba as empresas Dedidi, Mausa, Caterpillar, entre muitas outras industrias de siderurgia e metalurgia estavam recrutando empregados para nela trabalharem. Muitos daqueles descendentes tiroleses viam, nessa época, a solução para se tornarem prósperos: vender suas terras, mudar para Piracicaba, e serem empregados nessas industrias. Foi nesse período, início da década de 70, que ocorreu o maior êxodo rural dos tiroleses para Piracicaba. Entretanto, muitas famílias continuaram com o trabalho agrícola por mais alguns anos.

Aqueles que ficaram na comunidade permaneceram no trabalho da roça, no plantio de cana-de-açúcar. Muitos adolescentes pretendiam estudar, cursar o técnico ou chegar até o ensino superior, isto acabou sendo um fator interessante, pois os estudos acabaram sendo visto por eles como um degrau para sair daquele trabalho árduo da lavoura. E, nesse sentido, muitas famílias mudaram para a cidade de Piracicaba ou região com toda a família em busca de trabalho e de um futuro melhor para os filhos, incentivando-os a estudar como forma futura de ascensão social.

Nessa perspectiva, *"o sair da vida da roça"* passa a ser "*o sonho de muitos adolescentes"* da década de 70 na comunidade tirolo-trentina de Piracicaba. Porém, junto com os adolescentes, segue o *ethos de descendente tirolês*, através do sotaque carregado ou pelas palavras pronunciadas do dialeto trentino em meio às frases do português, seja por traços culturais ou lingüísticos que os diferenciavam daqueles que viviam no meio urbano, eles acabavam sendo estigmatizados, dado que a sociedade, preconceituosa, precisa diferenciar todo aquele que estão fora dos padrões da cultura ou da língua padrão, a língua nacional.

Mesmo que muitos descendentes tiroleses jovens pudessem ser estigmatizados, e, às vezes, sentirem-se inferiorizados por valores dominantes, o sonho em deixar o rural e partir para o urbano, se torna a melhor opção naquela época. Como Tedesco (1998, p.104) ressalta: “é a sociedade que categoriza seus membros (...)” e faz uma citação que vale apenas repetirmos aqui: “a cidade fora sinônimo de civilidade; o campo, de rudeza e rusticidade. Tirar os homens das florestas e encerrá-los numa cidade era o mesmo que civilizá-los. (...) um fidalgo criado na cidade

seria mais 'civilizado' do que ser educado no campo. A cidade era o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação. Era a arena da satisfação do homem". (cf. Keith Tomas apud Tedesco, 1998, p.104).

Algumas famílias que deixaram os bairros na década de 70, nunca mais retornaram, perderam, inclusive o próprio *habitus* do grupo, tornando-se *"gente da cidade"*, como costuma dizer os nossos informantes. Porém, outras famílias que saíram na década de 70, para conquistar empregos, estudos, ou uma aquisição financeira melhor, retornaram aos bairros tiroleses no início da década de 90, construindo casa confortáveis, com piscina, com todo os aparatos possíveis para o bem estar de seus filhos, da família.

Atualmente, Santana e Santa Olímpia são *"bairros dormitórios",* como eles próprios costumam dizer, porque durante o dia nota-se mais a presença dos velhos lavradores (aposentados), das donas-de-casa (avós e mães) e das crianças. Os jovens estudantes, as mulheres e os homens trabalhadores somente retornam à comunidade no período noturno, após o trabalho na cidade, e os estudantes regressam as suas casas, nos sítios, somente depois das 23 horas.

Quanto ao trabalho na lavoura, há pouquíssimas famílias que continuam com o corte-de-cana. Todavia, cada uma tem o hábito de cultivar suas hortas, suas plantações, de criarem seus porcos e/ou galinhas, de fazer o vinho de laranja ou de uva. O plantar aqui não pode ser compreendido apenas como uma simples atividade nostálgica. Além do próprio espaço do ambiente rural favorecer as plantações é a própria identidade camponesa que se revela nelas.

O momento do plantar é o lugar da rememoração dos fatos, das lembranças daqueles descendentes tiroleses, envolvendo os seus pais, seus avós. Assim, eles estão constituindo e elaborando significantes, que constróem e dão sentidos às suas visões de mundo, enquanto *ethos* de imigrantes. Conforme Castoriadis (1975, p.179) "Cada sociedade define e elabora uma imagem do mundo natural, do universo onde vive, tentando cada vez fazer um conjunto significante, no qual certamente devem encontrar lugar os objetos a serem naturais que importam para a vida da coletividade, mas também esta própria coletividade, e finalmente, uma certa 'ordem do mundo'. Esta imagem, esta visão mais ou menos estruturada do conjunto de experiência humana disponível, utiliza as nervuras racionais do dado, mas as dispõe segundo significações e as subordina a significações que como tais não dependem do racional (...), mas sim do imaginário".

Quanto ao casamento, no período anterior a década de 70, as uniões eram consangüíneas, envolvendo toda uma estratégia, já comentada. Alguns dos nossos informantes nos relatam que o casamento com os *"primos parentes"* facilitava as coisas:

"Até meados de 1960, aproximadamente, aqui só se falava o dialeto tirolês, a gente entendia um pouco o português, mas preferia falar o dialeto. Portanto, a solução era namorar alguém que falasse o nosso idioma e que já estava acostumado com os nossos costumes. Você acha que naquela época, antes de 1960, alguma moça da cidade ia se acostumar a morar aqui, aprender as nossas tradições e aprender a falar outra língua? A gente queria simplificar as coisa"[192].

Na década de 70 com o grande número de filhos que tinham e a escassez de terras para as lavouras, o casamento adquire outro significado, passando a ser exogâmico. É evidente que a endogamia representa a continuação interna do grupo. Com as uniões exogâmicas, muitos descendentes passam a morar na cidade de Piracicaba, e, o próprio enclave parece ameaçado de extinção. Porém, com esses casamentos, muitos descendentes passam a residir na comunidade. O interessante é que aqueles que se casam com os descendentes tiroleses, não só assumem os costumes do marido ou da mulher, mas incorporam o *habitus* de seu cônjuge e de sua família como forma de relações com os mais velhos e com o grupo como um todo.

Como vimos nos capítulos anteriores, o trabalho das mulheres tirolesas da comunidade de Piracicaba era árduo. Além de cuidarem dos filhos, dos animais, das tarefas de casa, essas mulheres representavam a força de trabalho na lavoura, pois eram elas que ajudavam seus maridos e esta "ajuda" representava quase a metade do serviço duro das colheitas, do "ensacar" o produto recolhido na roça e, às vezes, até na plantação, sendo que esta última tarefa era exclusiva dos homens, mas elas não se recusavam em auxiliá-los.

As mulheres tirolesas ou descendentes conheciam bem todo o seu dever e dificilmente a mulher brasileira, que, segundo eles, não tivesse descendência européia (tirolesa, alemã ou

[192] Informante, 82 anos de idade.

italiana, por exemplo) se acostumariam com aquelas tarefas. Para o homem tirolês ou descendente casar com uma brasileira significaria ter menos força de trabalho na lavoura, além de saber que ela jamais se adaptaria a um local pobre e distante do centro da cidade. Por outro lado, não se podia negligenciar a *visão de mundo* dos líderes da comunidade. Portanto, a única solução, até meados de 1960, era os jovens e adultos casarem-se com seus próprios primos e primas.

As mudanças da igreja católica, do trabalho na lavoura, a industrialização regional com as vindas freqüentes de homens à cidade de Piracicaba, tornaram os casamentos consangüíneos menos freqüentes na comunidade. Entretanto, sabe-se que até hoje há vários casamentos entre primos considerados muito distantes, pois alegam que já conhecem a procedência familiar: famílias católicas; trabalhadoras; sinceras e com uma índole moral invejável. Essas qualidades, os jovens exigem das moças e vice-versa, portanto, para o Sacramento Matrimonial, certas virtudes relativas à moral e ao respeito humano, são fundamentais, consequentemente é de se esperar que os namoros e as *"paqueras"* se realizem entre eles mesmos. E é isso o que geralmente acaba acontecendo. É necessário ressaltar que, atualmente, eles procuram se casar com parentes que não sejam de *"primeiro grau",* isto é, filhos (as) dos irmãos de seus pais, porque temem os problemas genéticos advindo dos casamentos consangüíneos.

Antigamente, as mulheres *"não trabalhavam fora da comunidade, hoje há muitas que precisam trabalhar..."*, como relataram os nossos informantes. As mulheres passam a buscar um trabalho que lhes possam trazer *status*, o que significa sair do trabalho árduo da terra, da lavoura, que suas mães e avós trabalhavam. Isto também implica ter mais remuneração, e mais *status* diante dos outros, seja de fora da comunidade ou no seu interior.

É sabido que mesmo antes do Concílio Vaticano II (1962-1966) a tradição cristã, em especial a doutrina católica, sempre condenou a expressão da sexualidade (no sentido de prazer e desejo). A única visão que os homens devotados e tementes a Deus deveria ter sobre a sexualidade era a procriação, e nada mais. Como a mulher sempre foi considerada mais inferiorizada em relação ao homem, seu único papel no âmbito da sexualidade era o de procriar e ter uma prole imensa. Em nossos encontros com os informantes das primeiras gerações, alguns se mostravam indignados por terem sido criados e educados dentro de uma rígida concepção moral, como essa, outros acreditaram que *"naquela época havia mais respeito no namoro e no casamento, por isso não havia separação, desquite, divórcio..."* . Mas, o mais intensamente

relatado pelos informantes das primeiras gerações (homens e mulheres) foi a falta de informação sobre sexo, namoro e casamento, que lhes eram negadas por parte de seus pais, freis e professoras até a década de 60. Os religiosos e as professoras se calavam diante de qualquer indagação sobre a sexualidade, pois viviam em consonância com o próprio *habitus* do grupo. Entretanto, a moralidade/religiosa fazia os jovens e adolescentes se calarem diante de qualquer indagação, como, por exemplo*, "como as crianças nasciam"*. Eram questionamentos que os deixavam num conflito interno e individual, pois não tinham coragem de fazer tais perguntas.

Atualmente, os jovens já tem uma concepção bem diferente de antigamente, avaliando de forma positiva a sexualidade no casamento, mostrando-se preocupados com o planejamento familiar, pois a conscientização quanto ao número de filhos e a condição financeira do casal precisa ser considerada, para que não haja um número significado de filhos sem que os pais possam dar educação e conforto.

Os divertimentos, os jogos, e o teatro nunca foram abandonados por eles. A única diferença do período anterior à década de 70 é que hoje eles não caçam mais por falta de animais. A queimada de cana-de-açúcar muito freqüente naquela região fez com que os animais desaparecessem daquela localidade. As mulheres, que não tinham oportunidade nos jogos, hoje participam de grupos de competição no jogo de bocha, também pescam, vão aos bailes freqüentemente, realizados dentro ou fora da comunidade. Atualmente, as mulheres adquiriram os mesmos direitos que os homens em relação aos divertimentos. Segundo nossas informantes, elas se divertem muito, talvez, mais que os homens porque sabem o valor do passatempo, que não existia, em especial para as mulheres com mais de 50 anos de idade, pois sua vida se resumia somente em trabalho.

A comunidade só existe do jeito que é, porque houve um elo muito forte entre família e o local, que garantiu a organização social da comunidade, num jogo de trocas, de acordos e conflitos, como bem define Tedesco (1998,p.101): "a comunidade é um local de multisignificações e funções, é o espaço do jogo de trocas que, através de acordos e conflitos, tecem a convivência de uma lógica de integração que passa pela participação, pelo afeto, conhecimento mútuo, vizinhança, mutirões, lazer, equipes, relações de direitos e deveres, partilha, experiência coletiva na individualidade, delimitação de espaços, símbolos de identidade, de gênero, de idade, etc., enfim, um espaço cultural e social, mais do que econômico, que cristaliza uma cotidianidade do colono e do meio rural."

Dessa forma, a sociabilidade da comunidade se faz, como sempre, através dos valores da vida cotidiana e também através da *visão de mundo*, sobretudo na dimensão em torno da religiosidade, das festas, das reuniões, etc. Tudo que gira em torno do próprio cotidiano do grupo, porém agora um cotidiano transformado.

4.1.3. Transformações no ambiente escolar, na linguagem e no trabalho

Na década de 20, a educação para algumas crianças, se realizava na casa do pai do Guilherme Vitti, em Santana. Era sempre alguém da comunidade que ensinava a ler, escrever e a fazer contas. Desde o início da fundação dos bairros, uma das preocupações centrais era o estudo para as crianças. Entretanto, como eram pobres, não tinham condições de construir suas próprias instituições como ocorreram com os italianos, alemães no Sul do Brasil, e, sobretudo com os japoneses em São Paulo que procuraram criar suas escolas no início do século XX.

Naquela época, década de 20, Maria Stenico era muito bem relacionada com os políticos da cidade, sobretudo, com o deputado estadual Dr. Samuel de Castro Neves. A líder da comunidade, Maria Stenico, pediu ajuda ao político. Coincidentemente no ano de 1922, a *Secretaria de Estado dos Negocios do Interior* estava criando uma escola em cada cidade do país que tivesse dez mil habitantes, em comemoração ao centenário da Independência (1822-1922). Dessa forma, foi enviada uma circular ao Presidente da Câmara Municipal de Piracicaba. Assim, foi realizado o desejo dos descendentes tiroleses em ter uma escola para as crianças dos dois bairros, através da Resolução nº. 289, a escola Estadual[193], oficialmente designada de "Escola da Independência[194]" (do Brasil). Diz a resolução:

[193] Segundo os nossos informantes, a única escola criada no ano de 1922, devido a resolução do governo, foi a escola dos tiroleses. Porém, na mesma época, outro bairro rural de Piracicaba, o de Pau-Queimado, também foi contemplado com uma escola estadual, através dessa resolução.

[194] O nome *Escola da Independência* foi dado apenas naquele ano em homenagem a centenário da Independência do Brasil Posteriormente, se chamou *Escolas Reunidas de Sant'Anna.* Porém, a escola recebeu outros nomes, conforme mudavam as leis ou os decretos da Secretaria da Educação: Escola Reunidas de Sant'Anna (1931 a 1932), *Grupo escolar de Santan*a (de 1932 a 1944), *Grupo Escolar Dr. Samuel de Castro Neves* (1944), *E.E. P.G. "Dr. Samuel de Castro Neves* (1976 a 1997), e atualmente *é E.E "Dr. Samuel de Castro Neves".*

> Art 1º - "Fica creada uma escola masculina no bairro de Santa Olímpia, sob o nome de Escola da Independência do Brazil".
>
> Art 2º - "Essa escola será instalada logo que a presente lei entre em execução, ficando, porém, a sua inauguração official para o dia sete de setembro de 1922".
>
> Art. 3º - "As despesas, no presente exercício financeiro, correrão pela verba Obras Públicas".[195]

Com e resolução citada acima foi possível construir a escola no ano de 1922, no bairro de Santana/Santa Olímpia. Entretanto, porém, seu funcionamento só iniciou no ano de 1923, tendo como primeiro diretor da escola o Prof. Augusto de Lima, o qual passa a morar com sua família em Santana. Havia quatro professoras Nazira Graciana da Silva, Elisa Diehl de Mello, Josephina Martins de Arruda e Teresa Carneiro Secone. O servente era o Sr. José Vitti.

Foto 32 - Escolas Reunidas de Sant'Anna. Esta era a frente da escola. Ao centro percebem-se as professoras e o diretor sentados, ao redor os alunos. Segundo os entrevistados, as meninas foram obrigadas a esconder os pés descalços com os vestidos, por isso as alunas estão na frente, consequentemente iriam esconder os pés dos meninos (descalços) atrás, sugestão de fotografo profissional da época. Ao fundo nota-se um grupo de escoteiros. Com certeza, foi um dia de festa! - Foto: 1923.

[195] Resolução nº. 289. Prefeitura Municipal de Piracicaba, ano de 1922.

O espaço escolhido para a construção da escola foi estratégico, pois fica bem na divisa entre os dois bairros tiroleses, em cima do morro. Dessa forma, não se poderia dizer que era escola de Santana ou escola de Santa Olímpia, pois sua localização constitui o elo entre ambas. Entretanto, o nome dado à escola foi bem *sui generis: "escola dos tiroleses"*.

Até 1930, as classes eram divididas em turmas masculina e feminina e somente a partir de 1931 criou-se o "Primeiro ano misto A". Na Ata de matrícula de alunos da escola observa-se que aquela *"escola dos tiroleses"* era também freqüentada por crianças de outras nacionalidades estrangeiras como, por exemplo, italianos, espanhóis, sírios, alemães, franceses, brasileiros (cf. anexo 01), entretanto, o maior número de crianças era de descendente tiroleses, isto quer dizer que as professoras, com certeza, encontraram muitas dificuldades para se comunicar com as crianças, por serem estas da cidade de Piracicaba e por falarem somente a língua portuguesa.

Três ex-alunos daquela primeira turma de 1923 relataram o problema sério de comunicação que havia entre as crianças e as professoras:

"Eu acho que daquelas professoras apesar de ruim, bravas, elas eram nervosas... elas fizeram milagres aqui. A gente aprendeu na marra a ler, escrever, fazer conta, você já imaginou ensinar tudo isso e não entender o que o aluno falava? Era assim, a gente falava tudo no dialeto. Tinha palavra que nói achava que era do português, mas era do nosso dialeto. Foi difícil aprender, mas a gente aprendeu a ler e escrever. Apesar de tudo, valeu a pena, elas davam medo, mas empunham respeito, autoridade[196].

Aquelas crianças tirolesas jamais se misturavam com as outras crianças, e por sua vez, as crianças de Santana, também, não se misturavam com as de Santa Olímpia. Expressava-se aqui, a própria trajetória histórica de seus moradores, ao mesmo tempo, divididos e unidos no espaço físico e social do enclave tirolo-trentino.

[196] Informante, 81 anos de idade.

Aquelas crianças entre sete a onze anos, até a década de 40, freqüentavam a escola[197] pela manhã. Às nove horas, horário do recreio, suas mães levavam o almoço, não era lanche, e sim uma marmita do almoço, seguindo o costume de seus pais. Ao meio dia, no término das aulas, aquelas crianças *"merendavam"*, como eles dizem tomavam o lanche (leite com polenta) e iam trabalhar na lavoura até escurecer, jantavam e brincavam até onze horas da noite. O espaço da casa era pequeno e não havia luz elétrica, portanto, a solução era brincar nas ruelas, nas estradas, na praça da igreja.

> *'Eu fiz até a quarta série, as minhas férias era levantar cedo, às 4 horas da manhã, rezar o terço e ir amarrar cana pro meu pai. Eu tinha só oito anos de idade[198]".*

Os informantes relatam que as *nonas* os incentivam a aprender a ler, escrever e a fazer contas, porém ninguém gostava de estudar porque para realizar o sonho de ser grande proprietário de terra, ou um rico lavrador não precisava estudar muito. A maioria dos velhos imigrantes tiroleses não tinha estudos, não era letrado, porém sabiam que era através dos estudos (seja eclesiástico ou secular) que fariam a ascensão social de seus filhos. Por isso encontramos vários relatos sobre a necessidade de estudar, de ler, escrever, etc. Era o desejo de ascensão social que se fazia presente no meio rural dos imigrantes tiroleses. Encontramos os mesmos desejos dos imigrantes japoneses, pesquisados por Demartini (1989, p.984): "(...) a escola fazia parte de suas aspirações, mesmo que muitos deles não a tivessem cursado. (...) no caso dos imigrantes japoneses, já havia uma tradição de ensino do Japão do começo do século - era natural que quisessem contar aqui com instituições semelhantes".

Os alunos, daquela época, não viam perspectivas a serem alcançadas pelo estudo. As dificuldades de comunicação e os castigos físicos, como, por exemplo, ter de ajoelhar-se em grãos de milhos, receber reguadas de ferro ou madeira nas orelhas, e outros, desestimulavam qualquer interesse pela educação formal. Esses castigos eram freqüentes, e não somente na comunidade dos tiroleses, mas fazia parte do sistema educacional. Acreditava-se que com tais castigos, estar-se-ia

---

[197] Até 1972, a escola funcionava somente no período da manhã, até ao meio-dia, com as quatro séries iniciais (primeira a quarta série). Somente na década de 70, com a lei nº.5.692/71, são criadas as demais séries do ensino fundamental (quinta a oitava séries do antigo Primeiro Grau).
[198] Entrevistado, 78 anos de idade.

educando a criança na obediência, de forma a se conseguir dela mais atenção e consequentemente seu aprendizado. Segundo Michel Foucault (1997, p.117-192) o castigo físico era utilizado como um método eficaz de onde as técnicas que de ensino, construído de forma a corrigir os desvios por meio de "um jogo do olhar, um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre que se aplica" (Foucault, 1997, p.143).

Naquela época, sentavam-se dois alunos numa mesma carteira escolar, pois não havia carteiras individuais e o pior castigo para aquelas crianças tirolesas era colocar um menino sentado ao lado de uma menina. Mesmo quando as classes não eram mistas, as professoras diziam que iriam buscar uma menina e colocá-la ao lado daquele aluno que conversasse. Quando se tornou mista, os meninos sentavam-se de um lado e as meninas de outro, jamais juntos, e foi desta forma até a década de 50.

> *"O pior castigo para nói, pior do que deixar a gente de joelho no milho era colocar uma menina ao nosso lado. A professora percebeu que a gente tinha medo do demônio – o frei falava 'Homem e mulher juntos, o diabo está no meio.' Dio, Madonna, que paura isso dava, a gente preferia apanhar de régua nas orelhas mas non colocasse uma menina sentada ao nosso lado. As meninas também era assim, preferia o milho do que nói perto delas. Imagine só, hoje a gente acha graça, mai, naquela época, nói acreditava que o demônio pudesse aparecer*[199]... (gargalhadas)

As professoras percebiam a ingenuidade daquelas crianças e usavam disto como o pior castigo para elas, consequentemente havia crianças *"boazinhas"*, que não falavam muito, ou quase nada, ou melhor, não perguntavam e nem respondiam. Não pensavam. As professoras agiam de acordo com o *habitus* daquela gente, usavam das representações mentais vivificadas em seu *ethos* como forma de castigo, e talvez seja por isso, que elas também tinham um *status*, eram respeitadíssima diante dos pais, das líderes, e, sobretudo, perante os religiosos.

É interessante notar que as disciplinas Geografia e História ensinada a eles, até mesmo após a década de 70, jamais fizeram referência ao contexto de imigração, seus costumes e língua.

[199] Informante, 82 anos de idade.

Aquelas professoras não tinham a preocupação de situá-los no mundo e sim apenas em suas próprias lavouras, em suas vidas restritas. Porém, entre os relatos de ex-alunos e pais daquela época, todos elogiam as atitudes e a grande competência daquelas professoras, jamais fazendo referência ao quanto elas contribuíram para a submissão dos alunos. As professoras utilizavam as palavras, o discurso e pensamentos dos freis e da líder do bairro com o objetivo de educar aquelas crianças, mesmo que fosse para amedrontá-las. Essas professoras estavam em consonância perfeita com as regras e os dogmas ditos e legitimada no enclave tirolo-trentino.

> *"Dona Mercedes e dona Josephina viveram aqui, elas eram professoras e moravam aqui porque era longe. Tinha uma casa para elas, e elas sabiam os nossos costumes, os nossos medos. Dª Mercedes fez milagres aqui, porque eu entrei na escola sem saber uma palavra em português, e ela conseguiu me ensinar português, aprendi matemática. Aqui ninguém falava português. Elas ensinaram até as crianças surdas-mudas, imagine! Isso não é um milagre? Crianças surdas-mudas aprenderam a ler, fazer contas..."*[200]

Os pais sempre concordavam com toda e qualquer atitude da escola e dos professores, pois dentro da comunidade sempre houve uma hierarquia: os religiosos e as catequistas; depois, as professoras, "donas" do saber; e finalmente, os chefes de famílias (homens casados). Homens e Mulheres solteiros e crianças não entravam nessa hierarquia. Inclusive até hoje, é possível encontrarmos essa hierarquia na comunidade, porém com menos intensidade que a primeira metade do século XX.

Os pais sempre concordaram com as atitudes de repreensão das professoras em relação aos seus filhos, mas jamais permitiram que as professoras ensinassem algo que os afastassem da concepção de mundo que tinham, ou seja, da religiosidade tridentina.

> *"No final da década de 40, quando eu estava ainda na escola, no 4º ano, a professora explicou a descendência do homem que veio do macaco (Darwinismo) Dio, Madonna! Os alunos discutiram com ela, ficamo revoltados, veja só a gente nem sabia falar o português*

[200] Informante, 78 anos de idade.

bem, misturávamos tudo – português e tirolês, tudo mundo falando ao mesmo tempo. Foi uma revolta geral. No dia seguinte, antes de começar a aula a zia [tia] Maria, que estava velhinha, já estava lá prá brigar com a professora ou ela ensinava direito ou podia ir embora porque ninguém queria professora daquele tipo...
Se aceitasse isso como ficava a nossa religion? Non foi Deus que fez o homem sua imagem e semelhança? E o Adão e Eva de onde veio? Non foi Deus que criou eles? Enton non dava pra aceitar o que aquela professora disse, ela tava ensinado errado[201]*...”*

Foto 33 - Alunos da EEPG “Dr. Samuel de Castro Neves”, idade entre 7 a 11 anos, na década de 40. Observa-se que não havia uniformes, e a grande maioria não usava sapatos ou sandálias por não o terem. Todos os meninos tinham seus chapéus. Nota-se que as crianças tinham sempre o mesmo corte de cabelo, eram as mães ou avós que os cortavam. No fundo a antiga escola que funcionou até 1966.

Outros informantes nos relataram que após a conversa da professora com Maria Stenico, na década de 40, aproximadamente, nenhuma outra falou sobre o Darwinismo por anos. Houve

[201] Informante, 63 anos de idade.

outros relatos na comunidade a respeito das divergências em relação a certas teorias que fugiam da concepção e *visão do mundo* dos tiroleses.

A sexualidade nunca era discutida na comunidade, inclusive entre os jovens. Essa foi uma das dificuldades que algumas professoras encontraram para lidar com esse assunto diante de um lugar que a palavra "sexo" era tabu. Até hoje, é possível encontrarmos algumas dificuldades para tratar desse assunto, como, por exemplo, no ano de 1987, a Secretaria Estadual da Educação enviou alguns livros didáticos e paradidáticos sobre esse tema à escola. Naquele mesmo ano, tais livros foram retirados da biblioteca por algumas funcionárias descendentes tirolesas que os acharam obscenos, porque numa das páginas apareciam uma menina e um menino (em forma de desenhos nus). A atitude delas nos revela que os padrões morais ainda permanecem fortes na comunidade.

Vários são os relatos de que até 1970, muitos jovens com 16, 17 anos, prestes a se casarem, não tinham a menor noção de como os filhos nasciam.

> *"Eu tinha 17 anos quando perguntei a minha mãe como nascia as crianças, de onde elas vinham? E a minha mãe respondeu se eu já non tinha ouvido a explicação de zia Maria, que as crianças vinham numa cesta. Eu gritei que non podia ser isso, non dava pra entender..." A mãe repetiu tudo novamente: que existia em Piracicaba um salon grande e que os pais encomendavam filhos. A parteira [tia Maria] ia buscar na cesta e entregava na hora certa... Naquele mesmo dia eu fui na igreja, peguei o nome do livro 'Matrimonio' que vinha pelo correio. Pensei vou comprar o livro e assim eu saberei como nascem os bebês. Quando fui a cidade de carroça passei no correio e perguntei como fazia para conseguir o tal livro. Passado um tempo a Tia Maria avisou minha mãe que tinha chegado um livro. Foi uma confusão, quase me mataram, todo mundo dizia "coitado já tá perdido", "vai morrer e ir pro inferno..." Enfrentei zia Maria, que duro foi, mas eu entendi tudo como nasciam os bebês e contei pro meus colegas. Sabe, sofri muito com aquilo. Pequei! Achei que eu ia morrer e ir pro inferno. Tenho 82 anos e tenho vergonha de contar isso, mas nunca me esqueci daquele dia. Você acha que eu fiz certo?"*[202].

[202] Informante, 82 anos de idade.

Houve muitos relatos desse tipo e algumas famílias insistiam na existência de cegonhas, outras que os bebês vinham da "Tuia" (lugar onde se deposita coisas, objetos, uma espécie de paiol), ou ainda que eles ficavam na caixa d'água da sede da fazenda.

> *" Veja só sai da escola com doze anos, e as professoras, aqueles freis nunca instruíram a gente para as coisas da vida. Os freis nunca perguntaram se a gente tinha dúvida dessas coisas da própria vida da gente... nói vivia na ignorância, na ingenuidade. Dá até vergonha de contar isso* (longo silêncio – cabisbaixo...) [203]

A instituição escolar não era somente um espaço de aprendizagem porque para muitos ex-alunos era um *"lugar de tortura",* para outros era considerado um lugar de socialização, pois foi o local mais rememorado pelos ex-alunos de 1923 a 1970. As festas comemorativas, em especial as de final de ano, parecem ter sido as únicas atividades que os agradavam no ambiente escolar. Também fizeram referências aos trabalhos escolares feitos em cartolinas, ou outro tipo de material e que eram expostos aos pais.

Passaram-se os anos e já nos fins da década de 40, aquelas famílias de outras nacionalidades, que viviam pelas redondezas, cujos filhos freqüentavam a *"escola dos tiroleses",* tinham se mudado para outros lugares da cidade de Piracicaba e regiões. Os bairros de Santana, Santa Olímpia e Fazenda Negri tornaram-se um enclave apenas de tirolês. As famílias eram numerosas e o número de alunos multiplicava-se cada vez mais.

No ano de 1960, aquele prédio da escola já estava precário demais, em péssimas condições e, além disso, não comportava todos aqueles alunos descendentes tiroleses. Naquele ano, a Prefeitura Municipal de Piracicaba assinou um contrato com o Instituto de Previdência (IPESP) para construção de um novo prédio, do Grupo Escolar "Dr. Samuel de Castro Neves". Havia um artigo no contrato – Artigo 2º do Projeto de Lei 935 da Câmara Municipal de Piracicaba de 30/11/1960, dizendo que a prefeitura obrigava-se a desapropriar o imóvel, e novamente doaria ao Instituto de Previdência do Estado de São Paulo com a finalidade de construir um prédio melhor naquela localidade.

---

[203] Informante, 73 anos de idade.

Somente no ano de 1966, por ordem do Delegado de Ensino de Piracicaba, a escola deixou de funcionar devido as condições precárias. Os professores e o diretor ficaram adidos à Delegacia de Ensino de Piracicaba, aguardando o momento para retornarem a sala de aula do Grupo Escolar "Dr. Samuel de Castro Neves". Finalmente, em 16 de fevereiro de 1968, houve o reinicio das aulas naquela escola.

É preciso dizer que antes desses períodos, na final da década de 50, início de 60 as professoras proibiram todos os alunos, inclusive os pais das crianças de falarem o seu próprio dialeto e encoraja-os a falarem o português. E neste aspecto é importante dizer que no ano de 1939, com as Campanhas de Nacionalismo de Getúlio Vargas ocorre a proibição a todas as comunidades de descendentes italianos ou alemães, principalmente no Sul do Brasil, de falarem a sua língua de origem, obrigando-os a usarem somente o português. Entre os anos de 1939 a 1941, o governo assinou mais de vinte decretos-Lei, com o objetivo de nacionalizar o grande número de imigrantes estrangeiros no Brasil. Esses decretos leis proibiam o uso da língua estrangeira:

> Art.1 - "Todos os órgãos públicos, federais, estaduais e municipais, e as entidades para – estaduais são obrigadas, na esfera de sua competência e nos termos de Lei a concorrer para a perfeita adaptação ao meio nacional, dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Essa adaptação far-se-á pelo ensino e pelo uso da língua nacional, pelo cultivo da história do Brasil, pela incorporação em associações de caráter patriótico e por todos os meios que possam contribuir para a formação de uma consciência comum".
>
> Art.15. "É proibido o uso da língua estrangeira nas repartições públicas, no recinto das casernas e durante o serviço militar. Parágrafo único. Não se compreendem na proibição do presente artigo a correspondência e as publicações destinadas ao estrangeiro, bem como as relações com as comissões estrangeiras serviço oficial no país".

> Art.16. “Sem prejuízo do exercício público livre do culto, as prédicas religiosas deverão ser feitas na língua nacional.[204]”

O curioso é que com referência a esse período – de 1939 a 45 – nenhum membro da comunidade relatou tal proibição, nem os professores, e tampouco os políticos que iam visitá-los ou almoçar em suas casas, e muito menos os religiosos, que discursavam na língua da comunidade: no dialeto trentino. A proibição da língua de origem acontece somente no final da década de 50, com aquelas professoras primárias que queriam mudar o aspecto, a característica da comunidade.

As professoras reuniram os pais e explicaram que deviam se esforçar em falar o português para não prejudicar a aprendizagem daqueles alunos. Foi nesse período que se iniciou a morte do dialeto trentino na comunidade. A atitude daquelas professoras era muito preconceituosa, pois nada impede alguém de falar uma língua e estudar outra. O problema não era lingüístico, e sim pedagógico. As professoras não sabiam lidar com aqueles descendentes estrangeiros, portanto, foi mais fácil obrigá-los a falar o português e não o dialeto.

É necessário dizer que, algumas daquelas professoras da década de 60, afirmaram nunca ter ouvido falar nos decretos de Getúlio Vargas da década de 40, e que suas ações não tinham nada a ver com política, e sim com a preocupação em ensinar corretamente a língua portuguesa. Além disso, tinham muitas dificuldades em se comunicarem com aqueles alunos, sendo muitas vezes necessário chamar alguma funcionária da escola (descendente tirolesa) para ajudar a dizer qual era a tarefa para casa, no dialeto trentino, pois os alunos não compreendiam a fala da professora. Podemos observar que de 1923 até 1966, não houve grandes modificações na instituição escolar. Até essa época, a escola teve um único objetivo: passar os conteúdos programados pelo currículo escolar da rede estadual de ensino, ou melhor, se limitava a ensinar a ler, escrever e contar.

Segundo os entrevistados, ninguém queria ou se preocupava em sair da comunidade, pois tinham de tudo: comida, religião, trabalho, casa e família, *"era um paraíso"*, como ouvimos diversas vezes. Não havia necessidade de mudanças. Entretanto, com as mudanças sociais, políticas e econômicas, e inclusive na própria religião católica, devido ao Concílio Vaticano II viram-se obrigados a saírem da comunidade e buscarem outros trabalhos ou estudarem. Após

[204] Decreto Lei nº.1545m 25/08/1939.

1970, com todas as modificações acima citada viram-se obrigados a saírem para trabalhar ou estudar. Entretanto, esses descendentes estavam sob a *"proteção"* do Padre Jacob Stenico que se sentia no dever de proteger o seu rebanho das maldades do mundo e acabou exercendo a mesma tarefa dos freis capuchinhos, embora, de uma forma menos severa, manteve o controle e o domínio para que os fiéis não se *"perdessem"*, ou seja, não se esquecessem da formação moral e religiosa herdada dos *nonos:*

> *"Padre Jacob ficou conosco do final de 60 até 1993, quando morreu. Também tinha essa idéia que ninguém tinha o direito de se modificar, manifestar ou mesmo de se projetar. Ele participava de tudo: das festas, das excursões de escola, mas nós compreendemos hoje, porque ele tinha aquela atitude conosco, não temos o direito de julgá-lo. Sabemos como ele viveu, como foi criado, e a formação dele de Padre tradicional e principalmente do mundo que o cercava. Tudo o que ele fez por nós, foi porque ele nos amava muito e acreditava que daquela forma estava contribuindo para a nossa formação moral e religiosa. Padre Jacob tinha o domínio da comunidade, tanto é, que quando ele morreu todos nós ficamos... como se poderia dizer? Sem o pai da comunidade... ficamos quase que sem rumo, perdidos..."*. (Emociona-se, silencia)[205]

As professoras da década de 60, 70 iam normalmente à escola com uma condução alugada por elas, pois havia somente um horário de ônibus, além do trem que passava na estrada, mas para chegar à escola precisariam caminhar mais três quilômetros, então, a solução mais prática foi contratar um motorista que as levassem e as buscassem na escola.

Dificilmente alguém de fora visitava a comunidade, somente as professoras e o motorista. As pessoas quase não saiam por causa das dificuldades de transporte e, às vezes, elas encomendavam ao motorista das professoras para lhes trazerem algo da cidade. Uma daquelas professoras relembra de coisas engraçadas que ocorriam:

[205] Informante, 34 anos de idade.

> *"Lá por volta de 1973, um morador pediu ao motorista da perua que comprasse 8 metros de "tripa" para ele, porque ele iria fazer lingüiça. O motorista esqueceu a quantia que era para comprar e lhe trouxe 80 ao invés de 8 metros. Até hoje quando vou visitar aqueles descendentes tiroleses, um ou outro me faz recordar desse acontecimento"*. (risadas)[206]

Mesmo com a liderança do Padre Jacob, as professoras tiveram liberdade para agir em nome do progresso, das promessas de uma *"nova comunidade"*.

> *"O mundo já tinha mudado, progredido muito e eles pareciam que não tinham mudado em nada, nem na língua. Já era a década de 70 e nós professoras tínhamos que agir, melhorar. Nós queríamos que eles saíssem daquele atraso e agimos na maior das boas intenções. Proibimos o dialeto tirolês dentro e fora da escola".*[207]

Na década de 70, não somente a política, a economia e a religião estavam passando por transformações no Brasil. A Educação brasileira, a instituição escolar, também estavam sofrendo certas modificações pela Lei Nº. 5.692/71 fixando as "Diretrizes e Bases para o Ensino de Primeiro e Segundo Graus". Uma das características relevantes da reforma do Ensino seria: a unificação do antigo primário e médio, eliminando as diferenças entre o secundário, agrícola, industrial, comercial e normal, "articulando-se as diferentes ações curriculares no interior de cada série e ao longo das séries desde o início do primeiro até o final do segundo grau". (cf. Saviani, 1997:26).

Dessa forma, com as transformações ocorrendo, no ano de 1972 começa a funcionar as séries de quinta a oitava do ensino fundamental (antigo ginásio) sendo que as primeiras séries (de primeira a quarta séries) foram alocadas no período da manhã e as séries seguintes (quinta a oitava séries) no período da tarde. Nunca houve o ensino médio (antigo segundo grau), com exceção do equivalente suplência III, que era exclusiva aos adultos que não tinham o segundo grau, assim como a suplência I (primeira a quarta séries) e suplência II (quinta a oitava

[206] Informante (professora da década de 70).
[207] Informante (professora da década de 70).

séries),eram apenas para os adultos. Tais cursos funcionaram apenas no período noturno, do ano de 1991 a 1995.

As professoras que atuaram no final da década de 60 pretendiam melhorar o ensino voltado especificamente para a cultura e língua padrão, com o objetivo de que os alunos tivessem oportunidade de conseguir empregos melhores na cidade. Algumas daquelas professoras relataram as dificuldades que tinham ao lecionar na comunidade:

> *"Era um pouco difícil ser professoras deles. Quando eu pedia redação, eles escreviam metade no dialeto e metade no português, bastante errado devido a influência do dialeto. Como eu ia corrigir aquela redação? Cada redação que eu pegava eu corrigia junto com eles colocando a palavra portuguesa sobre a palavra do dialeto tirolês. A gente não sabia lidar com aqueles alunos. Então, a solução que encontramos naquela época (1968-1979), era proibir o dialeto. Foi muito difícil alfabetizar. Eu mesmo precisava perguntar ou pedir para traduzirem as palavras, ou frases do dialeto, porque eu não entendia. Imaginei, isso já era década de 70, e aquelas crianças continuavam daquele jeito. Foi então, que pensando no bem deles que fizemos a campanha para não falar mais no dialeto deles. Era mais fácil para nós trabalhar com uma língua do que com duas, e o pior, uma língua que nós não conhecíamos. Por isso, nós resolvemos proibir o dialeto na comunidade. Nós sabíamos de nossa força como professora diante deles, nunca foi uma posição política, apenas queríamos que aquele povo saísse daquela vida sofrida, primitiva que levava[208]".*

São vários os relatos de confusão entre a língua daquelas crianças descendentes tirolesas e as professoras.

> *"Veja bem, 1985, mais ou menos, tive uma aluna de quarto ano primário* [ensino fundamental]*, que eu pedi para ela explicar o que era"Serra", estávamos na aula de geografia. Ela me respondeu: 'Dona, Cera é um negócio que dá dentro das oreias'* [Cera é um negócio

[208] Informante (professora da década de 70)

> que dá dentro das orelhas – com forte sotaque próprio do italiano]. *Eu disse: 'Meu Deus, que bobagem você está dizendo'. Veja só, eles tinham dificuldade de compreender o nossos sons e jamais distinguiam os 'Rs' do 'r' (simples). A menina confundiu'serra'* [cadeias de montanhas] *por 'Cera'* [substancia amarelada secretada pela glândulas, geralmente conhecida como cera do ouvido]'[209]."

Não podemos dizer que a aluna confundiu a palavra *"cera"* por *"serra"*, isto é, não foi confusão provocada pelo léxico, o problema para ela, e para muitos da comunidade, é que eles confundem os traços fonológicos (sons) do português com o dialeto trentino. Para os descendentes tiroleses que tem uma pronúncia típica do italiano devido ao dialeto trentino, cuja característica é do Vêneto e do Lombardo, os sons das vogais, geralmente, são mais abertos que fechados, e no dialeto trentino não existem as consoantes geminadas, típica do italiano *standard*. Portanto, a menina descendente tirolesa, assim como outros alunos, quando ouviam palavras com esses traços fonológicos (sons), de imediato não conseguiam distinguir uma vogal (e) fechada ou aberta, assim também, como, havia certas confusões da pronuncia dos *"rs"* simples ou geminados (duplas).

As professoras se esforçavam muito para transformarem aquelas crianças da lavoura em futuros profissionais que tivessem curso superior, mas essa idéia ainda estava muito longe para se realizar. O ambiente escolar no final da década de 70, não tinha grandes diferenças daquele ambiente de outrora. A única diferença era a proibição do dialeto trentino. O objetivo das modificações, segundo as professoras, era melhorar a vida daquele povo para que futuramente saíssem da miséria em que se encontravam. Através do relato oral juntamente com a ajuda da fotografia, foi fácil relembrar que em 1976, aproximadamente, as crianças não se diferenciavam quase nada em relação aquelas da década de 20, 40 e outras épocas.

[209] Informante (professora da década de 70)

Foto 34 - Alunos de quinta a oitava séries do Ensino Fundamental em frente a E.E. "Dr. Samuel de Castro Neves." Foto: 1976, aproximadamente.

Muitas daquelas crianças continuavam usando o chapéu para irem a escola, porque depois de estudarem iriam à lavoura, ou antes, iam à lavoura e depois à escola, conforme o período que estivessem cursando. A maioria continuava não tendo sapatos, e freqüentavam a escola descalços, porque não tinham condições financeiras, e o sapato era um luxo. O trabalho na roça parecia cada vez mais difícil e se antes o dinheiro era pouco, tornou-se escasso.

> *"Na época que lecionei lá, era tudo mais acentuado: o trabalho na lavoura; a língua deles ou mesmo aquele sotaque fortíssimo. Era tudo muito diferente dessa década de 90. Por volta de 1978, 79, eles eram simples, não tinham vaidade nenhuma e iam a escola descalços. A década de 80 é que começa melhorar nesse aspecto financeiro. Eu tinha muito pena delas. Aquelas crianças pequenas de 7 a 8 anos de idade com aquelas mãozinhas todas cortadinhas por causa da cana-de-acúcar. Eu morria de dó. Que vida sofrida eles tinham, e elas não sentiam porque não conheciam outro mundo, que não fosse aquele*[210]. (Emociona-se)

[210] Informante (professora da década de 70).

As professoras da década de 60, 70, os obrigaram a falar o português. Já não havia mais castigos físicos como outrora, entretanto se manteve o estigma, o preconceito em relação a fala daqueles crianças. Falar o dialeto trentino ou mesmo uma ou outra palavra dessa "língua" era motivo para se repreender os alunos:

> *"Se falássemos alguma palavra no dialeto tirolês, nossa que bronca a gente levava. Aquelas professoras deixavam a gente ficar pequenininho na carteira de tanta vergonha. Eu sofri muito com isso, não consigo lembrar do nome daquelas professoras que gritavam com a gente, mas eu me lembro do fato, até da minha colega que sentava ao meu lado*[211]*...* (silêncio)

Essas professoras não conseguiram mudar muito a realidade da *"escola de tiroleses",* mas com a intenção de fazê-los *"melhorar"* aumentaram o sentimento de inferioridade daquelas crianças. As primeiras gerações que freqüentaram a escola (primeira a terceira geração), antes da década de 70, não sabiam e não conheciam o preconceito, pois suas professoras não impunham o português, não havia proibições radicais do dialeto e raramente eles saiam dos bairros. A quarta geração (aqueles que freqüentaram a escola na década de 70 e 80) sofreu as proibições de sua própria *"língua",* do dialeto trentino, e *"enfrentaram"* os de fora da comunidade indo trabalhar e estudar na cidade. O sotaque, o dialeto trentino ou de frases do português misturadas com o dialeto trentino tornaram-se a "marca do estigma", da inferioridade:

> *"Sofremos muito preconceito. Quando terminava a oitava série, precisávamos ir estudar na escola do bairro mais próximo que fica em Santa Terezinha. Os alunos de lá zombava do nosso sotaque e quando nós tiroleses chegava na escola, um grupo de meninas Piracicabanas dizia: 'Cachorinho, coreu, coreu, bateu no muro e moreu'. A gente sabia que elas estavam zombando do nosso sotaque, ficávamos chateadas. Mas nós não deixava de lado e quando elas passavam perto de nós, o nosso grupinho de tirolesa-era de 8 a 10 meninas, éramos fechadíssimas, nós diziamos: 'É craro que a pranta absorve o croro'- Para nós tirolesas era*

[211] Informante, 33 anos de idade.

> *difícil falar dois "Rs", mas os piracicabanos não falavam "cl" – eles trocavam "cl" por "cr" – próprio do dialeto caipira. Se a gente tem um dialeto, os piracicabanos têm um pior ainda: o caipira. Era a nossa revanche. E o pior que elas nem percebiam que nós estávamos gozando do português caipira delas*[212]*."*
> (risos)

É interessante observar que da mesma forma que esses adolescentes sofriam o preconceito, o racismo, no sentido de uma crença na superioridade de uma cultura, língua, etc. diante de outros povos ou mesmo da classe social, elas também acabavam sendo "racistas" pois, discriminavam com o objetivo de minimizar as diferenças apontando, do mesmo jeito, a diferença do outro - a fala do outro, a das meninas que falavam o dialeto caipira.

> *"Até 1980, a gente não saia daqui, era bastante raro, tínhamos medo de nos expor. Nós carregamos um preconceito terrível, a gente nunca se achou igual aos de fora. A gente se achava inferior em relação aos de fora, antes ninguém pensava assim, esse pensamento só começou depois de 1987, mais ou menos. Quando eu fui na faculdade, você não imagina como eu sofri, tinha medo de falar. Nós provocávamos risos dos de fora por causa do nosso sotaque. Eu me achava diferente, não me via como uma pessoa normal como os de fora*[213]*."*

Apesar do preconceito, das dificuldades de transporte[214] e financeiras que havia entre aqueles jovens descendentes tiroleses, muitos foram em busca de estudos, almejando um futuro mais promissor.

Em outras épocas, as meninas e os meninos saiam da comunidade para se tornarem freiras ou padres, eles iam diretamente aos conventos ou aos seminários, sair em tempos mais recentes, era em razão de estudos e de emprego. Dessa forma, muitos podiam estudar e deixar o trabalho árduo da lavoura. Entretanto, somente no ano de 1968 é que as primeiras moças saíram da

---

[212] Informante, 38 anos de idade.
[213] Informante, 37 anos de idade.
[214] Até 1980 raramente as pessoas iam para a cidade, pois além das dificuldades de transporte, até 1996 havia apenas três horários de ônibus. Hoje, de hora em hora há um ônibus que faz o trajeto Piracicaba/Santana/Santa Olímpia/Fazenda Negri, e, além disso, quase todos têm carro, o que facilita a locomoção dos bairros tiroleses a Piracicaba.

comunidade para estudar enfermagem em São Paulo ou Campinas, sob o olhar de suas tias freiras, as quais trabalhavam em hospitais ou mesmo davam cursos de enfermagem. A permissão para poderem sair da comunidade ocorreu porque os pais sabiam que suas filhas estavam sob a vigilância de suas parentas freiras.

De 1968 a 1998, só do bairro de Santa Olímpia há 88 moças e 1 rapaz que se diplomaram enfermeiras (os) e duas moças de Santana, evidenciando-se a busca por cursos técnicos, equivalente ao ensino médio em Piracicaba e outras cidades da região. As profissões mais procuradas pelos membros da comunidade tirolesa são: enfermagem, assistentes-sociais, professoras, sacerdotes católicos, freiras; e num número bem menor: agrônomos, administradores de empresa e advogados. Há também muitos motoristas de ônibus, de caminhões que transportam cana-de-açúcar e, alguns descendentes que não conseguiram adquirir curso secundário, nem o técnico, têm as profissões mais simples, tais como, de pedreiro, entre outras. O fato de assistentes-sociais e enfermeiros terem a profissão voltada para assistir, ajudar, cuidar do outro, torna-a muito recorrente entre os tirolo-trentinos de Piracicaba. A razão parece ser a proximidade desses aspectos com o próprio *ethos* da comunidade, incorporados como valor no seio das famílias. Os filhos buscam então, as profissões que mais se assemelham às normas e conselhos da comunidade: a solidariedade e a fraternidade.

De 1968 a 1985 a comunidade passou por muitas transformações sejam elas no seu aspecto religioso causado pelo Concílio Vaticano II; seja no aspecto profissional – a troca das lavouras por empregos nas industrias de Piracicaba. Com isso, a educação formal tornou-se mais presente e relevante, influenciando decisivamente a educação informal (na vida familiar) de todos os membros da comunidade. No ambiente escolar, de 1923 a 1980, os professores impuseram sempre o que consideravam como sendo o *verdadeiro,* o *correto.* Porém, a década de 70 e 80 a presença do preconceito em relação à linguagem dos tiroleses, tornou-se mais marcantes devido às comparações da linguagem que os alunos de fora faziam aos descendentes tiroleses. E neste mesmo período a comunidade estava passando por severas mudanças em seu *habitus* cultural e lingüístico. Como observamos, através dos relatos orais, o contato dos membros da comunidade com os de fora da comunidade trouxe para alguns a marca de inferioridade, do estigma em relação aos piracicabanos que se julgavam pertencentes a uma cultura superior: a nacional, a brasileira.

4.2. *O Circolo trentino di Piracicaba* e a valorização cultural

4.2.1. A criação das associações de bairros e do *Cicolo Trentino di Piracicaba*

Durante vinte anos, aproximadamente, de profundas transformações dentro da comunidade tirolesa de Piracicaba, as modificações foram criando um vazio, abrindo *uma lacuna* (no sentido de omissão de uma própria identidade), pois desapareceram as representações religiosas, que funcionavam como mediadoras no sentido de serem a via de acesso a um imaginário no qual pudessem *"reviver"* o tempo *das nonas*. Muitas daquelas crianças que freqüentaram o banco escolar da única escola da comunidade, em meados da década de 80, já tinham sofrido os preconceitos dos de fora e muitos desejaram negar o *ethos tiroles,* por causa do sentimento de inferioridade, pela pobreza e pela língua. Conforme nos relatou uma informante: *"enfrentamos os de fora e as dificuldades financeiras escolhendo profissões que nos pudessem dar um certo "status" em relação a vida que levávamos quando éramos crianças".*

Os membros da quarta geração, aqueles que tinham sofrido o estigma, seja no trabalho ou ou no ambiente escolar, fora da comunidade, e que conseguiram cursar o ensino fundamental ou o superior reviveram o *ethos* de descendente tirolês, valorizando suas raízes culturais, através da fundação do *Circolo Trentino de Piracicaba*, sediada pela *Associaziane Trentine nel Mondo*, Itália, dessa forma, o *Circolo* vem reforçando e dando continuidade ao resgate que tinha se iniciado no enclave tirolês em Piracicaba desde 1977.

No ano de 1986, alguns membros do Circolo trentino di São Paulo visitaram a Instância das Águas de São Pedro, próxima a cidade de Piracicaba, e algumas pessoas dessa instituição ficaram sabendo da existência do enclave tirolês na cidade Piracicaba. A partir do contato dos membros de São Paulo com os descendentes tiroleses de Piracicaba, nasceu a idéia de fundarem o Circolo Trentino di Piracicaba. Foram meses de tramitação burocrática para que a Associazione trentine na Itália os reconhecessem como seus descendentes. E finalmente, por intermédio de muitas cartas a Trento, conseguem o aval para a Fundação do *Circolo Trentino di Piracicaba*, o que se dá em 21 de abril de 1987. A sede do *Circolo* foi instalada em Santana, tendo como membros as pessoas da quarta geração, moradoras de Santana e Santa Olímpia. A partir desse marco, a história para os membros da comunidade muda, pois eles começam a receber muitos materiais da *Associazione Trentini nel Mondo*, da Itália, como por, exemplo: livros italianos

abordando os aspectos culturais, lingüísticos, históricos, dos trentinos; fitas de áudio e vídeo apresentando músicas e danças folclóricas. Além disso, a *Associazione* começa a pagar passagens de ida e volta, com estada de um mês na Província Autônoma de Trento, conseqüentemente os descendentes tiroleses de Piracicaba começam a passear, freqüentar as bibliotecas e Universidades italianas. Esse intercâmbio cultural (*soggiorno*) contribuiu para que os jovens da comunidade se interessassem pela cultura e principalmente pela língua italiana, a qual era um dos requisitos para ganharem as passagens até a Itália.

É interessante ressaltar que um dos objetivos do Intercâmbio Cultural para a Província de Trento era incentivar os estudos agrícolas de uva, morango e maçã, os quais são produzidos à região de Trento. Porém, a região de Piracicaba produz cana-de-açúcar e, além disso, os jovens daquela época de 1987, não tinham mais interesse em continuarem com o trabalho rural, e sim chamarem a atenção da *Assoziacione Trentini Nel Mondo* para os aspectos culturais da comunidade tirolesa de Piracicaba.

Outro fator bastante significativo, sobre as mudanças na comunidade, são as organizações das Associações de Bairros: uma em Santana, criada em 02 de agosto de 1986 e outra em Santa Olímpia, fundada em 23 de maio de 1987. São eleições feitas anualmente pelos próprios moradores. Com isso, foi possível criar uma entidade jurídica, com C.G.C. (Cadastro Geral do Contribuinte), endereço e objetivos para poder receber quaisquer benefícios. A igreja que até então recebia todas as doações de fora da comunidade passa a se responsabilizar somente pelas verbas destinadas à Diocese de Piracicaba. Portanto, quaisquer problemas relativos à comunidade possam ser respondidos oficialmente pela Associação e não mais pela Igreja. Dessa forma, cada bairro criou um estatuto próprio e se registrou junto à Receita Federal, dividindo as responsabilidades entre a Igreja (pastorais) e a Associação (comunidade). Embora, cada bairro tenha a sua associação, eles sempre trabalham juntos, isto é, um bairro ajuda o outro no que for preciso.

Depois da fundação das Associações de Bairros, os descendentes tiroleses tiveram muita força politicamente e conseguiram vários benefícios, como, por exemplo, reforço na rede de água (16/01/95); ampliação de linhas telefônicas (abril/95), pois até essa data havia um telefone em cada bairro, para emergências; reforma do campo de futebol (1995); construção da Praça Jacob

Stenico (18/11/95); reforma da escola (1995); instalação da agência satélite de correio (setembro – 1996); pavimentação da vicinal que liga Santana/Santa Olímpia a SP – 308 (1997); instalação da rede de esgoto (1997); construção da Pré-Escola – Escola Municipal (1996); ampliação da rede elétrica (1997); posto de saúde - ambulatorial (1997); transporte coletivo (1997).

É preciso dizer que todas essas conquistas foram conseguidas através de muitos esforços dos membros da comunidade. Algumas delas feitas em passeatas, em forma de protesto, porque pediam o mínimo para sobreviverem dignamente em bairros afastados da cidade de Piracicaba. Apesar da aparência e da distância do centro da cidade, a Prefeitura Municipal de Piracicaba considera estes bairros como zona urbana e não rural (cf. Documentos do IBGE de Piracicaba).

Porém, as transformações e mudanças ocorridas não significaram a perda do *ethos* do grupo, numa visão de totalidade de seus valores culturais. A própria família, o trabalho rural, a religiosidade severa dos capuchinhos centrada num paraíso do Éden, perderam em parte suas características de fato homogêneo, mas ainda estão presentes como valor, embora em muito transformados. O trabalho e os estudos externo dos mais jovens e as próprias modificações no espaço político e comunitário contribuíram para se ter visões mais heterogêneas dentro da comunidade.

4.2.2. A valorização cultural e a invenção das tradições

Desde a fundação do *Circolo Trentino* e das Associações de Bairros, a comunidade se voltou para o cultural, seja por intermédio das lembranças dos velhos, seja pela criação de grupos folclóricos, numa *invenção das tradições,* isto é, criando um conjunto de práticas, de natureza simbólica visando "inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado" (cf. Hobsbawm e Ranger, 1997, p.9). Entretanto, não podemos entender que sejam realizadas as mesmas tradições do passado, pois são *inventadas*, justamente porque "na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória". (cf. Hobsbawn e Ranger, 1997, p.10).

Estrategicamente retomam a cultura e tradições de seus antepassados com certas modificações adaptadas ao mundo atual, *inventando tradições*. Analisando as atitudes dos membros, percebe-se que não se trata apenas de um movimento social, mas também em desenvolver no imaginário, o desejo da manutenção do enclave com a característica do *ethos* de seus avós. Dessa forma, eles *inventam* suas tradições, adaptando os trajes folclóricos, as comidas, o teatro, a dança, o coral, a língua, enfim, utilizam-se do simbólico ou das representações sociais como forma de estruturar a comunidade com os tempos atuais, tornando-se *novas tradições*, com objetivos de *conservar velhos costumes*, e ao mesmo tempo se modernizando e colocando-a em diálogo com o mundo.

É necessário dizer que as *velhas tradições* vividas e experimentadas pelos mais velhos ainda permanecem na comunidade, porém, foi preciso criar *inventar novas tradições*, para que as gerações mais novas (quarta e quinta gerações) pudessem também participar das tradições da comunidade. É a partir da década de 90 do século XX, que se sobrepõem um passado tão distante e presente, e ao mesmo tempo, torna-se tão peculiar ao grupo, emprestando-lhe uma nova face.

Como no mundo moderno tudo muda e se adapta rapidamente, há a necessidade de se conservar os velhos costumes com novas roupagens. A este propósito Hobsbawn (1997, p.12) cita exemplos de instituições antigas que precisaram se adaptar frente aos desafios políticos e ideológicos de seu tempo. A razão segundo Hobsbawn (1997, p.12) é que: "inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações amplas tanto do lado da demanda quanto da oferta".

A comunidade de tiroleses de Piracicaba tem se adaptado a *novas tradições,* a fim de manter o enclave tirolo-trentino em Piracicaba. Ser trentino é ser italiano e para a quarta geração aqueles que estão ativos no campo do trabalho e dos estudos têm o amparo do *Circolo Trentino Italiano*, ou melhor, da *Assoziacione Trentini nel Mondo*. Essa associação incentiva seus descendentes do mundo inteiro a resgatar a tradição, a língua, os costumes que se perderam ao longo do século XX, devido a emigração do século XIX. Isto significa, para os mais jovens da comunidade, serem valorizados em seus aspectos culturais e lingüísticos, enquanto membros ativos de uma cultura européia, o que os coloca num primeiro plano frente aos não trentinos.

A *invenção das tradições* a partir de 1987 teve o propósito de legitimar a instituição do *Circolo Trentino di Piracicaba*, pois através dela, o grupo passa a ter um maior *status* social e ainda, e estabelece relações com autoridades políticas governamentais de Piracicaba e com a

Província Autônoma de Trento, na Itália. Consequentemente, a ligação com o *Circolo* apresenta muitas vantagens, seja econômica, social e cultural.

Desde a fundação do *Circolo Trentino* e das Associações de Bairros, a comunidade se voltou para o cultural, seja por intermédio das lembranças dos velhos, seja pela criação de grupos folclóricos ou mesmo de *tradições inventadas*, o que de certa forma influenciou a comunidade em vários aspectos (nas festas, nas celebrações litúrgicas, na escola, etc.), modernizando-a e a colocando em diálogo com o mundo.

O aspecto cultural folclórico aconteceu dentro da comunidade, sendo liderada pelos membros do *Circolo Trentino di Piracicaba*, pelas Associações de Bairros e pelas professoras. Ao analisarmos os pequenos grupos de dança, de coral, enfim, do final da década do século XX, podemos perceber que desde a formação desses grupos folclóricos, o que está em questão é a construção de sua própria identificação e identidade.

Observando os trajes dos grupos folclóricos de 1991, vemos que eles têm trajes bem diferentes dos de 1998. Com a finalidade de conseguir os benefícios oferecidos pelo *Circolo*, os dois bairros utilizam trajes típicos que de alguma forma valorizem a bandeira italiana na roupa dos homens, porém como a identificação maior de sua cultura ocorre em relação à Áustria procuram neutralizar uma possível identidade trentina, alterando as cores de seus trajes, como de modo a conservar o branco (Itália e Áustria), alterar o verde vivo da bandeira italiana por um mais escuro (verde musgo) e excluir o vermelho.

Quanto ao significado de ser tirolês, trentino, brasileiro, tirolo-trentino, tirolo-brasileiro, caipira, etc. para os membros da comunidade, no sentido de nacionalidade, de nação, nós não fizemos um estudo específico, porém, se pode numa breve reflexão, pensar o que possa ser a identidade para eles. Muitas pessoas da região de Piracicaba acabam rotulando-os como tiroleses por terem sua origem na imigração tirolesa e/ou de caipiras por terem ficado muito tempo ligado à terra, como agricultores. Encontramos alguns estudos que afirmam que eles *são caipiras*, como afirma Barbosa[215] (1994, p.119-121): "(...) Antes, todos eram 'tiroleses/agricultores' (caipiras); a partir do estudo são 'tiroleses/advogados', administradores, professores, enfermeiros, etc. (...) Partem, agora, para a valorização da cultura de seus antepassados e de alguns valores que eles

[215] Rosélis Maria Mendes Barbosa. Defendeu a dissertação de mestrado em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), intitulada "Benvenutti alle comunità Santana e Santa Olímpia: tiroleses/ trentinos/brasileiros na encruzilhada da identidade", em 1994.

próprios destruíram ao longo dos anos, como o saber da história deles, a valorização da terra, da agricultura, do dialeto, dos costumes, despertando assim um 'nacionalismo trentino'... Talvez tenhamos aqui o surgimento duma outra perspectiva, que seria a de uma identidade emergente. Eles não querem mais trabalhar na terra, mas começam a valorizar muito os seus 'nonos' pela aquisição delas".

Discordamos de Barbosa (1994) porque *ser caipira* é rotulá-los apenas como homem da roça, do campo, como agricultores, e esquecer do *habitus cultural* que está incorporado neles, o que lhes dá o *ethos* de possuírem *a característica de tirolês*. A palavra caipira, em seu sentido etimológico traduz características que fogem aos tiroleses. Alguns dicionários de língua portuguesa mostram alguns significados da palavra caipira: "Caipira é o habitante do campo ou da roça, com poucas instruções e de convívio e modas rústicos; matuto, sem trato na cidade, tímido, desajeitado, não sabe vestir-se ou apresentar-se em público"[216].

Vários pesquisadores tentaram buscar um significado para a palavra *caipira*, como, por exemplo, Saint Hilaire, Cornélio Pires, Antônio Cândido, entre outros. A este propósito Brandão (Saint-Hilaire, apud Brandão 1983, p.10) escreve: "(...) caipira palavra derivado possivelmente do termo curupira, que pelo qual os antigos habitantes do país designavam demônios malfazejos existentes nas florestas..." Brandão dá outra definição do modo de vida e da identidade do caipira, descrita por Cornélio Pires, como: "nascido fora das cidades, criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração do que pela cabeça. Tímidos e desconfiados ao entrar em contacto com os habitantes da cidade, no seu meio são expansivos e alegres. (...) De rara inteligência - não vai nisso exagero - são incontestavelmente mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e aprendem com a maior facilidade; fato, aliás, observado por estrangeiros que com eles têm tido ocasião de se privar. (...)".

Darcy Ribeiro (1997, p.21) se refere à palavra caipira vista pela ótica das pessoas que formaram o Brasil. Darcy Ribeiro (1997, p.21) destaca que com a imigração surgiu juntamente

[216] NASCENTE, Antenor. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: ABL/Imprensa Nacional, 1966. *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado.* São Paulo, Melhoramentos 1969. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Ediotra.1986. *Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1992;

com "novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses. Mas já o encontrando formado e capaz de absorvê-los e abrasileirá-los, apenas estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentram. Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como *sertanejos* do Nordeste, *caboclos* da Amazônia, *crioulos* do litoral, *caipiras* do Sudeste e Centro do país, *gaúchos* das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros, etc." O processo inverso, certamente aconteceu com os imigrantes estrangeiros que aqui chegaram, nem por isso perderam suas identidades ou o *ethos* que os caracterizavam.

Observamos em nossas pesquisas que o grupo de imigrantes e seus descendentes não estão preocupados com a nacionalidade ou com as variações (caipiras) que as pessoas possam atribuir a eles. Além disso, nunca estiveram preocupados ou fizeram esforços exaustivos para abandonar os seus costumes e tornar-se apenas "abrasileirados". Por diversas vezes relatamos que a religião, o próprio *habitus* e o *ethos* do grupo os fizeram se distanciar para que eles não adquirissem os costumes dos "brasileiros", portanto, o que incorporaram do mundo caipira não foi suficiente para descaracterizar o *ethos* tirolo-trentino que os diferencia dos caipiras brasileiros.

Podemos dizer que para quem é de fora da comunidade, estes podem vê-los apenas como *caipira*, porque desconhecem o sentido atribuído à palavra *caipira* em seu sentido etmológico, Porém, utilizar apenas o termo tirolês hoje na comunidade, é negar a descendência italiana. A Áustria hoje não os reconhece mais como seus descendentes, porque a Geografia, a História, a política e a economia mudaram. Contudo ser trentino é ser descendente italiano, e significa ser reconhecido pelo governo italiano, ter verba para os próprios propósitos da comunidade, além do *status* que o *Circolo Trentino Italiano*, ou melhor, da *Assoziacione Trentini nel Mondo*, lhes atribui. Isso significa, para os mais jovens da comunidade, serem valorizados em seus aspectos culturais e lingüísticos e poderem assim, se posicionarem no mundo moderno, de modo diferente de seus pais e avós, mas tomando por base a história dos mesmos.

Acreditamos que os próprios membros da comunidade não estão preocupados em possuir uma identidade como tiroleses ou trentinos, ou caipiras, ou qualquer outra denominação possível em relação a nacionalidade. As rotulações possíveis somente ocorrem pelos de fora da comunidade, porque não os enxergam em suas representações sociais e mentais repletas de significações num emaranhado de emblemas, bandeiras, símbolos, tudo mais que os caracteriza. É

nesta mistura, que está o sentido amplo da luta tirolo-trentina como um movimento cultural. A guisa de exemplo, pode-se apontar o seguinte: no início de qualquer festa da comunidade, ocorre as entradas das bandeiras (dos países - Itália, Áustria, Brasil, dos Estado e cidades - Trento, Tirol, São Paulo, Piracicaba; e dos bairros - Santana e Santa Olímpia), mais parece um ritual propriamente dito. As pessoas, geralmente, as mulheres levam as bandeiras e se vestem com trajes que representa o Tirol camponês, sendo que as cores de sua roupa são referentes à bandeira da Áustria. Carregam uma bandeira de Trento e cantam (junto com os membros) o Hino (ou outras músicas) em italiano, entretanto, essas pessoas possuem a nacionalidade brasileira, falam o língua portuguesa e o seu cotidiano (trabalho, estudo, etc.) está implícito no cotidiano brasileiro.

A identidade, no caso dos descendentes tiroleses, sobressai de forma relevante devido às representações utilizadas por eles, como trajes, cantos, danças, língua, etc. que reflete o contexto de um povo imigrante. Essa identidade torna-se mais expressa nas representações mentais, como um aprendizado passado de geração em geração, que reflete numa educação da memória, e na manutenção do enclave. De acordo com Bourdieu, (1998 a, p.108): as lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem, bem como das demais marcas que lhes são correlatas, como, por exemplo, o sotaque constitue um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, de *fazer e desfazer* os grupos."

É através da identificação ou da *identidade regional ou étnica* (Bourdieu, 1998 a, p.107-110) que é possível impor a *visão de mundo* do grupo de descendentes tiroleses, estabelecendo, os *princípios de di-visão* que está na unidade e da identidade do grupo. É realmente uma estratégia de manipulação simbólica que lhes dá, através da representação mental, um certo poder, um certo *status*, que podem funcionar por meio dos interesses materiais da própria comunidade.

O bairro de Santana, desde 1977, em seus festejos de comemoração pelos seus cem anos de imigração, começam a resgatar a língua trentina através dos escritos dos textos de Guilherme Vitti; e também da formação dos grupos folclóricos seja os de Santana ou de Santa Olímpia, iniciam os movimentos culturais e sociais, nos quais todas as gerações participavam: apresentação do teatro com peças sobre a trajetória com a imigração, as mensagens daqueles velhos imigrantes como, por exemplo, o testamento de Maria Stenico. O teatro servia como divertimento, além de

ajudar a angariar fundos. As peças teatrais sempre foram representações em Autos (o discurso girava em torno da religiosidade). Entretanto, a partir de 90, as peças teatrais passam a retratar temas referentes à imigração, à identidade cultural dos membros e são filmadas por pessoas da comunidade. A coordenação e direção das peças ficam por conta do Padre Daniel Stenico, um dos membros de Santa Olímpia.

Foto 35 - Grupo de dança de Santana - 1991. Percebe-se que as cores usadas pelo grupo de Santana são verde, vermelho e branco, cores da bandeira da Itália.

Foto 36 - Grupo de dança de Santa Olímpia – 1991. Percebe-se que as cores usadas pelo grupo de Santa Olímpia são vermelha e branca, as cores da bandeira da Áustria.

O traje foi confeccionado pelos membros da comunidade e cada detalhe e peça de suas vestimentas tem todo um significado que remete àquelas regiões dos Alpes. Em 1991, receberam uma verba da Prefeitura de Piracicaba para auxiliá-los, pois havia muitos membros da comunidade que sentiam a necessidade de trajar-se e se apresentar em festas, como por exemplo, a Festa das Nações, realizada no mês de maio. Nessa mesma festa, a comunidade tirolesa participou e recebeu vários prêmios como: melhor traje típico, melhor comida típica, ambos por originalidade. A marca de inferioridade que lhes eram dadas antigamente pelos de fora da comunidade, como tiroleses, caipiras, homem do campo, agricultores, etc., foi substituída, através de suas representações simbólicas (vestimentas, bandeiras, etc.) como algo que lhes confere agora, cultura, pois são reconhecidos como portadores de uma cultura européia, mesmo que os façam num emaranhado de símbolos misturados (portam à mão a bandeira do Tirol - Áustria, e não a de Trento - Itália, e dizem representar a Itália).Eles mostram com isso, numa representação mental, sobretudo, simbólica, a própria identidade: o poder do grupo que os faz existir enquanto grupo pela diferença de outros que podem considerados, iguais diante da sociedade como um todo.

As festas da comunidade, os almoços são realizados no salão paroquial de cada igreja (sendo um mês em Santana e outro em Santa Olímpia, garantindo a participação de todos) as quais sas festas (ou almoços) são abertos aos de fora da comunidade também, para prestigiarem o coral, a dança[217] e suas comidas típicas. O dinheiro arrecadado fica para as emergências: consertar a igreja, ajudar alguém com problemas sérios dentro da comunidade e auxiliar o ambulatório – posto de saúde que funciona ao lado da escola da comunidade.

Foto 37 - Homens do *Coro Stella Alpina* de Santa Olímpia. Foto: outubro de 1998.

[217] Os grupos de dança e coral de Santa Olímpia representaram a cidade de Piracicaba num concurso sobre tradições culturais em 1995, na Bahia; e em 1997, em Curitiba. Em 1993, a peça teatral de Santa Olímpia fez uma apresentação no teatro municipal de Piracicaba.

Foto 38 - *Coro Stella Alpina*: mulheres e homens se apresentando. Local: Igreja de Santa Olímpia – outubro de 1998.

Foto 39 - Coral infantil de Santana, apresentando-se na Igreja de Santa Olímpia. Foto: outubro de 1998.

Através dos trajes e das construções das bandeiras de cada bairro é possível perceber a construção permanente de um aglomerado de significações imaginárias sociais. Os monumentos, as igrejas, os trajes, as bandeiras, os trabalhos e as atividades escolares são suportes de significação que sustentam o imaginário dessa comunidade que se quer ser diferenciada e com prestígio frente a cultura nacional. É através do imaginário, repleto de significações que se pode remeter ao simbólico, a este propósito Castoriadi, (1997, p.277) escreve: "as composições de imagem ou figuras podem ser, e freqüentemente são, imagens ou figuras por sua vez, e, portanto, também suportes de significação. O imaginário social é, primordialmente, criado de significações e criações de imagens ou figuras que são seus suportes. A relação entre a significação e seus suportes (imagens ou figura) é o único sentido preciso que se possa atribuir ao termo simbólico".

Seyferth (1990, p.82) ressalta que a fé católica dos italianos funcionou como estimulo para se afirmarem como italianos de fato, diferentes dos brasileiros com uma religiosidade menos acentuada. Antes da década de 70, a comunidade tirolesa, levava a frente de suas procissões flâmulas e bandeiras que pudessem representar a sua expressão de fé. Cada grupo (filhas de Maria, cruzadas, cruzadinhas, etc.) levava sua bandeira.

Foto 40 - Entrada das bandeiras. Solenidade que marca o acordo entre *Circolo Trentino di Piracicaba* com a Província Autônoma de Trento. A comunidade Tirolesa tornar-se-á produtora de gado leiteiro e derivado de açúcar. Foto 1998.

Hoje, nas festas e comemorações de algum evento dentro da comunidade, o inicio se dá com as entradas das bandeiras, na seguinte ordem: Bandeira do Brasil, da Itália, do Estado de São Paulo, da Província Autônoma de Trento, de Piracicaba, dos bairros de Santana e Santa Olímpia e do *Circolo trentino* di Piracicaba. Elas são conduzidas até a mesa das solenidades por membros da comunidade com traje folclórico do camponês tirolês. Após a entrada das bandeiras canta-se o Hino Nacional Brasileiro e logo em seguida o Hino Italiano.

Foto 41 - Os membros de Santana fazem o mesmo percurso que os imigrantes fizeram para chegar a Santana. Antigamente chegaram em carroças. Agora usam tratores e caminhões adquiridos ao longo desses cem anos para homenagear os velhos imigrantes.

Portanto, o Circolo trentino di Piracicaba reforçou uma cultura, uma tradição já existente na comunidade, além disso, os tiroleses obtiveram muitas conquistas, sendo a última delas um acordo firmado no dia 30 de outubro de 1998 com representantes da Itália, da *Associazione Trentini Nel Mondo*, que patrocinou um projeto[218] para a comunidade e resulta em sua modernização com grandes reflexos sociais e econômicos que acabam por beneficiar, não só aos indivíduos, mas ao grupo tirolo-trentino como tal.

[218] O projeto trata-se de incrementar a típica realidade agrícola, passando também a ter gado leiteiro e derivado de cana-de-açúcar. A comunidade terá apoio técnico da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Piracicaba (SEMA) e do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP).

5. O SIGNIFICADO DOS VALORES CULTURAIS E DA IDENTIDADE PARA O ALUNO: UMA PONTE PARA O AMBIENTE ESCOLAR.

> "A fraqueza do ensino não está no conteúdo, mas na forma como se ensina e no uso dos textos".
>
> Raul Iturra[219]

Nos capítulos anteriores fizemos uma longa descrição, tentando interpretar o *habitus*, as representações sociais e mentais, reconstruindo as estratégias de manutenção do enclave tirolo-trentino de Piracicaba - SP, durante o século XX. Como vimos, até a década de 70, as estratégias para a manutenção do enclave centrava-se no *habitus* e no *ethos* dos velhos imigrantes. Por isso as representações sociais que permeavam o trabalho agrícola, o núcleo familiar (casamento consangüíneo), o entretenimento e a religiosidade se reafirmavam e se reforçavam na educação familiar. Esta por sua vez estava centrada na *memória artificial* que lhes conferiam uma educação na *memória das palavras* e *das coisas*. Havia, sem dúvida, uma educação político-religiosa com propósitos claros e objetivos: reforçar a identidade do grupo através dos *ethos* dos imigrantes tiroleses. Dessa forma, os religiosos e líderes acreditavam que estavam assegurando e protegendo a comunidade do Mal e dos Vícios para preservar os bons costumes, o Bem, e as Virtudes.

Os tempos mudaram. A religião, a política e a economia também. Os dogmas vivificados pela igreja católica não lhes davam mais os parâmetros entre o Bem e o Mal para ficar e se fixar na terra e se proteger dos *"brasileiros"*. Além disso, em todo o Brasil, na década de 60/70 ocorria o êxodo rural para a cidade e a comunidade dos tiroleses de Piracicaba não ficou fora desse processo. Acreditavam que ao se tornassem *"gente da cidade"* teriam ascensão econômica social, e deixariam de ser estigmatizados pelos de fora. O trabalho na e da terra não os prendiam mais. A era da industrialização tomava conta dos rapazes, jovens e homens da comunidade, tentavam fugir daquele trabalho árduo da agricultura.

Observamos que na década de 90, do século XX, a comunidade tenta reafirmar seus valores culturais e lingüísticos através de uma identidade tirolesa/trentina, daquilo que parecia ter se perdido no tempo. Por isso, era preciso criar, recriar, *inventar tradições* sobre que se perdera com o passar dos anos.

---

[219] ITURRA, Raul. O processo educativo: ensino ou aprendizagem? In; Revista Educação Sociedade e Culturas. Nº. 1. p.29-50, 1990. Lisboa, Portugal.

Em razão de todos esses processos, é possível perceber e apreender o movimento do presente no passado e do passado no presente, mas cuja temporalidade só pode ser apreendida a partir do presente. É um passado/presente e um presente/presente. Foi neste *espaço-tempo* que pudemos observar as atitudes dos membros da comunidade em suas representações sociais e mentais, seja no ambiente religioso (na igreja), seja na sociabilidade do grupo (em suas festas), seja no ambiente escolar (na escola), enfim, todo cotidiano da comunidade está impregnado do *habitus* e do *ethos* passado de geração em geração. Entretanto, a instituição oficial de ensino sempre tentou homogeneizar seus alunos, tendo como objetivo a cultura nacional e de certa forma rejeitando o *habitus* dos alunos trazido à escola.

Resta-nos agora tentar responder algumas indagações: o que está em jogo no momento em que os descendentes tiroleses, na década de 90, se reafirmam como tiroleses/trentinos? É uma busca de identidade? Se há uma busca da mesma, qual é o significado da identidade (e da identificação) para o grupo? A tradição criada, *inventada* por eles a partir da década de 90 pode ser considerada como *um movimento cultural e social*? O que isto pode refletir no grupo, no sentido de inclusão ou exclusão perante a sociedade global? Qual o sentido desta busca na Era da globalização? E como tudo isto reflete no ambiente escolar da comunidade, a partir década de 90?

5.1. Os valores culturais

5.1.1. A diferença: a identidade e a identificação

A identidade, segundo vários autores "é tudo aquilo que se é" (cf. Silva, 2000, p.74) e consequentemente "identidade e diferença estão em relação de estreita dependência". De acordo com Silva (2000, p.75): "a afirmação 'sou brasileiro', na verdade, é parte de uma extensa cadeia de 'negação', de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação 'sou brasileiro' deve-se ler: 'não sou argentino', não sou chinês', 'não sou japonês' e assim por diante, numa cadeia, quase interminável". Da mesma forma, os tiroleses quando reafirmam *"serem tiroleses/trentinos"* negam e expressão muitas outras atitudes, afirmando o que não são.

Afinal, a diferença em relação ao outro, só poderá ser compreendida através da afirmação de uma identidade, a sua própria. Dessa forma, "a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis". (op cit. Silva, p.75). A este respeito Woodward (2000, p.8) escreve que a identidade adquire "sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelas quais eles são representados", sendo que a diferença é "sustentada pela exclusão".

Desde o início do século XX até hoje, os tiroleses de Piracicaba constróem, criam e recriam tradições sustentadas nas representações sociais e mentais, entre um passado e um presente, que se estabelece a todo instante fundamentado na história da imigração e na cultura (*habitus*) de seus antepassados. Podemos afirmar que a partir do momento que criam e *inventam tradições* constroem a identidade do grupo. Dessa forma, a reprodução do passado (o contexto da imigração) reafirma a diferença diante da sociedade como um todo, ou perante outros grupos da redondeza, estabelecendo e dando possibilidade de construir, e ao mesmo tempo, reafirmar, a identidade dos membros da comunidade tirolesa.

Os sistemas simbólicos de representações sociais criados no espaço religioso funcionaram como processo simbólico, o que lhes deu o direito de produzirem rituais simbólicos entre o sagrado e o profano, de forma a manter o grupo e seu *habitus*. De acordo com Woordward (2000, p.41): "o sagrado, aquilo que é 'colocado à parte', é definido e marcado como diferente em relação ao profano." No entanto, só podemos excluir o profano, quando se vê algo no sagrado que lhe confere a diferença entre o sagrado e o profano. Um exemplo disso é a *Maria Bambina* (a boneca de pano com o rosto de gesso) que é cultuada e vista pela comunidade como uma imagem sagrada. *Maria Bambina* é a representação social que nos permite fazer a *di-visão* entre aqueles que a vêem como um processo simbólico (do passado), do sagrado e dos "outros" que a enxergam apenas como uma boneca que está numa redoma de vidro e neste sentido, é imagem profana. O mecanismo que opera essa divisão, torna claro "oposição entre 'nós' e 'eles'. A marcação da diferença e´, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação". (Woordward, 2000, p. 41). Ao classificar, tanto a comunidade tirolo-trentina, quanto os de fora, definem uma identidade possível e uma identidade por exclusão.

Assim, *Maria Bambina* como objeto do sagrado para eles e profano para nós, os de fora, é exemplo do que podemos encontrar em outros objetos, fatos em que a diferença está centrada na

cultura e em suas significações, ou seja, na religiosidade, no carnaval, nas festas, nas coisas simples do cotidiano, como, por exemplo, na alimentação - a culinária tirolesa. O modo de preparar a comida e como é servida e onde, fazem parte da afirmação da diferença e também, da identidade. Uma polenta[220] jamais deve ser servida em refratário de vidro ou num pirex comum. Geralmente, fazem uma polenta de forma que fique densa (não muito pastosa) e colocam-na no "tabiel" (numa tábua própria para servir polenta) e cada membro da família (ou visitante) corta um pedaço para comer com carne (geralmente frango), molho de tomate, acompanhado com vinho de laranja ou de uva feito por eles. A diferença está na forma como é servido e onde é servido em relação a polenta dos brasileiros.

Outro prato da culinária é a cucagna, que se come na terça-feira de carnaval, sempre em grupo, em reunião. Este período de 40 dias, que precederá a quaresma, a fraternidade e as orações a Deus são extremamente simbólicos, pois significa o tempo em que as pessoas, segundo os nossos informantes, estão mais acessíveis às ações do demônio. É o *habitus* presente entre o que se faz e o que se acredita, definindo as "fronteiras simbólicas entre o que está incluído e o que está excluído, definindo assim o que constituí uma prática culturalmente aceita ou não" (cf. Woodrward, 2000, p. 49). É em tempo limite, em que se pode marcar a diferença, e construir os significados que estabelecem a identidade do grupo.

A respeito do *que se come* Woordward (2000, p.42) nos afirma que: "aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias".

O grupo estudado por nós, expressa através da cultura e de seu *habitus,* as representações simbólicas e mentais que os singularizam e assim, buscam significados para suas práticas, permitindo a possibilidade de construção de lugares imaginários em *imagens fantásticas* como a vimos anteriormente. Este sistema de representações só se tornou possível porque o que estava em jogo na comunidade era o *habitus* como forma de expressar sua cultura e seus significados. Sem dúvida, a palavra, o discurso do passado (político-religioso dito pelos freis e pelas líderes) e do presente (político-cultural) construíram e constróem em seu imaginário, uma realidade possível

[220] Polenta é um alimento feito de farinha de milho, água e sal, cozida no fogo. Este alimento pode ser cozido com bastante água para se ter uma papa, ou com menos água para ficar mais denso, consistente. Este é o prato predileto da comunidade, por ser tradicional entre eles, faz parte do seu *ethos*. *A*lém de ser um alimento relativamente barato, gostoso e nutritivo (por causa da farinha de milho) seu consumo os fazem retornar ao *habitus* alimentar dos imigrantes, épocas de pobreza, de sofrimento em que por muitas vezes a polenta era o único prato que podiam servir aos seus filhos.

dando a eles o direito de se posicionarem para dizer em nome de um lugar a diferença em relação com aos demais da região. Expressam com isso aquilo que Bourdieu (1998 a, p.108) denomina de "fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social".

As criações dos significados e das representações sociais e mentais os levam a ter uma identidade diferente dos demais grupos da região, e são assim capazes de estabelecer uma *di-visão* (Bourdieu, 1998 a). Dessa forma, posicionam-se diante da *identificação* do grupo como um todo e em relação aos de fora da comunidade. Neste aspecto é preciso dizer que a identidade é construída através dos aspectos sociolingüísticos, e dessa forma tem-se em vista outros fenômenos que estão em fogo: político e ideológico. Por isso, a identidade está em constante sustentação como afirma Maher (1998, p 117): "a construção da identidade de sujeitos sociais ou étnicos implica sempre multifacetamento, pois são muitos os 'outros' que nos servem de farol no estabelecimento de nossas identidades, seja, porque a eles desejamos nos opor ou porque com eles desejamos estar em consonância. Porque o fenômeno se realiza em múltiplas direções – direções estas muitas vezes contraditarias (...)". De fato, podemos encontrar na comunidade tirolo-trentina uma identidade em construção e que se constrói a partir dos processos de manutenção ou de transformação como um todo, seja ela no aspecto lingüístico ou cultural. Neste contexto, às vezes, um jovem descendente precisa ser "tirolês" diante dos velhos da comunidade, às vezes, precisa ser trentino diante das autoridades italianas. Da mesma forma que um jovem negro miscigenado (de mãe descendente tirolesa e pai negro) assume toda a identidade tirolesa, se vestindo com os trajes folclóricos, num processo incorporado pelo *habitus,* vivido na comunidade.Assim, a identidade torna-se móvel, em mutação, e ela pode se transformar como afirma Orlandi, (1998, p.204): "não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a da identidade imóvel que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garantem uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é um ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão".

Portanto, a identidade do indivíduo descendente do tirolês se faz com a diferença do outro. Porém, não podemos negar que, às vezes, a identidade individual e grupal torna-se multifacetada em seu cotidiano, pois os membros da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba vivem e dependem de uma sociedade maior (estudar, trabalhar, etc.), e, neste aspecto, ele torna-se o

estudante, o trabalhador que convivem com outros, isto é, em suas diferentes posições do dia-a-dia. Neste contexto Orlandi (1998, p.204) nos ressalta que "é preciso que haja uma unidade do sujeito, para que no movimento de sua identidade, ele se desloque nas distintas posições" de seu cotidiano.Dessa forma, a construção da identidade se faz de um ponto de vista histórico, social, cultural e ideológico.

Os sistemas simbólicos criados, recriados, inventados fornecem, pois elementos cabíveis para que haja e se estabeleça um limite de fronteira que identifica e que separa. No entanto, tudo que divide, separa, limita corre o risco de sofrer discriminação e instaurar possíveis desigualdades. O grupo tirolo-trentino podia se pensar que com uma identidade própria pudessem correr tal risco, mas foram alvo de discriminação em relação a sociedade nacional. Podendo ser excluídos e estigmatizados perante os de fora. A sociedade brasileira, como sociedade de classes é estratificada em camadas sociais diversas e aponta assim, para critérios de superioridade de uns em relação aos outros. Um exemplo, bastante simples e muito comum, é visível com relação a linguagem: a sociedade nacional possuí uma língua oficial e esta tem níveis de linguagem (padrão culto, popular, etc.). O português brasileiro culto é considerado como uma língua padrão *(standard*), se esta estiver de acordo com as regras da gramática normativa, do português culto do Brasil. Entretanto, tudo o que difere, desvia ou foge do padrão culto (do português brasileiro) é considerado erro, e quando ocorrem *erros* gramaticais, lexicais, etc. na linguagem oral de qualquer falante, este jamais é compreendido através do *habitus lingüístico ou cultural* de quem o possuí. O caso da escola é aqui exemplar.

Geralmente, a maioria das professoras da rede oficial tem a visão centrada na norma culta, desconsiderando o *habitus lingüístico* (*e cultural*), de que são portadores os alunos, o que sem dúvida pode levar ao estigma, a inferiorização do indivíduo ou do grupo, em que está e vive. Este é o processo que ocorreu com respeito a linguagem dos tiroleses de Piracicaba, por vários anos. Atualmente, é possível ocorrer um julgamento das pessoas de fora da comunidade em relação à fala do grupo, inferiorizando-os por terem sotaques, interferência fonológica e lexicais do dialeto trentino em frases da língua portuguesa. Porém, nos últimos anos muitas pessoas da região passaram a vê-los de forma *diferente*: trata-se agora, de um povo que possuí um falar diferente, com um sotaque estranho (cf. Leme, 1994) porque são bilingües, tem uma cultura trazida da Europa, etc., dando-lhes uma positividade que no passado lhes era negada.

Dos vários relatos que ouvimos na comunidade tirolesa de Piracicaba, a fala dos membros da comunidade (a linguagem) emerge como alvo de estigma por vários anos (a partir da década de 70), quando um membro do grupo ia a busca de trabalho ou de estudo na cidade de Piracicaba ou redondeza. O fator de estigma era sempre o mesmo: *"falam errado porque são ignorantes, da roça, caipira..."*. Dessa forma, nunca foi levando em consideração o *habitus lingüístico e cultural* do grupo. A própria identidade de tirolês, neste caso, foi rotulada e vista apenas pela exclusão do grupo (num todo) como aquele que *"não tem cultura, não serve para nada, apenas para o trabalho da roça",* como foi relatado diversas vezes pelos nossos informantes. Da mesma forma que a sociedade trata a linguagem, trata também a cultura.

A identidade que se faz a partir de um processo em permanente construção, como já dissemos, resultou no deslocamento do que se podia julgar como traço de inferioridade (linguagem e cultura) para algo que tem *estilo de vida*, e que os diferencia dos demais da região de Piracicaba. O grupo alega que o sotaque, o modo de ser, o estilo de vida, a cultura, etc. estão sustentados, fundamentados num passado histórico e o valoriza, e é a partir deste movimento que eles passam a reivindicar (oculta e implicitamente) serem reconhecidos pelos de fora (Piracicaba - Brasil, Trento - Itália) como um povo que tem cultura autêntica, verdadeira. Cultura essa que é decorrente de uma história de grupo que permaneceu por mais de um século dentro de uma comunidade que preservava a cultura européia, dos avós, dos *nonos*, e por isso, o dialeto é arcaico, fossilizado. Diz que uma língua é fossilizada quando muito de seu vocabulário já está em desuso. Neste caso, o é em relação ao mundo europeu, mas no caso brasileiro e piracicabano trata-se de uma língua viva, em pleno uso. Revertem, porém, o aspecto que os fazem ser julgados como inferiores para o de quem tem cultura, e consequentemente, se valorizam. Vejamos a fala de um dos nossos informantes:

> *"Antes eu e todos aqui nunca sabíamos o que era sofrer preconceito, depois da abertura, da modernização dos bairros, lá por volta da década de 70, quando os filhos foram trabalhar e estudar na cidade, aí é que descobrimos esse tal de preconceito. Veja o pessoal da cidade dizia que a gente era da roça, fala tudo errado, bem diferente do povo lá da cidade.(...) Depois da fundação do nosso circolo trentino aqui tudo mudou, sabe? Eu não entendi muito o que aconteceu, mas veja só se está certo uma coisa dessa!*

> *Agora o povo lá fora vê que nós temos cultura, que a gente preserva tudo o que os velhos deixaram... Veja só, nós até fomos materia da televisão, veio aqui a Record, a Bandeirante, até a Rede Globo. Depois, dos anos 90 aqui ficou cheio de pesquisadores, veio até pesquisador da Itália. Eles querem saber tudo, tudo o que a gente faz, como a senhora que vem aqui. Isto para nós é um orgulho. Antes meus filhos tinha um pouco de vergonha de ser tirolês, hoje todos nós temos orgulho, até eu... fico todo cheio de falar dos nonos*[221]*...".*

O momento da *"descoberta, da abertura, da modernidade"* acontece devido as transformações que ocorreram na década de 70. A necessidade de mudança provocou transformações e possibilitou contatos com os de fora da comunidade. Neste encontro onde duas culturas ou linguagens diferentes se encontram ocorre a emergência do estigma de uma cultura em relação a outra. Assim, acontece a *crise de identidade* do grupo que precisa sair para sobreviver (trabalhar ou estudar), o que entende, que os velhos *habitus lingüístico e cultural*, precisam ser remodelados já que vistos pelos de fora como algo *diferente* propiciando a discriminação e o preconceito. A própria estrutura interna da comunidade estava naquele momento, passando por mudanças. A religião (Concílio Vaticano II), o trabalho (deixam o trabalho rural para buscar empregos nas industrias), a família (casamento consangüíneo é diminuído), entre diversos fatores próprios da estrutura do grupo, entram em decadência, cedendo lugar aos contatos com os de fora e impondo a necessidade de conhecerem outras formas de culturas diferentes daquelas as quais estavam acostumados a viver. Dessa forma, são obrigados a viver com o preconceito lingüístico e cultural em relação aos de fora da comunidade, entretanto, este preconceito, este estigma persistirá por pouco tempo, em razão das atitudes do grupo e de um novo fenômeno que permeia o Brasil e o Mundo: a *Era da Globalização*.

[221] Informante, 74 anos de idade.

5.1.2. A globalização e a os movimentos sociais

Devido às transformações históricas e geográficas vivenciadas pela humanidade nessas últimas décadas do século XX, as quais rompem historicamente com as barreiras dos países considerados socialistas e ampliando o universo capitalista, instaura-se um jogo complexo de forças que atuam em vários níveis: local, nacional, regional, mundial, e consequentemente, ocorrem muitos outros processos sociais, políticos, culturais, econômicos, e sem dúvida, nenhuma, o mesmo acontece no processo educacional. São rupturas implicando novos fenômenos históricos, como afirma Ianni (1999, p.18): "inicia-se outro ciclo da história, talvez mais universal que os outros, cenários espetacular de outras forças e outras lutas sociais."

Nessa transformação, rompem-se e abalam-se estruturas relativas ao próprio espaço-geográfico, e consequentemente a história, iniciando a "globalização[222] do capitalismo" (cf. Ianni, 1999, p.18). É sabido por todos que num tempo muito curto, houve a superação das fronteiras entre nações via as relações econômicas de produção e mercado. Este fenômeno é conseqüência do *capitalismo mundial*. É um novo marco histórico, com produções e processos relativamente diferentes de qualquer outro já vivido pela humanidade. São processos de desenvolvimento desenfreado envolvendo valores e relações sociais, às vezes, marcados pela integração *global*, porém, impregnadas pela pluralidade de culturas, religiões, etnias, etc. em nível local.

Segundo Ianni (1999, p. 19) "o capitalismo se apresenta como um modo de produção e um processo civilizatório. Além de desenvolver e mundializar as suas forças produtivas e as suas relações de produção, desenvolve e mundializa instituições, padrões e valores socioculturais, formas de agir, sentir, pensar e imaginar. Nas diferentes tribos, clãs, nações e nacionalidades, ao lado de suas diversidades culturais, religiosas, lingüísticas, étnicas, outras, formam-se ou desenvolvem-se instituições, padrões e valores em conformidade com as exigências da racionalidade, produtividade, competividade e lucratividades indispensáveis à produção de

[222] O termo "globalização", segundo Ianni (1997, p.15) dado a este novo ciclo histórico, no final do século XX, são muitos: "aldeia global", "fábrica global", "Terra - pátria", "nave global", "nova babel" entre outras expressões. São metáforas com significados e implicações "(...) metáforas utilizadas para descrever as transformações deste final de século: 'primeira revolução mundial' (Alexander King), 'Terceira Onda' (Alvin Toffler), 'sociedade informática' (Adam Schaff), 'sociedade amébica' (Kenichi Ohmae), 'Aldeia global' (McLuhan). Por que esta recorrência no uso de metáforas? Elas revelam uma realidade emergente ainda fugidia ao horizonte das ciências sociais." (cf. Renato Ortiz, Mundialização e cultura, Editora Brasiliense, São Paulo, 1994, p. 14 apud Ianni, 1997, p. 15).

mercadorias, sem as quais não se realiza a mais valia. Os princípios de liberdade, igualdade e propriedade, articulador jurídico-politicamente, no contrato, aos poucos se impõe e generalizam em ambientes sociais em que prevalecem tribalismo, tradicionalismos, patriarcalismos e patrimonialismos".

Estamos iniciando o século XXI, numa emergente transformação geo-histórica, com movimentos culturais e sociais peculiares, num mundo onde a tecnologia eletrônica, os meios de comunicação e informação, as aberturas de fronteiras ao mundo capitalista, gera o que se denominam *global,* globalismo. Consequentemente, o tempo e o espaço passam a ser transformados e codificados em modelo geo-histórico, redesenhando mapas e histórias do mundo (cf. Ianni, 1999, p.18-23), modificando certos conceitos já pré-estabelecidos, tanto no mundo imaginário como nos processos sociais, nas relações e estruturas que sobressaem ao globalismo.

Ianni, (1999, p.21-23) afirma que há muitas dúvidas e questionamento sobre os significados e as implicações do globalismo. Porém, é interessante abordarmos que esse ciclo histórico que estamos passando nos leva a pensar em problemas reais e que: "o globalismo leva consigo tendências de homogeneização, simultaneamente à criação e ao agravamento de problemas sociais: põe em causa o parâmetro estado-nação; implica a fragmentação e provoca a ressurgência de localismo, provincianismos, nacionalismos, racismos, e fundamentalismos. Sim, o globalismo é problemático e contraditório. Engendra e dinamiza relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, de integração e fragmentação, pelo mundo afora. Tanto é assim, que provoca tensões, antagonismos, conflitos, revoluções e guerras, ao mesmo tempo que propicia a criação de movimentos sociais de vários destinados a recuperar, proteger ou desenvolver as condições de vida e trabalho das mais diversas categorias sociais e *minorias*, além e por sobre localismo e regionalismos".

Nas últimas três[223] décadas do século XX, as representações simbólicas do grupo em estudo tornam-se mais evidentes aos de fora, permitindo a valorização de sua cultura. Este procedimento é um *movimento de luta cultural e social* da comunidade tirolesa de Piracicaba para se posicionar, como minoria que é, diante dos de fora e reverter o enfoque de grupo estigmatizado buscando a aceitabilidade dos de fora em relação a sua cultura, ao seu jeito de ser.

[223] No ano de 1977, no bairro de Santana ocorre o início de um movimento cultural e social; porém, somente na última década com a fundação do *Circolo* ocorre um fortalecimento das tradições e cultura em ambos os bairros, dessa forma, surgem em Santa Olímpia outros grupos de dança, o coro *Stella Alpina*, entre outras representações sociais que reforçam ainda mais o enclave trentino em Piracicaba.

Pode-se afirmar que a partir da última década do século XX, os sujeitos sociais, sobretudo aqueles que pertencem a quarta geração da comunidade tirolo-trentina e já possuidores de escolaridade, tal como técnico, equivalente ao ensino médio ou curso superior, organizam estratégias conscientes envolvendo todas as gerações da comunidade numa luta de expressão e valorização da identidade, como um povo de descendência tirolesa. Não levaram em conta a utilização de apenas um elemento que significasse ou representasse a região do Tirol (Áustria) ou de Trento (Itália), mas usaram e usam de símbolos, de certa forma misturados, marcando assim a diferença diante dos "outros", e pondo-se em evidência as modificações geo-políticas do passado, da *origem* de seus ascendentes diretos, *os nonos*, e que corresponde ao presente do mundo italiano.

Podemos dizer que a construção do movimento cultural e social do grupo tomou da história da imigração para o Brasil, sustentados pelo *habitus* e *ethos* dos velhos imigrantes e através disso, permitiu criar, recriar nas tradições postas em representações simbólicas e mentais (emblemas, bandeiras, faixas, trajes folclóricos, linguagem, sotaque, etc.) enfatizando sua diferença em relação aos de fora e afirmando uma condição identitária. O comentário de Woodward (2000, p.37) corrobora tal processo, quando mostra as estratégias dos "novos movimentos sociais", ressaltando que a identidade do grupo se "fundamenta na 'verdade' da tradição e nas raízes da história, fazendo um apelo à 'realidade' de um passado possivelmente reprimido e obscurecido, no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história". É, na verdade, afirmar a identidade através de "novas verdades fundamentais e apelar a raízes anteriormente negadas". (op. cit. Woordward, p.38)

É a partir desse ponto que os membros da comunidade tirolo-trentina fazem a construção da diferença, por meio *da dicotomia entre 'nós' e 'ele',* moldando os processos em que estão demarcadas as posições da identidade e do pertencimento grupal. A natureza dos acontecimentos que envolvem a comunidade tirolo-trentina de Piracicaba resulta dos movimentos globais e nacionais emprestando-lhe um sentido próprio e local.

É visível o fato de que a sociedade nacional brasileira encontra-se impregnada e assimilada pela "sociedade global". Resulta disso que para pensar o local, o nacional, neste ciclo histórico, é preciso enxergar também a sociedade num âmbito mundial, global, como adverte Ianni (1997, p.

191): "É obvio que a sociedade nacional continua a ter vigência, sua bandeira, e demais formas de organização social e técnica do trabalho, façanhas, heróis, santos, monumentos, ruínas. Ela constitui o cenário no qual seus membros movimentam-se, vivem, trabalham, lutam, pensam, fabulam, morrem. Tanto assim que subsistem e ressurgem nacionalismos, provincianismos, regionalismos, etnicismos, fundamentalismo e identidades em muitos lugares, nos diversos quadrantes do mundo."

Neste aspecto, ocorrem as articulações locais com os mecanismos da *sociedade global*, e o particular torna-se universal, porém, contraditório, e às vezes, causar interpretações dúbias quanto a certos acontecimentos locais, tornando-se algo de tensão local, entretanto, pode ser também um momento em que as relações se intensificam unindo localidades esquecidas, perdidas, vivendo e revivendo culturas extremamente distantes, num espaço e num tempo que permite recriar e inventar outros significados locais. Tudo isto faz parte do prenúncio do século XXI, do momento da globalização. Conforme concebe Giddens (apud Ianni, 1997, p.195): "a globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção avessa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende ser influenciado por fatores - tais como dinheiro mundial e mercados de bens - operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão". Neste contexto, as estruturas, as relações e processos, assim como a política, a educação, a economia, a religião, etc. vivificada no local, no nacional passam a se integrar, também, numa sociedade global, a uma hegemonia global. Ficam evidentes as contradições (locais) em se auto-afirmar num todo, "contrapondo parte - todo, a dialética singular e universal". (cf. Ianni, 1997, p. 198).

Entretanto, as contradições vividas entre o local e o universal, também são encontradas nas noções de tempo e espaço, real e imaginário, distante e próximo, diferente e igual, tornando as identidades confusas e múltiplas, modificando e transformando espaços com significantes jamais

vividos, obtendo outros significados. E nesse contexto, tudo acaba sendo marcas de um paradoxo, cujos espaços e tempos se globalizam, mas jamais é encontrado em lugar e tempo mundial. Segundo Milton Santos (apud Ianni, 1997, p.201): "o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáforas. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares".

Assim sendo, a globalização, ao passo que totaliza, também fragmenta: na medida que homogeneiza, operam forças ocorrendo às diversidades como afirma Ianni (1997, p.202): "simultaneamente às forças que operam no sentido da articulação, integração e até mesma homogeneização, operam forças que afirmam e desenvolvem não só as diversidades, singularidades ou identidades, tensões, antagonismos. Forças que alimentam tendências integrativas e fragmentárias, compreendendo nação e nacionalidade, grupo e classes sociais, provincianismo e regionalismo, localismo e cosmopolismo, capitalismo e socialismo".

5.2. Do local ao universal

5.2.1. A globalização e a diversidade cultural

Os movimentos sociais e culturais cresceram extremamente nessas últimas décadas, e estamos caminhando ao início de um novo milênio, enfrentando a globalização e o avanço tecnológico, ao que muitos chamam de a "Era da Comunicação". Nesse aspecto a informática, a Educação e, sobretudo, a instituição escolar precisa estar atenta aos desafios de um novo milênio e, sobretudo, daqueles que podem ser ou foram considerados como excluídos por possuírem uma cultura que difere da nacional, da dominante, e que, conseqüentemente, acabam sendo estigmatizados, inferiorizados ou simplesmente são marcados como não possuindo cultura, linguagem ou conhecimento.

Num processo global, em meio a integração e homogeneização na sociedade (mundial) ressurge a constatação das diversidades sociais marcadas pelas desigualdades e exclusão. A exclusão de classe social desfavorecida no aspecto econômico (os pobres), porém, não é a única em sociedades globalizadas, excluídos são também aqueles que se julgar estarem em desigualdade sociocultural, pela etnia, religião, sexo, etc. Entretanto, como forma e força de lutas na Era da Globalização, a cultura torna-se um espaço de resistência em prol de direitos e de luta social,

como ressalta Gohn (1999, p.16) possibilitando que: "raízes culturais são acionadas e tradições têm sido resgatadas, não para cultuar a memória de um passado já morto, mas para amalgamar novas práticas, para fincar raízes nas novidades que a criatividade e a invenção, fruto da imaginação e das representações coletivas, estão gerando".

A este propósito Ianni (1999, p. 23) também afirma que o globalismo faz nascer o multiculturalismo, a diversidade, de um desenvolvimento desigual. "No âmbito do globalismo pode florescer o multiculturalismo. A despeito das tendências mais ou menos acentuadas no sentido da integração e, às vezes, de uma homogeneização avassaladora, na sociedade global multiplicam-se as diversidades, as hierarquias, as desigualdades e os antagonismos. Na mesma medida em que a sociedade global pode ser vista como uma vasta e intricada formação social, compreendendo nações e nacionalidades, tribos e clãs, povos e etnias, religiões e línguas, formas sociais de vida e trabalho, cultura e civilizações, nessa mesma medida pode ser vista como cenário das diversidades socioculturais, do desenvolvimento desigual e contraditório, das perspectivas múltiplas. A mesma dinâmica da globalização, em termos sociais, econômicos, políticos e culturais, gera e desenvolve as condições da diversificação e da fragmentação".

É interessante notar que a globalização torna-se um cenário paradoxal no qual a diversidade se reafirma no localismo, no nacionalismo, no regionalismo sofrendo modificações e construindo novos significados. Entretanto, o desafio está em se pensar o mundo como uma "sociedade global" e, que esta por sua vez, atinge o nacional e o local. Como enfatiza Ianni (1999, p. 189) "as relações, os processos, e as estruturas, culturais e sociais, que se desenvolvem em escala mundial, adquirem preeminência sobre as relações, processos e estruturas que se desenvolvem em escala nacional."

Refletir, pois, sobre a diversidade, o multiculturalismo é também pensar na globalização e vice-versa, tendo consciência de que os contrapontos do ciclo histórico no qual vivemos, acentuam as desigualdades, as diversidades, etc. localmente referidas. Mona Abaza e Georg Satuth (apud Ianni 1997, p.203) ao refletir sobre a construção do saber local ao global diz: "(...) recentemente deflagrou-se um clamor pela pureza dos culturais. Aqueles, no entanto, que pedem autenticidade pela 'indigenação' podem não estar ainda ciente de que o saber local, sobre o qual querem construir uma alternativa há muito tempo tem sido parte das estruturas globais; ou de que

desempenham uma parte do jogo da cultura global, que também pede a 'essência' da verdade local".

Assim, como diz Ianni (1997, p.205): "a dinâmica do todo não se distribui similarmente pelas partes. As partes, enquanto distintas totalidades também notáveis, consistentes, tanto produzem e reproduzem seus próprios dinamismos como assimilam diferencialmente os dinamismos provenientes da sociedade global, enquanto totalidade mais abrangente. É no nível do desenvolvimento, que se expressam diversidades, localismos, singularidades, particularismos ou identidades. Às vezes, os localismos, provincianismos ou nacionalismos podem exacerbar-se, precisamente de cada um, de cada parte; e também devido às potenciações provenientes da dinâmica da sociedade global, das relações, processos e estruturas que movimentam o todo abrangente. Sob vários aspectos, a ressurgência de nacionalismos, regionalismos, provincianismos, etnicismos, fundamentalismos e identidades são fenômenos que se esclarecem melhor quando vistos nos horizontes dos rearranjos e tensões provocados pela emergência da sociedade global".

No final de século XX, na discussão da "dialética singular e universal" (Ianni, 1997, p.198), revela que as contradições entre o local (que reafirma uma certa identidade) e o global (que universaliza) enfatizam ainda mais, as contradições vivificadas por uma determinada sociedade, grupo, etc. e esse processo, extremamente complexo, atinge, além dos diversos grupos sociais, também a educação brasileira.

A educação tradicional centrada em processos de ensino monocultural acaba por admitir a realidade multicultural da sociedade brasileira, criticando a imposição, por vezes autoritária, da cultura dominante, a cultura nacional e reconhece como necessário, o princípio ético do multiculturalismo. O faz principalmente, em razão dos movimentos sociais da década de 70, em que, diferentes sujeitos sociais que reclamam através da condição de gênero ou etnia, de direitos sociais próprios e singulares atendendo, dessa forma, as reivindicações das mulheres, dos meninos de rua, dos homossexuais, dos deficientes, dos índios, dos nordestinos, etc. a fim de que essas categorias possam lutar contra as injustiças e violências que os descriminam por em razão das diferenças e de suas marcas sociais.

Assim, a questão do multiculturalismo, entendida como a diversidade cultural e social presentes na realidade brasileira, passa a ser institucionalizada, abrindo uma vertente de ação

através da lei Federal 9.394 que estabelece a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), sobretudo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como um dos temas transversais: Pluralismo. Entretanto, Gonçalves e Silva (1998, p.33) afirmam que: "o multiculturalismo não interessa à sociedade como um todo, e sim a certos grupos sociais que, de uma forma ou de outra, são excluídos dos centros de decisão por questões econômica e, sobretudo, por questões culturais".

É no centro desse movimento, que muitos grupos de italianos, alemães, espanhóis, e entre outras etnias, que viviam em zona rural da cidade de Piracicaba e região, foram se desfazendo. Entretanto, como vimos, o grupo de tiroleses acompanhou as transformações de uma sociedade maior, e consequentemente, ao longo dos anos, houve certas modificações no próprio *habitus* da comunidade. No entanto, o modificar não significou eliminar suas marcas e sim, encontrar novas estratégias para a manutenção da comunidade levando-se em conta o *ethos* de imigrante tirolês.

Apesar de não ter analisado o ambiente escolar como tema central desta tese, podemos refletir como o grupo de tiroleses (sobretudo as professoras que lecionavam na escola da comunidade) fizeram deste cenário em transformação, o lugar de atuação dos valores vividos pelos membros em consonância com o movimento cultural e social vivificado nas últimas décadas do século XX.

5.2.2. A influência do *habitus* cultural e lingüístico na escola dos tiroleses de Piracicaba

Na década de 80, mais precisamente, no ano de 1987, surge o *Circolo Trentino di Piracicaba,* o que faz com que a comunidade, desde os mais velhos até os mais jovens, inclusive as crianças, encontrem novas motivações para a vida e para o lugar. A partir de 1987, a comunidade incorpora o termo *trentino* (italiano) em sua identidade, sem, entretanto, retirar o termo *tirolês* da sua identificação como grupo[224]. Como já comentamos anteriormente, segundo os nossos informantes, sobretudo, os da quarta geração, o termo *tirolês* sempre era foi associado apenas ao *homem do campo*, ao *camponês*, a *um determinado povo rural que vivia próximos à*

[224] Desde 1987, toda referência à comunidade feita pelos meios de comunicação: rádio, televisão, jornais, revistas, etc., divulgava a existência de um *enclave* ou de um *elo* entre Brasil e Itália que fora *descoberto* na zona rural da cidade de Piracicaba. A denominação era *comunidade tirolesa-trentina* ou *comunidade trentina-tirolesa,* nunca houve referência a tal *enclave* como comunidade trentina, pois os membros pediam à imprensa que incluíssem também o termo *tirolês.*

região de Piracicaba, enfim, ao homem rural e ignorante, no sentido de não serem letrados, sem escolarização. Tudo isto era sinônimo de estigma para os descendentes tiroleses. Porém, com a fundação do *Circolo* na comunidade e de um movimento valorização das minorias étnicas em todo o mundo (a partir da década de 80), os descendentes tiroleses passam a se orgulhar de terem conseguido preservar *a marca, a diferença*, a tradição, os costumes, a cultura e o dialeto trentino[225]. Tudo isso lhes atribui o caráter de serem diferentes de outras zonas rurais[226] de Piracicaba, que com o passar do tempo, perderam uma *certa identidade,* de um *ethos* de imigrante.

O que se julgava no interior da comunidade, numa determinada época (1970-1985) como um estigma, um complexo de inferioridade pelo próprio *habitus* incorporado pelos descendentes, passa a ter o significado de orgulho - de ser um povo que tem tradição, *cultura.*

Nesse período de *descoberta* pela mídia de *uma certa comunidade perdida*, alguns jornais e revistas citam como manchete *o elo perdido*[227], e fazem ressurgir um certo encantamento pelo lugar, pelas pessoas que vivem em tal lugarejo, pelo dialeto trentino. Pessoas da região de Piracicaba que nunca tinham ouvido falar da *comunidade tirolesa de Piracicaba* acabam sendo instigados a conhecer um tal *elo perdido, e* pessoas da região de Piracicaba que já conheciam a comunidade passam a se surpreender por não saber que os tiroleses tinham tanta *cultura*, isto é, cultuaram uma tradição secular, um dialeto fossilizado em relação à Europa, porém vivo em terras brasileiras. O *Circolo* e a comunidade passam a receber cartas e mensagens de outras comunidades de descendentes italianos e tiroleses de outros Estados do Brasil (Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, etc.) parabenizando-os pela fundação e à todos os membros *conterrâneos trentinos*. Como se tudo isso fosse pouco, a comunidade tirolo-trentino passa a receber também, notícia em Trento, na Itália.

---

[225] Os membros da comunidade em estudo reconhecem o seu dialeto como tirolês, por causa da origem de seus antepassados, e não reconhecem o nome existente na literatura pertinente: dialeto trentino.

[226] No começo do século XX havia muitos núcleos de imigrantes em Piracicaba: espanhóis, alemães, japoneses, portugueses, entre outras nacionalidades. Muitos imigrantes foram atraídos à cidade de Piracicaba pela grande quantidade de plantação de café e posteriormente pela cana-de-açúcar, que fazia com que a cidade tivesse usinas de açúcar, etc.

[227] Revista: "O Elo Perdido" in*: Conexão Paulista* (Jornal de Piracicaba). Junho de 1997. Ano 1, N.º 3. P. 18.

Segundo os nossos informantes e os relatos de Vitti (1993) a surpresa da *descoberta* desse *elo perdido* se deu principalmente na Itália, pois acreditavam que aqueles imigrantes tiroleses que deram origem, sobretudo no bairro de Santana, tinham morrido num naufrágio antes de chegarem ao Brasil, no ano de 1877. O naufrágio ocorreu, mas no regresso do Brasil à Itália, portanto, aqueles imigrantes que foram dados como mortos, geraram muitos descendentes e o mais interessante, permanecem com os costumes e as tradições se mantendo num enclave tirolo-trentino inserido no município de Piracicaba.

A comunidade tirolo-trentina passou a se orgulhar de si mesma por sentirem-se como pessoas valorizadas pela cultura de origem, pelo contexto da imigração e, por manterem viva a memória dos velhos imigrantes, os seus costumes, as suas tradições, a culinária, a religiosidade forte da comunidade, e, sobretudo, por conservar o dialeto trentino. Era sinal de que tinham *cultura*, tinham *tradição e jamais podiam ser ignorantes*, a diferença entre eles e outros da região era simples: tinham conservado o seu *ethos* de descendentes imigrantes tiroleses.

Com esse euforismo, as professoras descendentes tirolesas que atuavam, naquela ocasião (a partir de 1988) na escola estadual da comunidade, começaram também a valorizar a cultura local e tentaram desenvolver trabalhos no ambiente escolar e/ou extra-classe relacionando a história cultural, social, econômica e lingüística da comunidade à do mundo externo. Aquelas professoras descendentes tirolesas estavam tentando resgatar a cultura local através de tarefas aos alunos em todas as disciplinas curriculares. Como ilustração, elas utilizavam a quantidade dos ingredientes das receitas da culinária tirolesa, a cucagna, por exemplo, para a realização de operações matemáticas (somar, subtrair, multiplicar - caso essa comida fosse preparada para cinco famílias, etc.). Além de mostrar que algumas comidas se faziam de formas diferentes entre um bairro e outro (Santana e Santa Olímpia), porque os velhos imigrantes sempre conservaram as *marcas das diferenças* dos lugares de onde tinham emigrados.

As professoras ressaltavam para aquelas crianças que as pequenas diferenças entre os lugares foram conservadas, como forma de uma possível identificação e rememoração com o local de *origem* por parte dos velhos imigrantes. Como já comentamos, essas diferenças foram passadas de geração em geração, com a intenção de recordar as tradições trazidas pelos seus antepassados, além de conservar os *princípios de di-visão* que estabelecia assim as identidades de cada bairro. Dessa forma, na aula de Língua Portuguesa, as redações eram escritas em português e depois transcritas para o dialeto trentino falado pela comunidade, como língua viva, diferente da

Itália, onde certos traços fonológicos, lexicais do dialeto já desapareceram. A intenção entre os membros da comunidade e das professoras descendentes era mostrar para as crianças do ensino fundamental que os velhos imigrantes dos bairros também tinham léxicos e marcas fonológicas que estabeleciam as diferenças entre eles e rememoravam significados presentes em representações mentais relacionando signos oriundos do lugar dos seus antepassados.

Todas as atividades desenvolvidas pelas professoras descendentes tirolesas tinham uma relação muito forte com a comunidade, que envolviam os pais, os avós, além dos entrelaçamentos diretos com a *história viva* (vivificada pelos antepassados), como por exemplo, a relação social, política e econômica de seus bisavós que gerou a imigração para o Brasil, os fatos, as poesias, as lendas, a religiosidade, enfim, tudo que pudesse dizer respeito em relação aos antepassados. Poderíamos julgar que são verdadeiras aulas de História, Geografia, Matemática, Português, Ciência (uso de ervas utilizadas pelas avós, pela falta remédios fabricados, a relação da sexualidade e a religiosidade vivida pelos avós, etc.) Portanto, contos e *causos* passados de geração em geração dos velhos imigrantes eram agora estudadas no ambiente escolar e relacionados ao mundo atual.

Entretanto, as demais professoras da escola - as não descendentes tirolesas não se sentiam motivadas para tais atividades e tampouco se interessavam pela cultura daquela gente como elemento a desenvolver em ambiente escolar. Dessa forma, sem dúvida nenhuma, gerava-se um certo conflito entre professoras locais e não locais e também entre os alunos - pois, queriam ser alunos das primeiras. Um informante nos revela:

> *"(...) não só ensinam o que é obrigado a aprender na escola, mas a gente estuda aqui na escola coisas nossa, do nosso povo, dos nossos avós. Veja só... eu estou tão acostumado ouvir meu avó falar o tirolês que não tinha percebido que lá em Santa Olímpia se fala diferente porque os velhos queriam conservar coisas do lugar de onde vieram. Não é bom ouvir coisas que a gente entenda o que acontece aqui? Por isso é muito mais gostoso assistir as aulas das professoras daqui, da nossa comunidade, da nossa gente..."*[228]

[228] Aluno do segundo ciclo (quarta série) do ensino fundamental, 1995.

O ensino/aprendizagem ocorria num processo de troca entre alunos e professoras, por isso o aluno da comunidade achava mais interessante a aula das professoras do local que as professoras externas. O que estava ocorrendo na escola dos tiroleses a partir da década de 90 do século XX, era o que muitos chamam de Educação Intercultural. Conforme Lluch, (1998, p.54): "a educação intercultural, a igualdade, a justiça e o direito à diferença constituem os princípios fundamentais que sustentam um modelo de educação que visa à construção, pelos alunos e alunas, de seus valores de forma racional e autônoma".

A interculturalidade possibilita a interação de culturas com a mesma igualdade, respeito e valorização entre elas, não se admite que uma se sobreponha a outra como sendo melhor ou pior. Mas para se chegar a interculturalidade deve haver a interpretação, o entendimento, a compreensão e o diálogo entre professores e alunos que freqüentam a escola, numa tentativa de compreender os significados dos valores culturais de seus alunos.

Buscar a construção e compreender os valores locais é fundamental para se ter uma educação intercultural. A este propósito Iturra (1990:53-54) define que o saber particular é a memória cultural e o saber universal está centrado na memória nacional. Enfatiza que o pensamento local sempre "tem uma teoria, uma explicação do universo e dos outros seres humanos não locais, que provem do conceito universalizante de 'os outros', ou mesmo 'os próximos" (Iturra, 1990, p.53). Através dessa teorização, em que o "livre arbítrio" permeia o cultural, e marca a responsabilidade para com os outros, constrói-se as características de cada pessoa. No entanto, "é esta memória cultural que entrega um saber local feito de experiência, da qual virão a sair conceitos que são apagados pela memória nacional" (Iturra,1990, p.54). O fato é que todo saber particular da memória cultural acaba sendo desprezado pela memória nacional e a escola cumpre aí um papel central. Isto significa que o saber que a criança leva à escola, seja ela descendente de grupos étnicos ou não, com uma cultura ou uma linguagem peculiar diferente daquela da cultura ou língua nacional, acaba sendo estigmatizada pelo corpo docente que tem uma única preocupação: a conservação da memória nacional, aquela que deve levá-lo a compreender a nação, o universal, a subordinação e não à perceber o seu mundo, o seu redor juntamente com o universal, com o erudito. "A memória nacional reeduca a cultura, universaliza-a desloca-a de uma problemática de que a criança faz parte para uma onde é tratada como se fosse uma tábua rasa" (Iturra,1990, p.55).

Ao questionar as professoras locais sobre a facilidade ou dificuldade em estar trabalhando no ambiente escolar (anos antes da imposição da nova lei de diretrizes e bases de 1997, que lhes dá o aval a trabalhar com a pluralidade cultural), uma dessas professoras nos relatou que:

> *"O que dificulta o nosso trabalho é que não existe uma ajuda da direção e de outros professores que não têm a nossa cultura, porque não acha interessante. Quando eu fiz o trabalho – aquele que se transformou em livrinho, 1995, as redações das crianças no dialeto e no português, ninguém me elogiou, fiz porque amo muito os meus alunos e a cultura do meu bairro, da minha comunidade. Foi muito sofrido o meu trabalho porque tive muitos empecilhos. Inclusive da direção. Ela achou ruim com aquela minha retomada de tradição através do dialeto... veja o meu conflito, me senti na obrigação de mostrar aos meus alunos que a nossa língua, a nossa cultura é interessante, é bonita*[229]*..."*

O trabalho ao qual a professora se referia eram textos produzidos em português, por seus alunos de quarta série do Ensino Fundamental, e que foram recolhidos, corrigidos, refeitos novamente pelos alunos. Cada um deles deveria procurar um tradutor (o pai, o avô, a tia, um parente) que os ajudassem a passar a redação em português para o dialeto trentino falado na comunidade. Aquelas coletâneas de textos do português e do dialeto formaram um livro com o nome *"Belle Portrente",* cujo significado seria "Belo Português e dialeto trentino". No final do ano letivo, houve uma festa e as crianças levaram suas redações aos pais, avós, enfim àqueles parentes que também tinham colaborado com a produção dos textos. Com isso a professora integrou a comunidade e a escola, retomou a história da comunidade, além de estar trabalhando a língua portuguesa e o dialeto trentino, tudo ao mesmo tempo. Entretanto, a direção e as demais professoras (não descendentes tirolesas) não conseguiram aceitar esse trabalho. Abaixo está um dos textos produzidos por uma aluna, cuja versão do dialeto foi feita pela própria criança sem a ajuda de seus parentes, daí encontrarmos palavras do português misturadas ao dialeto.

[229] Professora da comunidade, descendente tirolesa, 30 anos de idade.

Certa manhã, ensolarada, uma menina chamada Alesandra foi passear.[230]
Quando saiu de casa viu um menino chamado Alexandre.
Alexandre viu Alesandra e o cumprimentou:
-Oi, tudo bem com você?
Ela muito entusiasmada respondeu:
-Eu estou bem e você?
Conversa vai, conversa vem, foram passear juntos.
Mais tarde Alexandre falou pra ela:
-Gostei muito de você, quer namorar comigo?
Alesandra meio encabulada respondeu:
-Não sei agora, mas amanhã te darei a resposta, tchau.
No dia seguinte Alesandra estava nervosa, porque queria ver Alexandre e dizer que aceitava seu convite.
Depois de um tempo de namoro os dois casaram-se e tiveram dois filhos. Um se chamou Júlia e outro Matheus.

Tradução da redação da aluna escrita no dialeto trentino falado pela comunidade.

Certa Matina, ben ensolarada, una matelata que gaveva el nom de Alesandra lei nada a far un passeio.
Quando la neva for de la so cá, la vist un matelot, quel gaveva el nom de Alexandre.
Alexandre la vist Alexandra e lé na a saudá-la:
-Oi, tu ben com ti?
Ela com tan rispet la ga dit:
-Estago bem, e ti?
Parla Qui, parla li, el na a passear en cena.
Piu tarde Alexandre la dit per ela:
-Son gosta massa de ti, te voi far la mor com mi?
Ela massa com rispet la ga dit:
- No só ades, ma doman te dago la resposta.
Naltro di ela no vedeva la hora de veder-lo. La neva dir sel voleva a far la mor com ela.
Dopo de um bom tempo is a maridá, iá gabu do fiol que igaveva el nom de Julia e naltro de Matheus.

[230] Redação "O amor de duas crianças". Escrita por uma aluna do quarto ano do ensino fundamental.

Fig. 42 - Desenho elaborado pela aluna no final de sua redação – 4ª série, 1995.

Hoje, toda e qualquer data comemorativa, seja ela escolar ou litúrgica, é comemorada e representada na escola. Da mesma forma que a comunidade brinca o carnaval e come a cucagna, as crianças e professoras fazem o carnaval no ambiente escolar na sexta-feira que antecede ao carnaval. As crianças vão à escola, prepararam a comida, brincam o carnaval por uma hora mais ou menos, como se fosse um baile de carnaval e depois se sentam todos juntos ao redor da mesa da merenda e comem a cucagna. Outro exemplo é a Páscoa, que também é relembrada no ambiente escolar. Antigamente, os velhos imigrantes e as gerações seguintes não tinham ovos de chocolates que representassem a Páscoa, então a solução era cozinhar ovos de galinha, pintá-los e dar aos filhos como sinal de prosperidade. No ambiente escolar as crianças levam os ovos cozidos (com a casca) e os tingem com flores e folhas. Na semana que antecede a páscoa, os ovos decorados pelos alunos são expostos e depois eles levam para casa, deixam expostos num lugar da sala de sua casa, significando prosperidade.

Figura 43 - Os próprios estudantes levam as plantas que serão usadas para o tingimento. Foto: Jornal de Piracicaba – 1997.

Figura 44 - As cores da natureza e o símbolo da renovação, verdadeiro significado da Páscoa. Foto: Jornal de Piracicaba – 1997.

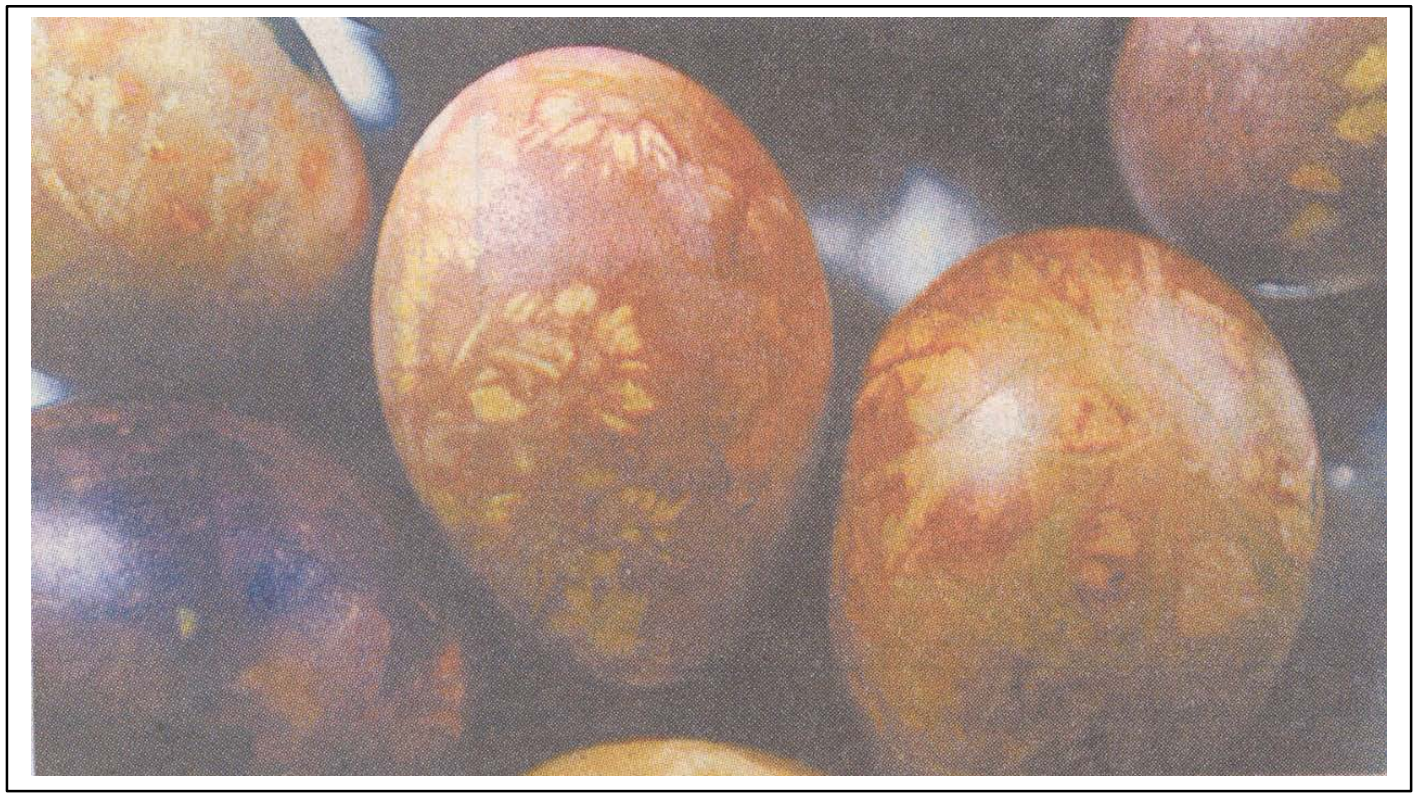

Figura 45 - As cores da natureza e o símbolo da renovação, verdadeiro significado da Páscoa. Foto: Jornal de Piracicaba – 1997.

Atualmente, o trabalho realizado no ambiente escolar com textos, jograis, as comemorações, as atitudes desenvolvidas nas disciplinas, reflete a vida daqueles imigrantes. Na aula de História, de Geografia, de Matemática, as professoras trabalham com receita de comidas típicas trazidas pelos alunos para ensinarem seus conteúdos. Dependendo da direção da escola e do seu incentivo, os desfiles de Sete de Setembro são realizados com trajes típicos e com a intenção de homenagear a pátria que receberam seus *nonos* quando aqui chegaram - o Brasil.

Os procedimentos dessas professoras nada mais são que estratégias para conscientizar os alunos da cultura de seus antepassados e retomá-la na experiência do cotidiano. As professoras locais relataram diversas vezes, sobre o descaso de professoras que não pertencem à comunidade, e tampouco se interessam pela sua cultura.

> *"Os professores que vem de fora, tem apenas o interesse em saber o significado das palavras que as crianças falam na escola: laica, brut, barea*[231]*... Só isso. Por exemplo, as atividades parte de nós, professoras da comunidade, as de*

[231] *Laica* [preguiça], *brut* [ruim, desgosto], *bareia* [ruim, para falar de alimento, por exemplo, *"a sopa está barea"* [a sopa está ruim].

> *fora não tem interesse de participar, não querem nem saber para passar para seus alunos. Preferem ignorar tudo. Às vezes elas participam, mas quando já está tudo pronto. Elas não dão continuidade em nosso trabalho e pior ainda, o ano que vem os meus alunos vão para outra série, é outra professora sei que ele não terá continuidade do meu trabalho*[232]*...".*

Na pré-escola[233], onde as crianças de seis anos estudam, a professora que não tem descendência e não conhece a cultura tirolesa, mas sentiu a necessidade de pedir ajuda à sua auxiliar, devido a própria exigência dos alunos. Numa das atividades extra classe[234], tivemos a oportunidade de participar e observar que a auxiliar da professora (e merendeira) fez o papel da professora no percurso da estrada. É interessante dizer que ela contou a história de algumas árvores ditas como centenárias, explicava a importância da natureza, da cana-de-açúcar, como sobrevivência *"o ganha pão"* dos velhos, relatou uma história engraçada que os nonos contavam sobre assombração (contos e lendas), etc. Para a nossa surpresa, a professora (titular) prestava atenção e não dizia nada, enquanto os alunos "fingiam" que nada conheciam, nada sabiam daquela cultura, admirando-se e surpreendendo-se com as histórias contadas pela "professora" auxiliar:

> *"Vejam esta árvore tem mais de cem anos, conta-se que os nossos nonos plantaram essa árvore... Aquela casa é nova, mas veja esta ao lado, os velhos que vieram lá da Europa moraram ali por muitos anos..."* [235].

Convém notar que a auxiliar não é descendente tirolesa, mas ela é casada a dez anos com um descendente tirolês, e em sua fala nota-se que ela incorporou a identidade do marido e de seus filhos. Quando dizem "os nossos nonos, aqueles imigrantes" eles passam a ser "avós" dela também, daí o motivo de ela exercer tão bem o papel de professora naquele momento. Era a identificação da auxiliar com o *habitus* dos alunos, com o lugarejo e com a memória local.

---

[232] Professora do ensino fundamental (descendente tirolesa), 31 anos de idade.
[233] Existe apenas uma classe na escola que comporta aproximadamente, quinze alunos de 6 anos de idade.
[234] Comemoração do dia da ecologia, 5 de junho de 1998.
[235] Auxiliar da professora da pré-escola, 29 anos de idade.

Fig.46 - Passeio ecológico dos alunos da pré-escola 5 de junho de 1998.

O que ocorre na *escola dos tiroleses* de Piracicaba é uma troca de culturas, tal como se dá na educação intercultural, por isso os alunos do ensino fundamental, sentem-se mais estimulados a irem à escola, como muitos alunos nos disseram. A interculturalidade possibilita a interação de culturas com a mesma igualdade, respeito e valorização entre elas, não se admite que uma sobreponha-se à outra como sendo melhor. Mas para chegar-se à interculturalidade deve acontecer a interpretação, o entendimento, a compreensão e o diálogo entre professores e alunos que freqüentam a escola para não correr o risco de tratar a diversidade cultural como um mero folclore, sem que o professor compreenda os significados dos valores culturais de seus alunos.

Numa escola que seja tradicional, o ambiente escolar não contempla a cultura do outro, ou mesmo, tal como acontece com as professora externas que lecionam na comunidade tiroles. A escola e os professores não conseguem chegar até o aluno, e o que ocorre é um conflito de duas culturas que se opõem e não se complementam em pé de igualdade. A fronteira entre uma educação e outra está justamente na diferença de uma cultura a outra e no respeito mútuo entre ambas. O que acaba ocorrendo na educação tradicional ou ainda, oficial, é o desencontro entre a cultura local e a nacional. A grande diversidade da realidade brasileira conta com grupos portadores de saberes próprios e, é este saber que a criança primeiramente aprende: observa,

memoriza, fala com uma linguagem particular de sua região, de seu grupo e vive efetivamente aprendendo com os adultos, com os mais velhos de sua comunidade, de seu grupo, de sua casa. Sua cultura e linguagem acabam, no entanto, sendo desprezadas pelos professores que tentam homogeneizá-los enquadrando seu saber apenas, com base na cultura nacional.

Sabemos que o professor, ou melhor, a escola como um todo, nega e despreza a cultura/a linguagem da criança/adolescente, como se ela não conhecesse nada e que somente a escola lhes pudesse dar o saber único e legítimo, negando todo o saber local que cada grupo étnico, cada criança traz para dentro da escola. A este respeito Iturra, (1990, p. 58) escreve: "o problema que se apresenta à criança é encontrar um outro adulto, uma outra figura que joga dentro da sua tipologia, e que ensina uma realidade que não vê, ou vê de uma maneira conflituosa. É a passagem da dialética à escolástica".

Dificilmente é feita a passagem da cultura local à universal, da memória cultural à memória nacional, por isso é que o professor toma somente a cultura nacional ou universal como se fosse o único e verdadeiro saber, o qual deve ser passado a todas crianças/adolescentes do ensino fundamental e médio para torná-los cidadãos e racionais. O professor consegue enxergar só a si mesmo, isto é somente a cultura oficial que o formou e que tenta passar aos seus alunos e muitas vezes, estigmatizando e rejeitando. Tudo aquilo que vem com eles e que diz de sua identidade e pertencimento. Nesse aspecto Iturra (1990, p.59) é bastante claro quando diz que "a escola representa um saber positivista perante um saber cultural, (...) o valor da aprendizagem[236] não é a doutrinação da história conjunturalmente definida como verdade, mas a compreensão do acto de aprender, isto é o valor de aprendizagem fica na discussão do contexto que a criança vive e tal como ela é".

Entretanto, a partir de 1997, os conflitos na escola brasileira passam a ser amenizados, devido a Lei Federal que estabelece a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (a

[236] Para Iturra ensino seria o que já se tem, é uma prática de transmitir um conhecimento seja ele resultado da investigação ou da ideologia, enquanto na aprendizagem a iniciativa é da criança que está sendo introduzida ao mundo histórico: "O ensino é repetir, criando uma subordinação; a aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação" (Iturra, 1919 , p.3l)

nova LDB), de dezembro de 1996, estipula no Capítulo III do artigo 26 [237] estipula o seguinte: "os currículos de ensino fundamental e médio têm uma base nacional comum, que pode ser complementada em cada sistema de ensino e, se for o caso, em cada escola, com uma parte diversificada, conforme as características regionais e locais da sociedade, de cultura, de economia e da clientela" (cf. Brasil, 1996, art.26).

Observamos que a partir da imposição da lei federal, da nova LDB, com os parâmetros curriculares nacionais e com os temas transversais, as professoras externas à comunidade tirolo-trentina se sentiram *obrigadas* a trabalhar com as características locais, entretanto, muitas ainda não sabiam como trabalhar e outras não viam muitos significados, porque acreditavam que só reafirmavam a cultura dos bairros, e que uma *boa escola*[238] é aquela tradicional que realmente prepara o aluno para um vestibular, ou que lhe dá aptidões para buscar um emprego digno futuramente, mas o mais importante é que a escola *"lhe dê cultura"*, ressalta a professora externa.

A palavra *cultura* nas palavras da professora não tirolesa, sem dúvida nenhuma, significava apenas a cultura nacional, sendo excluído tudo o que não condiz com o padrão estabelecido de uma sociedade dominante, além de hierarquizar a cultura, essa professora reafirmava a estratificação negando a cultura local.

Como comentamos, a partir da década de 90, do enfoque dado pela comunidade numa valorização cultural/lingüística, as professoras locais assumiram também no ambiente escolar a tradição, costumes dos velhos, enfim o *ethos* da comunidade de descendentes imigrantes, assim como o seu *habitus* (vivificada do lugarejo) admitindo que ali também pode-se encontrar o *locus* do saber; a riqueza das culturas adquiridas ao longo da vida (a local, vivida na infância e a nacional, adquirida na vida adulta, como professoras) e que utilizam como ferramentas em suas aulas, numa valiosa experiência de educação aprendida em casa, com os avós e pais - nas próprias observações e experiências (da infância) e nas lembranças dos avós - velhos imigrantes. É o que Vieira (1996, p.136) denomina de professoras *transfugas* (ou *transfuges*) e afirma em suas pesquisas, que este tipo de professoras "aceitam contudo que as culturas, estas e outras são diferentes, mas não hierarquizáveis. A sociedade sim, essa estratifica-se. A cultura não. A normalidade da cultura reside justamente na heterogeneidade."

---

[237] O Ensino Fundamental e Médio está pautado na Lei Federal nº. 9.394, de 1996 - Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. (LDB).
[238] O termo *"boa escola"* foi utilizado numa entrevista por uma professora externa, no ano de 1998.

Sabe-se que a instituição escolar contribuiu para homogeneizar e reforçar a cultura nacional, ou seja, a cultura dominante, e consequentemente, enfraquecer a cultura local, ou especificamente, toda e qualquer cultura e linguagem que se apresente diferente da dominante. Muitas vezes chega-se até a estigmatizar uma dada cultura por diferir daquela do âmbito escolar, entretanto, a sociedade em si é marcada pela diferença e pela pluralidade cultural.

As diferenças culturais existentes entre a cultura nacional e as das minorias étnicas (as quais não são poucas nesse imenso Brasil) é um dos aspectos do multiculturalismo, e acredita-se que com a imposição da referida lei, a dos temas transversais (pluralidade cultural), possam as mesmas, dar conta da pluralidade existente no ambiente escolar. Portanto, a partir da vigência da lei, os parâmetros curriculares nacionais começaram a ser pensados numa sociedade com liberdade de expressão, pautando-se pelos valores culturais e sociais dos alunos/comunidades que freqüentam as escolas estaduais, que até então, não levavam em conta as diferenças. Tal reflexão passa pelos conteúdos escolares, e principalmente, pelo papel dos professores e dos alunos. Dessa forma, tornou-se necessário, considerar aspectos sociais, políticos, culturais, antropológicos e psicológicos para se ter um processo escolar próprio de uma sociedade democrática. Portanto, seria preciso conhecer melhor seus alunos, avaliar propostas metodológicas para atingir o sucesso escolar, isto é, rever os objetivos da escola procurando ter conteúdos significativos para seus alunos e toda a comunidade escolar.

Os parâmetros curriculares nacionais pressupõem o respeito às diversidades regionais, culturais, sociais, políticas existentes no Brasil construindo referências nacionais que possibilitem que os alunos do norte ou do sul tenham conhecimentos científicos gerais/universais, isto é um ensino/aprendizagem comum a todos os brasileiros, sem se esquecer que o professor também deve valorizar as diferenças culturais de seus alunos. Dessa forma, o currículo escolar precisa ser repensado em todas as escolas do Brasil: "currículo é um termo muitas vezes utilizado para se referir a programas de conteúdos de cada disciplina. Mas, currículo pode significar também a expressão de princípios e metas do projeto educativo, que precisam ser flexíveis para promover discussões e reelaborações quando realizado em sala de aula, pois é o professor que traduz os princípios elencados em prática didática. Essa foi a concepção adotada nestes Parâmetros Curriculares Nacionais" (Brasil, 1998, p.49).

Acredita-se que com o trabalho a partir do pluralismo cultural no ambiente escolar é possível garantir uma referência entre o currículo nacional e as culturas regionais para o ensino fundamental e médio, porque com os parâmetros curriculares nacionais os professores obtêm autonomia para criar projetos educativos para serem trabalhados em salas de aulas. Dessa forma, o professor poderá privilegiar a cultura local da mesma forma que prioriza a nacional, garantindo a construção da unidade, respeitando os valores culturais e sociais locais e, estando ao mesmo tempo contribuindo para que seus alunos sejam educados para a cidadania.

Neste aspecto, os documentos sobre a diversidade étnica e cultural são muito claros: "a escola deve ser local da aprendizagem de que as regras do espaço público democrático garantem a igualdade, do ponto de vista da cidadania, e ao mesmo tempo a diversidade, como direito. O trabalho com a Pluralidade Cultural se dá, assim, a da paz, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos universais e da cidadania compartilhada por todos os brasileiros. Esse aprendizado exige, sobretudo, a vivência desses princípios democráticos no interior de cada escola, no trabalho cotidiano de buscar a superação de todo e qualquer tipo de discriminação e exclusão social, valorizando cada indivíduo e todos os grupos que compõem a sociedade brasileira" (cf. Brasil, 1998, p.69).

Segundo ainda, tais documentos, para que se concretize, o que é proposto, é necessário que toda escola desenvolva uma proposta educativa, num projeto, que sirva como ponto de apoio ao trabalho que os professores queiram efetivar no ambiente escolar. Tal projeto pode ser refeito mediante a necessidade do ano letivo. Desta forma, a escola constrói a própria identidade pensando nos valores culturais e sociais, nos costumes, nas tradições, nas condições de seus alunos e da comunidade em que está inserida. O reconhecimento da existência de diferentes grupos imigrantes e de diversas origens e procedência em solo brasileiro, bem como de outros grupos, é um avanço para a educação que se pretenda ser democrática. Perceber questões tão relevantes para o ensino educacional está sendo e será de suma importância para a aprendizagem dos alunos.

Desta forma, está bastante claro, nos documentos dos PCNs, que a escola deve conhecer seus alunos, reconhecendo suas necessidade, suas expectativas, seus anseios, o seu cotidiano, enfim, o que eles fazem fora da escola, a fim de que os professores possam articular propostas significativas e assim atingir o objetivo, que é garantir a aprendizagem e o sucesso escolar, sem discriminação e preconceitos que possam estigmatizar seus alunos. "A escola, ao considerar a

diversidade, tem como valor o respeito às diferenças então o elogia a desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa, mas, ao contrário, fator de seu enriquecimento" (cf. Brasil, 1998:92).

Entretanto, só perceber e legislar nesse sentido, não basta. Não precisa ser especialista em Educação para saber que é preciso melhorar as condições físicas das escolas, materiais didáticos, estimular a participação de pais e alunos no meio escolar, ter acesso aos materiais tecnológicos, criar projetos, considerar os aspectos culturais e lingüísticos do aluno, sem que haja discriminação por parte de seus professores, enfim, dar um sentido lógico à comunidade que freqüenta a escola. Deve-se mostrar aos alunos que a escola tem a ver com seus valores culturais e sociais e que o ambiente escolar não seja algo tão estranho à vida da comunidade, alunos e pais, que freqüentam a escola. O lançamento dos temas transversais, sobre a pluralidade cultural, nos dá a impressão de que todo problema da diversidade cultural está resolvido, e o ambiente escolar será um local harmonioso, mas como observamos, na comunidade tirolo-trenitno, a situação não é tão simples assim. Pode ocorrer, conflito maior entre professores, direção escolar, e, sobretudo, estigmatizar ainda mais, os alunos apontando apenas para *flashes o*u aspectos fragmentados de sua cultura, como de alguém que sobe num palco de teatro para representar a cultura (estereotipada) do outro, apontando apenas as marcas, as diferenças, e assim, reforçar os estigmas diante de uma sociedade que tem por base a estratificação social, lingüística, etc.

Segundo o *multiculturalismo crítico* (cf. McLaren, 1997) um projeto de transformação social tem que ter como meta tratar com justiça, sem discriminação, a diferença do outro. Dessa forma, todas as crianças devem ter acesso a escola e serem aceitas em suas diferenças: social, política e étnica. Portanto, exige um trabalho que valorize, respeite a diversidade e a pluralidade do "outro". De acordo com Alves, E. (1998, p.60): "o multiculturalismo crítico tenta manter o equilíbrio entre a cultura local, regional, própria de um grupo social ou minoria étnica, e uma cultura universal, patrimônio da humanidade, visando ao equacionamento da relação entre a identidade e o itinerário educativo dos alunos provenientes das camadas populares".

Trabalhar no ambiente escolar com a cultura do "outro" é extremamente complexo, porque exige muita teoria do professor para depois passar não desvinculadora de uma prática permanente por parte do professor e deve levar em conta que o professor precisa primeiramente mostrar interesse e desejar dialogar com o "outro". Nas palavras de Mendlin (1998, p.13):

"conhecer o outro, desde os primeiros anos de formação, é o melhor meio de combater o racismo, pois aprende-se a amar e a admirar uma outra sociedade".

Nesta visão seria de extrema importância para o próprio grupo étnico (índio; negro; descendentes imigrantes europeus, como os descendentes tiroleses de Piracicaba; asiáticos; etc.) que o professor/educador pudesse estar dialogando com eles sobre suas próprias culturas, tradições, linguagem, enfim, tudo que possa ter significado para a clientela escolar. Como afirma Mindlin (1998, p.15) em relação a suas pesquisas com grupos indígenas "o ideal seria que, com o tempo, todas as escolas, indígenas ou não, pudessem introduzir as diferenças no currículo e no conteúdo de ensino, para levar em conta as diferenças regionais ou na origem e na composição dos alunos, ou para promover uma visão ampla da diversidade". Com os parâmetros curriculares nacionais a questão indígena, entre outros grupos étnicos, pode ser resgatada mostrando sua verdadeira realidade, discutindo e dialogando aspectos importantes como, por exemplo, econômico, político e social que os envolve.

Dessa forma, parece-nos que ao incorporar no currículo do ensino fundamental e médio questões relacionadas a diversidade cultural e social, as diferenças estariam resolvidas, consequentemente, o fracasso escolar acabaria; o professor/educador tentaria resgatar a auto estima de seus alunos, os quais levam, geralmente, à escola uma cultura e linguagem estigmatizada pela sociedade dominante. Assim, o professor estaria comprometido com a eqüidade, garantindo condições de aprendizagem a todos os alunos. Mas a complexidade desse processo é muito grande, pois, se o professor/educador não estiver bastante consciente e preparado para este desafio que é lidar com a pluralidade cultural, o seu trabalho em relação a cultura do "outro" será um desastre, um caos, e poderá estigmatizar ao outro ainda mais.

Para se ter o equilíbrio entre a cultura local e a universal, é necessário o trânsito de culturas, isto é, que a cultura local e a universal possam ser facilmente "transitável", dialogando, respeitando uma à outra dessa forma, é possível ter uma educação intercultural. É neste ponto que está um dos perigos dos parâmetros curriculares nacionais: a maioria dos professores da rede pública não está preparada, não teve uma formação acessível a um tema tão complexo a ser trabalhado no ambiente escolar - o pluralismo cultural. Pode-se cair na contradição, no paradoxo em pensar que se está combatendo o racismo dentro da sala de aula e, no entanto, estar levando os costumes, as tradições, a cultura do índio, do negro, dos descendentes imigrantes tiroleses, por

exemplo, dos asiáticos, etc., de forma folclorizada, estereotipada e não numa visão de interculturalidade.

Mostrar o modo como vive um determinado grupo, apontando apenas parte de cultura de sua cultura, como recortes ou "flashes" para mostrar como vivem, pode-se cair num dos aspectos do folclore: aquele que revela a forma exótica, primitiva de um grupo, povo, ou região. O termo, portanto, acaba sendo utilizado de forma radical para relembrar fatos e ações, dos costumes, tradições da cultura dos ancestrais de um povo e jamais da vida cotidiana atual (presente/passado) de grupos étnicos existentes no Brasil. A função e as propostas dos temas transversais, do pluralismo cultural é combater o insucesso escolar, no sentido de revelar ao aluno que a escola tem um profundo significado para ele e toda a comunidade que a freqüenta.

Entretanto, sabemos que entre o discurso e a prática existe uma grande diferença e, neste sentido, numa visão de interculturalidade, como afirma Valente (s.d.) deve-se "impedir que se desconsidere a dinâmica do processo cultural, implicando transformação e reinterpretações, e evitar os deslizes que enfatizam os aspectos mais superficiais e folclóricos da 'cultura dos diferentes', são aspectos importantes a serem ressaltados na formação dos professores que se pretende oferecer".

Em relação aos grupos étnicos de descendentes de imigrantes tiroleses de Piracicaba, ou ainda de outros, tais como, os de descendentes negros, enfim, grupos marcados pela diferença, deve ser pensado e repensado, no sentido de ser investigado, conhecido pelo professor, antes de ser trabalhado no ambiente escolar, pois se isto não ocorrer, o ensino pode cair em uma armadilha e ser folclorizado. Portanto, o pluralismo cultural não pode ser utilizado, ele existe, a questão é reconhecê-lo e trabalhar com ele enquanto matéria-prima do processo de ensino e isto envolve, o como se trabalha.

Um dos fracassos da educação tem sido o não ter em conta a cultura local, a diversidade cultural de nossos alunos, mas para que a escola se tornar um sucesso (no sentido de ser um espaço de diálogo de culturas diferentes, e não conflituosa), um lugar de se ter o ensino/aprendizagem é necessário que os professores/educadores saibam construir o universal partindo do particular, das diferenças de seus alunos. Importa não cair nas armadilhas de um tema tão complexo quanto às diferenças, tornando-o um assunto meramente banal, simples demais, ou ainda enquanto temas e realidade exótica ou folclórica. É preciso que professores/educadores trabalhem as diferenças da cultura de sua cidade, de seu bairro, de sua

comunidade no ambiente escolar, nas salas de aulas a fim de ter uma referência de cultura cotidiana da própria criança/adolescente e que através desse dialogo, possa existir uma ponte entre o currículo nacional e o regional.

O caso da relação entre as professoras locais com a comunidade tirolo-trentina do município de Piracicaba e o papel da escola no processo educativo do grupo, apesar de todas as contradições existentes, revela um caminho possível, numa educação verdadeiramente intercultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "Quando se fala de insucesso escolar, está-se a falar de uma técnica de entregar, de devolver o saber, que tem a ver com uma outra que se chama teorizar de uma forma escrita, e abstrair o real para uma teoria. Essa teoria é uma teoria unificadora, subordinante, que é dada como uma verdade oficial aos estudantes. E então aí que se fala de insucesso. Mas não será que as sociedades sendo heterogêneas como são, não terão diversos conhecimentos que não estão teorizados no ensino oficial?"
>
> Raul Iturra[239]

Nos primeiros capítulos vimos quais foram os aspectos políticos, sociais e religiosos que favoreceram a expulsão dos imigrantes do norte da Itália e sul da Áustria para o Brasil. Por outro lado, observamos quais eram as condições precárias com que os fazendeiros brasileiros recebiam os imigrantes estrangeiros, deixando-os quase que na condição dos escravos negros.

Dentro de nossas limitações, buscamos delimitar as ações e as relações que em situações de um passado mais distante que foi reconstruído através dos manuscritos deixados pelos imigrantes e descendentes das primeiras gerações. Os relatos orais relevaram aqueles que puderam vivenciar o trabalho da roça, a forte religiosidade do grupo, a formação dos núcleos familiares, e o entretenimento visando que os membros mais jovens não sentissem necessidade de deixar a comunidade ou ir à busca de divertimento fora dela. Dessa forma pudemos nos deparar com estratégias criadas e inventadas pelos membros líderes - mulheres catequistas e religiosos em representações simbólicas que envolviam o grupo, como um todo, num poder simbólico e mental, capaz de unir e referenciar a vida comunitária.

Vimos que a organização familiar e a sobrevivência do grupo de descendentes tiroleses eram asseguradas pelo trabalho árduo da lavoura, da policultura, das criações de porcos e cabras. Muitos desses produtos eram comercializados, outros faziam parte de um escambo (trocados por latas de sardinhas, pedaços de bacalhau, etc. - coisa que não se produzia na comunidade), e uma boa parte dos produtos serviam para o consumo direto do grupo. Os consumos dos produtos eram regulados, os trabalhos dos colonos e lavradores eram intensos e a solidariedade se fazia necessária para que tudo fosse resolvido dentro do grupo, principalmente os casamentos que

[239] Iturra, Raul. *Fugirás à escola para trabalhar a terra*. Lisboa: Escher Publicações. 1990. p.64.

deviam ser com os descendentes de "origem". Isso reforçava ainda mais o crescimento populacional e fortificava o enclave tirolo-trentino.

Também constatamos que todo o processo político, cultural, religioso, econômico se fundamentava no âmbito familiar, sendo que todos esses aspectos eram liderados pelas mulheres catequistas. Dessa forma, havia todo um controle do grupo, numa educação que os fortificavam e reforçavam a ficar, permanecer no grupo: uma educação da memória, criada em imagens mentais numa memória político-religiosa.

Buscamos compreender a memória no imaginário dos indivíduos que conviveram com diferentes gerações dentro do grupo de descendentes. Observando o presente pelo passado, foi possível definir e redefinir no tempo a vida comunitária, tentando apreender o passado coletivo do grupo. É como se pudéssemos locomover a memória no tempo, e no espaço, fazendo-a viva com todas as representações presentes. Foi nesse movimento que reconstituímos o *ethos do grupo,* não mais como imigrantes, agricultores, ou de um povo que quisesse salvaguardar o lugar e os seus filhos do *Mal*, discurso presente na época em que os freis capuchinhos eram os *guardiões* daquele local. Tentamos reconstruir o *ethos* do enclave tirolo-trentino através da preservação dos costumes, da culinária, do dialeto, enfim, toda a tradição, mesmo aquela criada, recriada, *inventada* para que ainda se tenha o lugar tido como o enclave tirolo-trentino ou como *"Comunità trentini"* (como eles preferem ser reconhecidos hoje) em Piracicaba.

Interpretamos o grupo numa dimensão de lavradores, de religiosos católicos, como um povo trabalhador e lutador, que a partir de seu *habitus* e de seu *ethos* conformou e manteve seu enclave. Tudo isto contribuiu para apontar o *ethos* do grupo no cotidiano atual, presente do presente, nas tradições atuais agora re-definidos, cristalizando, marcando as diferenças e o vínculo social dentro e fora do enclave tirolo-trentino.

É sempre como processo em movimento, em busca da solidificação de uma identidade social, que os membros da comunidade constróem suas relações sociais e lutam, tentando encontrar estratégias para manter o próprio enclave, frente às mudanças ocorridas no tempo e no espaço, dentro e fora da comunidade, pois, jamais permaneceram estagnados ou isolados no espaço e no tempo. É nesse aspecto que o *ethos* se reconstrói, juntamente, com a arte da memória do grupo, reconstruindo dinâmicas atuais. Tentamos, neste aspecto, mostrar as diferenças existentes entre os dois bairros tiroleses, em seus aspectos lingüísticos, culturais, porém percebemos que de um modo geral, ocorre muito mais homogeneidade do que a heterogeneidade

entre os bairros. Entretanto, as insistências entre eles foram sempre de ressaltarem que são extremamente diferentes em vários aspectos. Ao nosso ver, tal afirmação nos revela ainda mais que as próprias diferenças entre eles, de fato, é uma forma de se reafirmarem ainda mais como dois grupos distintos de imigrantes tiroleses, onde a "competição" é algo estratégico, uma forma de ritual, onde, na verdade, não existe realmente uma disputa entre os bairros, nem tampouco uma competição, porém, agindo dessa forma, eles fortalecem ainda mais suas tradições para haver as diferenças em relação aos de fora da comunidade.

Neste aspecto, em relação aos de fora, o grupo define sua identidade a partir da diferença em relação ao outro, aos não descendentes tiroleses. E suas estratégias estão de acordo com os tempos atuais, pois quando criam e *inventam suas tradições* (dança, coral, vestimentas, monumentos, etc.) estabelecem sua divisão com o global, valorizando o local. Reverte sua marca de estigma para algo que se possa julgar como um povo que tem tradição, e seus valores são mostrados como de um povo que trouxe os costumes dos velhos imigrantes tiroleses, austríacos, enfim, europeus. E todas as dinâmicas da comunidade, sem dúvida, são vivenciadas na escola da comunidade pelas professoras locais, como vimos, porém não alcança ainda todo o corpo docente e administrativo.

Não fizemos um estudo profundo a respeito das várias abordagens e definições que podem implicar a palavra *multiculturalismo, diversidade cultural, interculturalidade*, entre outras denominações como forma de trabalho no ambiente escolar, na sala de aula. Talvez este seja um assunto para os estudos posteriores. Uma pesquisa desta natureza necessita de uma abordagem muito ampla que não caberia no momento. Entretanto, julgamos necessário apontar a forma como as professoras locais sentiram necessidade de trabalhar com os seus alunos, mesmo elas não sabendo que estavam utilizando uma abordagem da intercultural. Ao tratarmos desta discussão neste trabalho, tivemos por preocupação a descrição a respeito dos aspectos educacionais vivenciados na comunidade tirolo-trentina, tentando mostrar que a escola e a comunidade têm uma enorme necessidade de trabalharem juntas. O trabalho conjunto revela-se como um caminho possível para uma educação transformadora.

Dessa forma, *a pluralidade cultural* como parte dos *temas transversais*, incorporados aos *parâmetros curriculares nacionais*, foi um avanço da educação brasileira. No propor o trabalho com as diferenças culturais no ambiente escolar em busca da eqüidade entre diferentes. Entretanto, é preciso ficar atento para não cair nas armadilhas que o próprio tema das diferenças lhe traz. Além disso, se o professor/educador enxergar a criança apenas como se ela fosse uma *tabula rasa*, desconsiderando ou rejeitando a variedade lingüística e a cultura local, que esta vivência, e também desconsiderando *sua memória cultural* como afirma Iturra, sem dúvida a criança (aluno) poderá ser estigmatizada dentro de sua própria escola pelos professores, que não a vêem como alguém capaz de pensar, sentir, refletir, e que ao longo de sua vida (mesmo com 7 anos de idade) já é um ser que possuí linguagem e cultura, base essencial de compreensão e respeito humanos.

A comunidade tirolo-trentina de Piracicaba nos brinda assim, com a possibilidade de construir um olhar que reconhecendo as diferenças permita efetivamente, a construção democrática de direitos, ressalvando as singularidades numa ordem globalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCARDO, Alain e CORCUFF, Philippe. **La sociologia de Bourdieu. Textes choisis et commentés**. França. Editora Le Mascaret. 1986.

ABRAN, Rodolfo. "*La diaspora dell'emigrazione"* In: **collana di monografie "La patria d'origine".** Vol. 7. Trento. Itália: casa Editrice Panorama. 1994.

ALBERTI, Verena. **A história oral: a experiência do Cpdoc** (Centro de Pesquisa e documento de História). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1990

ALMEIDA, Milton José. **Cinema: Arte da Memória**. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.

ALVES, Ada Judith. *O planejamento de pesquisa qualitativas em educação*. In: **Caderno de Pesquisa -** SP. P. 53-61, maio. 1991.

ALVES, Erinaldo. *As diferentes concepções de multiculturalismo: uma experiência no ensino de arte. In:* **PATIO Revista Pedagógica**. Publicação trimestral. Editora Artes Médicas Sul Ltda. Ano 2. N.º 6 agosto/outubro p. 59-63. 1998.

ALVIN, Zuleika e SACHETTA RAMOS, José. *"Italianos em São Paulo. dimensiones de la italianidad en eL Estado de São Paulo em 1920." In*: **International migration review – diversity and comparability:** international migrants in host countries on four continents. New York – USA. N.º 29. Ano 10. 1995.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Abolição e reforma agrária.** São Paulo. Editora Ática. 1987.

ANDRÉ, Marli E. D. A. *A pesquisa no cotidiano escolar*, *in*: FAZENDA, Ivanni (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. Cortez Editora, São Paulo, 1989.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo EDUSP. 1992.

AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à moda antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** O contexto de François Rebelais. São Paulo: Editora HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília. 1987.

BAKTHIN, Mikhail (Volochínov) **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo. Editora HUCITEC. 1999.

BARBOSA, Roselis Maria Mendes. **Benvenuti alle comunitá Santana e Santa Olímpia: tiroleses/trentinos/brasileiros na encruzilhada da identidade.** Dissertação de mestrado em educação. Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). 1994.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia italiana: r**eligião e costumes**.** Porto Alegre. Escola Superior de Teologia: São Lourenço de Brindes. 1981.

BENEDICTO, Marcos e ESTEQUEI, Marilei. **Um pedaço do Tirol em Piracicaba –** a cultura e a comunicação dos tiroleses de Santana e Santa Olímpia – Piracicaba. (Monografia do curso de Comunicação Social – Jornalismo) – UNIMEP, 1991.

BERGER, John & MOHR, Jean. **Another way of telling**. Pantheon Books. New York - USA. 1982.

BERTO, Frei Nelson. **Província dos Capuchinhos de São Paulo**. Penápolis: manuscrito não publicado. 1986.

BERTAUX, Daniel. *L'approche biographique: as validité méthodologique, ses potentialités*. In **Cahier Internacionaux de sociologie**. Vol. LXIX, Presses Universitaries de France, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do ensino. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves. 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Boudieu**. São Paulo: Editora Ática. 1983a.

_____ **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983b.

_____ **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989a.

_____ **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1989b.

BOURDIEU, Pierre & CHANBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean-Claude**. El oficio de sociologo:** Pressupostos epistemológicos. México: Siglo Veintuno Editores, S.A. em co-edição com Siglo Veintuno da Espnha Editores, S. A. 1994.

_____ **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983.

_____ (org.) **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1984.

_____ (org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1985.

_____ **O trabalho do saber**: cultura camponesa e escola rural. São Paulo: FTD. 1990.

_____ (org.) **As faces da memória**. Campinas: Coleção Seminários, 2. CMU/UNICAMP. (s/d)

BRASIL, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução os parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

_____ **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

BRIOSCHI, Lucila Reis e TRIGO, Maria Helena Bueno. *Relatos de vida com ciências sociais: considerações metodológicas*. **Ciências e Cultura**. São Paulo. P. 631-637. 1987.

CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. *A associação de fotografia aos relatos orais na reconstrução-histórica-sociológica da memória familiar. In:* **Reflexões sobre a pesquisa sociológica.** CERU. Coleção textos. N.º3. p.97-116. 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1975.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: "Andiamo in'merica..."** São Paulo, Martins; EDUSP: 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a**rtes de fazer**.** Vol. 1. Petrópolis, RJ.: Editora Vozes. 1996.

CERTEAU, M.; GIARD, L. e MAYOL, P. **A invenção do cotidiano:** morar, cozinhar. Vol. 2. Petrópolis: Editora Vozes. 1997.

Condições adoptadas nos contratos de colonos para a cultura de café, vinha e canna-de-assucar. Campinas TYP – Livro Azul. 1888.

CORRER, Pe. José Lino. "Uma história verdadeira". In: **Lar católico – cronos I a XII.** (atualmente chama-se **Opinião**). 1982.

DE BONI, L. & COSTA, R. **Os italianos no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Escola Superior de Teologia. Caxias do Sul, Correio Riograndense e Universidade de Caxias do Sul. 1984.

DEGASPARI, Francisco. **Recordando a nossa história.** Piracicaba. (Manuscrito não publicado). 1982.

DE LUCA, Olindo. **Eles voltaram para ficar.** São Paulo: Editora do Escritor Ltda. 1981.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Memórias de velhos mestres da cidade de São Paulo e seus arredores - relatório de Pesquisa.* In: **Cadernos CERU**. São Paulo. EDUSP. 2º vol. 1988.

_____ **Esquema para fichamento (pesquisa) - Memória de professores da cidade de São Paulo e seus arredores.** 3pp. (mimeografado). S/d.

_____ *Nova leitura de velhas questões educacionais.* In: DINIZ, Eli et al (org.**) O Brasil no rastro da crise.** São Paulo. ANPOCS/IPEA/HUCITEC. P. 271-288. 1994.

_____ *Trabalhos com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa*. In: C**aderno do Projeto Museológico sobre Educação e Infância**. P. 5-18. 1997.

_____ *Resgatando Imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação.* In: **Cadernos CERU.** São Paulo: EDUSP. N.º 8. Série 2. 1997.

FARACO, Carlos Alberto e outros. **Uma introdução a Bakthin.** Curitiba, Hatier. 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.) **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1996.

FREITAS, Maria Teresa A. **O pensamento de Vygotsky e Bakthin no Brasil.** Campinas, Papirus. 1994.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Editora Annablume: SESC: FAPESP. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes. 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOETZ, J.P. e LECOMPTE, M.D. **Etnografia y diseño cualitativo en investigacion educativa**. Ediciones Morata S.ª: Madrid, Espanha. 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Editora Cortez. 1999.

GONÇALVES, Luiz Alberto O. & SILVA, Petronilha B.G.O. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte: Editora Autêntica. 1998.

GROSSELLI, Renzo M. **Colonie imperiali nella terra del caffé – contadini trentini (Veneti e Lombardi) nelle foreste breasiliane (Parte II – Espírito Santo: 1874 – 1900**). Trento Itália. Edizione a Cura della Provincia Autonoma de Trento. 1987.

_____. **Dove cresce l'araucaria – aal Primiero a Novo Tyrol.** Contadini Trentini (Veneti e Lombardi) Nelle Foreste Brasiliane (Parte III Paraná: 1874 – 1940). Trento, Itália. Edizione a cura della Provincia Autonoma de Trento. 1989.

_____. **Da schiavi bianchi a coloni. un progetto per le fazendas.** contadi trentini (Veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane. (Parte IV – São Paulo – 1875 – 1914). Edizione a cura della Provincia Autonoma de Trento. 1991.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo. 1997.

IANNI, Otávio. Teorias da Globalizaçao. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1997.

IANNI, Otávio. A era do globalismo. *In*: Oliveira, Flávia A. M de (org.). **Globalização, Regionalização e Nacionalismo**. São Paulo: Editora UNESP. 1999.

ITURRA, Raul. **Fugirás à escola para trabalhar a terra: ensaio de antropologia social sobre o insucesso escolar**. Portugal: Escher Publicações. 1990.

_____ *O processo educativo: ensino ou aprendizagem?* **In: Revista Educação Sociedade e Culturas**. N.º1. p. 29-50. 1990.

_____ (org.) **O saber das crianças**. Portugal: Instituto das comunidades comunicativas. 1996.

JOVCHELOVITCH, Sandra e GUARESCHI, Pedrinho (org.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1994.

KOTHE, Flávio R. **A alegoria**. São Paulo: Editora Ática. 1986.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. "Documento e Depoimento na pesquisa histórica sociológica. In: **Reflexões sobre a pesquisa sociológica.** CERU. Coleção textos. N.º3. p.78-96. 1992.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação**. Porto Alegre: Editora Artmed. 1999.

Le GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: Economia e religião na Idade** Média. São Paulo: Editora Brasiliense. 1989.

_____ História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família, leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1993. Texto & Arte, vol. 9.

LEITE, Miriam Moreira & Von Simson, Olga R. de Moraes. *Imagem e Linguagem: reflexões de pesquisa.* In **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU/ São Paulo, 1992.

LEME, Maria Luísa de Almeida Leme. **A Linguagem da comunidade tirolesa-trentina da cidade de Piracicaba - SP.** Dissertação de Mestrado em Lingüística. IEL/UNICAMP. Campinas. 1994.

LEONE, Glaura Maria M. P. **Sob o olhar dos capuchinhos: a ação missionária dos capuchinhos trentinos em Santana e Santa Olímpia.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião PUC/São Paulo. 1993.

LLUCH, Xavier. *Interculturalismo: uma leitura crítica da interculturalidade*. In: **PATIO Revista antropológica.** Ano 2. N.º6 agosto/outubro p.53-57. 1998.

MAHER, Tereza Machado. *Sendo índio em português*...I*in*: SIGNORI, Inês (org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1988.

McLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Editora Cortez. 1997.

_____. *A luta por justiça social: breves reflexões sobre o ensino multicultural nos Estados Unidos. In*: **PATIO Revista Antropológica**. Publicação trimestral. Editora Artes Médica Sul Ltda. Ano 2. N.º 6 agosto/ outubro p. 9-11. 1998.

MARTIN, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário.** São Paulo. Livraria Pioneira Editora. 1973.

MATTEI, Luigino (Org.) *Il Bel Trentino: atlante della regione Alpina dalle Dolomiti al Garda.* **Collana di monografie. La patria d'origine. v**ol. 1. Trento, Italia. Casa Editrice Panoroma.1986.

_____. *Tesori d'arte nel Trentino: profilo storico e schede.* **collana di monografie. La patria d'origine. v**ol. 2. Trento, Itália: Casa Editrice Panorama. 1987.

_____. *Voci di poesia del Trentino.* **collana di monografie. La patria d'origine.** vol. 3. Trento, Itália: Casa Editrice Panorama. 1988.

_____. *Produtti e piatti tipice***. collana di Monografie. La patria d'origine. v**ol. 4. Trento Itália: Casa Editrice Panorama. 1989.

_____. *Gli 800 anni del principato di Trento.* **Collana di monografie. La patria d'origine.** vol. 5. Trento, Italia: Casa Editrice Panorama. 1990.

_____. *Canti e racconti: espressioni populari del Trentino.* **Collana di Monografie. La Patria D'Origine. v**ol. 6. Trento, Italia: Casa Editrice Panorama. 1992.

_____. Gli Ultimi duecento anni. **Collana di monografie. La patria d'origine.** Vol. 7. Trento Itália: Casa Editrice Panorama. 1994.

_____. *Trentini Oggi: Istituzioni, Economia, società civile.* **Collana di monografie. La patria d'origine.** vol. 8. Trento Itália: Casa Editrice Panorama. 1997.
MINAYO, M.C. de Souza. *O conceito de representação social dentro da sociologia clássica*. *In*: JOVCHELOVITH, Sandra e GUARESCHI, Pedrinho. **Textos em representações sociais.** Petropólis: Vozes. 1994.

MINDLIN, Betty. A verdadeira descoberta do Brasil: os parâmetros curriculares nacionais e a pluralidade cultural. *In*: **PATIO Revista Antropológica**. Publicação trimestral. Editora Artes Médica Sul Ltda. Ano 2. N.º 6 agosto/ outubro p. 9-11. 1998.

MORAES, Marcos Antônio de & FRANCO, Paulo Sérgio Silva. **Geopolítica: apocalipse do século XX**. Campinas, SP: Editora Átomo. 2000.

MOURA, Margarida Maria . **Os herdeiros da terra**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Editora Ática. 1986.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Marins de (org.) **Globalização Regionalização e Nacionalização**. São Paulo: Editora UNESP. 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Identidade lingüística escolar* I*in*: SIGNORI, Inês (org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1988.

ORTIZ, Renato. *A procura de uma sociologia da prática*. In: ORTIZ, R. (org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática. 1983.

ORTIZ, Renato. (org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática. 1983.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Variações sobre a técnica do gravador no registro de informação viva.* In: **Cadernos CERU** - Texto 4. São Paulo: EDUSP. 1985.

_____ *Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível' In*: VON SIMSON, Olga, M. (org.) **Experimentos com Histórias de Vida - (Itália - Brasil)** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda - Edições Vértice. 1988.

_____ *O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões.* In: **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**, Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU/São Paulo. N.º 3, p. 13-29. 1992.

PISANI, Salvatore. **Lo stato di San Paolo nel cinquentenario dell'imigrazione.** Itália. 1937.

POLLACK, M**.** *Memória, esquecimento, silêncio*. In: **Estudos Históricos**, v. 03. Rio de Janeiro: FGV, p.3-15, 1989.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas - SP: Mercado de Letras/ALB - Associação de leituras do Brasil. 1998.

RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história**: o papel da mulher no vale do Itajaí **(1850 – 1950).** Blumenau. Editora da FURB. 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras. 1997.

ROBERTSON, Roland. **Globalização: teoria social e cultura global**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2000.

RODRIGUES, Leila Lofego. *O avesso do casamento: uma leitura antropológica do celibato camponês feminino.* In: **Anuário Antropológico/91,** Rio de Janeiro, 1993.

SAMAIN, Etienne. *Mito e fotografia as aventuras eróticas* kamukua. In: **Caderno de Textos. Antropologia Visual.** Rio de Janeiro (museu do índio). 1978. P.46-50.

_____ *Para que a antropologia consiga tornar-se visual*. In **Brasil comunicação, cultura e política.** FAUSTO, Antônio Neto (org.) Diadorin Editora Ltda: Rio de Janeiro. 1994.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: LDB Trajetória, limites e perspectivas.** Campinas - SP. Editora Autores Associados. 1997.

SCARANO, Julita. *A família e a mulher na imigração italiana em São Paulo*. In: **Emigrazione Europea e popolo brasiliano.** Centro Studi Emigrazione. USP – Roma. 1987.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, colonização e identidade étnica.** In: **Revista de Antropologia** – vol. 29. Publicação do departamento de ciências sociais (área de antropologia) – USP. São Paulo. 1986.

_____ *Identidade camponesa e identidade étnica (Um estudo de caso*). In: **Anuário Antropológico**. N.º 29. 1986.

_____. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília. Editora Universidade de Brasília – UNB. 1990.

SILVA, Marilda Gonçalves da. **A vocação religiosa como estratégia familiar da reprodução camponesa**. Tese de doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. (UNICAMP). 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2000.

SZMRECSÁNYI, Támas. **Pequena história da agricultura no Brasil.** São Paulo. Editora Contexto. 1990.

TEDESCO, João Carlos. **Terra, salário e família. *Ethos* e racionalidade produtiva no cotidiano camponês.** Tese de doutorado em Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 1998.

TRENTO, Angelo**. Do outro lado do Altlantico**. Um século de imigração italiana no Brasil. Instituto Italiano de Cultura de São Paulo; Nobel: São Paulo. 1989.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Para além do multiculturalismo: a educação intercultural na Europa** (mimeografado - s/d)

_____ **Quando as diferenças são um "problema?"** (mimeografado - s/d)

_____ **Conhecimentos antropológicos nos parâmetros curriculares nacionais: para uma discussão sobre a pluralidade cultural.** (mimeografado - s/d)

_____ **Educação e diversidade cultural: um desafio da atualidade**. São Paulo: Editora Moderna. 1999.

VERGNIÈRES, Solange. **Ética e Política em Aristóteles: *physis, ethos, nomos***. São Paulo: Editora Paulus. 1998.

VIERA, Ricardo. *Da infância à adultez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade.* In: ITURRA, Raul.(org.). **O saber das crianças.** Portugal. Instituto das comunidades educacionais. 1996.

VITTI, Guilherme. **En contadin de Meano che s'há fat bon brasiliano: centenario dell'imigrazione dei tirolesi del municipio di Piracicaba – (Brasile 1877 – 1977).** 1977. (Manuscrito romanceado, não publicado. Apresentado como apêndice na obra de GROSSELLI, 1990).

_____. **Imigrantes tiroleses no município de Piracicaba – Estado de São Paulo – Brasil.** (manuscrito – não publicado). 1988a.

_____. **Histórico das famílias Vitti e Forti, do bairro de Santana.** Piracicaba (manuscrito não publicado). 1988b.

_____. **Dicionário do dialeto trentino da comunidade tirolesa de Piracicaba.** Piracicaba (manuscrito não publicado).

_____. **Esperança de uma vida nova – 100 anos de Santana – 1893 – 1993. Piracicaba – SP.** Shekinah Editora e gráfica.

VON SIMSON, Olga M. **Algumas observações sobre o uso do gravador no registro de documentação oral.** 8p. mimeografado. S/D.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2000.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

YATES, Frances. **The art of memory**. Chicago, USA: the University of Chicago. 1966.

REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS

Fig. 01. Monarquia austro-húngaro - 1870.
Apud Grande Enciclopédia Larrouse Cultural. Nova cultural Ltda. Vol. 3. 1998. P. 531.

Fig. 02. Mapa Mundial - Emigração trentina para os cinco continentes.
Matei (org.) Collana di Monografie "La Patria D'Origine". Vol. 1. 19986, p. 15.

Fig. 03. Reprodução do passaporte de Bortolo Vitti - 1877.
Doador: Guilherme Vitti (bisneto de Bortolo Vitti)

Fig. 04. Benjamin Cristofoletti e Maria Degaspari Cristofoletti
Foto tomada em estúdio, fotógrafo profissional Cantarelli.
Doadora: Cecília Correr Stenico.

Fig. 05. Planta da antiga Fazenda de Sant'Anna - 1893.
Apud Guilherme Vitti, 1993. P. 08.

Fig. 06. Mapa da cidade de Piracicaba - SP. Localização dos bairros de Santana e Santa Olímpia.
Fonte: Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Fig. 07. Localização de diversas fazendas daquele local.
Fonte: Documento da E.E. "Dr. Samuel de Castro Neves"

Fig. 08. Casa da antiga fazenda Sant'Anna - 1930.
Fotografo amador: Hermenegildo Vitti.
Doador Jair Vitti.

Fig. 09. Primeira missa celebrada pelo padre Jacob Stenico - 16 de junho de 1944.
Fotografo profissional desconhecido.
Doador Geraldo Stenico.

Fig. 10. Procissão em Santana - década de 50.
Fotografo amador: Hermenegildo Vitti.
Doador: Jair Vitti.

Fig. 11. Procissão em Santa Olímpia - década de 50.
Fotografo amador: desconhecido.
Doador: Geraldo Stenico.

Fig. 12. Banda de Santana tocando na procissão em Santa Olímpia - década de 40.
Fotografo amador: desconhecido
Doador Geraldo Stenico.

Fig. 13. Procissão em homenagem ao centenário de vinda da família Correr, em Santa Olímpia. Ano de 1982.
Fotografo profissional: desconhecido.

Doadora: Cecília Correr Stenico.

Fig. 14. Procissão com a santa padroeira da igreja de Santa Olímpia: Nossa Senhora da Conceição. Homenagem pelo centenário de fundação de bairro de Santa Olímpia. Ano de 1992.
Fotografo amador: desconhecido.
Doadora: Cecília Correr Stenico.

Fig. 15. As missões de 1942- Missionários de Nossa Senhora Aparecida.
Fotografo profissional desconhecido.
Doadora: Severina Vitti.

Fig. 16. Famílias de Maria Stencio - 1928, aproximadamente.
Fotografo profissional desconhecido.
Doadora Cecília Correr Stenico.

Fig. 17. Mulher na lavoura - corte de cana-de-açúcar.
Fotografo amador: Hermenegildo Vitti - década de 50.

Fig. 18. Crianças brincando em cima de um cupim de terra - década de 50.
Fotografo amador: Hermenegildo Vitti.

Fig. 19. Homens na plantação de arroz - década de 50.
Fotografo amador: Hermenegildo Vitti.
Doador: Hermenegildo Vitti.

Fig. 20. Amassador de laranja, para a fabricação de vinho de laranja.
Fotografia tomada pela pesquisadora, 1994.

Fig. 21. Caça como esporte predileto entre os tiroleses de Piracicaba.
Exibição de um dos animais caçado - ano de 1976, aproximadamente.
Fotografo amador: Hermenegildo Vitti.
Doador: Jair Vitti.

Fig. 22. Banda de Música de Santana - 1925.
Fotografo profissional desconhecido.
Doadora: Severina Vitti.

Fig. 23. Jantar para empresários e políticos da cidade de Piracicaba.
Local: casarão de Maria Stenico, tendo como anfitrião seu filho João Stenico.
Fotografo profissional desconhecido - década de 60.
Doadora: Cecília Correr Stenico.

Fig. 24. A mulher e o diabo. (Albrecht Dürer)
Gravura apud Nogueira, 1986, p. 36.

Fig. 25. O diabo arrastando uma criança (Albert Dürer)
Gravura apud Nogueira, 1986, p. 57.

Fig. 26. Um morador mostrando a arma trazida na bagagem dos imigrantes.
Foto tomada por fotografo profissional
Fonte: Jornal de Piracicaba - 1996.

Fig. 27. Uma mulher utilizando um *bigolo* para transportar água.
Foto tomada por fotografo profissional.
Fonte: jornal de Piracicaba - 1996.

Fig. 28. Baú, estante para as letras musicais.
Foto tomada pela pesquisadora, 1999.

Fig. 29. Flâmulas com sobrenomes dos imigrantes expostas nos pilares da igreja
Foto tomada pela pesquisadora, 1998.

Fig. 30. Monumento de Santa Olímpia - construído em 1992.
Localização do monumento: na praça, frente a igreja de Santa Olímpia.
Foto tomada pela pesquisadora, 1999.

Fig. 31. Monumento de Santana - construído em 1993.
Localização do monumento: na entrada dos bairros tiroleses.
Foto tomada por profissional.
Fonte: jornal de Piracicaba - 1993.

Fig. 32. Escola Reunidas de Sant'Anna - 1923.
Fotografo profissional desconhecido.
Doadora: Rose Correr.

Fig. 33. Alunos do grupo escolar "Dr. Samuel de Castro Neves" - década de 40.
Fotografo amador desconhecido
Doador: Jair Vitti.

Fig. 34. Alunos do escola estadual "Dr. Samuel de Castro Neves" - década de 70.
Fotografo amador desconhecido.
Fonte: arquivo da E.E. "Dr. Samuel de Castro Neves".

Fig. 35. Grupo de dança de Santana - 1991.
Fotografia tomada pela pesquisadora.

Fig. 36. Grupo de dança de Santa Olímpia - 1991.
Fotografia tomada pela pesquisadora.

Fig. 37. Homens do "Coro Stella Alpina" - 1998.
Fotografia tomada pela pesquisadora.

Fig. 38. Apresentação do "Coro Stella Alpina" - 1998.

Fotografia tomada pela pesquisadora.

Fig. 39. "Coro infantil de Santana" - 1998.
Fotografia tomada pela pesquisadora.

Fig. 40. Integrantes do "Circolo Trentino di Piracicaba" num desfile alegórico, em comemoração ao centenário de fundação do bairro de Santana - 1993.
Fotografo profissional - Jornal de Piracicaba.

Fig. 41. Entradas das bandeiras numa festa da comunidade tirolo-trentina de Piracicaba.
Fotografia tomada pela pesquisadora - 1998.

Fig. 42. Desenho elaborado pela aluno da quarta série do ensino fundamental, 1995.

Fig. 43. Atividade escolar - a Páscoa. 1997.
Uso de folhas, cascas e semente ajudam a decorar os ovos de galinha para a Páscoa.
Fotografo profissional: Jornal de Piracicaba.

Fig. 44. Atividade escolar - a Páscoa. 1997.
Trabalhar em conjunto, em grupo significa ao grupo serem solidários uns aos outros.
Fotografo profissional: Jornal de Piracicaba.

Fig. 45. Atividade escolar - a Páscoa. 1997.
O ovo de galinha decorado, pronto para ser dado de presente na Páscoa.
Fotografo profissional: Jornal de Piracicaba.

Fig. 46. Passeio ecológico dos alunos da pré-escola. 1998.
Fotografia tomada pela pesquisadora.

ANEXO 01 - Relação parcial dos habitantes de Santana, Santa Olímpia, Fazenda Negri e arredores. Subdivididos em nacionalidades diferentes. Extraído da ata (N.º 1) dos alunos matriculados na Escola Reunidas de Santana - 1923 a 1930.

Italianos

Sobrenome, nome	**Residência**	**Profissão**
ALDEANI, Delmo	Chave Torquato	Lavrador
ALEXANDRINO, João	Colônia do Beijo	Lavrador
BELLARDI, Francisco	Sta. Olímpia	Colono
BERTO, João	Sta. Olímpia	Colono
BONETTI, Antônio	Caiapiá	Colono
BONFIGLIO, Amelto	Santana	Negociante
BONFIGLIO, Ângelo	Santana	Colono
BORTOLLOZI, Mário	Chave Torquato	Colono
BORTOLLOZI, Paulo	Sta. Olímpia	Colono
BOSSIO, Fábio	Sta. Olímpia	Colono
CASTELLARI, Eugênio	Colônia do Beijo	Lavrador
CONDE, João	Sta. Olímpia	Colono
GOIA, Caetano	Fazendinha	Lavrador
GRIM, Antônio	Caiapiá	Lavrador
GRIPPO, José	Santana	Lavrador
MARCHI, CAETANO	Sta. Olímpia	Lavrador
MANIERO, Pedro	Caiapiá	Lavrador
MANTONIO, Nazareno	Caiapiá	Colono
MENGHINI, Aldo	Faz. Negri	Oleiro
PAVANELLO, Luiz	Santana	Lavrador
PIAZZA, Francisco	Limoeiro	Lavrador
POLA, José	Sta. Olímpia	Colono
PRATA, Ângelo	Sta. Olímpia	Lavrador
PREVIATTI, Antônio	Sta. Olímpia	Lavrador
MISQUIAZZI, Silvestre	Fazendinha	Lavrador
GIMENEZ, Miguel	Faz. Negri	Colono
SEVERINO, Paschoal	Caiapiá	Colono
SIMONAGGIO, Antônio	Sta. Olímpia	Lavrador
ZAMBÃO, Pedro	Caiapiá	Lavrador
ZANARDO, Hercules	Sta. Olímpia	Lavrador
ZAMPRONI, Luiz	Sta. Olímpia	Lavrador
VENERI, Olívio	Caiapiá	Colono
VENDEMIATTI, Caetano	Santana	Lavrador
MOSNA, Ignáio	Santana	Lavrador
GOIA, João	Fazendinha	Lavrador
GOBO, Eugênio	Fazendinha	Colono

Espanhóis

Sobrenome, nome	Residência	Profissão
CANOVAS, Fausto	Colônia do Beijo	Lavrador
CANOVA, Pedro	Caiapiá	Lavrador
DIAS, Nicolau	Colônia do Beijo	Lavrador
ESTEVES, Francisco	Limoeiro	Colono
ESTEVES, José	Limoeiro	Colono
CARAJOL, Fernando Ramos	Fazendinha	Lavrador
FERNANDES, Lázaro	Caiapiá	Colono
GARCIA, Pedro Parede	Fazendinha	Lavrador
GONÇALVES, Francisco	Limoeiro	Colono
GUIRADO, Gmenez	Caiapiá	Colono
GONÇALVES, José Mário	Santana	Lavrador
MARTINS, Estevam	Fazendinha	Colono
MAROZZO, Antônio Cardena	Sta. Olímpia	Colono
MORAL, José Sunhegas	Fazendinha	Colono
MORAL, Francisco Sunhegas	Fazendinha	Colono
RIBAS, Serafim	Sta. Olímpia	Lavrador
RUBIA, Francisco Esteves	Limoeiro	Lavrador
RODRIGUES, João	Sta. Olímpia	Lavrador
SOTTO, José Martins	Caiapiá	Lavrador

Sírio (1928)[240]

Sobrenome, nome	Residência	Profissão
ABIBE, Jorge	Chave Torquato	Administrador do sítio

Alemão (1927)

Sobrenome, nome	Residência	Profissão
LEONE, João	Sta. Olímpia	Colono

Francês

Sobrenome, nome	Residência	Profissão
GOBETH, Cândido	Santana	lavrador

[240] As datas entre parênteses significa o ano da chegada da família estrangeira no local.

Brasileiros

Sobrenome, nome	**Residência**	**Profissão**
BENEDICTO, João	Fazendinha	Colono
GIBIM, Vicente	Caiapiá	Colono
LIMA, Carlos Augusto	Santana	Professor
LIMA, Manoel	Colônia do Beijo	Lavrador
BARBOSA, Belmira	Sta. Olímpia	Lavrador
BARROS, José Romão de	Santana	Colono
MORAES, Antônio de	Colônia do Beijo	Colono
MORAES, João Jorge de	Santana	Negociante
OLIVEIRA, Bento Antônio de	Sta. Olímpia	Colono
OLIVEIRA, José Alves de	Faz. Negri	Colono
OLIVEIRA, José Rodrigues	Sta. Olímpia	Colono
OLIVEIRA, Olegario Rosa de	Colônia do Beijo	Colono
SANTOS, Mário Querino de	Colônia do Beijo	Colono
SILVA, José Miguel	Sta. Olímpia	Colono
SILVA, Manoel Justino da	Sta. Olímpia	Colono
ROCHA, Pedro Camilo	Caiapiá	Camarada

Tiroleses

Sobrenome, nome	**Residência**	**Profissão**
FORTI, José	Santana	Lavrador
FORTI, Fortunato	Santana	lavrador
FORTI, Victório	Santana	Lavrador
VITTI, Ernesto (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Bartholomeu (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Jacob (br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Joaquim (br.)	Santana	Lavrador
VITTI, José (br.)	Santana	Lavrador
VITTI, João (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Cornélio (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Luiz (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Faustino (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Paulo (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Otávio (Br.)	Santana	Lavrador
VITTI, Vergílio (Br.)	Santana	Lavrador
MALUSÁ, Francisco	Santana	Sapateiro
CRISTOFOLETTI, Clemente	Sta. Olímpia	Lavrador
CRISTOFOLETTI, Isidoro	Sta. Olímpia	Lavrador
CRISTOFOLETTI, José	Sta. Olímpia	Lavrador
STENICO, Ângelo	Sta. Olímpia	Lavrador
STENICO, Conrado	Sta. Olímpia	Lavrador

STENICO, Luiz,	Sta. Olímpia	Lavrador
STENICO, João	Sta. Olímpia	Lavrador
STENICO, Francisco	Sta. Olímpia	Lavrador
BRUNELLI, José	Sta. Olímpia	Lavrador
BRUNELLI, Francisco	Limoeiro	Lavrador
CORRER, Angelo	Mangueirinha (3k.)	Lavrador
CORRER, Jacob	Sta. Olímpia	Lavrador

ANEXO 02 - Famílias fundadoras de Santa Olímpia.
O patriarca, seus filhos, filhas, genros e noras

Patriarca de Santa Olímpia: Jacob Correr e Rosa Pompermayer.		
Cyriaco Brunelli	-	Rosa Correr
Dionísio Degaspari	-	Madaglena Correr
Isidoro Correr	-	Ernesta Degaspari
João Correr	-	Catharina Mosna
José Cristofoletti	-	Anna Correr
José Forti	-	Maria Stenico
Luiz Correr	-	Amália Cristofoletti
Simão Stenico	-	Maria Correr
Victório Correr	-	Rosa Cristofoletti
Virgílio	-	Luiza Correr

Famílias fundadoras de Santana.
O patriarca da família Vitti e seus filhos e filhas.

Patriarca de Santana: Bortolo Vitti e Maria Madalena Sartori
Angelo Pietro Vitti
Anna Maria Domenica Vitti
Georgio Massimiliano Viti
Beneamino Giacomo Vitti
Narcisa Teresa Vitti
Paolo Vitti
Giacomo Damaso Vitti
Jacinto Francesco Vitti
Domenico Quirino Vitti
Ottavio Felice Vitti